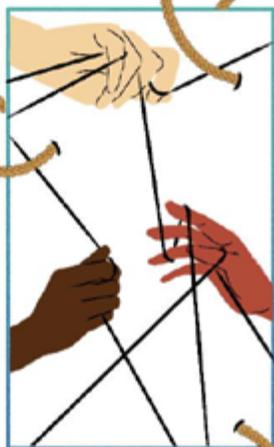


# Cátedra Vivenciar Paulo Freire e demais práxis emancipatórias: tecendo fios, construindo conexões

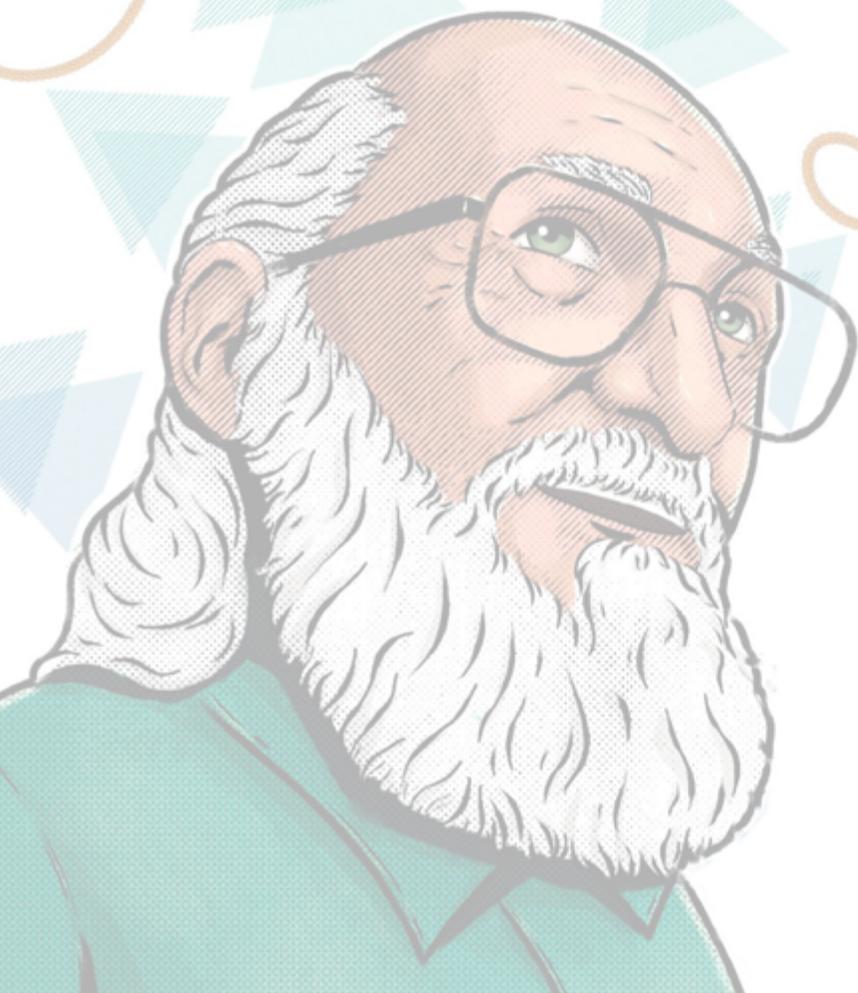


**ORGANIZAÇÃO:**

**Rosylane Doris de Vasconcelos  
Regina Coelly Fernandes Saraiva  
Maria Osanette de Medeiros  
Jair Reck**



# Cátedra Vivenciar Paulo Freire e demais práxis emancipatórias: tecendo fios, construindo conexões



## **UnB | FUP**

Universidade de Brasília

Reitora: Márcia Abrahão Moura

Vice-Reitor: Henrique Huelva Unternbäumen

Faculdade UnB Planaltina

Diretor: Reinaldo José de Miranda Filho

Vice-diretora: Cynthia Bisinoto Evangelista de Oliveira

### **Coletivo da Cátedra “Vivenciar Paulo Freire e demais práxis emancipatórias” - FUP-UnB:**

Rosylane Doris de Vasconcelos

Regina Coelly Fernandes Saraiva

Maria Osanette de Medeiros

Jair Reck

Raimundo José de Albuquerque Filho

Aia Hipácia

Vicente de Paulo Borges Virgolino da Silva

Tamires Tamiriele Barbosa Santos

### **Conselho Editorial da Cátedra**

**Ana Lucia Souza de Freitas** – Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França

**André Lázaro** – Fundação Santillana

**Armando Montero de Miranda** – Universidad Central de las Villas - Cuba

**Celso dos Santos Vasconcellos** – Libertad-Centro de Pesquisa, Formação e Assessoria Pedagógica

**Cesar Nunes** – Universidade de Campinas - Unicamp

**Domingos Rodrigues da Trindade** – Universidade Estadual da Bahia - UNEB

**Fernanda dos Santos Paulo** – Movimento de Educação Popular – AEPPA/ Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

**Gabriele Cipriani** – Movimento de Educação de Base - MEB

**Irineu Tamaio** – Universidade de Brasília – UnB

**Jair Reck** – Universidade de Brasília - UnB

**Joaquim Antonildo Pinho Pinheiro** - Universidade de Brasília - UnB

**Marcelo Ximenes Aguiar Bizerril** – Universidade de Brasília - UnB

**Maria Eliete Santigo** – Cátedra Paulo Freire - Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

**Maria Osanette de Medeiros** – Universidade de Brasília - UnB

**Otilie Erchler Vercillo** – Universidade de Brasília – UnB

**Pedrinho Guareschi** - Universidade de Santa Cruz - UNISC

**Penildon Silva Filho** – Universidade Federal da Bahia - UFBA

**Rafael Barcelos Santos** – Universidade de Brasília- UnB

**Raimundo Kamir** – Sindicato dos Professores no Distrito Federal – Sinpro-DF

**Regina Coelly Fernandes Saraiva** – Universidade de Brasília – UnB

**Rosylane Doris de Vasconcelos** – Universidade de Brasília - UnB

**Tathianny Alves de Lima Silva** – Universidade Estadual de Goiás - UEG

**Vicente de Paulo Borges Virgolino da Silva** – Instituto Federal de Brasília - IFB

Universidade de Brasília  
Faculdade UnB Planaltina

Cátedra Vivenciar Paulo Freire e demais práxis emancipatórias – FUP-UnB

Cátedra Vivenciar Paulo Freire e demais práxis emancipatórias:  
tecendo fios, construindo conexões.

Organização

Rosylane Doris de Vasconcelos  
Regina Coelly Fernandes Saraiva  
Maria Osanette de Medeiros  
Jair Reck

FUP  
Brasília-DF  
2024

© 2024 [detentor dos direitos autorais].



A responsabilidade pelos direitos autorais de textos e imagens dessa obra é dos autores e organizadores.  
[1ª edição]

Universidade de Brasília

Faculdade UnB Planaltina - FUP

Área Universitária 01 Vila Nossa Senhora de Fátima - RA-VI Planaltina

CEP: 73345-010 Brasília – DF Tel.: +55 61 3107-8002

Site: www.fup.unb.br Email: fup@unb.br

Equipe técnica

**Organização:** Rosylane Doris de Vasconcelos, Regina Coelly Fernandes Saraiva, Maria Osanette de Medeiros e Jair Reck

**Revisão Técnica:** Rafael Barcelos Santos

**Capa:** Pedro Campos

**Diagramação:** Rodrigo Araújo

**Pesquisa e apoio ao texto:** Alany Goncalves Cardoso, Gean Lucas Mesquita Almeida Barbosa, Geldo Ferreira de Araújo, Jair Reck, Jefferson Amauri Leite de Oliveira, Maria Osanette de Medeiros, Regina Coelly Fernandes Saraiva, Rosylane Doris de Vasconcelos e Vinicius Silva (fotografia)

**Realização:**

Cátedra Vivenciar Paulo Freire e demais práxis emancipatórias – FUP-UnB

**Apoio:**

Faculdade UnB Planaltina

Decanato de Extensão – Universidade de Brasília

Colegiado de Extensão da Faculdade UnB Planaltina

Conselho Mundial de Institutos Paulo Freire

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília - BCE/UNB)

C357            Cátedra Vivenciar Paulo Freire e demais práxis emancipatórias [recurso eletrônico] : tecendo fios, construindo conexões / organização: Rosylane Doris de Vasconcelos ... [et al.]. – Brasília : Universidade de Brasília, Faculdade UnB Planaltina, 2024.  
340 p. : il.

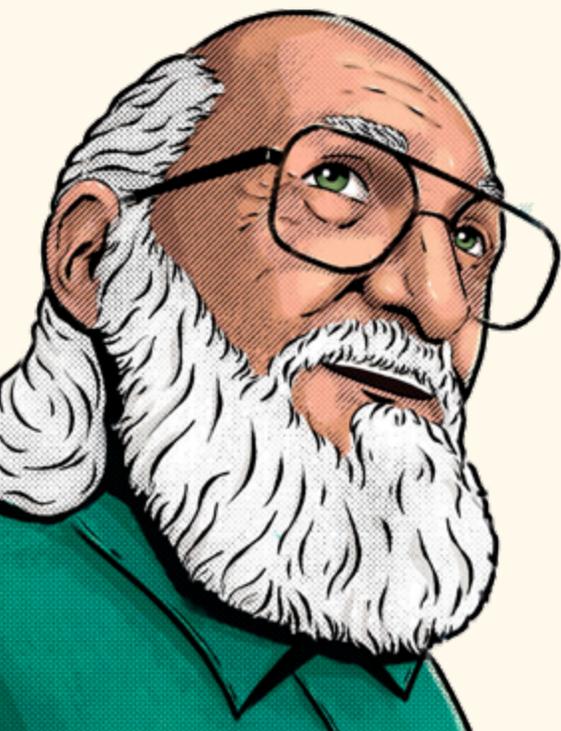
Inclui bibliografia.  
Modo de acesso: World Wide Web.  
ISBN 978-65-87267-13-5.

1. Freire, Paulo, 1921-1997. 2. Educação – Aspectos sociais. 3. Pedagogia crítica. I. Vasconcelos, Rosylane Doris de (org.).

CDU 37.014.53

## LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS, MOVIMENTOS SOCIAIS

AnPG	Associação Nacional de Pós-Graduação
APLAC	Academia Planaltinense de Letras, Artes e Ciências
APREF	Associação dos Produtores Rurais da Pedra Fundamental Planaltina-DF
CDS	Centro de Desenvolvimento Sustentável da UnB
CEGAFI	Centro de Gestão e Inovação da Agricultura Familiar
CEPAFRE	Centro de Educação Paulo Freire de Ceilândia
CLDF	Câmara Legislativa do Distrito Federal
CM-IPF	Conselho Mundial dos Institutos Paulo Freire
CUT	Central Única dos Trabalhadores – DF
ELA/UnB	Coletivo Leitoras de Paulo Freire – França Departamento de Estudos Latino-Americanos
FECAMPO-DF	Fórum Permanente de Educação do Campo do Distrito Federal
FUP	Faculdade UnB Planaltina
GTPA – Fórum EJA/DF	
LEdoC	Licenciatura em Educação do Campo Levante Popular da Juventude – Planaltina-DF
MMC	Movimento de Mulheres Camponesas Movimento Antifa – Rock - DF
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra Organização em Rede Social Representação dos Movimentos Culturais de Planaltina
SEEDF	Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal
SEMUNI	Semana Universitária
SINPRO-DF	Sindicato dos Professores no Distrito Federal
SOLEDUC	Grupo de Pesquisa (Sócio) Linguística, Letramentos Múltiplos e Educação
UFMT	Universidade Federal do Mato Grosso
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UnB	Universidade de Brasília
UnDF	Universidade do Distrito Federal Jorge Amaury



## POEMA “À SOMBRA DA MANGUEIRA”, DE PAULO FREIRE

“Escolhi a sombra desta árvore para  
repousar do muito que farei,  
enquanto esperarei por ti.  
Quem espera na pura espera  
vive um tempo de espera vã.  
Por isso, enquanto te espero,  
trabalharei os campos e  
conversarei com os homens.  
Suarei meu corpo, que o sol queimará;  
minhas mãos ficarão calejadas;  
meus pés aprenderão o mistério dos caminhos;  
meus ouvidos ouvirão mais;  
meus olhos verão o que antes não viam,  
enquanto esperarei por ti.  
Não te esperarei na pura espera,  
porque o meu tempo de espera é um  
tempo de quefazer.  
Desconfiarei daqueles que virão dizer-me,  
em voz baixa e precavidos:  
É perigoso agir.  
É perigoso falar.  
É perigoso andar.

É perigoso, esperar, na forma em que esperas,  
porque esses recusam a alegria de tua chegada.  
Desconfiarei também daqueles que virão dizer-me,  
com palavras fáceis, que já chegaste,  
porque esses, ao anunciar-te ingenuamente,  
antes te denunciam.  
Esperarei a tua chegada  
como o jardineiro prepara o jardim  
para a rosa que se abrirá na primavera.”



# APRESENTAÇÃO

É com imensa alegria que apresentamos o segundo livro produzido pela Cátedra “Vivenciar Paulo Freire e demais práxis emancipatórias” da Universidade de Brasília.

A inspiração para a construção deste livro, CÁTEDRA "VIVENCIAR PAULO FREIRE E DEMAIS PRÁXIS EMANCIPATÓRIAS": tecendo fios, construindo conexões, surgiu da mesma fonte que motivou o II Encontro da Cátedra, realizado em 2023. Todo o movimento em torno desse evento – desde sua concepção até a realização – culminou na sugestão de utilizar o material produzido para compor este livro, agregando outras inspirações que se somaram à obra, de modo a continuar tecendo os fios e construindo as conexões tão necessárias àquele que busca. Uma busca que se dá com boniteza e alegria, na alegria de Ser Mais.

Nossa Cátedra nasceu de um desejo coletivo há muito tempo nutrido, impulsionada pela força esperançosa das celebrações em torno do centenário de nascimento de Paulo Freire, realizado na Faculdade UnB Planaltina (FUP-UnB), em 2021. A Cátedra reúne educadoras(es), pesquisadoras(es), estudantes e militantes de movimentos populares, sociais e sindicais, que pautam sua práxis no pensamento freireano e demonstram interesse em conhecê-lo, praticá-lo e difundi-lo.

Este coletivo vem construindo um plano de trabalho que busca promover o diálogo entre ensino, pesquisa e extensão de forma integrada, participativa e aberta, mantendo a proposta de ser uma Cátedra de base popular.

O presente livro reúne escritos de naturezas diversas. Ele resgata a história da Cátedra na UnB, sua organização e dinâmica, promovendo um encontro de saberes e fazeres de pessoas inspiradas no legado freireano e em outras práxis emancipatórias, de forma a constituir novas práticas a partir de reflexões e vivências.

Apresentamos, ainda, o resultado de um mapeamento de iniciativas de movimentos populares, universidades, escolas e estudos diversos que, em conjunto, estabelecem uma dinâmica de trabalho político-pedagógico de caráter crítico-dialógico. Há também uma seção de cartas pedagógicas, enviadas a partir de diferentes lugares e espaços educativos, onde vozes diversas relatam experiências e vivências freireanas.



O livro contempla igualmente aqueles que estão iniciando seus estudos na perspectiva emancipatória, sugerindo fontes de leitura e pesquisa de diversas autorias.

Assim, este segundo livro produzido pela Cátedra acolhe contribuições de educadoras(es) do Distrito Federal e de outras cidades brasileiras, congregando setores dos movimentos populares, da universidade e do campo cultural. Com seus projetos de inspiração freireana, cartas pedagógicas, reflexões ou relatos de experiência, essas contribuições transformaram o presente trabalho em uma obra de esforço coletivo, inspirando futuros escritos e novas práxis.

A experiência de organizar este livro foi, em si, intensamente dialógica e inspiradora. Cada texto, carta ou relato que nos chegava era acolhido e cuidadosamente apreciado.

Com um abraço carinhoso, manifestamos nosso profundo desejo de que este livro, fruto de tantas mãos, olhares e corações, possa contribuir, de alguma maneira, para manter vivo o Esperançar que nos move e nos orienta a cada dia, na construção de um mundo mais justo e fraterno, gerador do Bem-Viver para todas e todos, em harmonia com a Natureza, da qual somos parte.

Saudações freireanas!  
Equipe de organização do livro

# SUMÁRIO



## **APRESENTAÇÃO** 7

### **CAPÍTULO I**

Sobre a Cátedra, o movimento internacional freireano e os diálogos construídos com a comunidade da UnB, de Brasília e no Brasil 15

Apresentando a Cátedra Paulo Freire: vivenciar Paulo Freire e demais práxis emancipatórias. 16

Paulo Freire: 103 anos de um homem planetário 21

Diálogos em Freire e a articulação entre ensino, pesquisa e extensão: a construção da Cátedra Paulo Freire da Faculdade UnB Planaltina 23

Extensão e Democratização: a Universidade de Brasília em pauta. 25

Ampliando os diálogos em rede: em Brasília; de Brasília para o Brasil e para mais 30

### **CAPÍTULO II**

O II Encontro da Cátedra Vivenciar Paulo Freire e demais práxis emancipatórias: tecendo fios, construindo conexões 39

Programação 40

Carta aos participantes: 2023 43



Mesa de Abertura do II Encontro da Cátedra Vivenciar Paulo Freire e demais práxis emancipatórias	46
Painel de comunicações orais	49
Atividade cultural: Show de Rock Antifa: Ato Paulo Freire	53
Plano de Trabalho da Cátedra	55
Avaliação do II Encontro	59
Caderno de subsídios, manifestos e textos de apoio	65
Cartas apresentadas ao II Encontro	74
Equipe organizadora e participantes	85

### **CAPÍTULO III**

Cartografia do trabalho freireano no Distrito Federal e região.	89
---	----

### **CAPÍTULO IV**

Seção de Cartas Pedagógicas	149
CARTA PEDAGÓGICA À CÁTEDRA PAULO FREIRE NO DISTRITO FEDERAL Cleiva Aguiar de Lima Ana Lúcia Souza de Freitas Maria Elisabete Machado	152
ELZA FREIRE EM ANGICOS - RN. COMO FOI MESMO ISSO? Rossana Kess Brito de Souza Pinheiro Walter Pinheiro Barbosa Junior	156
O JOGO NO PROCESSO DE APROPRIAÇÃO SOCIOCULTURAL: A INTERDISCIPLINARIDADE COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA PROGRESSISTA Leonardo Martins de Souza	163
SOBRE A LIBERTAÇÃO QUE SE DÁ EM COMUNHÃO Rafaella Eloy de Novaes	167
INTERLOCUÇÕES ENTRE O PENSAMENTO FREIREANO E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL Antonia Adriana Mota Arrais	171
APRENDENDO A SER DOCENTE ATRAVÉS DA ESCUTA Ana Luiza Fontoura Pinheiro	175



A ESCUTA, O DIÁLOGO E A RELAÇÃO COM OS ESTUDANTES NA DOCÊNCIA Karla Cunha Pádua	179
CARTA AOS(AS) EDUCADORES(AS) DO CAMPO EM FORMAÇÃO João Batista Pereira de Queiroz	183
CARTA ABERTA DE DIÁLOGO E REFLEXÃO PEDAGÓGICA Kaonny Rodrigues da Silva Lormina Barreto Neta	187
SER PROFESSOR É EXERCER A HUMANA DOCÊNCIA Géssica de Souza Canaverde Lormina Barreto Neta	191
RESSONÂNCIAS DA MEMÓRIA: UM CAMINHO FREIREANO PARA A TRANSFORMAÇÃO EDUCACIONAL Rafael Barcelos Santos Eliene Novaes Rocha	196
POR UMA COMUNIDADE ESCOLAR INTEGRADA E PARTICIPATIVA Jefferson Amauri Leite de Oliveira	201
O <i>E-BOOK</i> DAS MEMÓRIAS DA EDUCAÇÃO Eva Waisros Pereira Maria Paula Vasconcelos Taunay	206
O PRÊMIO PAULO FREIRE COMO INSTRUMENTO DE MOBILIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO DEMOCRÁTICA Gabriel Magno	210
PAULO FREIRE: INSPIRAÇÃO PARA TRANSFORMAR VIDAS E A EDUCAÇÃO Haiane Soares Pereira Daniela Lopes Oliveira Dourado	214
ESCOLA, TRABALHO E LUTA: A EXPERIÊNCIA DE UMA ESCOLA POPULAR FREIRIANA DO E PARA OS OPERÁRIOS Ana Paula Santana de Souza Kenya Cristina Sant'Ana de Souza	218
ACOLHIMENTO E RESPEITO AOS SABERES DOS ESTUDANTES TRABALHADORES NA EJA: CONSTRUINDO UM DIÁLOGO TRANSFORMADOR Dorisdei Valente Rodrigues	222
CONVERSAS COM UMA HISTÓRIA RECONTADA Geraldo Ramiere Oliveira Silva	226



ESCREVIVÊNCIAS DE CONCEIÇÃO EVARISTO EM INTERLOCUÇÃO COM O INÉDITO VIÁVEL DE PAULO FREIRE: UMA CARTA AS PROFESSORAS Regina Lúcia Portela Cledineia Carvalho Santos Daniela Lopes Oliveira Dourado	230
CURSOS POPULARES: A EXPERIÊNCIA DE JUIZ DE FORA/MG Flávia Rabelo Beghini Simone Dias Esteves	235
EJA: UM DIÁLOGO COM FREIRE SOBRE EDUCAÇÃO, RESISTÊNCIA E RECOMEÇOS Lucas Mendonça da Silva Gerlane Lima da Silva Dourado Edimária Vitória Carneiro Silva Macedo	241
A LIBERDADE HÁ QUE SER CONSTRUÍDA! José Heleno Ferreira	245
PREZADO E AMADO AMIGO PAULO: QUÃO NECESSITADOS ESTAMOS DE VOCÊ! Renato Hilário dos Reis Julieta Borges Lemes Sobral	249
COMO DESCOBRI PAULO FREIRE OU “A LIBERDADE EMBRULHADA EM PAPEL DE PÃO” Luiz Carlos Castello Branco Rena	254
DESAFIOS VIVENCIADOS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DO CURSO NORMAL DURANTE A PANDEMIA NO ANO DE 2020 Katia Cilene da Costa Thiago Henrique Barnabé Corrêa	258
CARTA DE AMOR AOS MEUS MESTRES JÁ MORTOS Antonio Marcos Moreira da Silva	262
REDE HUMANIZAR: EDUCAÇÃO PARA A SAÚDE MENTAL COLETIVA E LIBERTADORA Helena Augusta Lisboa de Oliveira Bruno Goulart de Oliveira	267
PARA TODA A HUMANIDADE SEDENTA DE DIAS MELHORES, PARA A PERIFERIA Ravena Carmo	272
CARTA DOS ESTUDANTES À COMUNIDADE ESCOLAR Amanda Araújo da Mata Ana Karine Soares Jordão Isabella Coelho Araújo Luana de Menezes Bonfim Natália Lorena Barbosa Lima	275



## **CAPÍTULO V**

Seção de Relatos de experiências **281**

O PENSAMENTO DE PAULO FREIRE NO CENTENÁRIO DO PATRONO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA - A EXPERIÊNCIA DOS CICLOS FREIRIANOS NA EXTENSÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA **283**

Erlando da Silva Rêses  
Marleide Barbosa de Souza Rios

MEU ENCONTRO COM PAULO FREIRE **297**  
Débora Ireno Dias

## **CAPÍTULO VI**

Mandala freireana: demais projetos, ações, atividades e diálogos protagonizados pela Cátedra **309**

## **CAPÍTULO VII**

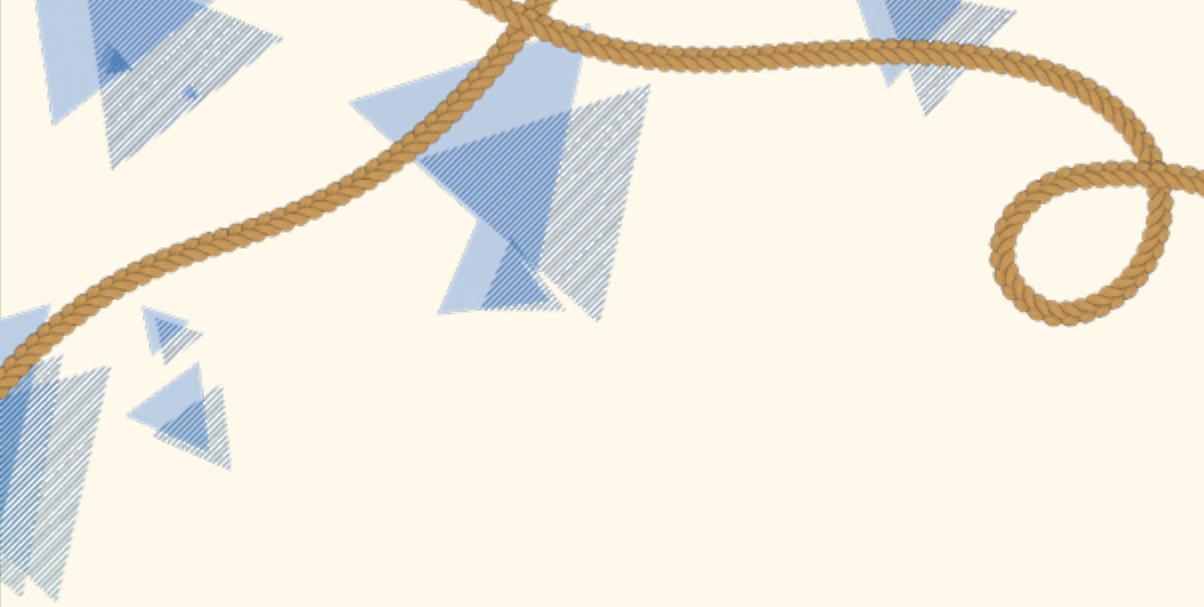
Apoio aos estudos em Freire **329**

Referências para consulta **330**

Fontes e documentos sobre trabalho, educação popular, educação de jovens e adultos (EJA) e Paulo Freire **332**

**PALAVRAS FINAIS** **337**





# CAPÍTULO I

SOBRE A CÁTEDRA, O MOVIMENTO INTERNACIONAL  
FREIREANO E OS DIÁLOGOS CONSTRUÍDOS COM A  
COMUNIDADE DA UnB, DE BRASÍLIA E NO BRASIL



# APRESENTANDO A CÁTEDRA PAULO FREIRE: VIVENCIAR PAULO FREIRE E DEMAIS PRÁXIS EMANCIPATÓRIAS

---

Rosylane Doris de Vasconcelos – Coordenadora da Cátedra  
Regina Coelly Fernandes Saraiva – Coordenadora da Cátedra

---

Em 2021, ano que marcou o centenário de nascimento de Paulo Freire, houve um conjunto intenso e significativo de celebrações no Brasil e no mundo. Sua vida, pensamento e obra foram temas de atividades diversas, organizadas por educadores, movimentos sociais e estudiosos de seu legado. Nesse contexto, a Universidade de Brasília ofereceu à comunidade eventos, projetos e homenagens ao Patrono da Educação Brasileira. A 21ª Semana Universitária, evento anual de longa tradição na cidade, foi intitulada “Semana Universitária - UnB – 100 anos de Paulo Freire”, e teve início no mês de aniversário do educador, mundialmente reconhecido.

No âmbito de um intenso calendário de celebrações e homenagens na UnB, a Faculdade UnB Planaltina (FUP/UnB) também promoveu comemorações. Uma delas foi a jornada de celebração do Centenário de Paulo Freire, como parte integrante do Programa Conversas Pedagógicas, vinculado à área de Educação e Linguagens, em edição especial. A jornada ocorreu de março a outubro de 2021, estendendo-se até o encerramento das atividades da 21ª Semana Universitária da UnB - 100 anos de Paulo Freire.



Provocadas pelo conjunto de reflexões pautadas, seguiu-se, a partir de então, um calendário de reuniões com o público interno e externo, estendendo-se a outros setores e cursos da Universidade interessados nos estudos e na divulgação do legado freireano. Assim, nasceu a Cátedra “Vivenciar Paulo Freire e demais práxis emancipatórias” – FUP – UnB, reconhecida por unanimidade pela Plenária do Conselho Mundial dos Institutos Paulo Freire, durante o XII Fórum Internacional Paulo Freire, realizado no ano do Centenário.

Desde seu início, a Cátedra “Vivenciar Paulo Freire e demais práxis emancipatórias” busca ser um espaço de formação por intermédio da pesquisa e da extensão, estabelecendo vínculos com os movimentos populares. Trata-se, assim, de uma cátedra popular que contribui para a produção do conhecimento em diversas áreas, cujas pesquisas se alinham à perspectiva crítico-dialogica. Tem como objetivo preservar a memória, difundir o legado freireano, construir propostas coletivas, organizar projetos de extensão, círculos de estudo ou leitura, pesquisas acadêmicas, projetos nas comunidades e ainda refletir sobre a obra e o pensamento de Paulo Freire, tanto historicamente quanto na atualidade, organizando-se em um espaço de formação e estabelecendo vínculos com os movimentos populares em uma perspectiva emancipatória.

A Cátedra busca promover estudos de aprofundamento da obra de Paulo Freire por meio de grupos de leituras de livros, teatralização de obras, transformação de trechos ou interpretações em cartuns ou histórias em quadrinhos, programas de rádio, vídeos para redes sociais, produção de documentários, arte e artesanato, entre outras linguagens, para a popularização do pensamento freireano, além do lançamento de festivais culturais, literários e cinematográficos.

Como meta, a Cátedra procura então estimular estudos, produções acadêmicas e projetos integradores na graduação, na pós-graduação e na extensão, referindo-se ao pensamento de Paulo Freire como elemento transdisciplinar. Destaca-se a importância da organização de produções e registros escritos e coletivos, com relatos de experiência, intervenções pedagógicas e reflexões, em formatos de *e-book*, revistas e outras publicações.

Dentro do campo do pensamento emancipatório, busca-se estabelecer diálogos com as obras de Amílcar Cabral, Álvaro Vieira Pinto, Frantz Fanon, José Martí, José Pacheco, Lauro Oliveira Lima, Maria Nilde Mascelani, bell hooks, Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro, entre outros. São temas articuladores e referências de trabalho os seguintes: Educação de Jovens e Adultos; Formação de



Educadores e Educadoras – Educação do Campo; Ciências Naturais; Linguagens; Letramento Racial; Artes Cênicas; Artes; Tecnologias e Ciberespaço; Educação Científica; Agroecologia; Soberania Alimentar dos Povos; Gênero; Juventude; Saúde; Patrimônio Histórico; Pesquisa e Memória; Democracia e Direitos Humanos; Educação Popular; e Movimentos Sociais.

Seu primeiro grande encontro foi realizado em 2022, com a participação e apoio de cerca de 30 movimentos e entidades representativas da sociedade e dos trabalhadores da educação. O I Encontro da Cátedra, realizado na Faculdade UnB Planaltina, contou com intensa programação cultural e o anúncio dos ganhadores do concurso para a escolha da logomarca oficial da Cátedra. Em plenária, o coletivo da Cátedra consolidou o plano de trabalho que se encontrava em discussão, definindo a dinâmica interna de atuação por meio de Núcleos Temáticos de Trabalho (áreas de atuação da Cátedra). Foram eleitos como eixos de trabalho da organicidade interna da Cátedra os seguintes áreas/temas: Educação de Jovens e Adultos, Formação de Educadores e Educadoras, Educação do Campo, Linguagens, Letramento Racial, Artes Cênicas, Ciências da Natureza, Agroecologia, Mulheres, Juventude, Democracia, Direitos Humanos, Saúde, Soberania Alimentar dos Povos, Artes, Patrimônio Histórico, Pesquisa e Memória, Consciência Política, Consciência Humana, Pesquisa Existencial, Tecnologias e Ciberespaço, Educação Científica e Educação Popular. São seus Núcleos: Núcleo 1 – Comunicação, Memória e Cultura; Núcleo 2 – Extensão Universitária; Núcleo 3 – Formação, Estudos e Pesquisas; e Núcleo 4 – Articulação e Mobilização.

Na área da extensão, a Cátedra atua para fortalecer a articulação com os movimentos sociais de Planaltina e do DF, promovendo a integração entre a comunidade externa e a universidade, a partir da necessidade de que o estudante tenha formação em extensão, desenvolvendo propostas de atividades de extensão integradas. A Cátedra se conecta a um projeto de extensão intitulado “Vivenciando Paulo Freire e demais Práxis Libertárias: Integrando Campo e Cidade – Festival de Arte e Literatura”.

Esse projeto nasceu no curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) da FUP-UnB, com o objetivo de fortalecer e exercitar a vivência do ideário de Paulo Freire e demais práxis emancipatórias, integrando a Cátedra aos territórios de atuação dos(as) estudantes da LEdoC. Além de motivar a ação-reflexão diante dos problemas e contradições da realidade, o projeto envolve as



comunidades e as escolas onde os(as) estudantes realizam a inserção no Tempo Comunidade (TC), protagonizando ações que visam superar as contradições na materialidade da vida em sociedade, bem como engajar-se em caminhos coerentes com uma construção social que propicie a emancipação.

Nesse prisma, a proposta da Cátedra tem sido desenvolvida de maneira colaborativa ao longo de sua trajetória, com o objetivo de cultivar uma educação popular, conforme a visão de Paulo Freire. Trata-se de uma educação inspirada em práticas sociais transformadoras e dialógicas, representando um processo de mobilização e organização das classes populares em busca da conquista de direitos e espaços historicamente negados.

Após o primeiro encontro, várias atividades formativas e culturais foram realizadas até o momento atual, incluindo o II Encontro da Cátedra, em 2023, durante a 23ª Semana Universitária da UnB, que será retratado neste livro de modo mais detalhado. O coletivo acolhe e divulga iniciativas culturais, expressões musicais, poéticas, literárias e artesanais que se identifiquem com o pensamento freireano e com outros pensadores de perspectiva emancipatória, e tem sido construído com a participação de pessoas que têm em comum o desejo de uma sociedade mais justa, na qual a educação seja veículo e resultado de transformação social.

Trata-se de uma Cátedra aberta, em permanente construção, com conexões em várias cidades e grupos de estudo e pesquisa no Brasil e em outros países. Em sua primeira publicação, o *e-book* “O Germinar de uma utopia – Vivenciar Paulo Freire desde a Universidade” (<https://livros.unb.br/index.php/portal/catalog/book/480>), é possível conhecer o processo de construção e organização da Cátedra “Vivenciar Paulo Freire e demais práxis emancipatórias” – FUP/UnB.

Para conhecer mais sobre a Cátedra “Vivenciar Paulo Freire e demais práxis emancipatórias”, assim como as ações de ensino, pesquisa, extensão e intervenções socioculturais e artísticas da FUP/UnB em homenagem a Paulo Freire, acesse o Espaço Virtual Paulo Freire – FUP – UnB (<https://fup.unb.br/espaco-virtual-paulo-freire/>).

O e-mail ([pfreirecatedrafup@gmail.com](mailto:pfreirecatedrafup@gmail.com)) é um espaço aberto para diálogos e esclarecimentos sobre o trabalho da Cátedra “Vivenciar Paulo Freire e demais práxis emancipatórias” – FUP/UnB.



---

## REFERÊNCIAS

ESPAÇO VIRTUAL PAULO FREIRE. Disponível em: <https://fup.unb.br/espaco-virtual-paulo-freire/>. Acesso em: 10 out. 2024.

VASCONCELOS, R. D. (org.). **Encontro da Cátedra Vivenciar Paulo Freire e demais práxis emancipatórias. 101 anos de Paulo Freire: o germinar de uma utopia: vivenciar Paulo Freire desde a Universidade**. Brasília: Universidade de Brasília, Faculdade UnB Planaltina, 2023. Disponível em: <https://livros.unb.br/index.php/portal/catalog/book/480>. Acesso em: 10 out. 2024.



# PAULO FREIRE: 103 ANOS DE UM HOMEM PLANETÁRIO

---

José Eustáquio Romão  
Conselho Mundial dos Institutos Paulo Freire

---

Nesta quinta-feira, dia 19 de setembro de 2024, comemora-se mais uma passagem do aniversário de Paulo Freire, este pernambucano que foi penalizado por um longo exílio – quase duas décadas – mas que, por isso mesmo, tornou-se um cidadão do mundo. Isso não se deve apenas ao fato de que peregrinou por todo o planeta, mas também ao legado que deixou, especialmente no campo educacional, que o tornou um dos mais importantes educadores e pensadores do século XX.

Do século XX? Sim e não. Sim, porque ele viveu no século XX, de 1921, quando nasceu em Recife, até 1997, quando faleceu em São Paulo, onde está sepultado. Como a maioria dos migrantes nordestinos de seu tempo, quis o destino que, ao retornar do exílio em 1980, ele terminasse a vida na capital paulista, depois de lecionar por quase duas décadas na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Não, porque, como se verá neste texto, ele foi alargando seu território de pertencimento, até abarcar o mundo todo.

Foi na “Pauliceia Desvairada”, ainda na década de 80 do século passado, que ele e mais cinco companheiros – Carlos Alberto Torres, Francisco Gutierrez (de saudosa memória), José Eustáquio Romão, Moacir Gadotti e Walter Esteves Garcia – criaram o Instituto Paulo Freire (IPF), sem, contudo, imaginarem



que o IPF se espalharia por toda a Terra, pelos cinco continentes, ganhando os mais diversos perfis organizacionais: institutos, cátedras livres, grupos de pesquisa, escolas, Instituições de Ensino Superior (IES) etc. A vitalidade do movimento freireano, por meio do protagonismo da “comunidade freiriana”, como se autodenominam seus participantes, vem se manifestando mais pelos institutos e pelas “Cátedras Paulo Freire” – a maioria delas dentro das IES, como, entre outras, as brasileiras na Universidade Nacional de Brasília (UnB) de Planaltina, na Universidade Federal de Viçosa (UFV), na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), na PUC-SP e na Universidade Comunitária de Chapecó (Unochapecó), sem falar nos inúmeros institutos e cátedras com sedes em IES em diversos países, como Estados Unidos e Portugal.

A mobilização da comunidade freiriana vem se dando ao longo de todos os anos, culminando no Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire, que se realiza bienalmente, cada vez em um país diferente. É neste evento que são aprovados novos institutos, novas cátedras etc., sendo também definida a pauta de trabalhos e a sede do Encontro Internacional para o biênio subsequente. O último foi realizado em Cuernavaca, cidade mexicana onde se localiza o Centro Intercultural de Documentação (Cidoc), criado e dirigido por Ivan Illich até sua morte em 2002, no qual Paulo Freire desenvolveu atividades conjuntas, embora mantendo e respeitando as diferenças de concepção: Freire, por exemplo, ao contrário de Illich, não defendia a “desescolarização” da sociedade. O local do próximo Encontro Internacional está para ser definido em assembleia dos representantes dos IPFs e das cátedras.

Retomando o início destas reflexões, não há melhor maneira de homenagear Paulo Freire na passagem de seu aniversário do que demonstrar a atualidade e a vitalidade de suas obras, de suas experiências e, enfim, de seu legado. A “prova dos nove” dessa celebração é a ampliação de sua influência em todos os rincões do mundo, independentemente das convicções econômicas, sociais, políticas, religiosas, estéticas, éticas e culturais.

Freire, no século XXI, vem se tornando, cada vez mais, uma unanimidade. Essa verdadeira universalização da comunidade freiriana não apenas demonstra a atualidade da obra de Freire, mas também expressa os cumprimentos da humanidade a um homem que, nordestino e brasileiro, se tornou planetário.



# DIÁLOGOS EM FREIRE E A ARTICULAÇÃO ENTRE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO: A CONSTRUÇÃO DA CÂTEDRA PAULO FREIRE DA FACULDADE UnB PLANALTINA

---

Reinaldo José Miranda Filho – Diretor da Faculdade UnB Planaltina (FUP)  
Cynthia Bisinoto – Vice-Diretora da Faculdade UnB Planaltina (FUP)

---

É amplamente reconhecido que Paulo Freire é uma referência ímpar na história da educação, particularmente no Brasil. Sua pedagogia, marcada pelo diálogo, pela problematização da realidade e pelo profundo compromisso com a transformação social e a emancipação humana, continua extremamente atual e relevante. Sua crítica ao modelo bancário de educação tem inspirado gerações de educadores em todo o mundo, inclusive em nossas universidades. Em um mundo tão complexo, marcado por profundas desigualdades sociais e por desafios substanciais, como a crise ambiental que vivemos, as ideias freireanas oferecem um caminho pujante para o fortalecimento da compreensão de que a educação é um ato político e social capaz de formar cidadãos críticos e engajados na construção de um mundo mais justo e sustentável.

O compromisso comum pela transformação social e pela construção de uma sociedade mais justa é um aspecto que aproxima, há décadas, a



pedagogia de Paulo Freire e as universidades públicas comprometidas, desde sua concepção, com a formação de pessoas e profissionais críticos, além da produção de conhecimento articulado à resolução de problemas locais e globais. Insere-se nesse contexto, sem dúvida, a relação da Faculdade UnB Planaltina (FUP) da Universidade de Brasília (UnB) com o legado freireano.

O trabalho educativo desenvolvido diariamente na FUP orienta-se pela participação, pelo diálogo e pelo compromisso com a emancipação humana. As ações de ensino, extensão, pesquisa e produção de conhecimento conduzidas pela comunidade acadêmica têm forte conexão com as ideias de Paulo Freire e, ao longo dos anos, tornaram-se ainda mais marcantes. A constituição da Cátedra “Vivenciar Paulo Freire e demais práxis emancipatórias”, abrigada na Faculdade UnB Planaltina desde 2021, é um forte exemplo dessa conexão.

A Cátedra é um espaço acadêmico aberto à participação ativa de movimentos sociais e populares, professores, profissionais, pesquisadores, estudantes, artistas e demais pessoas e organizações interessadas na temática freireana. É um lugar de estudo, socialização de experiências e constituição de uma rede em torno do pensamento e da prática freireana no Distrito Federal. É um ambiente de valorização da vida e da educação crítico-libertadora.

Criar e manter a Cátedra “Vivenciar Paulo Freire e demais práxis emancipatórias” em nossa Faculdade UnB Planaltina é uma forma de homenagear Paulo Freire, dando continuidade e reinventando seu legado, além de reafirmar o compromisso da universidade pública com a construção de uma sociedade diferente por meio da educação.

**Vida longa à Cátedra Vivenciar Paulo Freire e demais práxis emancipatórias!**

Brasília, outubro de 2024



# EXTENSÃO E DEMOCRATIZAÇÃO: A UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA EM PAUTA

---

Olgamir Amancia Ferreira  
Decana de Extensão da Universidade de Brasília (UnB)

---

Ao escrever este texto, busco refletir sobre algumas das preocupações apresentadas pela Cátedra Paulo Freire da Faculdade UnB Planaltina (FUP/UnB), com destaque para aspectos fundamentais do ensino superior, tais como: a importância da extensão na UnB, a “curricularização” da extensão, a extensão na FUP e a conexão com o pensamento de Paulo Freire, que tem na Cátedra Paulo Freire um espaço privilegiado de debate. Todas as questões apresentadas compartilham a necessidade de estabelecer o diálogo como método e a democracia como práxis. Por isso, busco relacionar a democratização da e na universidade como o centro desta reflexão.

Para desenvolver o tema da democracia no contexto em análise, utilizei a construção de Saviani (2008), que, ao analisar a democracia na escola, indica que podemos abordá-la a partir da estrutura organizativa ou das atividades finalísticas. No caso específico, não me reportarei às estruturas organizativas da universidade, ainda que reconheça o impacto das atividades-meio sobre as finalísticas. Focarei minhas análises nas atividades-fim, na expectativa de apreender como se organiza o processo de ensino-aprendizagem, por que e a serviço de quem esse processo se realiza.



Inicialmente, destaco que a democracia, seja na universidade ou fora dela, busca estabelecer processos e relações horizontais não apenas entre sujeitos, mas também entre áreas de conhecimento e saberes. A dimensão formativa e estruturante dessa horizontalidade é a extensão, mas somente se for assumida como comunicação dialógica, que possibilita “a problematização do próprio conhecimento em sua indiscutível relação com a realidade concreta na qual se gera e sobre a qual incide, para melhor compreendê-la, explicá-la, transformá-la” (Freire, 2013, p. 65).

Nesse sentido, compreende-se que a extensão universitária, assentada na concepção dialógica defendida por Freire, é a dimensão que impõe a superação das dicotomias e assimetrias entre o conhecimento científico, advindo das pesquisas acadêmicas, e o conhecimento popular, derivado das experiências, práticas e vivências dos territórios. Isso ocorre não apenas na singularidade física de cada local, mas, sobretudo, nas relações e contradições expressas em cada uma dessas localidades. Assim, concluo que a extensão dialógica é um pressuposto fundamental da democracia universitária.

Segundo a concepção dialógica:

A Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade (Forproex, 2012, p. 28).

Essa conceituação tem como base o princípio constitucional da indissociabilidade entre as três dimensões formativas fundamentais ao processo de ensino, aprendizagem e produção de conhecimento, que são a razão de ser da universidade. Em primeiro lugar, porque entende-se que ensinar e aprender são processos mediatizados pelo contexto e situados historicamente, o que significa que não são estáticos ou concluídos. Nesse sentido, o resgate dos conhecimentos acumulados ao longo do tempo, bem como a consideração do contexto em que ocorreram, são essenciais para ampliar a compreensão do objeto de estudo.

Em segundo lugar, remete à necessidade de uma visão crítica sobre o conhecimento produzido, de modo que esse seja considerado como um potencial inovador para a produção de novos conhecimentos. Por fim, destaca-se a importância de que o conhecimento gerado seja permeado por questionamentos acerca de sua repercussão na realidade e de suas possibilidades de contribuir para tornar a vida humana mais digna e justa.



Ora, esses elementos extraídos da primeira parte do conceito de extensão dizem muito sobre sua dimensão democrática, pois se referem a um processo histórico, coletivamente construído e radicalmente aberto ao novo, por meio do diálogo.

Dando sequência às reflexões sobre a estrutura conceitual, observa-se que a radicalidade democrática se evidencia ainda mais na compreensão de que a extensão é expressa como “um processo interdisciplinar”. Portanto, não é pontual ou sazonal. Ao contrário, é contínua, resultando de idas e vindas, de mediações e contradições. Não se organiza a partir de um único campo epistemológico, mas se coloca em movimento em direção às mais variadas epistemologias, incluindo aquelas desenvolvidas fora do ambiente acadêmico.

Essa proposição também expressa uma radicalidade democrática se considerarmos a estrutura verticalizada e fragmentada em que se organiza o conhecimento e suas respectivas áreas no ambiente universitário. Quantas vezes testemunhamos argumentações calorosas sobre o valor de determinada área, não pelo que ela produz e contribui, mas como uma distinção maior em relação às demais áreas do conhecimento, replicando no ambiente educativo a verticalização instituída no tecido da sociedade capitalista, que se fundamenta na desigualdade, assimetrias e hierarquização? É na contraposição a essa estrutura que se situa a interdisciplinaridade, não como justaposição, mas como uma relação horizontal entre distintas áreas, visando a uma leitura total da realidade.

Ainda sobre o conceito, ao incorporar os termos “educativo, cultural, científico e político”, depreende-se a superação da visão rasa que, em geral, concebe a atividade extensionista. Esses termos remetem ao entendimento de que as práticas extensionistas não se reduzem à mera prestação de serviços ou assistencialismo, mas resultam de relações mediadas por sujeitos que, a partir do “conhecimento existente [...] se tornam aptos à produção do conhecimento não existente” (Freire, 1996, p. 28). Esse conhecimento é derivado de um rigor metódico que, ao exigir criticidade, implica a busca incessante por aproximações que levam à compreensão do objeto para além de sua manifestação inicial. Especialmente, trata-se de uma oportunidade de “encontro entre sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (Freire, 1996, p. 91). Ou seja, é uma oportunidade para que as pessoas se reconheçam como seres sociais e históricos imbuídos da expectativa transformadora.

As discussões até aqui apresentadas nos instigam a pensar que a universidade, como espaço de produção de conhecimento, se configura



como uma instituição fundamental para o desenvolvimento da sociedade, especialmente quando o conhecimento produzido está voltado para atender às necessidades humanas. Nesse sentido, surge a necessária assunção da extensão à centralidade do processo de formação acadêmica, deslocando-a da periferia para o centro da estrutura curricular. Integrar a extensão na matriz curricular e torná-la obrigatória para a formação em cursos de graduação representa o reconhecimento da importância das dimensões estética e ética, além da dimensão técnica, quando se trata da formação no âmbito do ensino superior.

É nesse contexto que se insere a Resolução nº 7, do Conselho Nacional de Educação (CNE), de 2018, que, ao estabelecer as diretrizes para a extensão universitária, preconiza que:

A Extensão na Educação Superior Brasileira é a atividade que se integra à matriz curricular e à organização da pesquisa, constituindo-se em processo interdisciplinar, político educacional, cultural, científico, tecnológico, que promove a interação transformadora entre as instituições de ensino superior e os outros setores da sociedade, por meio da produção e da aplicação do conhecimento, em articulação permanente com o ensino e a pesquisa (Brasil, 2018).

Essa proposição vai além do mero registro cartorial de créditos de extensão (creditação) ou da simples incorporação da extensão a um currículo já existente (curricularização), acomodando as práticas extensionistas. Ela representa, essencialmente, a reorganização do currículo, integrando a extensão como parte da matriz curricular, mediadora do ensino e organizadora da pesquisa. Essa reorganização promove uma radical transformação do currículo, superando as fragmentações e hierarquizações recorrentes na formação no ensino superior, e afirmando a necessária construção de conhecimento em um contexto pluriepistêmico (Inserção Curricular da Extensão). Nesse sentido, trata-se de uma nova concepção de universidade, que aproxima a instituição da sociedade e possibilita que o seu quefazer se efetive por meio de mediações com outros sujeitos, ao mesmo tempo em que impacta e transforma a sociedade.

Ante o desafio de uma mudança paradigmática na concepção de universidade, a partir da inserção curricular da extensão, a presença da Cátedra Paulo Freire, constituída no Campus UnB/Planaltina, assume fundamental relevância. Ela se configura não apenas como um espaço de socialização e compartilhamento, mas, sobretudo, como um lugar de problematização dos



conhecimentos produzidos e de indução à construção de novos saberes, adequados às necessidades sociais do território e ao contexto histórico.

Nessa perspectiva, a Cátedra Paulo Freire se revela como propulsora do potencial inerente ao campus universitário UnB Planaltina (FUP/UnB), que, como parte da Universidade de Darcy Ribeiro, se coloca em movimento para que os objetos presentes no contexto extensionista se expressem como mediatizadores da comunicação entre a universidade e a sociedade.

---

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação - PNE 2014-2024 e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 19 dez. 2018. Disponível em: [https://www.in.gov.br/materia/-/asset\\_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/55877808](https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/55877808). Acesso em: 8 ago. 2024.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. **Plano Nacional de Extensão Universitária**. Ilhéus: Editus, 2001.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Porto Alegre: UFRGS, 2012;

FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação?** 16. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2013

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.



## **AMPLIANDO OS DIÁLOGOS EM REDE: EM BRASÍLIA; DE BRASÍLIA PARA O BRASIL E PARA MAIS**

A Cátedra Paulo Freire, em funcionamento na Faculdade UnB Planaltina há três anos, tem estabelecido diálogos intersetoriais e interlocais, buscando contribuir para a consolidação de uma rede freireana cujas atividades, produções e articulações se entrelaçam, apontando para múltiplas possibilidades dialógicas, todas com um ponto em comum: proteger e disseminar o legado freireano. Busca-se, em seu pensamento, dizeres e registros, o aporte para os debates contemporâneos, fortalecendo a atuação pedagógica e militante de tantos educadores e educadoras espalhados pelo Brasil e pelo mundo.

Apresentamos, aqui, alguns dos diálogos realizados pela Cátedra ou com sua participação, acrescentando movimento a esse grande caleidoscópio freireano.

### **CÁTEDRA VIVENCIAR PAULO FREIRE E DEMAIS PRÁXIS EMANCIPATÓRIAS E EDUCAÇÃO POPULAR: PARTICIPAÇÃO NA ARTICULAÇÃO CENTRO-OESTE**

Foi com a perspectiva de discutir os rumos da Educação e da Participação Popular que a Cátedra “Vivenciar Paulo Freire e demais práxis emancipatórias” (FUP-UnB) participou, em junho de 2024, em Brasília, do Seminário Participação Social com Educação Popular na Região Centro-Oeste.

A iniciativa do Seminário nasceu bem antes de sua realização. A Diretoria de Educação Popular da Secretaria Nacional de Participação Social (SNPS) da Presidência da República (SGPR) mobilizou movimentos populares,



universidades, professores, professoras e outros atores para pensar e colaborar na construção de políticas públicas populares, participativas e emancipatórias. A Cátedra Paulo Freire participou das reuniões preliminares que levaram à proposição e realização dos Seminários Participação Social com Educação Popular, que ocorreram em todo o Brasil.

O Seminário do Centro-Oeste teve como patrono Paulo Freire. Sua presença simbólica marcou as discussões dos três intensos dias do encontro. O esperar freireano, entendido como o movimento de despertar para as mudanças que desejamos, mobilizou mais de 70 pessoas do Brasil Central para discutir a participação social e a educação popular como estratégias fundamentais do esperar. Entidades de educação de base, redes de economia solidária, representantes indígenas, religiosas, quilombolas, feministas, do movimento negro, da cultura popular, LGBTQIA+, universidades e institutos federais, além de representantes do atual governo, estiveram presentes nos debates.

A retomada da Política Nacional de Participação Social pelo atual governo ganhou centralidade na fala de representantes da Secretaria Nacional de Participação Social (SNPS). A educação popular, na perspectiva freireana, como campo da e para a vida humana livre e independente, foi lembrada como estratégica na construção da política de participação social que deve ser elaborada por e para todos.

Os desafios do trabalho transformador e emancipador da educação popular foram discutidos ao serem apresentados dados que precisam ser superados: 11 milhões de analfabetos ainda estão presentes entre nós no Brasil.

Durante o Seminário, os participantes foram constantemente instigados a refletir, discutir e propor ações para auxiliar na construção da política pública de participação social com educação popular nos territórios do Centro-Oeste. Entre as propostas encaminhadas estavam a formação e o fortalecimento de redes e coletivos de educadores populares, a criação de núcleos de articulação e a formação de territórios coletivos de identidades.

A Cátedra “Vivenciar Paulo Freire e demais práxis emancipatórias”, ao estabelecer vínculos com os movimentos populares, comprometeu-se, durante o Seminário, a contribuir para o fortalecimento da política pública de participação social e educação popular, por meio do trabalho que vem realizando na Universidade de Brasília, mobilizando estudantes, professores, movimentos populares, sindicais e outros atores para manter vivo o legado freireano. A



Cátedra compreende que preservar o pensamento de Paulo Freire é um ato de resistência contra toda forma de opressão, medo e violência. Nossa participação reafirmou o compromisso com uma vida digna e livre, o diálogo e a educação popular como matriz formativa e emancipadora.

## **ARTICULAÇÃO LUSO-FRANCO- BRASILEIRA**

Tal diálogo teve início com o contato com o Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França, que promove estudos e atividades em torno de Paulo Freire naquele país, reunindo pesquisadores, professores e estudiosos fora do Brasil. Por ocasião do Centenário de Paulo Freire, houve muitos momentos de reflexão conjunta com a Cátedra de Brasília, expressos em escritos e eventos, incluindo uma Oficina de Cartas Pedagógicas que contou com a participação de duas professoras da Faculdade UnB Planaltina. Apresentamos, a seguir, algumas dessas atividades, produções e seus registros:

### **Ateliê de Cartas Pedagógicas**

Tratou-se de uma atividade formativa, conduzida pelas professoras Dra. Ana Lúcia Souza de Freitas, do PPGEDU – Mestrado Profissional em Educação da Unipampa Jaguarão, e Dra. Cleiva Aguiar de Lima, aposentada do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS) e integrante de um projeto de pesquisa na Unipampa Jaguarão, em parceria com a Associação Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França.

A oficina teve como proposta a confecção de cartas pedagógicas para um varal pedagógico intitulado “Andarilhagens com Cartas Pedagógicas e outros registros em diálogo franco-luso-brasileiro”. As cartas pedagógicas produzidas visaram compor o Varal/Sarau no V Piquenique Cultural com Paulo Freire, que ocorreu no Jardim Marielle Franco em setembro de 2024.

A atividade contou com uma grande participação, orientando a realização de leituras críticas e a confecção de cartas pedagógicas.



**Figura 1:** Diálogos brincantes: ateliê de escrita de cartas pedagógicas no Planalto Central



Fonte: Acervo da Cátedra (2024)



**Figura 2:** Andarilhagem: reflexões e práticas pedagógicas freireanas



Fonte: Acervo da Cátedra (2024)

### **Oficina "Vamos brincar de acróstico?"**

Outra atividade conjunta dessa parceria foi a oficina “Vamos Brincar de Acróstico?: Diálogo sobre Experiências com a Pedagogia da Autonomia em Diferentes Contextos Educativos”, realizada de forma remota, promovida pelo Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França / Assers, em 31 de agosto de 2023, das 16h às 17h30 (horário de Brasília) e das 21h às 22h30 (horário de Paris). O registro do debate está disponível em: [youtube.com/assersdigital](https://youtube.com/assersdigital) ou no *link* direto:

(<https://www.youtube.com/live/Nassoqm5WdY?si=G-7iU8s3Zo00ybdh>).

Essa oportunidade reflexiva permitiu aos participantes conhecer a dinâmica do Acróstico, baseada na obra “Pedagogia da Autonomia” de Paulo Freire, transpondo a discussão sobre o lúdico e o brincar na formação de profissionais de educação.



Figura 3: Vamos brincar de Acróstico?

**Vamos brincar de Acróstico?**  
*Diálogo sobre experiências com a Pedagogia da Autonomia em diferentes contextos educativos*

**Debatadora**  
Ana Lúcia Souza de Freitas

**Convidadas**  
Ana Cristina Rodrigues  
Cleiva Aguiar de Lima  
Luciene Rodrigues Silva  
Marcelisa Monteiro  
Rosy Vasconcelos

**Mediação**  
Jorge Satt

**16h** Horário Brasília  
**21h** Horário Paris  
**Quinta-feira 31.ago.23**

Assista no canal de vídeos da Assers:  
[youtube.com/assersdigital](https://www.youtube.com/assersdigital)

**Promoção**  
LEITORAS DE PAULO FREIRE NA FRANÇA  
Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França

**Apoio**  
50 ANOS ASSERS  
ASSOCIAÇÃO DOS SUPERVISORES DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL  
AFOR  
AÇÃO FORMATIVA

Fonte: Acervo da Cátedra (2024)

### Participação da Cátedra no Encontro Franco-Luso-Brasileiro de Educação Popular. Paris, 24 e 25 de setembro de 2023

A Cátedra foi representada em um evento de formato híbrido pela apresentação de dois cartões postais pedagógicos, uma nova modalidade de escrita pedagógica que obteve muitas adesões de educadores participantes do evento, os quais apresentaram suas produções. Para fins de exposição, os dois cartões



postais pedagógicos submetidos ao evento são apresentados, aqui, conforme a forma proposta (frente e verso).

### Cartão Pedagógico 1:

Figura 4: Cartão pedagógico 1



Fonte: Acervo da Cátedra (2023)

Figura 5: Convite da Cátedra Vivenciar Paulo Freire para diálogos sobre práxis emancipatórias e educação freireana



Fonte: Acervo da Cátedra (2023)



## Cartão Pedagógico 2:

Figura 6: Cartão pedagógico 2



Fonte: Acervo da Cátedra (2023)

Figura 7: Cartão postal da Cátedra Vivenciar Paulo Freire

**Educação para a autonomia: inspirando a transformação social**

Queridos professores e professoras, Esperamos que esta mensagem encontre cercados de inspiração e motivação para continuar transformando vidas ao educar. Enquanto pensávamos em vocês, nos deparamos com uma frase inspiradora de Paulo Freire, em seu livro "Pedagogia da Autonomia", que aqui compartilhamos "Quem sou eu para saber o que o outro é capaz de aprender?" Essa indagação provoca reflexão sobre a importância de oferecer espaços de aprendizagem capazes de formar para a emancipação. Isso nos fez lembrar das rodas de conversas sobre as obras de Paulo Freire e de suas ideias inspiradoras. Lembramos algumas das frases desse grande educador que nos inspira: "A pedagogia da autonomia é uma abordagem educativa que busca formar sujeitos críticos, conscientes e comprometidos com a transformação social." "Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua reconstrução." "A educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda." Ao conviver com algumas escolas aqui de Brasília, lembramos de reflexões fundamentadas nesse grande mestre. O que é realmente necessário para formar professores autônomos e comprometidos com o processo de ensino-aprendizagem? Será que apenas a divulgação de conhecimento é suficiente, ou devemos ir além? Queremos aproveitar ao máximo essa viagem ao "território da cidadania", buscando compreender como os professores trabalham com a pedagogia da autonomia no cotidiano. Que as palavras de Paulo Freire neste cartão postal, aos 102 anos de seu nascimento, provoquem reflexões sobre a educação e seu papel transformador.

**Referências**  
FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa* (1997). 25. ed. São Paulo: Paz e Terra S/A, 2002.



**Destinatários/ões:**  
Estradas/os/es participantes do Encontro Franco-luso-brasileiro de educação popular.

**Remetente:**  
Naraíne Martins Machado  
Rosylaine Doris de Vasconcelos  
Faculdade UnB Planaltina, Cátedra Vivenciar Paulo Freire e demais pratas emancipatórias.  
[naraينه.martins@unb.com](mailto:naraينه.martins@unb.com)  
[rosylvasconcelos@unb.br](mailto:rosylvasconcelos@unb.br)

**Data:**  
Paris, 29 de agosto de 2023.

Fonte: Acervo da Cátedra (2023)

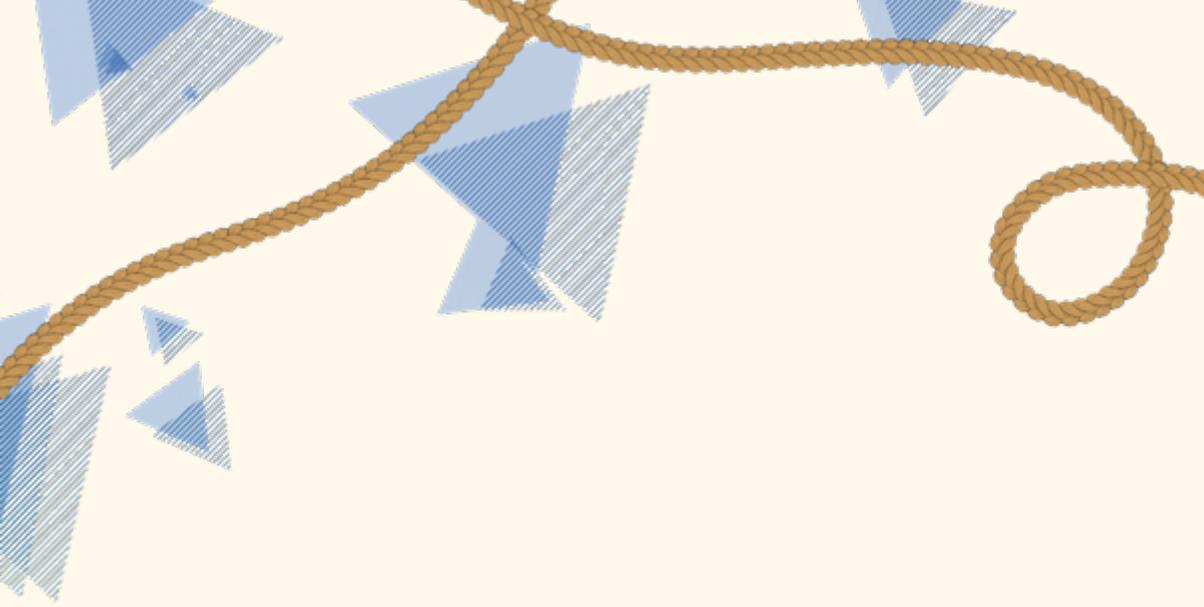


## **PROJETO INTERCÁTEDRAS: BRASIL E CUBA**

A parceria intercátedra internacional refere-se à proposta de colaboração entre a Cátedra Vivenciar Paulo Freire e demais práxis emancipatórias, da Faculdade UnB de Planaltina, e a Cátedra Paulo Freire da Universidade Central de Las Villas de Santa Clara, Cuba, visando à troca de conhecimentos, experiências e recursos para o desenvolvimento de projetos conjuntos de ensino, pesquisa e extensão. Essa parceria visa fomentar o intercâmbio cultural e acadêmico, promovendo uma visão mais ampla e diversa dos temas abordados, além de enriquecer a formação de estudantes e docentes envolvidos.

Os principais objetivos dessa cooperação incluem o fortalecimento de redes acadêmicas interinstitucionais, a promoção de estudos comparativos, a implementação de programas de mobilidade acadêmica, a organização de eventos internacionais e a realização de pesquisas colaborativas. Essa troca permite o desenvolvimento de perspectivas inovadoras e emancipadoras, aumentando a relevância e o impacto das atividades acadêmicas no cenário internacional.

A colaboração internacional ocorre por meio de acordos formais que garantem o apoio institucional, assim como a viabilização de recursos para a execução das atividades propostas. Como resultado, essa cooperação beneficia não apenas as universidades participantes, mas também suas comunidades, pois contribui para a formação de cidadãos mais conscientes, críticos e preparados para atuar em um mundo interdependente.



# CAPÍTULO II

O II ENCONTRO DA CÁTEDRA VIVENCIAR  
PAULO FREIRE E DEMAIS PRÁXIS EMANCIPATÓRIAS:  
TECENDO FIOS, CONSTRUINDO CONEXÕES



O II Encontro da Cátedra Vivenciar Paulo Freire e demais práxis emancipatórias: Tecendo fios, construindo conexões foi realizado no dia 28 de setembro, com a participação da comunidade interna da Universidade de Brasília e de vários segmentos dos movimentos populares de educação, incluindo professores da educação básica e entidades representativas do movimento cultural planaltinense. O encontro foi parte integrante da Semana Universitária 2023 da Universidade de Brasília, o maior evento de extensão da instituição, que, neste ano, foi intitulado “O futuro é feminino!”.

A programação contou com uma mesa central, apresentações de trabalhos de naturezas diversas, rodas de conversa e uma atividade cultural que finalizou o evento com momentos de congraçamento, além do lançamento do primeiro livro da Cátedra: um *e-book* que a historiciza. A programação foi a seguinte:

## **PROGRAMAÇÃO**

### **II ENCONTRO DA CÁTEDRA VIVENCIAR PAULO FREIRE E DEMAIS PRÁXIS EMANCIPATÓRIAS: TECENDO FIOS, CONSTRUINDO CONEXÕES**

**Faculdade UnB Planaltina – Edifício Paulo Freire (UAC)**

**Auditório Augusto Boal**

28 de setembro de 2023-13h

**Semana UnB 2023 – O FUTURO É FEMININO!**

#### **PROGRAMAÇÃO:**

**II Encontro da Cátedra Vivenciar Paulo Freire e demais práxis emancipatórias: tecendo fios, construindo conexões**

13h Credenciamento

13h30 Abertura e acolhida

14h Grande Roda de Conversa:

**Como vivenciar Paulo Freire nos espaços da Universidade e sua relação com a comunidade**

**Valdo José Cavallet (UFPR) e Luiz Augusto dos Passos (UFMT)**

**Lançamento do livro:**

**ENCONTRO DA CÁTEDRA “VIVENCIAR PAULO FREIRE  
E DEMAIS PRÁXIS EMANCIPATÓRIAS”: 101 anos de Paulo**





**Figura 9:** Chamada do II Encontro da Cátedra Vivenciar Paulo Freire e demais práxis emancipatórias

**II ENCONTRO DA CÁTEDRA**  
**VIVENCIAR PAULO FREIRE E DEMAIS PRÁXIS EMANCIPATÓRIAS**

**ENVIO DE TRABALHOS ATÉ 18/9 EM:**  
<https://bit.ly/trabalhoscatedra2023>

**INSCRIÇÕES:**  
<https://bit.ly/inscricaochedra2023>

**INFORMAÇÕES:**  
[pfreirecatedrafup@gmail.com](mailto:pfreirecatedrafup@gmail.com)

Fonte: Acervo da Cátedra (2023)



# CÁTEDRA VIVENCIAR PAULO FREIRE E DEMAIS PRÁXIS EMANCIPATÓRIAS FACULDADE UnB PLANALTINA

---

Carta aos participantes - 2023

---

Ao participarmos dos grupos de trabalho da Cátedra – Vivenciar Paulo Freire e demais práxis emancipadoras, somos convidados(as) a repensar nossas ações enquanto seres no mundo. O que, de fato, estamos fazendo com nossa vida enquanto docentes, estudantes e membros da comunidade?

Ao realizarmos essa reflexão crítica acerca de nós mesmos e da realidade, da qual somos parte e reflexo, deixamos nossas marcas, como nos indicou Freire: onde colocamos nossos pés, ali e dali recolhemos nossos pensamentos, sentimentos e geramos compromissos. Nesse sentido, orientamos os grupos de trabalhos a:

- 1 Oportunizarem-se a falar sobre suas práxis, como têm desenvolvido seu trabalho, se orientando pelas ideias e metodologias freireanas e de demais autores(as) de caráter emancipatório.
- 2 Refletirem sobre o que e como essas epistemologias têm levado a ressignificar seu ser e agir no mundo.
- 3 Apresentarem como e o que propõem desenvolver no próximo período até setembro de 2024.



A importância de vivenciar a práxis emancipadora de Paulo Freire está relacionada a uma abordagem educacional que se propõe a transformação social e pessoal por meio da conscientização, da reflexão crítica e da ação.

A práxis de Freire tem sido fundamental para a educação ao redor do mundo e oferece várias dimensões que impactam nosso agir com sentido e significado emancipador. Deixamos como elementos para refletirmos neste evento da Semana Universitária da Universidade de Brasília (SEMUNI) (UnB, 2023) as seguintes perspectivas: 1. do empoderamento das pessoas; 2. da conscientização permanente; 3. do diálogo e respeito; 4. da relevância do contexto; 5. da necessidade de transformação social; 6. da inclusão e da igualdade na diversidade; 7. do envolvimento humano integral.

- 1 Empoderamento das pessoas: A abordagem de Freire coloca-nos no centro do processo educacional, incentivando-nos à participação ativa, ao diálogo e à colaboração. Isso nos capacita a assumir o lugar de fala, a criticar o *status quo* e a nos tornarmos agentes de mudança em nossas próprias vidas e em nossas comunidades.
- 2 Conscientização permanente: Freire enfatiza a importância de reconhecer e questionar as estruturas de poder e as relações de dominação presentes na sociedade. Por meio da educação crítica, somos encorajados(as) a analisar as injustiças e as desigualdades que enfrentamos e a buscar, em conjunto, as soluções para tais problemas.
- 3 Diálogo e respeito: A práxis emancipadora promove o diálogo aberto e respeitoso entre todos(as). Isso cria um ambiente de aprendizado inclusivo e colaborativo, onde diferentes perspectivas são valorizadas, incentivadas e respeitadas, na busca pela vivência que nos torna humanos, sempre um vir a ser, ainda mais solidários e justos com as pessoas e tudo que faz parte da teia da vida neste magno universo.
- 4 Relevância do contexto: Freire defendia que a educação deveria ser relevante não apenas para a vida dos estudantes, abordando questões e desafios do mundo real. Em suas palavras, mediatizados pelo mundo, desvelando e gerando compromisso com a superação



das dominações e opressões de todas as ordens. Isso torna a aprendizagem mais significativa e relevante socialmente.

- 5 Transformação social: A práxis emancipadora não se limita ao ambiente escolar; ela visa à transformação da sociedade. Ao nos capacitar enquanto seres sempre inacabados, ao compreendermos as contradições que nos oprimem, temos em mãos ferramentas de luta. Agora, como cidadãos(ãs) críticos(as) e ativos(as), essa abordagem contribui para a construção de sociedades mais justas e equitativas.
- 6 Inclusão e igualdade na diversidade: A abordagem de Freire é particularmente relevante para a promoção da inclusão e da igualdade na e com a diversidade, pois enfatiza a importância de reconhecer e superar as barreiras que impedem o acesso à educação e ao conhecimento emancipador, de tudo que nos separa, diminui e subtrai enquanto seres no mundo e com as demais formas de vida.
- 7 Envolvimento humano integral: Ao promover a reflexão crítica e o engajamento ativo, a práxis emancipadora de Freire contribui para o envolvimento integral das pessoas, incluindo habilidades cognitivas, psico-sócio-emocionais, econo-políticas e ecossocialistas.

Em resumo, vivenciar a práxis emancipadora de Paulo Freire é fundamental para promover uma educação mais significativa, inclusiva e transformadora. Ao capacitar-nos em conjunto, cooperativamente e solidariamente em comunidade, vivemos enquanto agentes de mudança e contribuimos para a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e ecossocialista.



## **MESA DE ABERTURA DO II ENCONTRO DA CÁTEDRA VIVENCIAR PAULO FREIRE E DEMAIS PRÁXIS EMANCIPATÓRIAS**

A mesa de abertura do II Encontro da Cátedra contou com as presenças da decana de extensão da Universidade de Brasília, professora Olgamir Amancia; da professora Cynthia Bisinoto Evangelista de Oliveira, vice-diretora da Faculdade UnB Planaltina; do professor Claudio Antunes, coordenador da Secretaria de Política Educacional do SINPRO-DF; de Mirele Diovana Milhomen Silva, do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC); de Adonilton Rodrigues, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST); de Clarice Gosse, assessora da Central Única dos Trabalhadores (CUT-DF); e dos coordenadores da Cátedra Vivenciar Paulo Freire e demais práxis emancipatórias da FUP-UnB, professores Jair Reck e Rosylane Doris de Vasconcelos.

A abertura contou ainda com as saudações remotas de Gabriel Magno, deputado distrital da Câmara Legislativa do DF (CLDF); José Eustáquio Romão, do Conselho Mundial dos Institutos Paulo Freire; e Ana Lucia Souza de Freitas, do Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França.



**Figura 10:** Mesa de abertura do II Encontro da Cátedra Vivenciar Paulo Freire e demais práxis emancipatórias



Fonte: Acervo da Cátedra (2023)

**Figura 11:** Mesa central do II Encontro da Cátedra Vivenciar Paulo Freire e demais práxis emancipatórias



Fonte: Acervo da Cátedra (2023)

Após a mesa de abertura, a programação seguiu com a mesa central, que contou com a participação dos professores Luiz Augusto Passos, da Universidade Federal de Mato Grosso, e Valdo José Cavallet, da Universidade Federal do Paraná. Esse momento da programação ocorreu em formato híbrido,





## PAINEL DE COMUNICAÇÕES ORAIS

O painel de comunicações orais contou com a apresentação de trabalhos inscritos, previamente convidados e selecionados pela comissão organizadora do evento. Nesse momento, o palco da Cátedra acolheu relatos e proposições de educadores e coletivos, inspirando os participantes à reflexão. Ao mesmo tempo, várias iniciativas de diferentes naturezas, constituídas no Distrito Federal, puderam ser conhecidas com maior profundidade.

**Figura 13:** Painel de comunicações orais



Fonte: Acervo da Cátedra (2023)



**Figura 14:** Painel de comunicações orais e palco da cátedra



Foto: Acervo da Cátedra (2023)

## PAINEL DE COMUNICAÇÕES ORAIS

**Título da iniciativa/projeto/trabalho:** Os sentidos de boniteza, na perspectiva freireana, na Educação do Campo do Distrito Federal

**Apresentação:** Edinéia Alves Cruz

**Título da iniciativa/projeto/trabalho:** Projeto CIFOPLAN: uma experiência da extensão universitária na formação docente por meio da práxis freiriana

**Apresentação:** Andréa Pereira de Oliveira Alves e Andréa Kochhann

**Título da iniciativa/projeto/trabalho:** Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade – GEFOPI

**Apresentação:** Andrea Kochhann

**Título da iniciativa/projeto/trabalho:** A importância do Rock na transformação social

**Apresentação:** Francisca Ivanete Feitosa



**Título da iniciativa/projeto/trabalho:** Crescendo com Agroecologia: a esperança que renasce da terra, sementes de um mundo sustentável, com base na ética do cuidado com todas as formas de vida

**Apresentação:** Jair Reck, Tamires Tamiriele, Giovani Santos, Jocelia Karoline

**Título da iniciativa/projeto/trabalho:** A pedagogia da horta escolar na perspectiva freireana

**Apresentação:** Maria da Solidade Vicente da Silva

**Título da iniciativa/projeto/trabalho:**

Universidade para quê? Um programa de TV sobre as contribuições do ensino superior para a sociedade

**Apresentação:** Marcelo Ximenes Aguiar Bizerril

**Título da iniciativa/projeto/trabalho:** Projeto Letramentos Múltiplos e Esperançar

**Apresentação:** Rosineide Magalhães de Sousa

**Título da iniciativa/projeto/trabalho:** Reflexões Poéticas Pedagógicas Sobre a Obra Freireana

**Apresentação:** Geraldo Ramiere Oliveira Silva

## APRESENTAÇÕES REMOTAS

**Título da iniciativa/projeto/trabalho:** Grupo de Ensino-Pesquisa-Extensão em Educação Popular e Estudos Filosóficos e Histórico-Culturais - GENPEX

**Apresentação:** Maria Clarisse Vieira

**Título da iniciativa/projeto/trabalho:** Dossiê Paulo Freire: Um projeto piloto de alfabetização de adultos - de Brasília para o Brasil

**Apresentação:** Eva Waisros Pereira

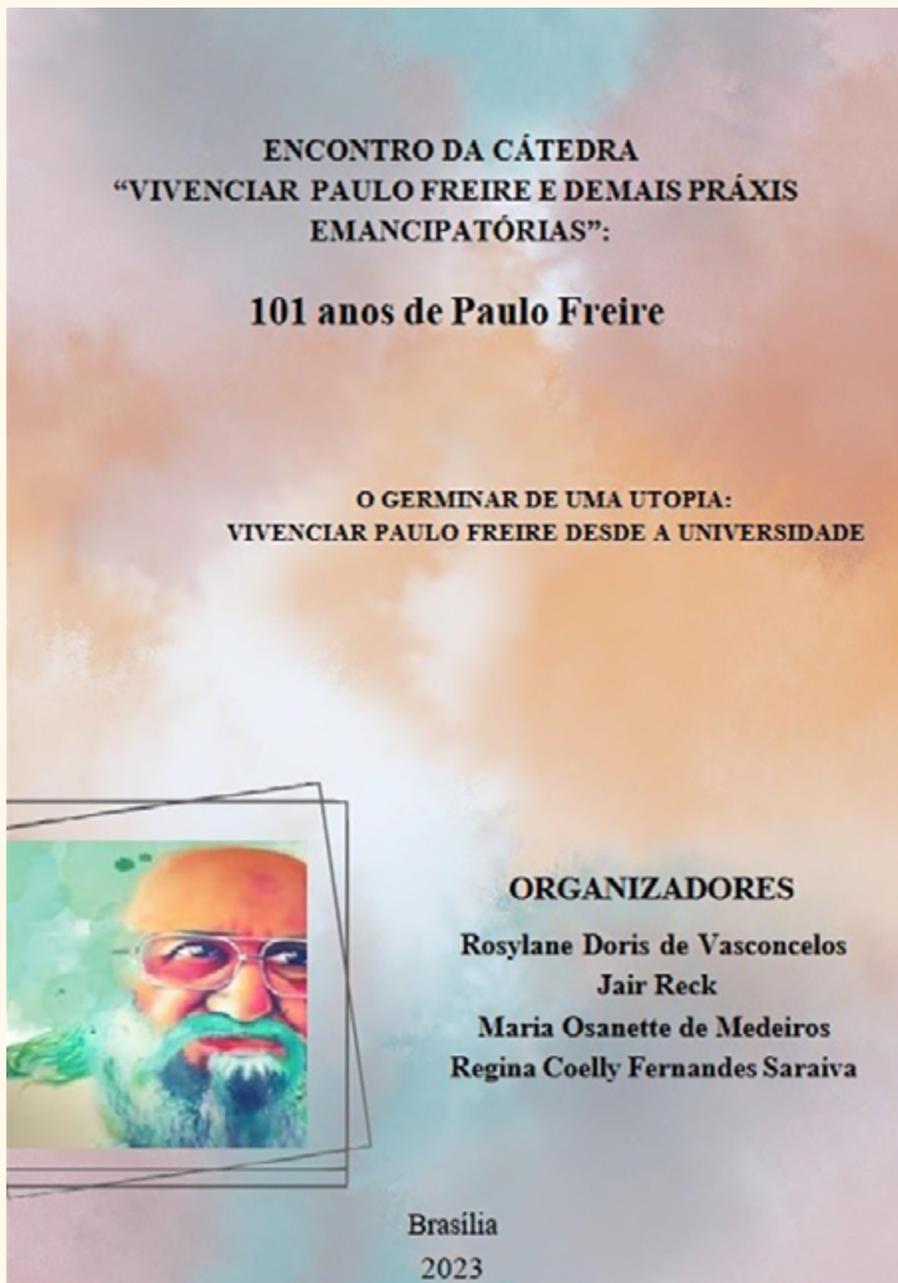
**Título da iniciativa/projeto/trabalho:** Educação Infantil Ciranda

**Apresentação:** Maria Osanette de Medeiros

Por ocasião do evento, o primeiro livro da Cátedra foi lançado e está disponível em: (<https://repositorio2.unb.br/jspui/handle/10482/46609>). A obra resgata historicamente a criação da Cátedra no âmago das celebrações do centenário de Paulo Freire, no Brasil e no mundo, em 2021, bem como seu processo organizativo, principais atividades e trajetória atual.



**Figura 15:** Primeiro livro da Cátedra Vivenciar Paulo Freire e demais práxis emancipatórias



Fonte: Acervo da Cátedra (2023)



## PROGRAMAÇÃO CULTURAL: SHOW DE ROCK ANTIFA - ATO PAULO FREIRE

Para encerrar as atividades do II Encontro, a Cátedra promoveu um show de rock com quatro bandas da região, agitando a noite e sacudindo o auditório Augusto Boal da Faculdade UnB Planaltina. O Movimento Antifascista Rock DF é um grupo de pessoas, na sua maioria trabalhadores, que celebra a resistência e a diversidade, promovendo a música, a arte e debates em um ambiente de solidariedade e inclusão. Esta é uma manifestação contra a opressão e a favor da liberdade e igualdade para todos. As bandas participantes do Rock Antifa foram: A Drink to Death, I.U.N.A., Ruptura, Supernaut.

**ROCK ANTIFA**

**ATO PAULO FREIRE**

No II encontro da cátedra

**28**  
Setembro  
2023  
das 20hs  
às 22hs

**LOCAL:**  
  
UnB | FUP  
Faculdade UNB Planaltina - DF

**SHOWS COM AS BANDAS:**

 Ruptura

 Supernaut

 Drink Of Death

 I.U.N.A.

 23º Seminário  
Universitário  
da UnB

 FUTURO  
UNB  
JÁ AGORA





Fonte: Acervo da Cátedra (2023)



**Figura 16:** Show de rock Antifa - Ato Paulo Freire



Fonte: Acervo da Cátedra (2023)

**Figura 17:** Rock Antifa



Fonte: Acervo da Cátedra (2023)



**Figura 18:** Programação cultural: show de rock



Foto: Acervo da Cátedra

## **PLANO DE TRABALHO DA CÁTEDRA APROVADO EM 2022**

A estruturação interna é constituída por Núcleos Temáticos articulados organicamente com o coletivo da Cátedra. Algumas propostas já foram desenvolvidas; outras estão em andamento. As atividades são sujeitas ao permanente replanejamento, ao aprofundamento e ampliação de ações, na busca por maior participação da comunidade interna e externa.

## **PROPOSTAS (RECEBIDAS A PARTIR DE REUNIÕES REALIZADAS DESDE 2021):**

- Construir o Plano de Trabalho da Cátedra “Vivenciar Paulo Freire e demais práticas libertárias” – FUP – UnB.
- Mapear as práticas existentes na Universidade, nas organizações e nos movimentos sociais, seja em forma de propostas de intervenção ou que tenham Paulo Freire como objeto de estudo ou referencial de práxis educativa.
- Organizar um encontro amplo para compartilhar experiências de inspiração freireana e para nos conhecermos melhor, coletivamente.



- Articular a organicidade interna da Cátedra, integrando eixos de trabalho/estudo ou projetos de extensão (em forma de organização dos saberes e experiências: frentes, núcleos) que organizem as áreas/temas: Educação de Jovens e Adultos, Formação de Educadores/as, Educação do Campo, Linguagens, Letramento Racial, Artes Cênicas, Ciências da Natureza, Agroecologia, Mulheres, Juventude, Democracia, Direitos Humanos, Saúde, Soberania Alimentar dos Povos, Artes, Patrimônio Histórico, Pesquisa e Memória, Consciência Política/Consciência Humana, Pesquisa Existencial, Tecnologias e Ciberespaço, Educação Científica e Educação Popular.
- Promover a Frente dos Afetos: momentos integradores permanentes (presenciais ou por espaços virtuais) entre projetos, pessoas, instituições, fortalecendo os vínculos, como um encontro anual da Cátedra (por exemplo, em setembro, em comemoração ao aniversário de Paulo Freire).
- Promover estudos de aprofundamento da obra de Paulo Freire (grupos de estudos de livros, teatralização de livros, transformação de trechos ou interpretações em cartuns ou histórias em quadrinhos, programas de rádio, vídeos para redes sociais, produção de documentários, arte e artesanato, entre outras linguagens) para a popularização do pensamento freireano.
- Defesa e prática de ensino superior na FUP, referenciado em Paulo Freire, no ensino, na pesquisa e na extensão.
- Lançar o Festival Literário Paulo Freire, com edições periódicas, organizando-o em formato de projeto de extensão.
- Criar e consolidar o Cine Clube Paulo Freire.
- Fazer um painel virtual da Cátedra ou página vinculada ao *site* da FUP (Espaço virtual da Cátedra).
- Manter um informativo periódico e outros canais de comunicação interna e externa.
- Estimular estudos, produções acadêmicas e projetos integradores na graduação, na pós-graduação e na extensão, referenciando-se em Paulo Freire (e seu pensamento) como elemento transdisciplinar.
- Fortalecer a articulação com os movimentos sociais de Planaltina e do DF.



- Organização de produções/registros escritos e coletivos com relatos de experiência, intervenção pedagógica ou reflexões (em formato de *e-book* ou revistas e publicações).
- Estabelecer diálogos com as obras de: Amílcar Cabral, Álvaro Vieira Pinto, Frantz Fanon, José Martí, José Pacheco, Lauro Oliveira Lima, Maria Nilde Mascelani, Bell Hooks, Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro, entre outros.
- Consolidar o presente coletivo como uma Cátedra Paulo Freire, aberta, participativa e em construção permanente.

## ORGANIZAÇÃO INTERNA COORDENAÇÃO POR NÚCLEOS

### ORGANICIDADE

**Coordenação Geral:** composta pelos coordenadores(as) dos Núcleos

**Núcleo 1: Comunicação, Memória e Cultura**

**Coordenação:** Regina Coelly Saraiva

**Núcleo 2: Extensão universitária**

**Coordenação:** Jair Reck

**Núcleo 3: Formação, estudos e pesquisas**

**Coordenação:** Rosylane Doris de Vasconcelos

**Núcleo 4: Articulação e mobilização**

**Coordenação:** Maria Osanette de Medeiros

Sugere-se que cada pessoa deva priorizar a participação em um dos Núcleos, podendo contribuir nos demais. Algumas possibilidades para os Núcleos (algumas já em andamento):

- 1 Comunicação e Memória** – proposta de Memória da Cátedra – *site*, informativo periódico e painel virtual.
- 2 Extensão universitária** – articulação e organização de projetos de extensão.
- 3 Formação, Estudos e Pesquisas** – registros e estudos coletivos; propor estudos e pesquisas; promover estudos de aprofundamento



da obra de Paulo Freire (grupos de estudos de livros, teatralização de livros, transformação de trechos ou interpretações em cartuns ou histórias em quadrinhos; programas de rádio, vídeos para redes sociais, arte e artesanato, entre outras linguagens, em intersecção com os Núcleos afins) para a popularização do pensamento freireano; estabelecer diálogos com as obras de: Amílcar Cabral, Álvaro Vieira Pinto, Frantz Fanon, José Martí, José Pacheco, Lauro Oliveira Lima, Maria Nilde Mascelani, Bell Hooks, Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro, entre outros.

- 4 **Juventude e Cultura** – Festival Literário Paulo Freire, CineClube, etc.
- 5 **Articulação e Mobilização** – Articulação Geral: FUP, UnB, GTPA Fórum EJA DF, Portal dos Fóruns EJA, Movimentos Sociais e todos os coletivos parceiros.

## 1 TEMAS ARTICULADORES

- a Educação de Jovens e Adultos;
- b Formação de educadores(as) – Educação do Campo, Ciências Naturais;
- c Linguagens, Letramento Racial, Artes Cênicas, Artes, Tecnologias e Ciberespaço, Educação Científica;
- d Agroecologia, Soberania Alimentar dos Povos;
- e Gênero;
- f Juventude;
- g Saúde;
- h Patrimônio Histórico, Pesquisa e Memória;
- i Democracia e Direitos Humanos;
- j Educação Popular;
- k Movimentos Sociais.



## AVALIAÇÃO DO II ENCONTRO

A prática de avaliar o evento é adotada pela Comissão Organizadora desde o primeiro encontro. O retorno qualitativo dos participantes possibilita o aprimoramento do trabalho e uma escuta em relação aos principais pontos estruturantes do evento, bem como do trabalho da Cátedra, das demandas e sugestões de abordagem pedagógica para o período vindouro. O instrumento aplicado e o resultado compilado da avaliação do evento seguem, aqui, registrados.

### Avaliação do evento (instrumento utilizado)

Qual é sua instituição?

( ) UnB

( ) Externa. Qual? \_\_\_\_\_

Como ficou sabendo do Encontro?

( ) Recebeu convite.

( ) Divulgação na internet.

( ) Por meio do movimento do qual participa.

( ) Outro. Qual? \_\_\_\_\_

Sua expectativa em relação ao encontro foi atendida:

( ) sim      ( ) não      ( ) parcialmente

Sobre os seguintes itens do Encontro, como avaliaria:

#### **Estrutura do evento:**

( ) insatisfatória

( ) razoável

( ) satisfatória

( ) muito satisfatória

#### **Programação do evento:**

( ) insatisfatória

( ) razoável

( ) satisfatória

( ) muito satisfatória



**Divulgação do evento:**

- ( ) insatisfatória
- ( ) razoável
- ( ) satisfatória
- ( ) muito satisfatória

**Mesa central:** (Professores Valdo Cavallet e Luiz Augusto dos Passos)

- ( ) insatisfatória
- ( ) razoável
- ( ) satisfatória
- ( ) muito satisfatória

**Painel de comunicações orais:** (trabalhos convidados a expor seus resultados)

- ( ) insatisfatória
- ( ) razoável
- ( ) satisfatória
- ( ) muito satisfatória

**Atividade cultural: show de Rock Antifa (bandas de rock locais)**

- ( ) insatisfatória
- ( ) razoável
- ( ) satisfatória
- ( ) muito satisfatória

Qual foi a temática ou dinâmica do encontro que mais gostou?

Quais os temas e demais sugestões para o próximo encontro da Cátedra?

---

---

Espaço aberto para demais comentários ou sugestões:

---

---

---

Agradecemos sua participação!

Dialogue conosco:

[pfreirecatedrafup@gmail.com](mailto:pfreirecatedrafup@gmail.com)



## **AVALIAÇÃO DO EVENTO RESULTADO CONSOLIDADO**

### **1 Qual sua instituição?**

UnB: 72% dos participantes.

Externa: 28% dos participantes.

### **2 Como ficou sabendo do Encontro \***

Recebeu convite: 38% dos participantes.

Divulgação na internet: 10% dos participantes.

Por meio do movimento do qual participa: 38% dos participantes.

Outro: 14% dos participantes.

### **3 Sua expectativa em relação ao encontro foi atendida:**

Sim: 100% dos participantes.

### **4 De que maneira avaliaria a: estrutura do evento?**

Satisfatória: 33% dos participantes.

Muito satisfatória: 67% dos participantes.

### **5 De que maneira avaliaria a: programação do evento?**

Razoável: 10% dos participantes.

Satisfatória: 23% dos participantes.

Muito satisfatória: 67% dos participantes.

### **6 De que maneira avaliaria a: divulgação do evento?**

Razoável: 19% dos participantes.

Satisfatória: 33% dos participantes.

Muito satisfatória: 48% dos participantes.

### **7 De que maneira avaliaria a: Grande roda de conversa (Professores Valdo José Cavallet e Luiz Augusto dos Passos)?**

Razoável: 5% dos participantes.

Satisfatória: 28% dos participantes.

Muito satisfatória: 67% dos participantes.



**8 De que maneira avaliaria o: Painel de comunicações orais (trabalhos convidados a expor seus trabalhos)?**

Razoável: 5% dos participantes.

Satisfatória: 33% dos participantes.

Muito satisfatória: 62% dos participantes.

**9 De que maneira avaliaria a atividade cultural? Show de Rock Antifa (bandas de rock locais)**

Insatisfatória: 3% dos participantes.

Razoável: 7% dos participantes.

Satisfatória: 10% dos participantes.

Muito satisfatória: 80% dos participantes.

**10 Qual foi a temática ou dinâmica do II Encontro que mais gostou? \***

- Apresentação de trabalhos inspirados em Paulo Freire;
- As comunicações orais de trabalhos;
- Encontro dos professores, mostrando a relação com Paulo Freire;
- Roda de conversa;
- Foram todas igualmente pertinentes e agradáveis;
- Agroecologia;
- Show Rock Antifa;
- Ligação direta com os princípios das obras de Paulo Freire;
- As abordagens sobre a obra freireana, que incluíram a valorização do livro e da leitura, além daquelas baseadas em experiências práticas em sala de aula;
- As apresentações foram muito boas;
- As apresentações presenciais e on-line;
- História do Paulo Freire;
- Videochamada com os professores;
- A interação por internet;
- Gostei do encontro todo;
- Gostei da temática Paulo Freire, Educação e entrega de livro;
- Mesa redonda virtual;
- Sobre as possibilidades de aplicação do pensamento de Paulo Freire no projeto pedagógico escolar.



## 11 Quais temas e sugestões para o próximo Encontro da Cátedra? \*

- Maior tempo de apresentação dos trabalhos;
- Continuar com as comunicações orais e garantir espaço para declamar poesias, manifestos e lançamentos de livros que estejam dentro da filosofia da Cátedra;
- Rodas de conversa;
- Partilha de vivências emancipatórias;
- Agroecologia e educação;
- Os processos de construção de sentido ou de significação de palavras freireanas (esperançar, gentetude, boniteza, conscientização, práxis, palavramundo, etc.) no cotidiano educacional, enraizados na escola pública;
- Educação especial e inclusiva;
- Apresentação de trabalhos desenvolvidos nas escolas públicas;
- Desnazificação;
- Temas: Paulo Freire e suas possíveis interlocuções com pautas afirmativas, como o antirracismo, o feminismo, os movimentos LGBTQI+, as ancestralidades, entre outros. Sugestão: Entrega de um concurso literário, realizado previamente, sobre Paulo Freire;
- Sugestão de intervalo de uns 15 minutinhos pelo menos;
- Mais tempo para as apresentações da Cátedra;
- Ecoativismo na luta antifascista;
- Mostrar exemplos do ensino de Paulo Freire;
- Os movimentos organizados das comunidades e suas abrangências;
- EJA no DF e no Campo;
- Estratégia de ensino;
- Obras e pensamento de Paulo Freire;
- Vida e obra de Paulo Freire;
- Cursos sobre os livros de Paulo Freire.

## 12 Espaço aberto para demais comentários, sugestões ou contribuições:

- Sempre fazer a programação cultural. Lindo encontro, cheio de esperança e reunindo movimentos sociais, Universidade e sociedade. Que venham os próximos;
- Foi sensacional não tenho que reclamar;



- Foi um encontro potente, afetuoso e significativo. O único detalhe que poderia ser reavaliado são as questões referentes à potência da rede de internet para transmissão e participação remota;
- Importante que a Universidade possa manter sempre as portas abertas à comunidade;
- Que venham outros encontros da Cátedra!
- Excelente evento! A FUP mais uma vez demonstrando integração entre academia e comunidade e variedade na hora de tratar dos mais diversos temas.
- Parabéns!
- Gostei muito do II Encontro da Cátedra. Não gosto muito de metal; o encontro poderia ter rock menos pesado ou incluir artistas de outros estilos musicais.
- Estabelecer grupos de pesquisa sobre os livros de Paulo Freire e estratégias para aplicar seu pensamento na prática escolar.
- Que sejam promovidos cursos de extensão sobre Paulo Freire e temas relacionados para a comunidade externa e escolas públicas do DF.
- Importante evento para reunir as experiências inspiradas em Freire.



## CADERNO DE SUBSÍDIOS, MANIFESTOS E TEXTOS DE APOIO

A comissão organizadora do II Encontro preparou um caderno de subsídios, em versão impressa, contendo as principais informações sobre o evento, a história e a organização da Cátedra, informações básicas sobre a vida e obra de Paulo Freire, além de outros materiais de apoio ao Encontro, como manifestos e moções a serem apreciadas pela plenária.

### TEXTOS DE APOIO



#### CARTA DE CUERNAVACA (Minuta)

Os membros do Conselho Mundial dos Institutos Paulo Freire e os educadores, pesquisadores e militantes dos movimentos de Cultura Popular e de Educação Popular, referenciados no legado de Paulo Freire e oriundos das diversas partes do Planeta, inscritos no XIII Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire, realizado em Cuernavaca, México, nos dias 17 a 19 de setembro de 2021, cujo tema é “Resistência às Desigualdades da Onda Neoconservadora”, e

#### CONSIDERANDO:

1.º) que a “onda neoconservadora” que grassa pelo mundo e atinge, de modo especial, os países da América;

2.º) que as desigualdades exacerbadas por essa onda agravaram sobremaneira a situação de opressão das classes sociais subalternizadas e das impropriamente denominadas “minorias” étnicas, de gênero, religiosas e culturais;

3.º) que a diáspora massiva e extremamente arriscada de populações atingidas pelas guerras, pela miséria e pelas perseguições intoleráveis dos



grupos racistas e que defendem a cultura da supremacia e do ódio, provocando verdadeiros genocídios, especialmente entre as mulheres, as crianças e os povos ancestrais;

4.º) que o resultado da resistência por meio do “esperançar” ativo nos evidencia o renascimento das forças progressistas, que têm logrado, inclusive, conquistar ou reconquistar o poder do Estado, particularmente na América Latina;

5.º) que toda e qualquer “situação limite” representa para nós, freirianas e freirianos, a possibilidade de sua transformação em “inédito viável”,

## **PROCLAMAMOS:**

1. Nossa incondicional repulsa a toda e qualquer forma de enunciação de supremacia, provocadora da discriminação e da exclusão étnica, racial, econômica, social, política, sexual, religiosa e cultural, bem como nossa categórica denúncia e conclamação à resistência ao erguimento de barreiras físicas aos migrantes de quaisquer partes do mundo, no sentido de promover sua recepção humana e solidária em qualquer território de destino.

2. Nossa oposição veemente a qualquer discurso, ou a qualquer atitude anti-dialógica e de ódio, nos dispendo a lutar pela denúncia, apreensão, julgamento justo e punição de qualquer defensor dessas barbáries e de qualquer responsável pela ameaça ao direito de autoafirmação dos povos, à Democracia e ao Estado de Direito.

3. Nossa explícita ratificação da necessidade da pregação e da implantação do diálogo em todas as relações humanas.

4. Nosso empenho na implantação de processos educacionais e de formulações pedagógicas empoderadoras das oprimidas e dos oprimidos, na sua resistência à alienação promovida pelos grupos neoconservadores e demais opressores, que querem “naturalizar” a dominação, despolitizando-a e des-historicizando-a.

5. Nosso inarredável compromisso com a disseminação e com a incorporação, nos currículos educacionais, dos avanços culturais, científicos, tecnológicos e políticos dos povos ancestrais, especialmente, no que diz respeito à conviência sustentável com o meio ambiente.

6. Nossa convicção de que o legado de Paulo Freire é atual e nos oferece potentes instrumentos para a resistência e para a luta contra qualquer forma de opressão e para a promoção da inclusão de todas e de todos na produção e no usufruto do patrimônio cultural da humanidade.

Cuernavaca, 17 de setembro de 2023.



## MANIFESTAÇÕES DE APOIO

### CARTA DO COLETIVO LEITORAS DE PAULO FREIRE

Saudação Francobrasileira

Paris, 28 de setembro de 2023

Queridas, queridos e querides participantes do II Encontro da Cátedra Vivenciar Paulo Freire e demais práxis emancipatórias: tecendo fios, construindo conexões,

É com alegria que atendo ao pedido da professora Rosy Vasconcellos para fazer uma saudação de abertura a vocês, que no dia de hoje se encontram para compartilhar experiências, estudos e pesquisas sobre o conhecimento e a reinvenção do legado de Paulo Freire. Fico feliz com este convite para fazer parte, ainda que de modo breve, por meio desta escrita. Importante dizer que o convite não se deu por acaso, mas em função do modo como, nos últimos tempos, nossas Andarilhagens com as leituras de Paulo Freire estão se entrecruzando, em conexão Brasília-Paris-Rio Grande do Sul.

Sem me alongar nesta escrita, não posso deixar de dizer que escrevo ainda impactada pela emoção do Encontro franco-luso-brasileiro que realizamos aqui em Paris, dias 24 e 25 de setembro. Em nome do Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França, que organizou o evento em parceria com universidades e outras Associações, agradeço a participação da professora Rosy, que esteve conosco trazendo a experiência da Cátedra de Brasília. Gostaria de expressar minha admiração pelo seu trabalho, pelo modo como preza pelo legado de Paulo Freire na teoria e na prática.

A programação para o dia de hoje está linda e realmente dá vontade de estar presencialmente neste momento com vocês! Desejo um excelente encontro, na expectativa de seguirmos expandindo diálogos em conexão Brasília-Paris-Rio Grande do Sul. Trago então o nosso convite para nos encontrarmos em outras atividades de estudos e leituras de Paulo Freire, além de sugerir exercermos



o diálogo também por escrito. Vamos pensar possibilidades? Esta saudação é também uma provocação para aproximarmos nossas experiências, por isso este convite se apresenta, a seguir, em forma de um cartão postal pedagógico.

Se possível, sugiro que incluam na plenária final o nosso convite e pensem possibilidades para seguirmos compartilhando Andarilhagens, de modo a fortalecer parcerias para enfrentar os desafios que são muitos. Forte abraço!

*Ara Lúcia Souza de Freitas*

P/Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França



Figura 19: Registros do Encontro Franco-Luso-Brasileiro de Educação Popular



Fonte: Acervo da Cátedra (2023).

Figura 20: Versão inaugural do cartão pedagógico

Bolões da Prauenique com Paulo Freire no Jardim Maral/Le Franco em Paris, 2020, 2021 e 2022.  
(Descrição da imagem, fonte Calibri 10).

**Título: Vamos criar cartões postais pedagógicos?**

Sejam bem-vindas, bem-vindos e bem-vindes! É com alegria que escrevo a vocês esta versão inaugural do cartão postal pedagógico, tendo como finalidade instigar a produção de trabalhos nesta modalidade. Esta proposição toma como ponto de partida o conhecimento produzido nas *Andarilhagens* com o Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire no sul do Brasil (FREITAS, 2023), enfatizando o valor de outros modos de expressão. Propomos uma escrita de **até 300 palavras** (incluindo referências), acompanhada de uma **imagem significativa** e um **título instigante** para apresentar o conteúdo de seu trabalho. **Destinatárias/os** podem ser reais ou fictícias/as. Se possível, incluir no **corpo do texto** um **questionamento** convidativo ao diálogo. Também deve conter: **remetente, data, palavras-chave** e **referências**. Utilizem esta versão como template, substituindo a imagem e os elementos textuais de acordo com sua proposição. Ao fazê-lo, considerem que a forma é também conteúdo para compartilhar sua experiência e reflexão sobre as leituras de Paulo Freire. Ou seja, a produção da imagem é um desafio para ampliar a expressão escrita. Podem utilizar uma ou mais fotografias, desenhos, figuras, diagramas, gráficos, montagens com elementos diversos. Criem uma composição criativa, com **boniteza** (REDIN, 2018), apresentando uma imagem que estabeleça relações entre texto e contexto para promover a **reflexão crítica sobre a prática** (FREIRE, 1996). Façam suas provocações para compor os círculos dialógicos! Esperamos voçel@s (Calibri 13, espaço simples).

**Palavras-chave:** Cartão postal pedagógico. Leituras de Paulo Freire. Boniteza. Orientações.

**Referências**

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. *Andarilhagens de uma educadora pesquisadora: Cartas Pedagógicas e outros registros de participação no Fórum de Estudos Leituras de Paulo Freire*. — 2a ed. — Belo Horizonte: Caravana, 2023. 460 p.

REDIN, Euclides. Boniteza. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (org.). *Dicionário Paulo Freire*. 4. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2018, p.71-73.



**Destinatárias/ss/es:**  
Estimada/s/os/es participantes do Encontro Franco-luso-brasileiro de educação popular

**Remetente:**  
Ana Lúcia Souza de Freitas  
Coletivo leitoras de Paulo Freire na França/Unipampa  
[0311anfreatas@gmail.com](mailto:0311anfreatas@gmail.com)

**Data:**  
Paris, 20 de agosto de 2023.

Fonte: <http://bit.ly/leitoraspaulofreirefr>



## **MANIFESTAÇÃO DE APOIO DO DEPUTADO DISTRITAL GABRIEL MAGNO, CRIADOR DO PRÊMIO PAULO FREIRE**

Olá pessoal, tudo bem? Aqui é o Gabriel Magno, sou deputado distrital e também presidente da comissão de educação da Câmara Legislativa e quero saudar esse encontro da Cátedra Paulo Freire, e a coordenadora desse evento muito importante, professora Rosy Vasconcelos e dizer que nós estamos num momento de reconstrução no nosso país, de fortalecimento da democracia, de retomar os direitos sociais. E, a gente sabe, como nosso patrono da educação nos ensinou, que educação é uma parte muito importante desse processo de fortalecimento da participação popular e da garantia dos direitos. A gente sabe também que nesse processo ainda resta no nosso país infelizmente, aqueles mais extremistas que insistem em criminalizar a escola pública, atacar o direito à educação dos nossos estudantes, criminalizando e perseguindo a própria atuação dos professores e professoras nas salas de aulas nas escolas. Por isso, mapear as boas práticas educacionais, a vivência freireana nas nossas escolas, nos movimentos, na universidade é tão importante na criação dessa rede fundamental de garantia dos nossos direitos. Então quero parabenizar a todos que se inscreveram na Cátedra, parabenizar o conjunto da universidade, o conjunto também dos organizadores, grandes lutadores em defesa da nossa educação, os movimentos sociais. Também quero fazer um convite que nós estamos muito em sintonia, hoje dia 28/09 também às 19 horas, nós vamos entregar uma sessão solene o primeiro prêmio Paulo Freire de educação da comissão de educação, saúde e cultura da Câmara Legislativa. Foi aprovado esse ano aqui nessa casa, também nesse sentido de potencializar, de articular essas importantíssimas práticas e boas práticas educacionais em defesa da gestão democrática do currículo em movimento, de uma educação emancipadora, libertária, inclusiva. Então quero aqui nos colocar à disposição também da Cátedra e de todos aqueles que constrói diariamente a escola pública, uma educação de qualidade. Um grande abraço, um bom encontro para nós e seguimos juntos em todas as lutas.

(transcrito de vídeo produzido especialmente  
para o Encontro da Cátedra em 2023)



## MOÇÃO DE APOIO

A Cátedra Vivenciar Paulo Freire e demais práxis emancipatórias da Faculdade UnB Planaltina vem a público manifestar seu apoio à Educação de Jovens e Adultos do Distrito Federal, no esforço que vem empreendendo os movimentos populares para evitar o fechamento de escolas e salas de aula de EJA e, ao mesmo tempo, ampliar as oportunidades de acesso e permanência com qualidade a essa população historicamente excluída.

Alinhada à práxis crítico-dialógica de Paulo Freire, a Cátedra se insurge contra qualquer forma de exclusão e opressão e busca provocar e vivenciar uma educação que seja política e emancipatória e que liberte de qualquer amarra de opressão.

Apoiamos também a luta dos movimentos de defesa da EJA e seus educadores e educadoras que, historicamente, pelo seu enfrentamento cotidiano, buscam garantir o direito básico à educação de qualidade social, no caminho da construção de uma escola emancipatória.

Brasília, 28 de setembro de 2023



**Figura 21:** Ilustração simbólica que reflete a importância do afeto na educação



Fonte: Acervo da Cátedra (2023)

**Figura 22:** Montagem visual em homenagem a Paulo Freire



Foto: Acervo da Cátedra (2023)



## CARTAS APRESENTADAS AO II ENCONTRO

---

Maria Luiza Pereira Pinho – GTPA-FÓRUM -EJA/ DF  
Homenagem pelos 102 anos de Freire.  
Solenidade de lançamento da CONAE Distrital.  
Câmara Legislativa do Distrito Federal. 19/09/2023.

---

### PAULO FREIRE CONTINUA VIVO ENTRE NÓS

O Brasil poderia ter tido um destino diferente caso o golpe militar não tivesse ocorrido. Paulo Freire celebra seu 102º aniversário, uma vida inteira dedicada ao compromisso com o povo brasileiro e sua libertação. Sua trajetória, por si só, é um exemplo de resistência e militância. Vamos explorar a vida de Freire por meio dos verbos, pois Paulo Freire personifica a ação transformadora.

Ele nutria a esperança de uma utopia: o socialismo democrático. Esse ideal remonta às experiências históricas do início do século XIX, abordando os desafios intrínsecos à democracia em uma sociedade socialista. Não devemos hesitar nem temer afirmar que Paulo Freire tinha e tem um projeto para uma nova sociedade. Esse projeto não apenas questiona o capitalismo cruel e desumano, mas também aponta para a possibilidade de transformar a sociedade. Ele buscou conscientizar, indo além da cognição e da moral. Freire trouxe para a educação a essência da energia amorosa humana, que transforma ações, projetos e ideias.



Essa conscientização vai além do campo filosófico e da saúde mental e pode até ser transcendental.

Nesse contexto, a escuta sensível, é mais do que empatia, envolve uma verdadeira comunicação com o outro. Acontece no diálogo, baseado na escuta sensível, há respeito mútuo, mas não se trata de um círculo em que todos são iguais. O círculo de cultura reconhece que cada indivíduo traz saberes gerados em sua própria experiência de trabalho, resistência e sobrevivência. Esses saberes, em um contexto de diálogo, se organizam para lutar por direitos. Não basta apenas olhar nos olhos ao formar um círculo; é fundamental abordar as problemáticas e buscar soluções por meio da alfabetização.

O último verbo é “agir”, mas não se trata de um agir individual. A práxis implica que nosso agir é sempre coletivo e traz consigo a possibilidade de transformar a realidade. Isso não é romantismo ou idealismo, mas sim uma aplicação objetiva do materialismo histórico dialético. Paulo Freire compreendia claramente as contradições e as viveu intensamente, seja no Brasil, quando foi preso, seja no Chile, ao constatar as limitações do socialismo cristão. Durante o exílio, ele contribuiu significativamente para a libertação dos povos que já tinham conquistado a emancipação Colonial dos Países de Língua Portuguesa

Portanto, Paulo Freire é o cerne do projeto político-pedagógico para educação, pois não há pedagogia verdadeira sem a intenção e o propósito de transformação. A retomada da democracia, buscando unidade, é o fundamento do agir com práticas transformadoras. Paulo Freire continua vivo entre nós, inspirando e impulsionando a busca por uma sociedade mais justa e igualitária.



# PAULO FREIRE E A LUTA POR UMA EDUCAÇÃO PÚBLICA DE QUALIDADE E EM UM PAÍS SOBERANO

---

Raimundo Kamir.

Professor de Artes da Rede Pública de Ensino.

Membro da Direção Colegiada do Sinpro-DF.

Coordenador de Políticas Sociais.

---

Se estivesse vivo, o Patrono da Educação Brasileira, Paulo Freire, faria 102 anos no dia 19 de setembro de 2023. A data de nascimento de Freire, reconhecido mundialmente como um dos maiores e mais profundos educadores do planeta, tornou-se momento importante para a reflexão sobre a importância e a necessidade de defendermos a educação pública, gratuita, democrática, popular, laica, inclusiva e de qualidade socialmente referenciada para o Brasil conseguir ser uma nação desenvolvida e soberana.

O legado de Paulo Freire é imenso e, entre o espólio de seu aporte literário, destaco a defesa da educação como um ato político e transformador, capaz de empoderar as pessoas e promover um modelo de sociedade livre de opressões. Quando pensamos a escola brasileira a partir de uma perspectiva freiriana, entendemos que é preciso existirem condições de vida e de trabalho favoráveis aos(as) educadoras(es), estudantes e trabalhadoras(es) da educação a promoverem as práticas pedagógicas com mais autonomia.



O problema é que, quando o neoliberalismo ataca a educação, como um todo, como aconteceu recentemente no Brasil, durante os governos federais entre 2016 e 2022, dificulta e, muitas vezes, impede a construção do “ser mais” de Paulo Freire, limitando e impedindo, como está acontecendo, atualmente, no Estado de São Paulo, o desenvolvimento de uma educação voltada para capacitar as pessoas para a cidadania e a construir seres humanos sujeitos(as) críticos(as) que possam desfrutar de uma cidadania plena.

O movimento dos professores(as) e orientadores(as) educacionais e seus sindicatos no País afora, com seu papel fundamental na luta em defesa dos direitos dos(as) trabalhadores(as) da educação por condições mais adequadas de trabalho e valorização profissional, corrobora a ampliação das condições materiais que vão ao encontro de uma prática pedagógica crítica e emancipadora. Esse compromisso com a luta em defesa do legado de Paulo Freire é de extrema importância para a garantia de uma educação pública de qualidade socialmente referenciada, democrática e inclusiva.

O fomento às formações sindicais na educação visa a fortalecer a ideia de uma educação como práxis emancipadora, contribuindo para a construção de uma consciência crítica para o enfrentamento das desigualdades presentes no sistema educacional. Esse processo só é possível quando todos(as) os(as) atores(as) da escola e ao redor dela estiverem construindo, como sujeitos e sujeitas, essa ruptura com o modelo de sociedade que produz e reproduz a lógica da miséria, da desigualdade social, do machismo, do racismo, da LGTBfobia, dentre outras opressões estruturais.

Nesta comemoração dos 102 anos de natalício do Patrono da Educação Brasileira, seus ensinamentos nos trazem reflexões preciosas para um período de reconstrução do País, que estamos vivendo agora, e para o fortalecimento da luta pela Educação libertadora. A conjuntura atual abre mais espaços para proposições que defendem a educação pública, contudo, isso não significa que a luta deve enfraquecer. O momento é de propor e de disputar um modelo de educação pública e gratuita, construído e forjado para transformar o mundo em um lugar mais justo, solidário e amoroso e nosso País em uma nação soberana.

Viva Paulo Freire!



# **EM FAVOR DAQUELES DESASSISTIDOS PELA ECONOMIA DOS PRIVILÉGIOS: DIÁLOGOS FREIREANOS ENTRE BRASIL E CUBA**

---

Paulo Gabriel Franco dos Santos - Universidade de Brasília  
Ihoasvanni González Duquesne - Universidad Enrique Jose Varona,  
Havana, Cuba

---

Brasil e Cuba, dois territórios que se constituíram a partir dos violentos processos coloniais, da voracidade do capital e da exploração do ser humano sobre o ser humano. Também são dois países de onde surgiram lições históricas de resistências dos povos subjugados e oprimidos. No caso brasileiro, e hemos de lembrar sempre, nenhum dos grandes avanços (independência, abolição, sufrágio universal, educação pública e gratuita, políticas de ações afirmativas, entre outras tantas) foram realizados de bom grado pelas forças hegemônicas, pela benevolência das autoridades ou por quem detinha o poder. Em Cuba, as lições também estão marcadas na história e foram relevadas no projeto revolucionário. A maior das Antilhas nos deixou para a América Latina e o Caribe a lição da revolução política e social que, entre tantos avanços humanitários, nos ensinou sobre soberania, poder popular e dignidade.



Brasil, um país profundamente neoliberal, ainda que haja experiências e projetos críticos e emancipatórios, dialoga com Cuba, um país socialista fruto de uma revolução popular, encontram-se entre tantas encruzilhadas históricas e políticas, no reconhecimento de Paulo Freire como um intelectual fundamental e um educador exemplar. De um lado, no Brasil, Freire e suas ideias tiveram (e têm) que resistir ao ranço anti-intelectual da ditadura militar-empresarial, ao conservadorismo tacanho e às tendências de regressão da civilização, ao mesmo tempo que é tensionado por projetos políticos de esquerda mais radicais. Em Cuba, Freire também tem que dialogar para ingressar em um contexto constituído pelos ideários humanistas de José Martí, da revolução socialista e da educação de influências diversas, inclusive russa. Aí está a beleza histórica do elo freireano que liga Cuba e Brasil: não negar a contradição e trabalhar em favor do povo.

Antes do implacável inquérito político-epistemológico que busca ansiosamente enquadrar determinado pensador em alguma caixinha academicamente selada, entendemos que as perguntas fundamentais dizem respeito ao lado de quem esse pensador pensa, em favor e contra quem ele empreende seu projeto intelectual e de qual lado da trincheira ele está.

O sentido de luta que aprendemos com Paulo Freire encontra-se na raiz de uma das suas principais obras, pois a Pedagogia do Oprimido, segundo ele, a pedagogia do oprimido é sobre o imprescindível aprendizado da luta, de tomar a palavra daqueles que já a detêm e a recusa aos demais. Denunciar sistemas enraizados de opressão, contestar a ordem vigente, pôr-se em favor dos fracos, descamisados, despossuídos para, em diálogo, pronunciar o mundo e construí-lo sob outras bases é uma das lições máximas de Paulo Freire.

Neste momento histórico em que a Nuestra América ainda é um projeto legítimo e que a Pátria Grande ainda espera que os laços entre os seus povos diversos possam dignificar cada um em suas particularidades materiais e culturais, as articulações sob o signo do pensamento freireano são ações de esperança e de certeza de uma utopia viva e pujante.

A cátedra “Vivenciar Paulo Freire e demais práxis emancipatórias”, encontra e celebra as experiências cubanas relacionadas ao pensamento freireano, especialmente a recém-criada “Cátedra Latinoamericana Paulo Freire”, com sede na Universidad Enrique José Varona, em Havana, Cuba, cuja pretensão é desenvolver atividades e oficinas culturais, assim como intercâmbios científicos sobre a necessidade da unidade dos educadores da América Latina e do mundo, no qual se evidencie o ideal de ser humano latino-americano à luz dos novos



tempos e se impõe o fortalecimento dos valores da cultura e da identidade dos povos das nossas regiões. Por isso, a Cátedra Latinoamericana Paulo Freire nasce com desejo de promover estudo do referido educador social, sobre as bases dos seus pensamentos, de modo a fomentar um ideal de ser humano a se formar, com a pretensão de convergir pensamentos comuns dos diferentes educadores das regiões da América Latina e do Caribe.

Um projeto de educação crítico e emancipatório não é capaz de avançar sem uma noção profunda da realidade em que se desenvolve e onde pretende-se operar. Por isso mesmo, ao estabelecer o diálogo Brasil-Cuba sob perspectivas freireanas, é fundamental que se assinale que, no presente histórico, os esforços devem ser voltados em defesa dos países latino-americanos e caribenhos, especialmente de Cuba, contra a agenda imperialista estadunidense que insiste em impor sobre este país duras medidas políticas, econômicas e sociais que pesam profundamente sobre os projetos de desenvolvimento, articulação internacional e avanço material. Dizemos não ao bloqueio à Cuba e sim à soberania deste país.

Viva Paulo Freire! Viva Cuba!

Viva Brasil!

Viva os projetos emancipatórios produzidos a partir da amizade entre os povos!



# COMO VIVENCIAR PAULO FREIRE NOS ESPAÇOS DA UNIVERSIDADE E SUA RELAÇÃO COM A COMUNIDADE

---

Luiz Augusto Passos - Universidade Federal de Mato Grosso

---

Há um elemento importante de escolha para este tema de hoje, ele provoca uma memória de Paulo Freire que sempre será uma memória extremamente forte, por se renovar a cada momento de sua vida.

Freire era um menino nordestino de família empobrecida e com poucos recursos para sobreviver. E, se pode afirmar com toda a grandeza de que as pessoas o amavam por sua delicadeza, resistência, criança que aprende com o mundo, e se relaciona com a terra, com as árvores, com a ausência de recursos, que o fez aprender na escrita do chão, muito mais do que em cadernos. Mas teve um carinho e um cuidado por sua esperteza, vivacidade, e era - podemos falar isso de boca cheia - um tuberculínico, isso é pessoa que na homeopatia é incansável, entra em tudo com fogo, e como o fósforo, de forma ardente, acende e queima e por isso, é um tipo humano, ativo, trabalhador, aparentemente incansável, mas que passa do extremo de dedicação, - o fósforo é uma imagem, estiola e queima com perspectiva de virar cinzas, e também sair do que a gente chama de fase ‘estênica’ que é oposta à fase “astênica” na qual não há mais força alguma. Não era à toa que ele era incansável, e se refazia, e vinha sempre com novas criatividades, mas sempre em um ciclo, que se repetia, se reorganizava, fazia fogo, e não raro sofria nos momentos das cinzas. Então, isso era um ciclo



da vida do próprio Paulo Freire. Jamais pararia, como não para e não desiste de retomar, reacender, e refazer. E, sempre não faz a mesma coisa. O brilhantismo do fósforo é criar. É superar o que não deu certo, e propor sempre coisas que ninguém esperava, por que é feito de ESPERANÇA. Tem uma grande vantagem contra seus inimigos. Voltará à arena para a luta com outra estratégia que supere o que não deu força, ou ainda faltou para inovar. Mais que isso, se recicla no sentido extremos, nunca voltará como cópia ou reprodução. Ele é a criação de si mesmo a partir do que encontrou e sentiu fragilidade.

Paulo Freire é um ARTISTA da palavra, dos sonhos, da superação, da tenacidade e de sempre SURPREENDER. APRENDE sempre mais da vida. Por isso ele não se termina, ele se recria, de certa forma, contrapondo-se aos adversários que queriam fechá-lo. Ele não copia, inova. Ele não desiste, não para, até porque de certa forma a fome, que era um componente permanente, num menino franzino hiperativo e também quase incansável. Ele ia à feira, nada lhe passava longe dos olhos, olhava tudo com fome, de ver, de conhecer, de compreender, de explicar a si próprio. Sempre as pessoas, quer pela simpatia, quer por estar “ligado” em tudo, não raro lhe davam um trabalhinho de carregar um pacote, para obter uma moeda para comprar um caramelo. Ele menciona isso com prazer. Como um bom “fósforo” é muito afetivo e expressivo, e as pessoas viam o interesse dele, naquela compra carregada era também um momento de saciar desejos, e às vezes a fome. Mesmo no exílio, quando adulto. Os filhos contavam que sentiam falta da carne mas não era “presença” na comida como era no Brasil. E, às vezes, era inventada formas de consegui-la de maneira que se tornava rara.

Tudo isso fazia um certo sofrimento visível, mas as condições de estar a serviço, e priorizar o trabalho com pessoas a quem já faltava muito, os faziam adaptar-se para poder sobreviver com estratégias diversas... Havia plena consciência de que eles estavam ali para servir, ajudar, e sobretudo fazer a melhor educação possível em favor da liberdade, da autonomia, da democracia e em favor do acesso à cultura necessária para que as pessoas pudessem crescer em cidadania, em direitos, em conhecimentos, e sobretudo em sentimento público de pertença, e mesmo na defesa de sua humanidade.

Em poucos momentos Freire discretamente fala de que as pessoas crescem, para a autonomia, para a cidadania, e em segundos, parecem retroceder. E, é possível e necessário todo o cuidado e ajuda para que elas possam de novo reconquistar este estado de liberdade que não seja uma nova prisão, na dependência;



e no desapareço da liberdade que antes tinham manifestado. Sua companheira era mestra em usar das estratégias de recomeçar, e ajudar Paulo, a não desanimar. Essa era a luta do dia a dia. Construir autonomia, liberdade, e não ser servil e repor a dependência que os retira da condição plena da independência política. Sempre Freire guardou em África de um cuidado de aprender com os nativos. E, uma ocasião quando visitava Mato-Grosso a convite de missionários de diversas congregações, cito nomeadamente Jesuítas e Salesianos, que trabalhavam com indígenas na Missão. Freire fez questão, de entrar em assuntos delicados. Disse: “Eu não teria aceitado vir aqui, apesar de nunca antes ter diretamente trabalhado com indígenas no Brasil. Contudo eu não viria se me achasse despreparado para vir”. Justificava: “Meu aceite é a descoberta que estou fazendo neste momento, que há muito do que aprendi em África com o que hoje revejo aqui nestas sociedades” que há um outro modo de ver o mundo muito diverso lá e aqui. Mas que se conversam. Mencionando o lastro de ancestralidade que se fazia presente no Mato Grosso.

Quero ainda dizer uma palavra para abrir o diálogo com todos. Do ponto de vista filosófico, vou resumir, pois perdi o texto maior que escrevi, para comunicar a vocês, com o trovão que aniquilou minha anotações no computador. É simples. Do ponto de vista filosófico trabalho com Merleau-Ponty que terminou amigo próximo de Lévi-Strauss, e que, inclusive foi definitiva o agenciamento de M. Ponty para a conquista da Cátedra de Lévi-Strauss. E Lévi-Strauss oferece à morte de Merleau-Ponty o texto “O Pensamento Selvagem” em homenagem a ele. M.-Ponty entendia que Lévi-Strauss tinha ido um pouco mais longe em acolher a diferença da singularidade de cada etnia e pessoa, para além de um carimbo genérico. Isso que digo é importante pois estou conversando agora sobretudo com professores Indígenas e com pessoas de mais de uma etnia, e mesmo quando sejam de uma única etnia não podem ser compreendidos sem a DIFERENÇA de sua singularidade.

A categoria eu a simplifico. Para Merleau-Ponty que supera a filosofia moderna em estabelecer uma dialética que brinca com dois polos antitéticos, contrários e os põe como ou UM ou OUTRO, que ganha a luta, e o outro que inexoravelmente PERDE a luta. É típico de toda a filosofia moderna pensar a história ou como vencedores ou como perdedores. Uns ganham outro perdem. Para Merleau-Ponty isso é um erro e um equívoco! Todos nós ganhamos e perdemos sempre, por permanente desequilíbrio instável que não tem termo final.



A Filosofia da Merleau-Ponty em sua filosofia estão como constitutivo de toda a realizada um princípio de AFIRMAÇÃO E UM PRINCÍPIO DE NEGAÇÃO, que não se destroem um ao outro.

Somos CARNE e somos CORPO PRÓPRIO simultaneamente em equilíbrio instável. Enquanto CARNE somos universais e os mesmos - sem diferença neste aspecto. Mas sob o CORPO PRÓPRIO todos e todas/es somos DIVERSOS E ÚNICOS ENQUANTO SERES SINGULARES.

Estes princípios brigam em nós, mas não nos destroem. Ao contrário nos mobilizam e sustentam uma dialética aberta até o fim, na inconclusão! Não há nenhuma dialética vencedora com a anulação do outro polo. Teremos que nos reconciliar com nossas diferenças e acolhe-las como parte da vida dos cosmos. E saber, o quanto, efetivamente, somos seres abertos até o fim, sem ocaso, e sem termo, vivos, dinâmicos, inteiros e ao mesmo tempo inéditos.

Vivamos a vida de permanência e itinerância, e sobretudo de provocações infundáveis.

Muito grato.



## **EQUIPE ORGANIZADORA E PARTICIPANTES DO II ENCONTRO DA CÁTEDRA VIVENCIAR PAULO FREIRE E DEMAIS PRÁXIS EMANCIPATÓRIAS**

**A equipe de organização foi composta por:**

Rosylane Doris de Vasconcelos  
Maria Osanette de Medeiros  
Regina Coelly Fernandes Saraiva  
Jair Reck  
Naraline Martins Machado  
Paulo Petronilio Correia  
Janaina Deane de Abreu Sa Diniz  
Talita de Jesus Lima  
Clarice Aparecida dos Santos  
Marcelo Ximenes Aguiar Bizerril  
Mateus Faustino Salazar da Rocha  
Daiane Esteves Alves  
Arthur Goncalves de Freitas  
Kamila Miranda Batista  
Ana Cláudia Alves da Silva Ofuji  
Francielle de Paula Marques  
Laura Lyrio Gonçalves  
Paulo Eduardo de Brito  
Giovani da Conceição Santos  
Tamires Tamiriele Barbosa Santos  
Maria da Solidade Vicente da Silva  
Raimundo José de Albuquerque Filho

### **INSTITUIÇÕES PARTICIPANTES QUE ESTIVERAM REPRESENTADAS FORAM:**

Academia Planaltinense de Letras, Artes e Ciências (APLAC)  
Associação dos Produtores Rurais da Pedra Fundamental Planaltina – DF  
Associação Nacional de Pós-Graduação (AnPG)  
Central Única dos Trabalhadores – DF (CUT-DF)  
Centro de Desenvolvimento Sustentável da UnB (CDS)



Centro de Educação Paulo Freire de Ceilândia (CEPAFRE)  
Centro de Gestão e Inovação da Agricultura Familiar (CEGAFI)  
Câmara Legislativa do Distrito Federal (CLDF)  
Coletivo Leitoras de Paulo Freire – França Departamento de Estudos Latino-  
Americanos (ELA/UnB)  
Estudantes, técnicos, docentes e dirigentes da Universidade de Brasília  
Fórum Permanente de Educação do Campo do Distrito Federal (FECAMPO-DF)  
Grupo de Pesquisa (Sócio) Linguística, Letramentos Múltiplos e Educação  
(SOLEDOC)  
Grupo de Trabalho Pró-Alfabetização do Distrito Federal (GTPA – Fórum EJA/DF)  
Levante Popular da Juventude – Planaltina-DF  
Movimento Antifa – Rock - DF  
Movimento de Mulheres Camponesas (MMC)  
Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)  
Organização em Rede Social  
Representação dos Movimentos Culturais de Planaltina  
Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF)  
Sindicato dos Professores do Distrito Federal (SINPRO-DF)  
Universidade do Distrito Federal Jorge Amaury (UnDF)  
Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT)  
Universidade Federal do Paraná (UFPR)

## **PARTICIPANTES:**

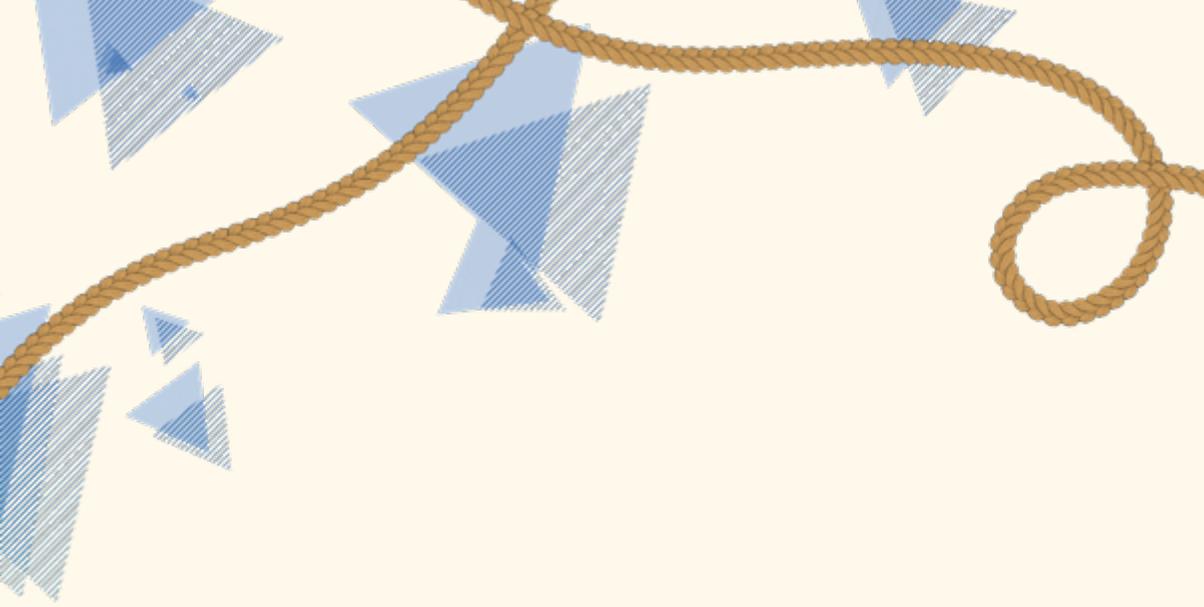
Adailton Rodrigues Souza  
Adevaldo Pereira Dias  
Allani Sousa Reis  
Ana Bmaria Evangelista Ferreira Brito  
Ana Cassia Reck Silva  
Ana Kelly Lisboa de Sousa  
Anderson Natanael Silva Lima  
Andréa Pereira de Oliveira Alves  
Clarice Gosse  
Claudio Antunes Correia  
Darlan Quinta de Brito  
Debora Pereira de Oliveira



Douglas da Silva Costa  
Edinéia Alves Cruz  
Edineia Cordeiro Magalhaes  
Edna M Carvalho Veras  
Eliane de Jesus Pereira da Cunha  
Eliene Novaes Rocha  
Eliete Avila Wolff  
Eva Santana Alves Borges  
Francielle de Paula Marques  
Francisca Ivanete Feitosa  
Francisco das Chagas Ribeiro da Silva Malta  
Gabriel Hernandes Alves da Silva  
Geraldo Ramiere Oliveira Silva  
Giovani Santos  
Isabela Vasconcelos Rodrigues  
Jair Reck  
Jania Ferreira de Menezes  
Jefferson Amauri Leite de Oliveira  
Joaquim Pinheiro  
Jocelia Karoline Pereira Gonçalves  
Joésio de Oliveira Menezes  
Jonatas Medeiros Junior  
Kamilla Torres Quintanilia Cunha  
Karla Mary da Mata Lisboa  
Lara Monteiro Abreu  
Leticia Canton de Lima Santos  
Leticia Marta de Oliveira Edwards  
Levy Pires Chagas  
Lilia Cristina da Chagas Fontoura  
Lizandra Santos Correia  
Luiz Felipe Vitelli  
Magno Rocha Ramos  
Marcelo Bizerril  
Maria Carreiro Chaves Pereira  
Maria Clarisse Vieira  
Maria da Solidade Vicente da Silva



Maria Eduarda Teixeira Rodrigues  
Maria Luiza Pinho Pereira  
Maria Osanette de Medeiros  
Maria Paula Vasconcelos Taunay  
Milene Pinto Machado  
Mirele Diovana Milhomem da Silva  
Naraline Martins Machado  
Olga Soares de Oliveira  
Rafael Barcelos Santos  
Raiane Vitor Rocha de Oliveira  
Raimundo Jose de Albuquerque Filho  
Regina Coelly Fernandes Saraiva  
Rita Mara Reis Costa  
Rosângela de Jesus  
Rosineide Magalhães de Sousa  
Rosylane Doris de Vasconcelos  
Stefany Rocha de Deus Oliveira  
Sthefany Michele de Assis Costa  
Tádlla Pereira de Araujo  
Talita de Jesus Lima  
Tamires Tamiriel Barbosa Santos  
Tatianne da Silva Gomes  
Thais Moreira Torres  
Valdo Jose Cavallet  
Walker Meykom Leal Pina  
Yan Dutra de Souza



# CAPÍTULO III

CARTOGRAFIA DO TRABALHO FREIREANO NO  
DISTRITO FEDERAL E REGIÃO



Por ocasião da construção do II Encontro da Cátedra, a comissão organizadora, ao propor um espaço dialógico que acolhesse a expressão de educadores, educadoras e coletivos de educação, cultura, escolas, movimentos sociais e populares que atuam e refletem sua prática à luz do pensamento e da obra de Paulo Freire, elaborou um mapeamento com dupla finalidade: conhecer as mais diversas iniciativas educacionais, relatos de experiências educativas ou projetos de inspiração freireana existentes na região, e, ao mesmo tempo, possibilitar que esses atores pudessem compartilhar seu trabalho e conhecer outras inspirações. Assim, promoveu-se um momento de diálogo e congraçamento que, para além do evento, pudesse incentivar um trabalho em rede de caráter permanente, unificando o pensamento e a prática freireanas, além de renovar o “esperançar” de quem atua em projetos, espaços educativos, na Universidade ou no movimento popular de educação, promovendo articulações e diálogo contínuo.

A presente seção do livro compartilha a totalidade das iniciativas inscritas no levantamento cartográfico proposto pela Cátedra. Referindo-se ao Distrito Federal, seus arredores e até mesmo a cidades mais distantes, os trabalhos realizados, em seu conjunto, expressam o compromisso com uma perspectiva emancipatória de educação, inspirada em Paulo Freire ou em outras referências do mesmo campo de práxis, podendo-se observar a articulação entre a realidade relatada e diversas categorias do pensamento freireano, abordadas nestes trabalhos de natureza diversificada.

Algumas das iniciativas descritas foram apresentadas por seus autores no II Encontro, em um momento especial da programação, realizado no dia 28 de setembro de 2024.

O resultado da exposição a seguir possibilita um conhecimento mais profundo dos trabalhos registrados, além de estabelecer contato com seus representantes. Poesias, artesanato, trabalhos acadêmicos, pinturas, produções cinematográficas ou teatrais, projetos pedagógicos em comunidades, alfabetização, extensão e pesquisa universitária, escritos e histórias compõem um caleidoscópio pedagógico de muita boniteza.

A Cátedra Vivenciar Paulo Freire e demais práxis emancipatórias agradece aos mais de 50 educadores, militantes e demais pessoas interessadas na vida e obra de Paulo Freire por compartilharem com a Cátedra seus fazeres e dizeres.

Comissão organizadora do  
II Encontro da Cátedra



## **1. TÍTULO DA INICIATIVA/PROJETO/TRABALHO:**

**Ledoc Itinerante: Crescendo com agroecologia integrando campo e cidade, nas escolas e comunidades de inserção**

**Coordenação:** Jair Reck

**Instituição/setor:** UnB - FUP

**Natureza do trabalho freireano:** Projeto de extensão universitária

**Categoria que expressa a natureza do trabalho freireano:** Educação

**Data de criação, publicação ou funcionamento:** 10/03/2010

**Público-alvo alcançado:** Milhares

**Recursos utilizados:** Oficina, seminário, rodas de conversa, documentários/vídeos...

**Local de funcionamento:** Acampamento 8 de Março

### **Resumo:**

A integração da Licenciatura em Educação do Campo (LEDOC) nas políticas de cuidado com todas as formas de vida junto aos territórios de inserção de estudantes visa dialogar sobre os princípios pedagógicos e organizativos do curso, além de discutir as possibilidades de vivência desses princípios nas demais escolas e comunidades do campo. É importante suscitar a implantação de cursos com adequação sociotécnica, fundamentados na pesquisa e nas problemáticas e contradições da realidade, envolvendo as comunidades e as escolas onde os estudantes realizam a inserção no Tempo Comunidade. Também é necessário desvelar os princípios agroecológicos milenares, capazes de fortalecer a práxis do cuidado com a vida. Fundamentado no pensamento freiriano e na reflexão dialógica entre corpo discente, docente e a comunidade, o curso busca compreender os fundamentos e as teorias implícitas nas práticas pedagógicas, nas relações sociais e de liderança, nas disciplinas e respectivos cursos. É crucial desvelar tais concepções e práticas, avaliá-las criticamente e propor ações que superem possíveis contradições, engajando-se na construção de paradigmas e caminhos coerentes com uma construção social emancipatória. Além disso, realizar atividades com crianças, jovens e adultos é essencial para ampliar a compreensão e fomentar um agir coerente com o horizonte ecossocialista, tendo por base a agroecologia na produção de alimentos saudáveis, em prol da soberania e segurança alimentar.

**Palavras-chave:** educação emancipatória; agroecologia; ecossocialismo

**E-mail para contato:** reckjair@unb.br



## 2. TÍTULO DA INICIATIVA/PROJETO/TRABALHO:

**Coletivo Paulo Freire e suas resistências**

**Coordenação:** Eliana Gomes e Anderson Wadda

**Instituição/setor:** Coletivo Paulo Freire

**Natureza do trabalho freireano:** Grupo de estudo no tema

**Categoria que expressa a natureza do trabalho freireano:** Educação

**Data de criação, publicação ou funcionamento:** 01/09/2020

**Público-alvo alcançado:** Milhares

**Recursos utilizados:** Redes sociais

**Local de funcionamento:** Belo Horizonte-MG

### **Resumo:**

O Coletivo Paulo Freire-MG surgiu como uma resposta às necessidades sociais e culturais da comunidade belorizontina, buscando promover a solidariedade, a resistência e a luta por direitos. A iniciativa se baseia em alguns pilares fundamentais. O primeiro motivo de sua criação está ligado à existência da “Ação Cultural para a Liberdade”, a Semana Paulo Freire, iniciada há mais de 28 anos no Bairro Alto Vera Cruz, uma região periférica de Belo Horizonte. Essa ação foi fomentada pela Sra. Lindalva das Graças, que desenvolvia diversas atividades culturais para a comunidade local, e pela então vereadora Neila Batista, criadora da Lei nº 9.313, de 12 de janeiro de 2007, que oficializou a Semana Paulo Freire em Belo Horizonte. Com os efeitos da pandemia de covid-19, as atividades presenciais da Semana Paulo Freire foram interrompidas em 2020. Entretanto, o Coletivo Paulo Freire BH/MG surgiu nas redes sociais (Instagram, Facebook e YouTube), mantendo viva a Semana por meio de transmissões on-line para alcançar as pessoas em casa, ampliando ainda mais o alcance das suas ações. O objetivo do Coletivo é promover a união entre os membros da academia e os saberes populares, valorizando a diversidade e a inclusão. Nesse sentido, ele resiste às injustiças sociais e luta contra as opressões, buscando conscientizar o público que acompanha suas redes sociais. Diante das perseguições ao legado de Paulo Freire no Brasil pela extrema direita, a deputada estadual Beatriz Cerqueira, em articulação com o Coletivo, propôs o projeto de Lei nº 319/2019, que institui a Semana Estadual Paulo Freire em Minas Gerais. O Coletivo Paulo Freire promove arte, formação e cultura local como ferramentas de resistência e valorização dos saberes comuns e acadêmicos em um grande círculo de cultura.



Ele fomenta diálogos no campo da educação e implementa atividades formativas que incentivam o aprendizado e a construção coletiva de conhecimentos. Assim, o Coletivo Paulo Freire organiza eventos, manifestações e atividades que promovem as causas defendidas por Paulo Freire, utilizando temas geradores e entendendo que somos seres inacabados, sempre mediados pelo mundo em transformação. O Coletivo atua em diversas frentes, buscando transformar a realidade da comunidade por meio da união de esforços e do empoderamento coletivo. A ideia é construir um espaço onde todos possam participar ativamente da transformação social.

**Palavras chaves:** comunidade; cultura; educação; mobilização; resistências.

**E-mail para contato:** elianaeduardogomes@gmail.com

### **3. TÍTULO DA INICIATIVA/PROJETO/TRABALHO:**

**Programa de Alfabetização e Letramento com Pessoas Idosas**

**Coordenação:** Mônica de Ávila Todaro

**Instituição/setor:** Universidade federal de São João del-rei - MG

**Natureza do trabalho freireano:** Projeto de extensão universitária

**Categoria que expressa a natureza do trabalho freireano:** Educação

**Data de criação, publicação ou funcionamento:** 06/03/2017

**Público-alvo alcançado:** 150 aproximadamente

**Recursos utilizados:** Pagamento de bolsistas

**Local de funcionamento:** Minas Gerais

#### **Resumo:**

O PALPI tem como objetivo alfabetizar pessoas idosas. O programa é inspirado no método/sistema de Paulo Freire. Os resultados alcançados têm sido observados no acesso à leitura e à escrita por pessoas que foram alijadas do processo de escolarização, no impacto positivo na qualidade de vida dessas pessoas e na formação de estudantes de pedagogia.

**Palavras-chave:** alfabetização; letramento; Método Paulo Freire.

**E-mail para contato:** mavilatodaro@ufsj.edu.br



#### **4. TÍTULO DA INICIATIVA/PROJETO/TRABALHO:**

**Disciplina do Curso de Especialização em Educação do Campo**

**Coordenação:** Rosemeri Scalabrin

**Instituição/setor:** IFPA CAMPUS RURAL DE MARABÁ - PA

**Natureza do trabalho freireano:** Educação em assentamento/acampamento/comunidade

**Categoria que expressa a natureza do trabalho freireano:** Educação

**Data de criação, publicação ou funcionamento:** 02/01/2015

**Público-alvo alcançado:** Mais de 600 professores

**Recursos utilizados:** Próprios da instituição

**Local de funcionamento:** Nos municípios de Piçarra, Itupiranga, Marabá, São João, São Geraldo e Jacundá – PA

#### **Resumo:**

As duas disciplinas do curso são voltadas para que os professores das escolas do campo compreendam o pensamento freireano, em especial no âmbito da proposta curricular interdisciplinar via tema gerador. Durante o “tempo comunidade”, eles realizam a pesquisa para identificar as situações-limite sociais existentes e, em seguida, retornam para a segunda disciplina do curso, onde construímos, passo a passo, a proposta: identificando o tema gerador, construindo a programação de ensino e elaborando os planos de aula. Entre as redes com as quais atuamos, destaca-se a Prefeitura Municipal de Piçarra, que implementou emolumentos na rede a proposta curricular via tema gerador no período de 2016 a 2018. Atualmente, discutimos a melhor maneira de iniciar a experiência no município de Marabá.

**Palavras-chave:** currículo interdisciplinar; Educação do Campo freireana; pedagogia da alternância.

**E-mail para contato:** [rose.scalabrin@ifpa.edu.br](mailto:rose.scalabrin@ifpa.edu.br)



## 5. TÍTULO DA INICIATIVA/PROJETO/TRABALHO:

**Duda e Paulo Freire**

**Coordenação:**

Aécio De Bruim e Wychória Siqueira De Bruim

**Instituição/setor:** Aécio De Bruim - ES

**Natureza do trabalho freireano:** Livro (capítulo ou organização)

**Categoria que expressa a natureza do trabalho freireano:** Educação

**Data de criação, publicação ou funcionamento:** 23/08/2023

**Público-alvo alcançado:** Centenas

**Recursos utilizados:** Recursos próprios, de amigos e familiares.

**Local de funcionamento:** Espírito Santo

**Resumo:**

Livros publicados que trazem discussões sobre a prática pedagógica de Paulo Freire.

**Palavras-chave:** livros; discussões; prática pedagógica.

**E-mail para contato:** [aeciobruim@gmail.com](mailto:aeciobruim@gmail.com)



## **6. TÍTULO DA INICIATIVA/PROJETO/TRABALHO:**

**Peça Teatral: É FREIRE É TERNURA**

**Coordenação:** Francisco Djacyr Silva de Souza

**Instituição/setor:** Escola Estadual Bezerra de Menezes - CE

**Natureza do trabalho freireano:** Teatro

**Categoria que expressa a natureza do trabalho freireano:** Educação

**Data de criação, publicação ou funcionamento:** 01/02/2023

**Público-alvo alcançado:** 300

**Recursos utilizados:** Cartazes, data show, som, microfones

**Local de funcionamento:** Fortaleza-CE

### **Resumo:**

A peça FREIRE É TERNURA trata da história do grande educador brasileiro, buscando expressar o modelo de educação evidenciado por Paulo Freire. O objetivo é exaltar seu papel na educação brasileira por meio do Teatro.

**Palavras-chave:** educação; pedagogia do oprimido; ensino.

**E-mail para contato:** djacyrsouza2019@gmail.com



## 7. TÍTULO DA INICIATIVA/PROJETO/TRABALHO:

### **Conhecendo a Força Interior**

**Coordenação:** Francisco das Chagas Ribeiro da Silva Malta

**Instituição/setor:** Universidade do Caminho

**Natureza do trabalho freireano:** Projeto de extensão universitária, tese e livro (capítulo ou organização)

**Categoria que expressa a natureza do trabalho freireano.** Educação

**Data de criação, publicação ou funcionamento:** 23/09/2013

**Público-alvo alcançado:** Muitas

**Recursos utilizados:** O corpo-mente-energia falam

**Local de funcionamento:** Brasília-DF

#### **Resumo:**

O Macro Campo Nuclear Atômico Gravitacional do planeta Terra em que vivemos está em uma fase culminante de energia atômica. Sua trajetória de milhões de anos-luz chegou, neste 3º milênio, carregada de riqueza iônica e, em todos os lugares de sua alongada dimensão esférica, ainda vivem milhões de habitantes, em uma faixa de onda de frequência e amplitude gravitacional, carregados de problemas fundamentais em termos de saúde e paz. É por isso que a educação tem uma missão a cumprir: levar ao conhecimento da população mundial a consciência de sua força interior.

**Palavras-chave:** Corpo-mente-energia.

**E-mail para contato:** [universidadedocaminho@gmail.com](mailto:universidadedocaminho@gmail.com)



## **8. TÍTULO DA INICIATIVA/PROJETO/TRABALHO:**

**Passeios culturais com alunos no fim de semana**

**Coordenação:** Cândida Marta de Oliveira e Silva

**Instituição/setor:** CEF 2 da Estrutural

**Natureza do trabalho freireano:** Projeto escolar emancipatório

**Categoria que expressa a natureza do trabalho freireano:** Educação

**Data de criação, publicação ou funcionamento:** 03/06/2016

**Público-alvo alcançado:** 30 ou mais

**Recursos utilizados:** Carro e ajuda do marido para levar os alunos aos passeios, e conversa informal com alunos e pais.

**Local de funcionamento:** Estrutural-DF

### **Resumo:**

Mostrar o lado cultural e de lazer que existe em Brasília e ajudar os alunos a se identificarem como membros da cidade e a compreenderem o papel que cada um pode ter na sociedade, exercendo o direito ao lazer que está presente no centro do Plano Piloto, como na Ermida Dom Bosco, no planetário e na possibilidade de apanhar mangas no Plano Piloto.

**Palavras-chave:** inclusão; participação; respeito.

**E-mail para contato:** martacandida61@gmail.com



## 9. TÍTULO DA INICIATIVA/PROJETO/TRABALHO:

**Sistema DOSVOX e inclusão: o pensamento crítico na formação docente**

**Coordenação:** Wesley Pereira da Silva; Gerson de Souza Mól

**Instituição/setor:** Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências  
Doutorado em Educação em Ciências

**Natureza do trabalho freireano:** Acadêmico/tese

**Categoria que expressa a natureza do trabalho freireano:** Educação

**Data de criação, publicação ou funcionamento:** 05/11/2021

**Público-alvo alcançado:** 104

**Recursos utilizados:** Curso de formação permanente de professores(as) ambiente on-line.

**Local de funcionamento:** Brasília, mas por ser on-line atinge várias regiões do Brasil

### **Resumo:**

Este texto descreve uma pesquisa que investigou um conjunto de ações formativas mediadas pelo uso do Sistema Dosvox e do programa Jogavox. Essas duas ferramentas computacionais têm como objetivo tornar o uso do computador mais acessível para todas as pessoas, especificamente para aquelas com deficiência visual. A pesquisa teve como objetivo investigar a promoção do Pensamento Crítico entre os professores que participaram de um curso de formação permanente em um ambiente on-line, utilizando o Sistema Dosvox e o Jogavox como instrumentos para o planejamento e a construção de atividades pedagógicas inclusivas. A abordagem de investigação utilizada foi uma metodologia qualitativa, e o tipo de pesquisa adotado foi a pesquisa-ação, envolvendo um grupo de cento e quatro (104) profissionais da educação, em sua maioria professores e professoras da Educação Básica da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. O contexto pandêmico ocasionado pela covid-19 exigiu uma resignificação do percurso metodológico, levando à construção de dois estudos pilotos prévios à realização da investigação principal. Como resultados, identificamos, por meio das setenta e três (73) atividades pedagógicas inclusivas construídas pelos interlocutores, a promoção das áreas e capacidades de Pensamento Crítico, sendo que essas produções avançaram de atividades focadas na área de “esclarecimento básico” para a área de “inferência”. O mesmo



ocorreu com as capacidades de Pensamento Crítico, em que a capacidade de “focar uma questão” foi, aos poucos, sendo substituída por capacidades mais elaboradas, como “usar o conhecimento existente” e “fazer e julgar juízos de valor”. Isso indica um nível de pensamento crítico mais elaborado, encontrado nas produções finais dos docentes.

**Palavras-chave:** atividade pedagógica inclusiva; educação inclusiva; formação docente; pensamento crítico; sistema dosvoix.

**E-mail para contato:** wesleynh3@gmail.com

## 10. TÍTULO DA INICIATIVA/PROJETO/TRABALHO:

**Vou te Contar! Contadores de histórias.**

**Coordenação:** Ângela Barcellos Café

**Instituição/setor:** UnB - IDA - CEN Departamento de Artes Cênicas

**Natureza do trabalho freireano:** Projeto de extensão universitária

**Categoria que expressa a natureza do trabalho freireano.** Educação

**Data de criação, publicação ou funcionamento:** 10/04/2016

**Público-alvo alcançado:** Diverso

**Recursos utilizados:** Oficinas e sessões de histórias financiadas pelo FAC

**Local de funcionamento:** Encontros semanais na UnB - Oficinas em R. A. do entorno de Brasília: Sobradinho; Ceilândia; São Sebastião; Estrutural

### **Resumo:**

Este livro é um desdobramento da minha tese de doutorado, defendida na UnB em 2015, cujo foco é a arte e o ofício do contador de histórias e/ou narrador. Por meio da minha trajetória nas experiências de contar, ouvir e ensinar desde 1993, esta pesquisa levou em conta as possibilidades que foram se abrindo nos estudos e práticas, apontando futuros campos de aprofundamento por meio dos princípios e fundamentos metaforizados na imagem de uma “árvore”. Não trago certezas, nem caminhos prontos. Trago possibilidades de investigar dispositivos capazes de aprimorar as várias formas que temos para narrar uma história, envolvendo o público na magia e no encanto das imagens e emoções que os contos provocam. Proponho contar com: envolver os ouvintes de tal



maneira que lhes permita imaginar, sentir e significar, cada um a seu modo, as histórias, como se fosse ele (ouvinte) também autor ou coautor. Todos nós somos ou podemos ser contadores. É só experimentar!

**Palavras-chave:** narração; experiência; cultura; escuta; linguagem corporal; escolha.

**E-mail para contato:** abcafe@gmail.com ou abcafa@unb.br

## **11. TÍTULO DA INICIATIVA/PROJETO/TRABALHO:**

**Projeto Entre Elas: valorização feminina e enfrentamento às violências contra meninas e mulheres**

**Coordenação:** Simone Mogami Delgado e Eliane Costa de Oliveira

**Instituição/setor:** Centro de ensino medio 04 de sobradinho 2 (SEEDF)

**Natureza do trabalho freireano:** Projeto escolar emancipatório

**Categoria que expressa a natureza do trabalho freireano.** Educação

**Data de criação, publicação ou funcionamento:** 10/04/2021

**Público-alvo alcançado:** Cerca de 500

**Recursos utilizados:** Espaços escolar: salas de aulas temáticas (laboratório, sala multimídia, sala de dança, sala de informática, biblioteca), salas de aula comuns. Espaços externos: SESI Lab, Espaço Itaú Cinema, CCBB, Jardim Botânico de Brasília, Museu da Memória Candanga, Teatro Plínio Marcos e outros espaços que surgem oportunamente ao longo do ano. Transportes de traslado ofertados pela SEDF/UNIAE, academia de atividade física (Academia Constrictor). Materiais: quadro branco, caneta para quadro branco, flipcharts, celulares, TVs, projetores, notebooks, caixa de som, microfone. Doações: Em 2023, em função da vulnerabilidade social e econômica que muitas alunas apresentavam, iniciamos arrecadações de cestas básicas e outros itens (produtos de higiene e beleza), assim como serviços odontológicos que foram doados pelos comerciantes locais (Sobradinho II e I) a fim de tentar amenizar a condição difícil que algumas famílias se encontravam, contudo, são ações eventuais, quando conseguimos angariar contribuições. Apoio financeiro: SINPRO-DF e Edital de Emenda Parlamentar Realize!

**Local de funcionamento:** Cem 04 de sobradinho 2 (DF)

**Resumo:**

O Projeto Entre Elas, que surgiu em 2021 no Centro de Ensino Médio 04 de Sobradinho II (CEM 04), ainda durante o período remoto imposto pela pandemia de covid-19, foi uma resposta à provocação realizada pela Gerência de Direitos Humanos e Diversidade (GDHD) da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEDF) e também à necessidade de criar espaços de escuta e redes de apoio para meninas e mulheres que buscavam a valorização feminina e o enfrentamento à violência contra a mulher. A experiência do projeto foi desenvolvida em um contexto transversal e interdisciplinar da pedagogia histórico-crítica, favorecendo oportunidades para reflexão individual e coletiva e ampliando o conhecimento sobre narrativas femininas de superação e autoconhecimento. Atualmente, o Projeto ampliou seu leque de ações, desenvolvendo atividades contínuas ao longo do ano letivo, envolvendo tanto o público feminino quanto outros gêneros. As atividades variam entre rodas de conversa com temas femininos, debates, oficinas, palestras com convidados da escola, grupos de iniciação científica em pesquisa exploratória sobre violência, aulas externas e saídas de campo, entre outras ações. A reflexão das estudantes é realizada por meio da produção textual e artística na composição de um portfólio, diário de bordo ou exposição fotográfica, com produções que contemplem a reflexão e possibilitem a expressão da estudante. O objetivo geral é fortalecer a valorização feminina por meio da conscientização da realidade enfrentada nas questões de gênero e promover o enfrentamento às situações de violência contra meninas e mulheres, conforme as políticas de educação pública para o empoderamento feminino e o fortalecimento da cultura de paz. Os objetivos específicos incluem criar espaços e grupos de apoio para debates sobre questões femininas, com escuta sensível; promover o fortalecimento da autoestima por meio do estudo de questões de gênero; estudar e compreender questões femininas históricas e biológicas; refletir sobre relacionamentos saudáveis e abusivos; identificar os tipos de violência contra a mulher e reconhecer dispositivos legais para enfrentamento da violência; reconhecer os direitos das mulheres e os ganhos que trouxeram para o dia a dia feminino; incentivar meninas e mulheres no campo de pesquisa e ciências, fomentando pesquisas exploratórias e a iniciação científica das estudantes; e oferecer novas experiências e oportunidades para as alunas em relação a estudo, estágio e trabalho. De 2021 até os dias atuais, observamos de forma satisfatória que o Projeto Entre Elas gerou um ganho e proporcionou um enriquecimento na comunidade escolar, promovendo uma



mudança no tratamento e nos diálogos sobre as violências contra as mulheres e também sobre o empoderamento feminino. O corpo docente reconhece que o projeto causa impacto social, sendo ainda muito necessário no cenário atual. Esse impacto também pode ser expresso pelo quantitativo de ações executadas, que classificamos como ações de evento e ações contínuas. Em 2021 e 2022, tivemos 4 ações de evento e 2 ações contínuas (roda de conversa com 15 encontros totais), chegando a 21 ações voltadas à valorização feminina e ao enfrentamento das violências contra meninas e mulheres. Felizmente, no ano de 2023, até o momento, conseguimos executar 12 ações de evento e 1 ação contínua (com 8 encontros até então, mas com previsão de 12) e estamos prevendo mais 6 ações, totalizando 32 ações. Cerca de 300 estudantes participaram das ações ao longo de 2023 (público misto).

**Palavras-chave:** violência contra a mulher; feminicídio; valorização feminina.

**E-mail para contato:** emti.cem04.sobradinho@edu.se.df.gov.br

## **12. TÍTULO DA INICIATIVA/PROJETO/TRABALHO:**

**TCC para a faculdade de História: Alfabetização Planetária**

**Coordenação:** Elidiana de Lourdes Mucin Gomes Zuanetti Miniéri

**Instituição/setor:** UNIP - Ribeirão Preto - HISTÓRIA

**Natureza do trabalho freireano:** trabalho final de curso de graduação ou especialização

**Categoria que expressa a natureza do trabalho freireano:** Educação

**Data de criação, publicação ou funcionamento:** 21/10/2022

**Público-alvo alcançado:** Acadêmico e geral

**Recursos utilizados:** Livros e textos de autores como: Paulo Freire. Emília Ferreira. Piaget. Constanci Kamii. Rubem Alves. Karnal. Cortela. Pondé. Clóvis de Barros. Thich Nhat Hanh. Paulo Coelho. Augusto Cury.

**Local de funcionamento:** Santa Cruz da Palmeiras-SP

### **Resumo:**

Após um forte burnout associado ao traumático processo de luto pela perda das três mulheres fundamentais da minha vida durante a fatídica pandemia de 2020 (minha mãe, devido a um tumor; a mãe do meu esposo e



a irmã da minha sogra, ambas por Covid-19) em apenas seis meses, passei por um rigoroso deserto em 2022. Foram 40 dias de autoconhecimento. Com a ajuda do meu filho, do meu esposo e do meu psiquiatra, consegui me reconectar com Deus e redescobrir, através da Terapia da Constelação de Bert Hellinger, a raiz que nutre minha essência. Como já sou alfabetizadora há vinte e oito anos, em 21 de outubro de 2022, iniciei um grupo no WhatsApp com duzentas e cinquenta e duas mulheres, onde os sentimentos, as emoções e os pensamentos foram gradativamente reorganizados e ressignificados por meio de conteúdos audiovisuais e musicais, com vários estilos e indicações de obras literárias. Diante da manifestação de acalento das mulheres com a abordagem terapêutica musical, conversei com meu médico psiquiatra e lhe revelei o desejo de ampliar o compartilhamento do conteúdo. Assim, em 29 de outubro de 2022, iniciei no Facebook e, no Instagram, comecei no dia 2 de março de 2023. Até o presente momento, já foram indicadas oitenta e sete obras literárias, inúmeras canções, orações, entrevistas e meditações. Meu objetivo é alfabetizar todos os seres humanos que não tiveram a oportunidade de conhecer o universo da educação que transforma, tal qual o processo da metamorfose. “Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor.” — Paulo Freire.

**Palavras-chave:** educação raiz; ancestral; consciência.

**E-mail para contato:** elidianaminieri@hotmail.com

### **13. TÍTULO DA INICIATIVA/PROJETO/TRABALHO:**

**As quebradeiras de coco babaçu do sul do piauí: memórias e identidades em movimento**

**Coordenação:** Millena Ayla da Mata Dias

**Instituição/setor:** Faculdade de Planaltina - UnB

**Natureza do trabalho freireano:** acadêmico/ dissertação

**Categoria que expressa a natureza do trabalho freireano:** Meio ambiente

**Data de criação, publicação ou funcionamento:** 20/03/2021

**Público-alvo alcançado:** 30 pessoas

**Recursos utilizados:** FAP-DF

**Local de funcionamento:** Faculdade de Planaltina-DF



## **Resumo:**

Esta dissertação discute as relações entre identidades e memórias coletivas das quebradeiras de coco babaçu, em uma região considerada a “última fronteira agrícola”, localizada no nordeste brasileiro. O objetivo geral é investigar os processos de mudanças nas identidades e memórias coletivas dessas quebradeiras, que são afetadas pela expansão do agronegócio no sul do Piauí. Os objetivos específicos da pesquisa são: (i) conhecer e descrever a realidade socioterritorial das mulheres quebradeiras de coco babaçu, da comunidade Sítio; (ii) identificar e caracterizar os processos de formação das identidades das jovens quebradeiras de coco, a partir das influências das redes de movimentos e das vivências familiares e comunitárias com as quebradeiras mais velhas; (iii) problematizar e investigar as relações entre a mudança de identidade e a construção da memória coletiva na desterritorialização da comunidade Sítio. Para alcançar esses objetivos, utilizamos uma pesquisa qualitativa com abordagem participativa e colaborativa dialógica, inspirada no pensamento sul-global e na perspectiva freireana, que trazem as vozes do Sul global. Os instrumentos de pesquisa incluíram revisões documentais, entrevistas semiestruturadas, grupos focais e a organização de um audiovisual popular. Os dados foram organizados em eixos temáticos e analisados com base no referencial teórico. Como resultado, verificamos que essas vivências, apesar de todas as contradições, têm o potencial de desenvolver a resistência camponesa em prol do seu modo de vida. As mulheres quebradeiras de coco babaçu resistem aos processos de cooptação das mentes e dos territórios da comunidade Sítio. Como “Filhas das Nascentes”, elas encontram força no coletivo para lutar contra a ameaça de extinção dos babaçuais, causada pela expansão das fazendas do agronegócio. Em sua luta, estabelecem novos modos de coleta do coco e se organizam em movimentos para que seus corpos e territórios não sejam dominados pelo capital. Elas articulam um feminismo enraizado na terra, com múltiplas identidades, e combatem as opressões marcadas por desigualdades de gênero, raça e classe social. A juventude quebradeira, em defesa da memória coletiva da comunidade, se movimenta em meio às transformações, mesmo quando é obrigada a frequentar uma escola urbana que, sistematicamente, interfere em seu imaginário, reforçando uma visão distorcida da vida no campo. Por outro lado, essa juventude percebe que, ao buscar o acesso a novos horizontes de formação (negados às gerações de suas matriarcas), adquire ferramentas para lutar pela defesa dos territórios das quebradeiras e para enfrentar o agronegócio. Ao final da pesquisa, constatou-se que os modos de resistência das mulheres



quebradeiras de coco babaçu da comunidade Sítio estão profundamente ligados à ancestralidade, ao território e ao modo de vida baseado no extrativismo do coco babaçu e na reprodução social.

**Palavras-chave:** Comunidade tradicional; gênero; juventude.

**E-mail para contato:** millenadias29@hotmail.com

#### **14. TÍTULO DA INICIATIVA/PROJETO/TRABALHO:**

**Escolas sustentáveis: uma análise de experiências a partir do pensamento freireano**

**Coordenação:** Antonia Adriana Mota Arrais

**Instituição/setor:** SEDF

**Natureza do trabalho freireano:** acadêmico/tese

**Categoria que expressa a natureza do trabalho freireano:** meio ambiente

**Data de criação, publicação ou funcionamento:** 01 08 2017

**Público-alvo alcançado:** Diverso.

**Recursos utilizados:** Bolsa de apoio ao desenvolvimento de teses e dissertações

**Local de funcionamento:** Distrito Federal

#### **Resumo:**

Ao considerar o contexto social e político vivenciado no Brasil, percebe-se um desmonte da Educação Ambiental (EA), especialmente no que tange às suas políticas públicas e uma pauta que não privilegia as questões socioambientais. Diante dessa realidade, há uma urgência em estabelecer uma EA amparada nas premissas críticas, emancipatórias e transformadoras, para a edificação de uma luta coletiva de resistência e enfrentamento às adversidades que emergem nesses «novos» tempos. Embora não sejam a solução para todos os problemas da sociedade, as escolas sustentáveis podem se configurar como ambientes que priorizam a formação de sujeitos críticos, ao promover abordagens que propiciam o (re)pensar e o atuar sobre os modos de vida e o modelo de sociedade, considerando os anseios, as experiências e a realidade da comunidade. A transição para a sustentabilidade nas escolas tem sido defendida pela integração e reestruturação de três eixos — gestão, currículo e espaço físico — que podem atuar também como ferramentas analíticas e avaliativas para investigar a realidade desses espaços. Dessa forma, o presente estudo se propôs a investigar



a realidade das escolas sustentáveis da rede pública de ensino, com o objetivo de elencar e caracterizar elementos essenciais nesses três eixos, articulados ao pensamento freireano, que possam contribuir para a produção de conhecimentos voltados à formulação e implementação de práticas, e até mesmo de propostas de políticas públicas comprometidas com esses espaços educadores. Para concretizar a pesquisa, foi realizado um estudo de casos múltiplos em duas escolas públicas: Cariri e Jardim Floresta. Os instrumentos de coleta de dados incluíram entrevistas semiestruturadas, diário de campo, projeto político-pedagógico e fotografias. A ferramenta analítica utilizada foi a Análise Textual Discursiva. Os resultados indicaram que a gestão é o eixo primordial para que as escolas desenvolvam práticas educativas ambientais e apresentem compromisso com as questões socioambientais, ainda que atuem de modos e com intenções diferentes. Na escola Cariri, a gestão é considerada o eixo mais forte, capaz de conectar as outras dimensões balizadoras, como o espaço físico e o currículo. A gestão é composta por elementos que a fortalecem, como a democracia, o diálogo, a participação, a autonomia, a preocupação com a transformação da realidade concreta, o estabelecimento de uma relação horizontal, a educação com função política, o respeito pela identidade cultural e os saberes da experiência feita, e a comunicação — todos aspectos que se conectam ao pensamento freireano. Na escola Jardim Floresta, a gestão não é tão democrática, há carência de diálogo e participação, o que a distancia dos pressupostos freireanos. No entanto, no que tange ao espaço físico, há uma aproximação por meio do cuidado com a “coisa pública”, assim como ocorre na Cariri. Porém, na Cariri, essa ressonância é maior, uma vez que as transformações no espaço físico favorecem o diálogo e a participação entre os atores sociais. O currículo, em ambas as escolas, é o eixo que necessita de maior reestruturação e aproximação com o pensamento freireano, permitindo que todos os atores sociais tenham voz e sejam atuantes. A investigação revelou que as experiências de escolas sustentáveis — ou que estão em transição para a sustentabilidade, como é o caso da Jardim Floresta e da Cariri — demonstram que não há um caminho único ou uma “receita” pronta para guiar esse processo de transformação. No entanto, os elementos freireanos constituem indicadores que podem auxiliar no (re)pensar da ambientalização desses espaços educadores sustentáveis. Foi possível perceber que, quanto maior a aproximação com esses aspectos freireanos, maior é o senso de pertencimento, a valorização da identidade cultural, o fortalecimento das relações entre a comunidade e a escola e entre os atores sociais, o desenvolvimento de práticas educativas ambientais mais



críticas e permanentes, além da ênfase na luta pela transformação social. Conclui-se que o estabelecimento de uma educação problematizadora, transformadora e emancipatória favorece a construção de uma capacidade organizativa e de um compromisso político e social no âmbito escolar, tornando a escola uma instância importante na luta pela edificação de políticas públicas de EA.

**Palavras-chave:** pensamento freireano; sustentabilidade; educação ambiental.

**E-mail para contato:** unbantonia@gmail.com

## **15. TÍTULO DA INICIATIVA/PROJETO/TRABALHO:**

### **Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá e Itapoá**

**Coordenação:** Maria de Lourdes Pereira dos Santos Leila Maria de Jesus Oliveira  
Maria Creuza Evangelista de Aquino

**Instituição/setor:** Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá e Itapoá

**Natureza do trabalho freireano:** Educação em assentamento/acampamento/  
comunidade, projeto em movimento social e projeto em movimento popular

**Categoria que expressa a natureza do trabalho freireano:** Movimento popular

**Data de criação, publicação ou funcionamento:** 02/08/1987

**Público-alvo alcançado:** Movimento popular

**Recursos utilizados:** A instituição é mantida por meio de arrecadação voluntária,  
campanhas e atividades de finanças, projetos e parcerias.

**Local de funcionamento:** Paranoá e Itapoá-DF

#### **Resumo:**

O Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá e Itapoá é uma instituição sem fins lucrativos, em atividade desde 1987. Sua atuação abrange iniciativas ligadas ao movimento popular nos campos da educação, saúde, cultura e desenvolvimento comunitário.

**Palavras-chave:** educação popular; cultura; formação.

**E-mail para contato:** leiladejesus@gmail.com



## **16. TÍTULO DA INICIATIVA/PROJETO/TRABALHO:**

**Educação Popular: as práticas pedagógicas de Autogestão na Coopertan (Cooperativa de Produção de Material Reciclável de Tangará da Serra-MT)**

**Coordenação:** Prof. Dr. Sandro Benedito Sguarezi

**Instituição/setor:** UNEMAT - Universidade do Estado de Mato Grosso - PPGEDu (Programa de Pós-graduação em Educação)

**Natureza do trabalho freireano:** Acadêmico/dissertação

**Categoria que expressa a natureza do trabalho freireano:** Educação

**Data de criação, publicação ou funcionamento:** 17/03/2022

**Público-alvo alcançado:** 66 Cooperados da Coopertan

**Recursos utilizados:** Próprio

**Local de funcionamento:** Mato Grosso

### **Resumo:**

O presente estudo problematiza até que ponto as práticas pedagógicas vivenciadas por catadoras e catadores de materiais recicláveis da Coopertan dialogam com os conceitos e experiências de Educação Popular e de Autogestão. Tem como objetivo analisar as práticas pedagógicas de Autogestão e sua relação com a Educação Popular na Coopertan. Tomando por base os escritos de Freire, Pistrak, Gramsci e outros pesquisadores, busca compreender como ocorrem as práticas pedagógicas em ambientes de trabalho cooperado. Espera-se contribuir com os catadores ao proporcionar conscientização sobre o processo de formação. Para a educação, pretende-se lançar luz sobre as possibilidades oferecidas pelos métodos da Educação Popular.

**Palavras-chave:** educação popular; autogestão; economia solidária; cooperativismo.

**E-mail para contato:** senger.n@gmail.com



## 17. TÍTULO DA INICIATIVA/PROJETO/TRABALHO:

### Rede internacional café com paulo freire

**Coordenação:** Liana da Silva Borges

**Instituição/setor:** Professora aposentada e coordenação do Café com Paulo Freire

**Natureza do trabalho freireano:** Projeto de extensão universitária, projeto em movimento social, projeto em movimento popular e outro: Revista Eletrônica

**Categoria que expressa a natureza do trabalho freireano:** Formação Política

**Data de criação, publicação ou funcionamento:** 10/08/2008

**Público-alvo alcançado:** Somos uma Rede com 40 Cafés no Brasil. América Latina e Europa

**Recursos utilizados:** Não temos nenhum recurso. Militância pura!

**Local de funcionamento:** No Brasil, em 11 estados

#### **Resumo:**

A Rede Internacional Café com Paulo Freire – para pensar e transformar o mundo!” nasceu em 10 de agosto de 2018, durante o inverno em Porto Alegre/RS, fruto do compromisso politicamente amoroso de duas educadoras populares freireanas – Ana Felícia Trindade e Liana Borges. O objetivo da rede era resistir aos ataques às lutas populares, à criminalização dos movimentos sociais e, principalmente, defender o legado de Paulo Freire, especialmente em tempos eleitorais e pós-eleitorais no Brasil. Naquele momento, Paulo Freire foi alvo central de desconstituição nos debates e propostas educacionais do então candidato, hoje presidente do país, o que motivou uma reação indignada por parte dos estudiosos da Educação Popular inspirada por Freire. Sentimo-nos convocados a realizar um ato político coletivo de resistência, iniciando com uma ação local. O primeiro encontro, ou “Café”, foi realizado entre amigos em torno de uma mesa de diálogo, quando estudamos as categorias centrais de Freire, como Diálogo, Indignação, Amorosidade, Alegria, Esperança, Resistência, e Rigoriedade Metódica. Nessa ocasião, refletimos sobre a obra de Freire e seus desdobramentos na realidade política e social contemporânea. Cinco anos após sua criação, o Café com Paulo Freire evoluiu para uma rede que abrange quarenta localidades, tanto no Brasil quanto internacionalmente. Essas iniciativas, conduzidas por coletivos locais, estão alinhadas com o pensamento de Paulo Freire, promovendo processos políticos e culturais críticos e férteis. A Curadoria da Rede é composta por representantes de todas as regiões do Brasil e de outros países, mantendo constante diálogo com as curadorias locais. As decisões, portanto, são tomadas



de maneira colaborativa e coletiva. Os temas de estudo e reflexão da Rede são definidos em encontros mensais, respeitando as diferentes realidades dos locais e preservando a autonomia de cada Café Local. Esses encontros acontecem em espaços alternativos, como livrarias, parques, casas de cultura, residências, feiras de livros, escolas, universidades e assentamentos. Por meio de Rodas de Conversa e Círculos de Cultura, as categorias freireanas são aprofundadas por meio de leituras, estudos, místicas, sistematizações, relatos de experiências e partilhas de memórias, atraindo pessoas de diferentes contextos sociais e educativos, formais e não-formais.

**Palavras-chave:** café com Paulo Freire; formação política; esperançar.

**E-mail para contato:** [lianaborges@cafecompaulofreire.com.br](mailto:lianaborges@cafecompaulofreire.com.br)

## **18. TÍTULO DA INICIATIVA/PROJETO/TRABALHO:**

### **Formação de Educadores Sociais na perspectiva da Educação Popular**

**Coordenação:** Fernanda dos Santos Paulo

**Instituição/setor:** Associação de Educadores Populares de Porto Alegre (aeppa) e Instituto Federal do Rio Grande do Sul, campus Alvorada

**Natureza do trabalho freireano:** Projeto de extensão universitária, projeto em movimento popular

**Categoria que expressa a natureza do trabalho freireano:** Outro: Políticas sociais, formação política, Direitos Humanos

**Data de criação, publicação ou funcionamento:** 03/08/2023

**Público-alvo alcançado:** Este ano 648 pessoas. Mas realizamos o curso desde 2010

**Recursos utilizados:** Realizamos com educadores voluntários da Aeppa e com certificação pelo IFRS

**Local de funcionamento:** Rio Grande do Sul, mas contempla todo Brasil com aulas ao vivo

#### **Resumo:**

Realizamos cursos de extensão voltados para educadores sociais e outros interessados no tema, adotando a concepção de Educação Popular freireana como perspectiva teórico-prática. O objetivo é formar educadores considerando as dimensões política, ética e pedagógica, com foco em atuar em espaços não escolares institucionalizados (Educação Social), a partir da pedagogia dos direitos



sociais de forma interdisciplinar e intersetorial. A metodologia utilizada é baseada nos princípios da Educação Popular, fazendo uso de recursos tecnológicos, trocas de cartas pedagógicas e e-mails dialógicos. Além disso, também contamos com um grupo no WhatsApp para fomentar diálogos contínuos.

**Palavras-chave:** educação popular freireana; educador social; direitos humanos  
**E-mail para contato:** Fernandapaulofreire@gmail.com

## **19. TÍTULO DA INICIATIVA/PROJETO/TRABALHO:**

**Dialogando vozes e sentidos da educação popular e da educação de jovens e adultos na rede pública de ensino do Distrito Federal**

**Coordenação:** Julieta Borges Lemes Sobral

**Instituição/setor:** UnB

**Natureza do trabalho freireano:** Acadêmico/tese

**Categoria que expressa a natureza do trabalho freireano:** Educação

**Data de criação, publicação ou funcionamento:** 06/12/2018

**Público-alvo alcançado:** 100 pessoas. Foi uma pesquisa-ação realizada em uma escola pública, em parceria com a UnB e o Movimento Popular

**Recursos utilizados:** Recursos próprios e infraestrutura pública (kombi UnB, escola pública, etc.)

**Local de funcionamento:** Paranoá

### **Resumo:**

O objetivo central desta investigação é analisar e contribuir para o processo de dialogia-dialética entre a Educação Popular e a Educação de Jovens, Adultos e Idosos Trabalhadores de uma Escola Classe da Rede Pública de Ensino do Paranoá, no Distrito Federal. Esse objetivo surge da necessidade de aprofundar a parceria-trabalho histórica que existe desde 1985 entre o Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação Popular e Estudos Filosóficos e Histórico-Culturais (Genpex/FE/UnB) e o Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá (Cedep). A parceria-trabalho tem como principal matriz analítica a perspectiva histórico-cultural marxista de desenvolvimento humano (Vigotski, 2000) e o conceito de constituição humana e entrelaçamento do “ser de amor-poder-saber” (Reis, 2000; 2011). Para alcançar esse objetivo, adoto a metodologia



qualitativa da pesquisa-ação de base marxista, por entender que é a abordagem que melhor oferece os meios e procedimentos técnicos necessários para atingir meu propósito científico: “não só interpretar, mas transformar o mundo” (Marx; Engels, 1998, p. 103 - XI Tese sobre Feuerbach). Como desdobramento do objetivo geral, estabeleço três objetivos específicos. O primeiro é problematizar a historicidade e o processo de constituição da Educação Popular e da Educação de Jovens, Adultos e Idosos Trabalhadores. Resgatar essa historicidade significa trazer à tona as vozes e sentidos do passado que ainda estão presentes e constituem esses dois campos. Vozes e sentidos que, segundo Vigotski (2000) e Bakhtin (2010), são vivos e carregados de significados, que precisam ser interpretados no contexto em que se originaram. O segundo objetivo é investigar a singularidade da Educação Popular no contexto do Paranoá-Itapoá. Para isso, analiso quatro estudos relevantes: Reis (2011), Lima (1999), Jesus (2007) e Viana (2012), que examinam os efeitos e repercussões da Educação Popular nessa região na vida dos sujeitos, incluindo educandos(as), educadores(as) e estudantes-pesquisadores(as) da UnB. Por fim, o terceiro objetivo é contribuir para e analisar as rodas de diálogo que, desde 2015, têm se estabelecido entre a Universidade de Brasília, a Escola Classe e o Movimento Popular. Esse processo é permeado por inúmeros “nós”, compreendidos em seus múltiplos sentidos: como elos, coletivos, uniões, confrontos, disputas, desafios e dramas. Esses “nós” representam o movimento de atar e desatar, de avanços, retrocessos e estagnações na busca da dialogia-dialética entre a Educação Popular e a Educação de Jovens, Adultos e Idosos Trabalhadores. A dialogia-dialética é o objetivo central desta tese, sendo vista como uma conquista que não é dada a priori, mas algo a ser construído com tempo e esforço. Esse processo de dialogia-dialética exige um desarme interior para se colocar em relação com o outro. No entanto, desarmar-se não significa negar a si mesmo ou evitar confrontos, mas reconhecer que a identidade só se constrói na relação com o outro: “A eficácia do acontecimento não está na fusão de todos em um todo, mas na tensão entre minha distância e minha imiscibilidade, no uso do privilégio do meu lugar único fora dos outros indivíduos” (Bakhtin, 2010). A dialogia-dialética ocorre em uma relação tensa, mas essencialmente de acolhimento e afirmação tanto do eu quanto do outro.

**Palavras-chave:** EJA; diálogo; educação popular.

**E-mail para contato:** [jujucampanha@gmail.com](mailto:jujucampanha@gmail.com)



## 20. TÍTULO DA INICIATIVA/PROJETO/TRABALHO:

Universidade para quê? Um programa de TV sobre as contribuições do ensino superior para a sociedade

**Coordenação:** Marcelo Ximenes Aguiar Bizerril; Paulo Gabriel Franco dos Santos; Felipe Canova; Sergio Neves do Nascimento; Alex Fábio Silva

**Instituição/setor:** FUP / LECOM - Laboratório de Educação e Comunicação Comunitária

**Natureza do trabalho freireano:** Programa de TV (UnBTV)

**Categoria que expressa a natureza do trabalho freireano:** Comunicação contra hegemônica

**Data de criação, publicação ou funcionamento:** 16/05/2022

**Público-alvo alcançado:** Aproximadamente 3 mil pessoas

**Recursos utilizados:** Produção de vídeo pela UnBTV em parceria com o LECOM

**Local de funcionamento:** Gravações são na FUP e divulgação pelo YouTube e canal 15 da NET

### Resumo:

O amplo espectro de ação das IES públicas não é amplamente reconhecido pela sociedade, uma vez que a cobertura midiática sobre o ensino superior público no Brasil oscila entre matérias pontuais sobre descobertas científicas e opiniões de cientistas, processos de seleção de estudantes e denúncias de problemas de toda ordem, que tendem a ser associados à juventude, às políticas afirmativas de ingresso e permanência, e às instituições públicas. Esse último aspecto reforça a impressão de que tais instituições seriam onerosas aos cofres públicos e trariam poucos benefícios à sociedade. Como contraponto, o programa “Universidade para quê?” faz parte da programação da UnBTV, o canal de televisão da Universidade de Brasília, que integra a rede de TVs Universitárias brasileiras. O programa foi iniciado em 2022, com o objetivo de apresentar as contribuições do ensino superior público à sociedade em diversas frentes de atuação das IES, desfazer uma visão reducionista e distorcida da universidade e superar o distanciamento dessas instituições em relação à sociedade. A partir dos esforços de docentes, discentes e profissionais da área de audiovisual, os temas são definidos, o programa é elaborado, e os episódios são gravados, especialmente considerando o contexto da Faculdade UnB Planaltina, um campus na periferia do Distrito Federal, inaugurado em 2006. O programa utiliza princípios da educomunicação, especialmente para mobilizar os recursos técnicos, materiais e culturais da universidade, visando ampliar e tornar visíveis as vozes da



comunidade local em diálogo com membros da comunidade acadêmica. Nesse sentido, são mobilizadas linguagens cotidianas, em vez da predominância da linguagem científica comum às TVs Universitárias, com a intenção de explorar temas pouco discutidos da ação universitária. Os programas têm tratado de temas como a relação da universidade com as escolas, a expansão do ensino superior no Brasil, a articulação das universidades com os territórios, a internacionalização, a educação do campo, entre outros, e já obtiveram um número significativo de visualizações. Essa experiência contribui para a descentralização da própria televisão universitária ao fomentar diferentes polos emissores nos campi e, sobretudo, para a sistematização contínua da intencionalidade pedagógica e política de um projeto transformador de Universidade, que acreditamos se materializar no campus de Planaltina da Universidade de Brasília.

**Palavras-chave:** educomunicação; extensão; universidade pública.

**E-mail para contato:** bizerril@unb.br

## **21. TÍTULO DA INICIATIVA/PROJETO/TRABALHO:**

**Encontros entre os paradoxos pedagógicos e as utopias tecnológicas na práxis docente na modalidade eja**

**Coordenação:** Helga Valéria de Lima Souza

**Instituição/setor:** Grupo de ensino-pesquisa-extensão em educação popular e estudos filosóficos e histórico-culturais - GENPEX/UnB

**Natureza do trabalho freireano:** Projeto de extensão universitária, tese, docente de turmas de EJA, projeto escolar emancipatório, congressos, encontros, seminários, grupo de pesquisa

**Categoria que expressa a natureza do trabalho freireano:** Educação

**Data de criação, publicação ou funcionamento:** 16/05/2022

**Público-alvo alcançado:** Alunos da EJA: mais de 10 anos. Professores: em curso de formação 300

**Recursos utilizados:** Didático: apresentação e mediação oral.

**Local de funcionamento:** Taguatinga, Estrutural, Plano, Guará 2

### **Resumo:**

A presente tese, intitulada “Encontros entre os paradoxos pedagógicos e as utopias tecnológicas na práxis docente na modalidade EJA”, tem como objetivo



geral compreender criticamente as enunciações discursivas dos (as) professores (as) atuantes na modalidade EJA, ofertada por meio de sistema on-line, em condições históricas específicas — antes e durante o ano pandêmico de 2020, ocasionado pela Covid-19 — e os modelos de práxis desenvolvidos em seus contextos. Como objetivos específicos, estipulou-se: Conhecer o perfil dos (as) professores (as) atuantes na modalidade EJA, ofertada por meio de sistema on-line, antes e durante o ano pandêmico de 2021; Conhecer, a partir dos traços indicativos presentes nas enunciações dos sujeitos da pesquisa, informações sobre a posse ou utilização de equipamentos para o trabalho docente na modalidade EJA, ofertada por meio de sistema on-line, antes e durante o ano pandêmico de 2021; Compreender o processo histórico normativo da modalidade EJA e o histórico normativo de inserção das TICS na oferta da modalidade EJA; Identificar a presença ou ausência de teóricos norteadores da área da educação no desenvolvimento dos planejamentos e das atividades desenvolvidas por professores e professoras atuantes na modalidade EJA, ofertada por meio de sistema on-line, antes e durante o ano pandêmico de 2021; Identificar percepções e ações correspondentes aos conceitos de tema-problema, situação-limite e inédito-viável, desenvolvidas por professores e professoras atuantes na modalidade EJA, ofertada por meio de sistema on-line, antes e durante o ano pandêmico de 2021, junto à comunidade escolar. Foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa, com a participação de 77 sujeitos, organizados a partir de suas localidades, constituindo 12 conjuntos identificados como: BA, CE, DF, GO, MG, MT, PA, PB, PE, RJ, RS e SP. Para a geração de dados, foi elaborado um questionário, em versão impressa e posterior versão on-line. Sequencialmente à análise dos dados gerados via questionário, houve o desenvolvimento de sete entrevistas individuais com professores (as) integrantes dos grupos e a triangulação dos dados. Como referencial teórico, foram utilizados: Vásquez (2011), com destaque para suas análises e conceituações sobre práxis social, práxis política e o conceito de homem comum; Paulo Freire (2001, 2018), com suas análises sobre o professor (a) como ser político e suas conceituações de leitura do mundo, conscientização, situação-limite e inédito-viável; Triviños (1987) para a elaboração e aplicação dos questionários, entrevistas e triangulação de dados; e Pêcheux (1995) para análise de discursos. Como questão de pesquisa, pergunta-se: quais são as enunciações discursivas dos (as) professores (as) atuantes na modalidade EJA, ofertada por meio de sistema on-line, antes e durante o ano pandêmico de 2020, e quais os traços de suas práxis social e política? Como se constituem as formações discursivas com traços de assujeitamento às ideologias



dominantes, oscilações e posicionamentos críticos, conforme os enunciados dos (as) professores (as)? Em conclusão, destaca-se que os (as) professores (as) atuantes no sistema educacional apresentam, em suas enunciações e atividades práticas, indicativos correspondentes ao conceito de práxis social, política e do homem comum — de acordo com seu grau de conscientização e leitura do mundo. Em seus discursos, apresentaram um alto padrão de percepção relativo à ocorrência de temas-problemas e situações-limites, realizando, em alguns graus, ações ora próximas, ora correspondentes ao conceito de inédito-viável. Ademais, suas formações discursivas são oscilantes em relação à EJA no sistema on-line, em contextos escolares e realidades sócio-históricas desafiadoras.

**Palavras-chave:** professores(as); EJA; TICs; práxis.

**E-mail para contato:** helgaarte@gmail.com

## **22. TÍTULO DA INICIATIVA/PROJETO/TRABALHO:**

**Diboísmo (Entre muros e grades: Histórias de uma professora na cadeia)**

**Coordenação:** Visleine Reis Barbosa; Jaqueline Ornelas

**Instituição/setor:** SEEDF/Escola da Unidade de Internação do Recanto das Emas

**Natureza do trabalho freireano:** Projeto político-pedagógico escolar, trabalho final de curso de graduação ou especialização, dissertação e pesquisa acadêmica

**Categoria que expressa a natureza do trabalho freireano:** Outro: Um mix de educação, cultura e o combate à violência por uma cultura de paz

**Data de criação, publicação ou funcionamento:** 11/08/2017

**Público-alvo alcançado:** Em torno de 500

**Recursos utilizados:** Parcerias; PDAF; Voluntários; sala de arte multimídia; tintas, telas, panamás, empanadas, bonecos, artistas nacionais e internacionais, Freire, Boal, Foucault.

**Local de funcionamento:** Granja das Oliveiras-Recanto das Emas

### **Resumo:**

O projeto Diboísmo surge com a chegada da professora Visleine à Escola da Unire. O nome faz alusão ao termo “tô di boa”, frequentemente utilizado pelos estudantes com restrição de liberdade para justificar a recusa em realizar atividades em sala. O objetivo do projeto é, por meio dos preceitos da pedagogia



freireana, incluir esses estudantes no contexto escolar, ensinando-os a se tornarem sujeitos e cidadãos, como parte do processo de ressocialização. A metodologia utilizada foca nas linguagens artísticas como meio transformador. Como resultado, temos estudantes que, mesmo enfrentando os desafios da internação, estão engajados na escola, sentem-se pertencentes ao processo e, diferente de seu passado de evasões, começam a acreditar que a educação é um caminho possível para uma vida melhor e digna. Com isso, recebemos o reconhecimento, através de honra ao mérito em 2022 da SEEDF, por ser um projeto exitoso. Com seis anos de histórias e estudos de caso, nasceu “ENTRE Muros e Grades: Histórias de uma professora na cadeia”, uma apresentação teatral que busca levar à reflexão sobre o poder da arte aliada aos preceitos freireanos.

**Palavras-chave:** arte; educação; socioeducação.

**E-mail para contato:** visleinereis@gmail.com

### **23. TÍTULO DA INICIATIVA/PROJETO/TRABALHO:**

**Grupo de ensino-pesquisa-extensão em educação popular e estudos filosóficos e histórico-culturais - GENPEX**

**Coordenação:** Coordenação-Geral: Maria Clarisse Vieira

**Coordenações adjuntas:** Norma Lúcia Neris de Queiroz, Janaína Segatto Menezes, Ana Rosária Borges de Faria, Marli Vieira Lins de Assis, Julieta Borges Lemes Sobral, Larissa Silva do Nascimento Drago, Leila Maria de Jesus, Nirce Barbosa Castro, Márcia Castilho de Sales e Helga Valéria de Lima Souza

**Instituição/setor:** Faculdade de Educação/Universidade de Brasília

**Natureza do trabalho freireano:** Outro: projeto de ensino-pesquisa e extensão da UnB.

**Categoria que expressa a natureza do trabalho freireano:** Educação

**Data de criação, publicação ou funcionamento:** 10/08/1986

**Público-alvo alcançado:** Não temos essa resposta quantitativa exata, mas o Genpex desenvolve ações de formação de educadoras populares, formação inicial de graduandos e graduandas, formação em nível de mestrado e doutorado e, fundamentalmente, formação junto ao Movimento Popular, de Alfabetização de Jovens e Adultos não formal e Educação de Jovens e Adultos (anos iniciais e finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio)



**Recursos utilizados:** Recursos próprios, recursos e infraestrutura da Universidade e do Movimento Popular.

**Local de funcionamento:** A atuação mais forte é no Paranoá e Itapoá, mas também já teve atuação em Ceilândia, em Taguatinga, entre outros locais.

**Resumo:**

O Genpex é uma decorrência do Projeto de Alfabetização de Jovens e Adultos do Paranoá (Projeto Paranoá), o qual acompanha a própria constituição da história da nova capital, Brasília, inaugurada em 1960, e sua relação com o fenômeno do êxodo rural. Em 1986, jovens do Paranoá demandam à UnB/FE a participação da universidade na alfabetização de jovens e adultos. Essa demanda é acolhida pela professora Marialice Pitaguary, que inicia as atividades do Projeto de Alfabetização e Formação de Alfabetizadores Populares e permanece até 1988. Em 1989, o professor Renato Hilário dos Reis assume o projeto, dando continuidade a essa parceria e permanecendo até 2015, quando se aposenta. A partir de 2016, a professora Maria Clarisse Vieira assume a coordenação geral do GENPEX e permanece até os dias de hoje. O GENPEX está registrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e suas linhas de pesquisa-ção estão assim constituídas: 1. Educação Popular (crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos), Relações Sociais e Constituição do Sujeito numa perspectiva histórico-cultural marxista. 2. Educação e Formação em Processo de Educadores(as) de Crianças, Adolescentes, Jovens, Adultos e Idosos trabalhadores na Rede Pública de Ensino do Distrito Federal e na Rede Integrada de Desenvolvimento do Entorno (RIDE), bem como na Educação Popular. 3. Educação de Adolescentes, Jovens, Adultos e Idosos trabalhadores em contextos de restrição e/ou privação de liberdade. 4. Educação de Jovens, Adultos, Idosos e Trabalhadores integrada à Educação Profissional. 5. Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação de Jovens, Adultos, Idosos e Trabalhadores - EJAIT.

**Palavras-chave:** educação popular; diálogo; amorosidade; constituição de sujeitos.

**E-mail para contato:** [jucampanha@gmail.com](mailto:jucampanha@gmail.com)



## 24. TÍTULO DA INICIATIVA/PROJETO/TRABALHO:

**A educação popular nos tempos de pandemia – A experiência da educadora popular rosa**

**Coordenação:** Maria Clarisse Vieira

**Instituição/setor:** Universidade de Brasília - Faculdade de Educação

**Natureza do trabalho freireano:** Trabalho final de curso de graduação ou especialização.

**Categoria que expressa a natureza do trabalho freireano:** Educação

**Data de criação, publicação ou funcionamento:** 20/01/2020

**Público-alvo alcançado:** Diverso

**Recursos utilizados:** Pesquisa de campo com entrevista

**Local de funcionamento:** Universidade de Brasília

### Resumo:

Este trabalho de conclusão de curso visou compreender, à luz do Inédito-Viável de Paulo Freire, como uma educadora do movimento popular desenvolveu o processo de ensino e aprendizagem no contexto da pandemia de covid-19 a um grupo de educandos jovens e adultos em processo de alfabetização no Itapoã-DF. O contexto de pandemia interrompeu o processo pedagógico de milhões de estudantes, atingindo também a educação popular voltada para os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Rosa, educadora popular, criou um grupo de WhatsApp com seus educandos da EJA e manteve o vínculo do grupo por meio desta ferramenta digital. A utilização do aplicativo WhatsApp, para a prática pedagógica, encontra na categoria de Inédito-Viável de Paulo Freire a possibilidade de enfrentar o cenário atual e apontar novos caminhos pedagógicos. Ressalta-se que as perspectivas, tanto da amorosidade quanto da importância do acolhimento do sujeito da EJA, não ficaram esquecidas, mesmo com o isolamento social e a tecnologia. A pesquisa utilizou, como método, a investigação narrativa, que tem como foco a experiência humana a partir das histórias narradas e permite uma melhor interação entre pesquisador e participante da pesquisa. Para tanto, foram realizados quatro encontros com a educadora Rosa por meio do aplicativo. A partir da análise dos dados, constatou-se que, por meio do grupo do WhatsApp, os educandos ficaram unidos entre si e com a educadora, além de ter proporcionado a vivência e experiência de todos nas ferramentas que o aplicativo possui, permitindo que os educandos também se apropriassem dessa ferramenta. Os desafios são grandes, principalmente porque a maioria dos alunos não possui equipamento próprio (usando o de filhos ou netos)



e nem acesso à internet de qualidade. A importância do conhecimento e domínio dessa ferramenta deve proporcionar aos estudantes sua inclusão no mundo digital e autonomia de seu uso.

**Palavras-chave:** Educação de Jovens e Adultos; inédito-viável; educação popular.

**E-mail para contato:** larissasilvadrage@gmail.com

## 25. TÍTULO DA INICIATIVA/PROJETO/TRABALHO:

### **Construção da Autonomia Discente em Escola de Ensino Fundamental**

**Coordenação:** Lúcia de Fatima Bezerra Cavalcante Coutinho

**Instituição/setor:** Universidade Metodista de São Paulo

**Natureza do trabalho freireano:** Acadêmico/dissertação e projeto escolar emancipatório.

**Categoria que expressa a natureza do trabalho freireano:** Educação

**Data de criação, publicação ou funcionamento:** 14/03/2023

**Público-alvo alcançado:** Docentes e discentes da escola em que atuou

**Recursos utilizados:** Formação de professores, salas de reuniões, auditórios

**Local de funcionamento:** Em Leopoldina, Minas Gerais

#### **Resumo:**

O propósito da pesquisa foi analisar as possibilidades de formação de estudantes autônomos nos anos iniciais do ensino fundamental em uma escola comunitária situada no município de Leopoldina-MG. Considera-se que um projeto de educação escolar, seja em instituições de categoria administrativa pública ou privada, que visa à construção e ao fortalecimento de uma sociedade democrática, compromete-se com a formação de estudantes capazes de pensar por si mesmos, analisando criticamente temas cotidianos da realidade da qual participam, para que tenham voz e participação ativa no ambiente escolar e na sociedade. Compreende-se o papel da educação escolar na formação de estudantes para pensar e agir de forma autônoma; assim, é possível evitar que falas alheias, sistemas políticos e programas com práticas excludentes e autoritárias os dominem ou manipulem. É necessário que o processo educativo os provoque a buscar o conhecimento científico e o pensamento crítico a fim de embasar seus pontos de vista, ideias, tomadas de decisão e ações. No cotidiano escolar, para a formação autônoma de estudantes, faz-se necessário que estes participem de decisões sobre a organização geral da escola, dos tempos e espaços escolares e da abordagem de temas relevantes para debates, dentre outras possibilidades



de protagonismo. Partindo de tais pressupostos, a pesquisa teve como objetivo identificar de que forma docentes de uma escola de ensino fundamental que declara princípios humanistas compreendem o conceito de autonomia e como estão engajados na construção da autonomia dos estudantes. A investigação, de abordagem qualitativa, contou com observações de eventos escolares realizadas pela pesquisadora e o encaminhamento de questões abertas aos docentes. As análises dos dados estão embasadas, principalmente, na pedagogia de Paulo Freire, além de autores que abordam o tema da autonomia. Concluiu-se que não há, por parte dos docentes, clara compreensão do conceito de autonomia, restringindo-se a um fazer individualista. Essa compreensão limita as práticas pedagógicas voltadas à construção da autonomia discente, indicando a necessária problematização dessa realidade no processo formativo de docentes e discentes.

**Palavras-chave:** autonomia; educação transformadora.

**E-mail para contato:** lucia.fbc.2019@gmail.com

## **26. TÍTULO DA INICIATIVA/PROJETO/TRABALHO:**

### **A importância do Rock na transformação social**

**Coordenação:** Francisca Ivanete Feitosa

**Instituição/setor:** Movimento Antifascista Rock DF e Associação Paralelo X

**Natureza do trabalho freireano:** Outro: Palestra

**Categoria que expressa a natureza do trabalho freireano:** Cultura

**Data de criação, publicação ou funcionamento:** 15/09/2023

**Público-alvo alcançado:** Diverso

**Recursos utilizados:** Didático

**Local de funcionamento:** Distrito Federal

#### **Resumo:**

Este trabalho apresenta um apanhado geral sobre o desenvolvimento do rock, seus desdobramentos e sua contribuição ao longo das décadas, evidenciando como o gênero influenciou diretamente a transformação social.

**Palavras-chave:** rock; desenvolvimento social.

**E-mail para contato:** ivanete.ivanete10feitosa@gmail.com



## 27. TÍTULO DA INICIATIVA/PROJETO/TRABALHO:

### Conferência do Rock Underground

**Coordenação:** Geldo Ferreira de Araujo

**Instituição/setor:** Movimento Antifascista Rock - DF

**Natureza do trabalho freireano:** Música

**Categoria que expressa a natureza do trabalho freireano:** Combate à violência e ao preconceito

**Data de criação, publicação ou funcionamento:** 17/09/2022

**Público-alvo alcançado:** Mais de 100

**Recursos utilizados:** Atos e festivais antifascistas

**Local de funcionamento:** Plano Piloto, Ceilândia, Brazlândia, Taguatinga, Samambaia, Planaltina, Recanto, Gama

#### Resumo:

O Movimento Rock Underground reconhece que este é um momento histórico e fundamental para fortalecer a identidade do Distrito Federal como a Capital do Rock. Com uma pauta unificada de demandas e propostas de soluções, o movimento visa desenvolver políticas públicas para este segmento musical, que abrange desde o rock até a música mais extrema, caracterizado por temáticas reflexivas, críticas e análises sociais, tão necessárias ao desenvolvimento de uma sociedade mais justa e consciente. A história do rock em nosso Distrito Federal começa no início da década de 80, quando filhos de professores que residiam na área habitacional da Universidade de Brasília (UnB) criaram o Aborto Elétrico, influenciados pelo punk rock. Esse movimento culminou em três outras bandas icônicas: Legião Urbana, Plebe Rude e Capital Inicial. Diversos grupos emergiram entre 1980 e 1990, vendendo milhões de discos e arrastando multidões em centenas de shows por todo o Brasil, consolidando Brasília como a capital do rock e firmando o estilo com alta aceitação e demanda em todo o país. Desde então, o rock continua vivo, apesar de ter perdido espaço nas mídias populares e em diversos bares de Brasília e do país. Letras mais profundas e de teor social não são tão apreciadas pela população em geral, mas os riffs intensos e uma postura contestadora e consciente ressoam por todo o DF e entorno, sustentados por décadas de projetos e festivais variados. As últimas edições de festivais clássicos em cidades-satélites, como o Ferro Rock, Samamba Rock e 1kg de Rock, mesclam bandas de diferentes faixas etárias, desde o Death Slam (com mais de 30 anos de



atividade) até o Kidsgrace, que representa um avanço na inclusão de mulheres e pessoas trans na cena. Destaca-se também Arandu Arakuaa, que fortalece a pauta dos povos originários ao mesclar heavy metal com músicas indígenas, cantadas em idioma nativo. Todas essas bandas são nascidas e residentes em Brasília.

**Palavras-chave:** antifascismo; rock; humano.

**E-mail para contato:** geldofuncaoinverta@gmail.com

## **28. TÍTULO DA INICIATIVA/PROJETO/TRABALHO:**

**Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade-GEFOPI**

**Coordenação:** Andrea Kochhann

**Instituição/setor:** Universidade Estadual de Goiás

**Natureza do trabalho freireano:** Projeto de extensão universitária, grupo de estudo no tema.

**Categoria que expressa a natureza do trabalho freireano:** Educação

**Data de criação, publicação ou funcionamento:** 10/02/2006

**Público-alvo alcançado:** 500

**Recursos utilizados:** Vários

**Local de funcionamento:** Luziânia, Planaltina, São Luis de Montes Belos

### **Resumo:**

O GEFOPI foi criado com o objetivo de fomentar conhecimentos teóricos e práticos para acadêmicos de variados cursos de graduação e pós-graduação, por meio de inúmeros projetos de extensão e pesquisa. Seguindo a práxis crítico-emancipadora de Paulo Freire, o GEFOPI também visa à transformação da sociedade. Para cada atividade, utilizam-se diversas metodologias, incluindo os círculos de cultura. Algumas das atividades realizadas incluem: *lives* no Instagram, práticas pedagógicas e lúdicas no Desportivo Real, práticas pedagógicas e lúdicas no Centro de Assistência Sociopsicossocial, círculos formativos em Planaltina, gestão acadêmica para mestrado e doutorado, e uma brinquedoteca no presídio, entre outras. Os resultados alcançados são diversos e dependem da atividade realizada. Por exemplo, muitos participantes ingressaram em programas de mestrado e doutorado, além de haver numerosos depoimentos



emocionados e agradecidos de presidiários. Também se observa uma formação mais humanizada entre os professores de instituições públicas, entre outros resultados significativos.

**Palavras-chave:** praxis crítico-emancipadora; transformação social; formação docente.

**E-mail para contato:** andreakochhann@yahoo.com.br

## 29. TÍTULO DA INICIATIVA/PROJETO/TRABALHO:

**Projeto CIFOPLAN: uma experiência da extensão universitária na formação docente por meio da práxis freiriana**

**Coordenação:** Andréa Pereira de Oliveira Alves (Mestranda) e Andréa Kochhann (orientadora).

**Instituição/setor:** Universidade Estadual de Goiás (UEG) / Programa de Pós-graduação em Gestão, Educação e Tecnologias (PPGET) / Secretaria Municipal de Educação de Planaltina-GO

**Natureza do trabalho freireano:** Projeto de extensão universitária, dissertação e livro (capítulo ou organização)

**Categoria que expressa a natureza do trabalho freireano:** Educação

**Público-alvo alcançado:** 25 professores da rede municipal de ensino, 15 graduandos da UEG e 10 mestrandos do PPGET/UEG.

**Recursos utilizados:** Computadores; notebooks; projetores multimídia; telas de projeção; microfones; câmeras fotográficas e/ou celular; banner; impressora; papel A4; canetas; blocos de anotação; transporte de acadêmicos fornecido pela Secretaria Municipal de Educação de Planaltina-GO, Produção e diagramação de livro e *Coffee break* dos encontros.

**Local de funcionamento:** Planaltina-GO

### Resumo:

O presente projeto de extensão, intitulado “Círculos de Cultura em Formação de Professores de Planaltina – GO (CIFOPLAN)”, foi criado para atender a uma demanda da Secretaria Municipal de Educação de Planaltina – GO. Ele é composto por encontros de formação docente, com propostas metodológicas inspiradas em Freire (1983, 1987) e práticas de diálogo voltadas para a humanização. O I CIFOPLAN será realizado ao longo de 2023, com



12 encontros planejados pelas pesquisadoras e mediados por graduandos e pós-graduandos da Universidade Estadual de Goiás (UEG), em parceria com a equipe pedagógica da Secretaria Municipal de Educação. As demandas formativas dos professores da rede municipal foram previamente diagnosticadas por meio de um questionário misto, seguindo a metodologia de pesquisa-ação, conforme Thiollent (2011). Como produto deste projeto, espera-se a publicação de um livro do I CIFOPLAN, além de orientação para a participação em eventos científicos. O projeto tem como objetivo produzir conhecimento e viabilizar a formação de acadêmicos da UEG e professores de Planaltina-GO, como uma ação extensionista de concepção processual-orgânica (Reis, 1996), com o propósito de promover uma formação acadêmica e docente mediada por uma Epistemologia da Extensão Universitária, fundamentada na práxis crítico-emancipadora (Kochhann, 2021).

**Palavras-chave:** extensão universitária; círculos de cultura; formação docente.

**E-mail para contato:** [andressa.amada@gmail.com](mailto:andressa.amada@gmail.com)

### **30. TÍTULO DA INICIATIVA/PROJETO/TRABALHO:**

**Narrativas Autobiográficas e Formação Docente Autônoma e Reflexiva com Enfoque CTS Envolvendo Temas Controversos no Ensino de Ciências e Biologia**

**Coordenação:** Núbia Almeida Duarte Oliver - Orientadora: Maria Luiza de Araújo Gastal

**Instituição/setor:** Universidade de Brasília/Instituto de Química/Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências

**Natureza do trabalho freireano:** Acadêmico/dissertação

**Categoria que expressa a natureza do trabalho freireano:** Educação

**Data de criação, publicação ou funcionamento:** 15/09/2022

**Público-alvo alcançado:** Estimativa de 500 pessoas

**Recursos utilizados:** Curso de formação denominado: Temas Controversos no Ensino de Ciências e Biologia e Valorização das ideias de autonomia e reflexividade, o qual resultou em uma proposição didática de ação profissional docente

**Local de funcionamento:** Plano Piloto, mas alcançou professores que lecionavam, além do Plano Piloto (Asa Norte e Asa Sul), em Águas Claras, Brazlândia, Cruzeiro, Guará, Planaltina, Taguatinga.



## **Resumo:**

Trata-se de uma pesquisa-ação-formação, utilizando pesquisa autobiográfica, realizada com professores de Ciências e Biologia do Distrito Federal, por meio de um curso de formação continuada intitulado “Temas controversos no Ensino de Ciências e Biologia e valorização das ideias de autonomia e reflexividade”. Meu objetivo principal foi analisar as facilidades e dificuldades do trabalho docente dentro da Educação CTS (Ciência, Tecnologia e Sociedade), envolvendo temas controversos, buscando compreender como uma proposta de formação contínua, baseada no aporte teórico-metodológico das narrativas autobiográficas, poderia contribuir para despertar a autonomia e a reflexividade dos professores integrantes desta pesquisa, envolvendo-os em uma prática pedagógica voltada para uma formação crítica, autônoma, reflexiva e criativa. O curso proposto foi construído em conjunto com dez docentes participantes (nove ao final), na perspectiva humanística de Paulo Freire. Após seis encontros de formação continuada, realizei uma entrevista semiestruturada com oito dos cursistas, conforme o planejamento de minha pesquisa. O material produzido no curso de formação continuada (discursos e narrativas), na entrevista semiestruturada e no meu diário de escuta foi interpretado pela ferramenta denominada análise textual discursiva (ATD) (Moraes, 2003), com a criação de três categorias de análise: (1) Percepções docentes: temas controversos envolvendo CTS no Ensino de Ciências/Biologia, autonomia e reflexividade; (2) As experiências pessoais para o “eu professor”/“eu professora”; (3) O curso de formação continuada e as narrativas autobiográficas em um fazer docente autônomo e reflexivo. Os temas controversos repercutem na educação científica escolar. A educação CTS, que pode envolver questões sociocientíficas, é promissora para o desenvolvimento de uma alfabetização científica que valorize o protagonismo, a crítica, a criatividade e a formação cidadã (Santos; Mortimer, 2002). Assim, é importante valorizar a autonomia e a reflexividade no ambiente escolar, para fortalecer a construção de uma sociedade democrática em tempos tão controversos. Ressaltar a subjetividade no trabalho com narrativas autobiográficas (Josso, 2010), enfatizando a “escuta sensível” (Barbier, 2007, p. 93), significa valorizar as histórias de vida em um processo reflexivo e formativo. Os resultados desta pesquisa evidenciam que o curso contribuiu para avivar o interesse e a percepção dos professores de Ciências/Biologia do Distrito Federal, envolvidos na temática proposta, sobre a possibilidade e a necessidade da abordagem de temas controversos em sala de aula para uma



formação discente autônoma, reflexiva, crítica, criativa e cidadã. Outra questão referiu-se à valorização de espaços formativos que priorizem a “escuta sensível” e o conhecimento dos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, bem como ao trabalho com as narrativas autobiográficas. Os docentes relataram consciência sobre a importância de trabalhar, dialogar, discutir e debater temas controversos e ideias de autonomia e reflexividade com os discentes, expondo suas facilidades e realçando suas dificuldades específicas na abordagem de questões de natureza controversa, como, por exemplo, as relacionadas à sexualidade. Percebi o anseio dos professores por investimentos em cursos de formação inicial e continuada (principalmente) com abordagem sobre temas controversos no Ensino de Ciências/Biologia e a valorização do narrar e do escutar sobre as experiências de vida. Os docentes precisam de apoio no ambiente escolar e de políticas públicas que valorizem seu trabalho e sua liberdade de ensinar, sendo necessário rever o excesso de responsabilidades e encargos atuais direcionados aos profissionais da educação.

**Palavras-chave:** educação cts; narrativas autobiográficas; formação docente continuada.  
**E-mail para contato:** nubiaoliverbio@gmail.com / nubia.oliver@unb.br

### **31. TÍTULO DA INICIATIVA/PROJETO/TRABALHO:**

**Formação para Alfabetizadores(as)/Educadores(as) de Jovens, Adultos e Idosos e Defesa da Democracia**

**Coordenação:** Erlando da Silva Rêses

**Instituição/setor:** Faculdade de Educação (FE) - UnB

**Natureza do trabalho freireano:** Projeto de extensão universitária, projeto em movimento social, projeto em movimento popular e grupo de estudo no tema

**Categoria que expressa a natureza do trabalho freireano:** Educação

**Data de criação, publicação ou funcionamento:** 01/03/2023

**Público-alvo alcançado:** Cerca de 500 pessoas direta e indiretamente

**Recursos utilizados:** Recurso da REPE UnB

**Local de funcionamento:** Ceilândia centro (prédio da UnB)

#### **Resumo:**

O projeto tem como objetivo conscientizar as pessoas envolvidas e a comunidade ceilandense sobre a necessidade de superar o analfabetismo e



gerar demanda para o primeiro segmento da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Esse compromisso contribuirá para o cumprimento da Meta 9 do Plano Nacional de Educação (2014-2024), que “visa elevar a taxa de alfabetização da população com 15 (quinze) anos ou mais para 93,5% até 2015 e, até o final da vigência do PNE, erradicar o analfabetismo absoluto e reduzir em 50% a taxa de analfabetismo funcional”.

**Palavras-chave:** alfabetização; Educação de Jovens e Adultos; formação de educadores.

**E-mail para contato:** erlando@unb.br

### **32. TÍTULO DA INICIATIVA/PROJETO/TRABALHO:**

**Poesia Marginal, política e cidade: o percurso poético na construção da identidade cultural em Brasília.**

**Coordenação:** Wélcio Silvério de Toledo

**Instituição/setor:** Universidade do Distrito Federal - UnDF

**Natureza do trabalho freireano:** Tese, pesquisa acadêmica, poesia e livro (capítulo ou organização)

**Categoria que expressa a natureza do trabalho freireano:** Cultura

**Data de criação, publicação ou funcionamento:** 14/09/2023

**Público-alvo alcançado:** Diverso

**Recursos utilizados:** Livro

**Local de funcionamento:** Por todo DF

#### **Resumo:**

Poesia Marginal, política e cidade: o percurso poético na construção da identidade cultural em Brasília. O livro analisa a relação entre a poesia marginal e a formação da identidade cultural em Brasília nas décadas de 1970 e 1980, bem como seus desdobramentos para a produção poética atual. Essa relação remonta às primeiras décadas da nova capital do Brasil, período em que a cidade pulsava culturalmente, ao mesmo tempo em que o Regime Militar, imposto em 1964, buscava silenciar as artes e a cultura no país. O autor traça um percurso poético, buscando respostas e lançando novas questões, fruto dessa exploração, como entradas, saídas, bifurcações e encruzilhadas que surgem no caminho do poeta-flâneur-pesquisador. Walter Benjamin, Mário Pedrosa, Baudelaire,



Luiz Costa Lima, Renato Ortiz, Hans Robert Jauss, entre outros, estão na base de suas referências bibliográficas. O diálogo da poesia com outras artes, como teatro, artes visuais, cinema e música, permeia este trabalho, repleto de histórias e análises de poemas de diversos autores brasileiros e de uma variedade de poetas marginais que participaram da efervescência cultural e política do final da década de 1970 e início dos anos 1980, como Chacal, Cacaso, Ana Cristina César, Torquato Neto, Alex Polari, Nicolas Behr, Sóter, Leminski, entre muitos outros. A temática do autoritarismo está presente no livro, realçando dois momentos cruciais da nossa história política: o pós-golpe de 1964 e o pós-golpe que derrubou a presidenta eleita Dilma Rousseff em 2016. A poesia também está presente tanto nesses períodos quanto nos capítulos que discutem a relação entre política, identidade e cidade. Nessa busca pela construção da identidade cultural, a poesia brasileira se faz presente em diversos momentos, inclusive na atualidade, com poemas de Vanderlei Costa, Meimei Bastos, Jorge Amâncio, Yonaré Barros, Ravena Carmo, Marina Mara, Tatiana Nascimento, Paulo Dagomé, Kika Sena, José Carlos Vieira, André Giusti, Paulo Kauim, Fernando Freire e muitos outros. Além desses, poetas da geração mimeógrafo e artistas de diversas áreas dialogam com a cidade no período da efervescência cultural do final da década de 1970 e início dos anos 1980. É a cidade que vai tomando forma nesses pouco mais de 60 anos, se fortalecendo culturalmente, num diálogo, nem sempre tranquilo, entre o passado e o presente e entre as diversas manifestações artísticas espalhadas por uma Brasília que cresceu muito além de seu plano piloto inicial.

**Palavras-chave:** Poesia, identidade cultural, Brasília

**E-mail para contato:** [welciodetoledo@gmail.com](mailto:welciodetoledo@gmail.com)

### **33. TÍTULO DA INICIATIVA/PROJETO/TRABALHO:**

**Dossiê Paulo Freire: Um projeto piloto de alfabetização de adultos - de Brasília para o Brasil**

**Coordenação:** Eva Waisros Pereira; Raquel de Almeida Moraes e Maria Paula Taunay

**Instituição/setor:** Museu da Educação do Distrito Federal

**Natureza do trabalho freireano:** Pesquisa acadêmica

**Categoria que expressa a natureza do trabalho freireano:** Educação



**Data de criação, publicação ou funcionamento:** 01/01/2017

**Público-alvo alcançado:** 2.000 aproximadamente

**Recursos utilizados:** Pesquisa acadêmica, registros históricos, fotografias e documentos textuais.

**Local de funcionamento:** Campus Darcy Ribeiro e Secretaria de Educação do Distrito Federal

**Resumo:**

O presente artigo resulta de uma investigação relativa à experiência de alfabetização de adultos realizada em Brasília nos seus primórdios. Iniciada em 1963, sob a coordenação de Paulo Freire, constituiu-se no embrião do Programa Nacional de Alfabetização (PNA), proposto pelo governo de João Goulart. A pesquisa que serve de base para este estudo foi desenvolvida por meio de análise documental, orientada pela concepção crítica do método historiográfico. Os dados obtidos dialogam com aqueles coletados no “Dossiê Paulo Freire”, concedido pela professora Maria de Souza Duarte ao acervo do Museu da Educação do Distrito Federal. Esse dossiê é composto por uma coleção de fotografias dos primeiros círculos de cultura em Brasília, bem como de reuniões das autoridades federais responsáveis pelo PNA, além de documentos textuais relacionados ao objeto pesquisado. A riqueza de dados encontrados sobre Paulo Freire demonstra a importância de sua passagem pela nova capital e o caráter emancipador do projeto de alfabetização. A abrupta interrupção da experiência, causada pelo golpe de 1964, impediu a continuidade das políticas públicas de alfabetização de adultos em curso no Brasil, além de impor o apagamento da presença do educador na capital do país durante a ditadura militar.

**Palavras-chave:** experiência de alfabetização de adultos em Brasília; Plano Nacional de Alfabetização; dossiê Paulo Freire; Museu da Educação do Distrito Federal.

**E-mail para contato:** [maria paulataunay@gmail.com](mailto:maria paulataunay@gmail.com)



### **34. TÍTULO DA INICIATIVA/PROJETO/TRABALHO:**

**Brinquedoteca em presídio: possibilidades de aprendizagem, resgate da cidadania e amorosidade**

**Coordenação:** Andréa Kochhann Machado

**Instituição/setor:** Universidade Estadual de Goiás

**Natureza do trabalho freireano:** Projeto de extensão universitária

**Categoria que expressa a natureza do trabalho freireano:** Movimento social

**Data de criação, publicação ou funcionamento:** 05/02/2018

**Público-alvo alcançado:** 50 (presos e familiares) e 50 acadêmicos

**Recursos utilizados:** Materiais pedagógicos e lúdicos

**Local de funcionamento:** São Luís de Montes Belos – Goiás

#### **Resumo:**

Um dos projetos de extensão do GEFOPi foi criado em 2018, por Josimar Pires Nicolau do Nascimento, à época Diretor Prisional, e atualmente Diretor-Geral da Polícia Penal do Estado de Goiás, Brasil. O objetivo do projeto é acompanhar as crianças e adolescentes durante a visita mensal aos pais privados de liberdade, realizadas na brinquedoteca, um espaço que foi construído e equipado na unidade prisional. A brinquedoteca é um ambiente acolhedor e lúdico, destinado a acolher as crianças e familiares. A sala onde ocorrem os encontros possui a estrutura de uma brinquedoteca, sendo equipada com brinquedos, TV, livros, jogos, espaço para teatro de fantoches, instrumentos musicais, entre outros recursos, para realizar os trabalhos pedagógicos. Este projeto de extensão tem como objetivo propiciar a relação entre pais privados de liberdade e seus filhos de maneira pedagógica, durante o dia da visita no presídio, além de proporcionar a formação dos acadêmicos em um ambiente fora da escola, tendo a teoria freireana como alicerce, principalmente no que tange à amorosidade e à cidadania, em que homens e mulheres se constituem e são constituídos, inseridos em um contexto histórico e social. As mães levam seus filhos e os deixam na brinquedoteca, sob os cuidados dos acadêmicos, enquanto aguardam em outro espaço até o fim da visitação. A dinâmica desse momento baseia-se no contato dos pais privados de liberdade com seus filhos, independentemente da idade,



desde bebês até jovens de 17 anos. Durante esse contato, os pais brincam com seus filhos, realizam atividades pedagógicas, leem histórias infantis, brincam de caça-palavras e no parquinho, conversam sobre a escola e o dia a dia das crianças, entre outras atividades. Espera-se que esse momento possibilite aos pais e filhos uma aproximação e um fortalecimento do vínculo familiar e amoroso, o que pode favorecer o resgate da cidadania e a reflexão sobre o que pretendem fazer após a liberdade, pois acredita-se que todos podem refazer seu caminho e escolher mudar (Freire, 2007).

**Palavras-chave:** amorosidade; resgate de cidadania; formação docente.

**E-mail para contato:** [vanessa.ueg.silva@gmail.com](mailto:vanessa.ueg.silva@gmail.com)

### **35. TÍTULO DA INICIATIVA/PROJETO/TRABALHO:**

**Desafios vivenciados na formação de professores do Curso Normal durante a pandemia**

**Coordenação:** Katia Cilene da Costa

**Instituição/setor:** Universidade Federal do Triângulo Mineiro

**Natureza do trabalho freireano:** Artigo acadêmico ou jornalístico

**Categoria que expressa a natureza do trabalho freireano:** Educação

**Data de criação, publicação ou funcionamento:** 20/03/2020

**Público-alvo alcançado:** 36

**Recursos utilizados:** Plataformas digitais

**Local de funcionamento:** Uberaba- MG

#### **Resumo:**

O presente relato de experiência trata dos desafios vivenciados por uma docente e suas discentes em uma turma do Curso Normal durante o ano de 2020, ano em que a pandemia de covid-19 e a crise sanitária exigiram da escola uma reinvenção na forma de apresentar os componentes curriculares aos estudantes. Freire (2016) reporta o educador da esperança, do agir e do compromisso com o educando. Nessa perspectiva, durante a pandemia, o contato entre docente



e discentes foi mediado por tecnologias digitais, exigindo um acolhimento pautado na fé, na alegria e na esperança. Dessa forma, a vivência pedagógica nesse período, em que estive exercendo a docência na sala da minha casa, traduz-se em horas e horas de pesquisas realizadas em sites especializados em formação de professores, buscando criar e recriar instrumentos pedagógicos que pudessem dar conta dos desafios vividos nas aulas que aconteciam nas plataformas digitais.

**Palavras-chave:** educação em tempos de pandemia; docentes do curso normal; educação para resistência.

**E-mail para contato:** katiacilenecosta06@gmail.com

### **36. TÍTULO DA INICIATIVA/PROJETO/TRABALHO:**

#### **A Drink to Death**

**Coordenação:** Luis Filipe Silva Vasconcelos

**Instituição/setor:** Poeta/compositor

**Natureza do trabalho freireano:** Poesia e música

**Categoria que expressa a natureza do trabalho freireano:** Cultura

**Data de criação, publicação ou funcionamento:** 13/07/2016

**Público-alvo alcançado:** Diverso

**Recursos utilizados:** Audiovisual

**Local de funcionamento:** Distrito Federal

#### **Resumo:**

Iniciei como poeta no atendimento da Sala de Recursos – Altas Habilidades aos 11 anos. A vivência no atendimento durante a fase escolar ajudou a desenvolver minha identidade artística, bem como meu estilo literário. Sempre escrevi sobre temas sociais com uma visão mais crítica, e, quando iniciei os trabalhos com a banda, apenas continuei o que já estava em andamento antes. A banda “A Drink to Death” foi idealizada em meados de 2014, mas consolidou-se apenas em 2016, quando conseguimos fechar nossa primeira formação e iniciar as primeiras composições. À época, definia as letras como tendo “críticas



sociais em meio a cenários distópicos”, mas, com o tempo, notei que não há maior cenário distópico do que a realidade em que vivemos. Hoje, tenho letras com temas diversos, mas fortemente influenciadas pelo antifascismo e pela defesa do direito de todos.

**Palavras-chave:** poesia; composição; underground.

**E-mail para contato:** filipe.pessoal7@gmail.com

### **37. TÍTULO DA INICIATIVA/PROJETO/TRABALHO:**

**Práticas pedagógica na horta**

**Coordenação:** Maria da Solidade Vicente da Silva

**Instituição/setor:** Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal

**Natureza do trabalho freireano:** Projeto político-pedagógico escolar e educação em assentamento/acampamento/comunidade

**Categoria que expressa a natureza do trabalho freireano:** Educação

**Data de criação, publicação ou funcionamento:** 28/08/2023

**Público-alvo alcançado:** 280

**Recursos utilizados:** Mudanças, adubos orgânicos, enxada, carrinho de mão, rastelo, etc.

**Local de funcionamento:** Núcleo Rural Rio Preto

#### **Resumo:**

O objetivo geral é proporcionar vivências saudáveis na prática e manutenção de uma horta escolar no CEF Rio Preto, onde os educandos e toda a comunidade escolar aprenderão a plantar, cuidar do plantio, colher e até distribuir o que for colhido, visando o desenvolvimento de uma cultura de subsistência das famílias do campo. Além disso, propõe-se a ação pedagógica que pode auxiliar, de maneira racional, a extração de produtos da horticultura, bem como estimular a construção dos princípios de responsabilidade e comprometimento com a natureza, com o ambiente escolar, com a comunidade e com a sustentabilidade do planeta. O objetivo específico é ressaltar o valor nutricional das hortaliças e legumes; explorar o cultivo de plantas medicinais



e suas finalidades de uso; estudar e aplicar técnicas de reciclagem; valorizar a importância do trabalho e da cultura do homem do campo; identificar técnicas de manuseio do solo e manuseio adequado dos vegetais; conhecer técnicas de cultivo orgânico; estabelecer relações entre o valor nutritivo dos alimentos cultivados; compreender a relação entre solo, água e nutrientes; identificar processos de semeadura, adubação e colheita; e identificar o uso da práxis e a dialética para a alfabetização e formação humana. A metodologia está organizada em forma de oficinas. Na primeira, serão apresentadas as ferramentas e seu uso correto em tratamentos culturais, como capina, limpeza de ervas daninhas e descompactação do solo, construção e manutenção de canteiros, seleção de sementes e manejo de hortaliças. Na segunda oficina, utilizaremos conteúdos de forma transdisciplinar na prática, como cálculo da área dos canteiros, figuras geométricas, adubação orgânica, tipos de solos, história de algumas hortaliças e nomeação de cada uma delas na linguagem portuguesa e inglesa. Na terceira oficina, será desenvolvido um seminário sobre receitas com os produtos da horta.

**Palavras-chave:** Solo, alimentação, Formação.

**E-mail para contato:** [solidadevicente@gmail.com](mailto:solidadevicente@gmail.com)

### **38. TÍTULO DA INICIATIVA/PROJETO/TRABALHO:**

#### **Projeto letramentos múltiplos e esperarçar**

**Coordenação:** Rosineide Magalhães de Sousa, Maria Marlene Rodrigues, Vângela do Carmo O. Vasconcelos e Maria Osanette Medeiros

**Instituição/setor:** Faculdade UnB Planaltina – Licenciatura em Educação do Campo

**Natureza do trabalho freireano:** Outro: Projeto de Múltiplos Letramentos e Alfabetização de Jovens e Adultos

**Categoria que expressa a natureza do trabalho freireano:** Educação

**Data de criação, publicação ou funcionamento:** 20/07/2021

**Público-alvo alcançado:** 30 pessoas

**Recursos utilizados:** Produção didática



## **Local de funcionamento:** Cavalcante-GO

### **Resumo:**

A Licenciatura em Educação do Campo do Campo (LEdoC) é um curso que abriga letramentos múltiplos, constituindo a formação inicial e continuada de educadoras e educadores do campo, além de abrir espaço para a extensão. Assim, além de atender a essas modalidades de ensino, a LEdoC expande suas ações para as comunidades dos estudantes do campo, principalmente às comunidades quilombolas. Nesses territórios, há um índice elevado de pessoas analfabetas — jovens, adultos e idosos — que esperam aprender a ler e escrever para realizar ações do dia a dia, como ler e assinar um documento, produzir textos sobre sua realidade social e adquirir conhecimento letrado. Diante disso, os letramentos múltiplos se desdobram em ações contínuas e de interesse das comunidades que reivindicam o ato de ler o mundo, os textos e escrever como um ato necessário à vida. Dessa forma, queremos discutir o objetivo e as ações do projeto aqui apresentado. Para isso, buscamos a contribuição de Paulo Freire, de teóricos e pesquisadores da área do letramento (Street, 1984, 2012; Kleiman, 1995, 2008; Sousa, 2016; Lillis, 2003) e dos conhecimentos adquiridos no projeto de extensão “Esperançar”, que alcançou jovens e adultos da comunidade Kalunga de Cavalcante - GO, transformando a vida de sujeitos do campo. Para continuar o desenvolvimento do projeto “Esperançar”, contaremos com a participação de egressos da LEdoC, mestrandos quilombolas, doutorandos não quilombolas do Programa de Pós-Graduação em Linguística, professoras colaboradoras da Faculdade UnB Planaltina e membros de comunidades quilombolas da região de Cavalcante. O projeto está fundamentado em conhecimentos de Paulo Freire, dos letramentos como prática social e da Sociolinguística. A metodologia de aplicação tem como base a pesquisa-ação e a etnografia educacional. O projeto terá uma fase de planejamento conforme as reivindicações da comunidade contemplada, com reuniões com as pessoas interessadas: coordenadores, professores, monitores e a secretária de educação de Cavalcante. O planejamento incluirá a formação de formadores, oficinas de produção de material, oficinas de formação de alfabetizadores e, posteriormente, a aplicação do projeto.



**Palavras-chave:** formação continuada; Alfabetização de Jovens, Adultos e Idosos; letramento múltiplos.

**E-mail para contato:** rosineide@unb.br

### **39. TÍTULO DA INICIATIVA/PROJETO/TRABALHO:**

**Os sentidos de boniteza, na perspectiva freireana, na Educação do Campo do Distrito Federal**

**Coordenação:** Edinéia Alves Cruz

**Instituição/setor:** Escola Parque da Natureza de Brazlândia - EPNBraz (SEEDF)

**Natureza do trabalho freireano:** Pesquisa acadêmica, projeto escolar emancipatório e Oficina (Trans)formativa

**Categoria que expressa a natureza do trabalho freireano:** Educação

**Data de criação, publicação ou funcionamento:** 23/08/2023

**Público-alvo alcançado:** 25 pessoas - 5 instituições

**Recursos utilizados:** Didático: caderno de elaboração e produção própria

**Local de funcionamento:** Escola Classe Chapadinha - Zona Rural da RA Brazlândia - Distrito Federal

#### **Resumo:**

Esta oficina (trans)formativa ocorreu em 23 de agosto de 2023, no Dia do Campo da Coordenação Regional de Ensino de Brazlândia – DF, quando profissionais de nove das treze escolas do campo se reuniram na Escola Classe Chapadinha. Refere-se à contribuição praxiológica da Escola Parque da Natureza de Brazlândia (EPNBraz) com a construção epistemológica da Educação do Campo nos territórios brazlandenses. A atividade foi coordenada pela Supervisora Pedagógica Edinéia Alves Cruz e constitui um recorte da pesquisa de especialização em Educação do Campo pela Faculdade UnB Planaltina, realizada em parceria com o grupo da EPNBraz, convergente com sua proposta de pesquisa no âmbito do curso de doutorado em Linguística pelo PPGL/UnB. A oficina foi proposta com a intencionalidade de expandir os diálogos sobre os sentidos da atuação profissional, humana e cidadã na Educação do



Campo. Para isso, discutiram-se os sentidos de boniteza, na perspectiva freireana de indissociabilidade entre o belo, o bom e o ético, referenciados por meio dos campos lexical e semântico nos princípios da Educação Básica do Campo do DF, elencados na Portaria SEEDF nº 419/2018, que institui a Educação do Campo como modalidade de ensino na Rede Pública de Ensino do DF. Refletiu-se sobre a responsabilidade social compartilhada entre instituições formais e populares de educação para a consolidação de tal modalidade educativa como direito dos povos camponeses e dever do Estado, além de propor diálogo sobre reconhecimento, construção e vinculação identitária na e com a Educação do Campo. Para isso, foi elaborado material didático individual, com textos imagéticos e verbais, além de mapas mentais colaborativos intercalados com espaços para escrita em diferentes formatos, resultantes de tempestade de ideias, escrita espontânea, construção de memórias e inspirações para continuidade. Também foram desenvolvidos exercícios de meditação e sensibilização, realizadas leituras compartilhadas de trechos de obras de Paulo Freire em que ele traz a palavra boniteza, dos referidos princípios da Educação do Campo, de poesia, de textos autorais, além de diálogos reflexivos circulares e exercícios de escrita de si. A inspiração vem da metodologia de escrita autoral proposta pelo Grupo de Pesquisa Gecria – Educação Crítica e Autoria Criativa (UnB/CNPq). A oficina contou com a participação intencional de educadoras e educadores do campo atuantes em funções distintas em diferentes instituições educativas. Por meio dos textos autorais compartilhados, foi sinalizado o desejo de continuidade dos diálogos com o grupo presente e com os grupos de origem, além do entusiasmo com o conhecimento construído em comunidade.

**Palavras-chave:** oficina (trans)formativa; boniteza; Educação do Campo.

**E-mail para contato:** edineia.alves.cruz13@gmail.com



#### **40. TÍTULO DA INICIATIVA/PROJETO/TRABALHO:**

**Por um ensino de filosofia freiriano**

**Coordenação:** Herivelto Pereira de Souza e Rogério Alessandro de Melo Basali

**Instituição/setor:** Universidade de Brasília - Programa de Pós-Graduação Profissional de Filosofia

**Natureza do trabalho freiriano:** Acadêmico/ dissertação.

**Categoria que expressa a natureza do trabalho freiriano:** Educação

**Data de criação, publicação ou funcionamento:** 01/03/2023

**Público-alvo alcançado:** 200

**Recursos utilizados:** Metodologias Ativas

**Local de funcionamento:** Santa Maria-DF

#### **Resumo:**

A filosofia, enquanto campo de ensino da educação básica, possui uma estrutura que privilegia pensamentos e posturas importadas de países e continentes distantes, fabricando modos de pensar que nunca têm uma contextualização satisfatória para as realidades que atravessam o campo da sala de aula. Isso ocorre principalmente porque há um processo de tradução que empobrece conceitos importantes para a aplicação metodológica do ensino filosófico. Se fosse possível utilizarmos Paulo Freire como base filosófica para a exploração de todo o percurso da história da filosofia, então levanto, como hipótese, que o trabalho ganharia uma potencialidade contextual e subversiva muito mais coerente com o campo filosófico no Brasil. O objetivo deste trabalho é criar estratégias através das metodologias ativas e da estrutura linguística da Base Nacional Curricular Comum para fundamentar a utilização de Paulo Freire em contextos que se tornaram, ou sempre foram, subversivos às inúmeras contribuições educacionais desse autor. O sujeito que elabora este trabalho possui, como uma de suas ocupações, a tarefa de ensinar filosofia em um colégio particular periférico que se orgulha do conteudismo bancário e evita a todo custo pensar em uma filosofia que não esteja atrelada a estruturas religiosas conservadoras, inculcando nos alunos a sensação de um mundo não transformável, não realizável, não alcançável e não compreensível. Conforme vou avançando com minhas experimentações em sala



de aula, utilizando Paulo Freire para ensinar e aprender história da filosofia em comunhão com alunos do ensino médio e fundamental, vejo os frutos na postura dos estudantes, que se tornam mais dispostos a enfrentar diferentes disciplinas com mais “amor pela sabedoria”.

**Palavras-chave:** filosofia; Paulo Freire; contexto.

**E-mail para contato:** rogeriobasali@unb.br

#### **41. TÍTULO DA INICIATIVA/PROJETO/TRABALHO:**

**Memórias Femininas da construção de Brasília – participação das mulheres de Planaltina no filme Poeira e Batom**

**Coordenação:** Tânia Fontenele

**Instituição/setor:** Instituto de Pesquisa Aplicada da Mulher.

**Natureza do trabalho freireano:** Pesquisa acadêmica

**Categoria que expressa a natureza do trabalho freireano:** Preservação das memórias femininas da construção de Brasília

**Data de criação, publicação ou funcionamento:** 19/03/2010

**Público-alvo alcançado:** 20 mil em 13 anos de atividades (exposições, exibições do filme, conferências e debates)

**Recursos utilizados:** Acervo de fotos, objetos da época da construção de Brasília pertencentes às mulheres pioneiras, filme documentário Poeira e Batom - 50 mulheres na construção de Brasília de autoria de Tânia Fontenele.

**Local de funcionamento:** Distrito Federal

#### **Resumo:**

Pretende-se exibir trechos do filme documentário Poeira e Batom, em que são retratadas cenas e depoimentos de mulheres que moravam em Planaltina antes da inauguração de Brasília. Faremos um relato da coleta dos depoimentos sobre as memórias femininas da construção de Brasília, além de reflexões sobre a invisibilidade das mulheres no processo histórico do início da capital. O projeto



visa evidenciar a importância das mulheres na história de Brasília e estimular o debate sobre a preservação das memórias de mulheres pioneiras da cidade.

**Palavras-chave:** memórias femininas; cinema documentário; história de Brasília.

**E-mail para contato:** taniafontenele@gmail.com

## **42. TÍTULO DA INICIATIVA/PROJETO/TRABALHO:**

### **CNV em Rede**

**Coordenação:** Bruno Goulart de Oliveira e Helena Augusta Lisboa de Oliveira

**Instituição/setor:** Organização em Rede Social / Terceiro setor (OSC)

**Natureza do trabalho freireano:** Projeto em movimento social e trabalho final de curso de graduação ou especialização

**Categoria que expressa a natureza do trabalho freireano:** Educação

**Data de criação, publicação ou funcionamento:** 11/07/2017

**Público-alvo alcançado:** Mais de um milhão

**Recursos utilizados:** Site e redes sociais

**Local de funcionamento:** Distrito Federal

### **Resumo:**

O psicólogo norte-americano Marshall Rosenberg criou a Comunicação Não Violenta, inspirado no método de Paulo Freire, que visa desenvolver um pensamento crítico nas pessoas enquanto reflete sobre a comunicação, com o objetivo de melhorar as relações sociais e promover uma sociedade mais solidária e pacífica. O projeto CNV em Rede oferece formações, oficinas, palestras e cursos sobre Comunicação Não Violenta, com atuação predominantemente online. O canal do YouTube do CNV em Rede já acumulou mais de 1 milhão de visualizações. Todas as atividades são de contribuição livre, permitindo que pessoas de todas as classes sociais possam participar, promovendo a inclusão e reduzindo a desigualdade social, por meio de cursos voltados à comunicação não violenta em contextos familiares, educacionais e empresariais.



**Palavras-chave:** comunicação não violenta; cultura de paz; educação para a ética.

**E-mail para contato:** cnvemrede@gmail.com

### 43. TÍTULO DA INICIATIVA/PROJETO/TRABALHO:

#### **Reflexões Poéticas Pedagógicas Sobre a Obra Freireana**

**Coordenação:** Geraldo Ramiere Oliveira Silva

**Instituição/setor:** APLAC (Academia Planaltinense de Letras, Artes e Ciências)

**Natureza do trabalho freireano:** Projeto em movimento popular e poesia.

**Categoria que expressa a natureza do trabalho freireano:** Literatura

**Data de criação, publicação ou funcionamento:** 28/09/2021

**Público-alvo alcançado:** Número incerto, mas certamente uma grande quantidade de pessoas

**Recursos utilizados:** Publicação em antologias literárias, em livro próprio do autor, revistas e sites de literatura, entre outros.

**Local de funcionamento:** Originário de Planaltina-DF, mas divulgando para todo país.

#### **Resumo:**

Produção literária própria em poesia e conto/crônica, com temáticas inspiradas nas obras e legados de Paulo Freire, baseando-se também na experiência pedagógica do autor, que possui quase vinte anos de experiência, buscando dialogar com outras literaturas similares. A proposta é fazer uma reflexão literária, principalmente poética, da obra freireana, com publicações em livros, revistas literárias e outros formatos (físicos e virtuais). Pretende-se, futuramente, levar essa proposta para escolas do DF, visando à produção literária de docentes e discentes dentro dessa mesma temática.

**Palavras-chave:** poesia; literatura; freireana.

**E-mail para contato:** geraldoramiere@gmail.com



#### 44. TÍTULO DA INICIATIVA/PROJETO/TRABALHO:

**Círculo de Cultura à sombra de um Ipê.**

**Coordenação:** Ana Cláudia Alves da Silva Ofuji e Alex Kazuyoshi Ofuji.

**Instituição/setor:** Faculdade UnB Planaltina

**Natureza do trabalho freireano:** artesanato

**Categoria que expressa a natureza do trabalho freireano:** Artesanato

**Data de criação, publicação ou funcionamento:** 30/08/2022

**Público-alvo alcançado:** Diverso

**Recursos utilizados:** Foi utilizada a técnica de crochê denominada “amigurumi”; costura com tecidos; madeira e papel seda/crepom para a produção do ipê; madeira em MDF para a base do artigo artesanal.

**Local de funcionamento:** Distrito Federal

#### **Resumo:**

O “Círculo de Cultura à sombra de um Ipê” foi idealizado a partir da experiência pedagógica de Paulo Freire, realizada inicialmente em Angicos, no estado do Rio Grande do Norte. A ideia do trabalho artesanal surgiu em 2022, quando fui convidada pela “Cátedra Vivenciar Paulo Freire e demais práticas emancipatórias” para expressar, por meio do artesanato, as ideias freirianas. Coube a mim e ao meu companheiro, Alex Ofuji, utilizar a linguagem das artes, das manualidades e da nossa cultura para traduzir o que representaria o círculo de cultura sistematizado por Freire. O trabalho foi exposto na abertura da Cátedra na Faculdade UnB Planaltina. A técnica utilizada foi a “amigurumi” (bonecos feitos de crochê), confeccionada com fios de algodão coloridos e costura de tecidos para as vestimentas. Além disso, utilizamos um círculo de MDF como base para sustentação dos personagens. A árvore foi feita com um galho de árvore do Cerrado, e as flores foram feitas com papel seda/crepom. Para o acabamento, utilizamos pó de serragem, dando a impressão de terra, e verniz nas partes de madeira. A escolha da árvore ipê foi inspirada na história do próprio Paulo Freire, que foi alfabetizado por sua mãe embaixo de uma mangueira no quintal de sua casa, em Recife. Além disso, há registros de Freire realizando, conjuntamente com trabalhadores na África do Sul, o círculo de cultura sob a sombra de uma árvore



típica da região. Nesse sentido, um dos símbolos naturais comumente associados à beleza do Cerrado brasileiro é o ipê. Seus troncos retorcidos e flores de um amarelo vivo, brancas, rosas, verdes ou roxas chamam a atenção no período de estiagem no Distrito Federal, onde se encontra o campus UnB Planaltina. Desse modo, a árvore escolhida para representar tal experiência foi o Ipê Amarelo, que se destaca por sua aparência exuberante. Durante a pesquisa para a produção da obra, foi possível compreender a importância e a repercussão social e educacional da metodologia do círculo de cultura nas regiões onde foi aplicada. Na década de 1960, sob a coordenação de educadores, um grupo de 300 trabalhadores rurais foi alfabetizado em apenas 45 dias. Em uma concepção horizontal, dialógica e problematizadora da realidade, os princípios do círculo de cultura se destacam por sua práxis libertadora e democrática, comprometida com a emancipação de homens e mulheres para a transformação de suas realidades.

**Palavras-chave:** artesanato; Paulo Freire; círculo de cultura.

**E-mail para contato:** anaofuji.unb@gmail.com

#### **45. TÍTULO DA INICIATIVA/PROJETO/TRABALHO:**

**Artografia e Educação Patrimonial no Museu Nacional da República**

**Coordenação:** Leísa Sasso

**Instituição/setor:** Secretaria de Cultura e Economia Criativa do DF e Secretaria de Educação do DF

**Natureza do trabalho freireano:** Acadêmico/tese

**Categoria que expressa a natureza do trabalho freireano:** Cultura

**Data de criação, publicação ou funcionamento:** 01/07/2021

**Público-alvo alcançado:** 30.000

**Recursos utilizados:** Uma educadora da Secretaria de Educação remanejada para a Secretaria de Cultura e Economia Criativa. Atualmente enviamos transporte para trazer os estudantes ao Museu Nacional da República

**Local de funcionamento:** Esplanada dos Ministérios. Complexo Cultural da República. Museu Nacional

**Resumo:**

O trabalho consiste em dar oportunidade ao público escolar, principalmente das escolas situadas na periferia de Brasília, de conhecer e se relacionar com uma das obras tardias e mais significativas da carreira do arquiteto Oscar Niemeyer. Por meio de mediações culturais, utilizando a metodologia artográfica, que funde poética, teoria e prática pedagógica, busca-se relacionar a identidade dos jovens e das crianças a uma memória afetiva positiva da visita ao Museu, que possa gerar um pertencimento a esse espaço. Para tanto, trabalhamos com questões que trazem ao Museu as vivências dos estudantes, relacionando-as ao que veem e sentem nesse lugar que fomenta a curiosidade. Utilizamos diálogos freireanos que criam afetos e produzem criações artísticas a partir de desafios aos jovens, para aproximá-los desse contexto extraordinário. A proposta educativa do Programa Territórios Culturais no Museu Nacional da República tem como objetivo central ampliar, por meio de experiências afetivas e ressignificadoras, o diálogo entre os visitantes e o acervo do Museu, sua arquitetura e as produções artísticas e culturais que aqui ocorrem. A Educação Patrimonial aborda a questão de Brasília ser Patrimônio Cultural da Humanidade e do Museu Nacional da República ser uma das maiores cúpulas já projetadas. Além da reflexão sobre valor social e valores individuais, é possível rever a sociedade e seus atores em atitude de cidadania e compromisso com o que é público e comum. Essa proposta considera a mediação cultural como um ato de generosidade. Queremos proporcionar aos visitantes experiências artísticas, lúdicas e pedagógicas que facilitem, induzam ou contribuam para o diálogo entre o espectador e as produções artísticas. Trata-se de aproximar as vivências dos visitantes com as visualidades expostas e buscar aproximações com a arte contemporânea. O programa Territórios Culturais é uma parceria entre a Secretaria de Cultura e Economia Criativa e a Secretaria de Educação do Distrito Federal, a fim de proporcionar também aos estudantes da Educação Básica a possibilidade de conhecer o Museu através de uma experiência significativa, sempre relacionando o universo cultural dos estudantes com as obras de arte apresentadas.

**Palavras-chave:** Artografia; educação patrimonial; Museu Nacional da República.

**E-mail para contato:** leisa.sasso@gmail.com



#### **46. TÍTULO DA INICIATIVA/PROJETO/TRABALHO:**

**A sina de ensinar a A(r)mar continhas**

**Coordenação:** Taíse Lara de Souza Jorge e Ana Maria de Oliveira Pereira

**Instituição/setor:** Universidade Federal da Fronteira Sul

**Natureza do trabalho freireano:** Dissertação, pesquisa acadêmica e artigo acadêmico ou jornalístico.

**Categoria que expressa a natureza do trabalho freireano:** Educação

**Data de criação, publicação ou funcionamento:** 01/10/2018

**Público-alvo alcançado:** Diverso

**Recursos utilizados:** Didáticos

**Local de funcionamento:** BA-SC

#### **Resumo:**

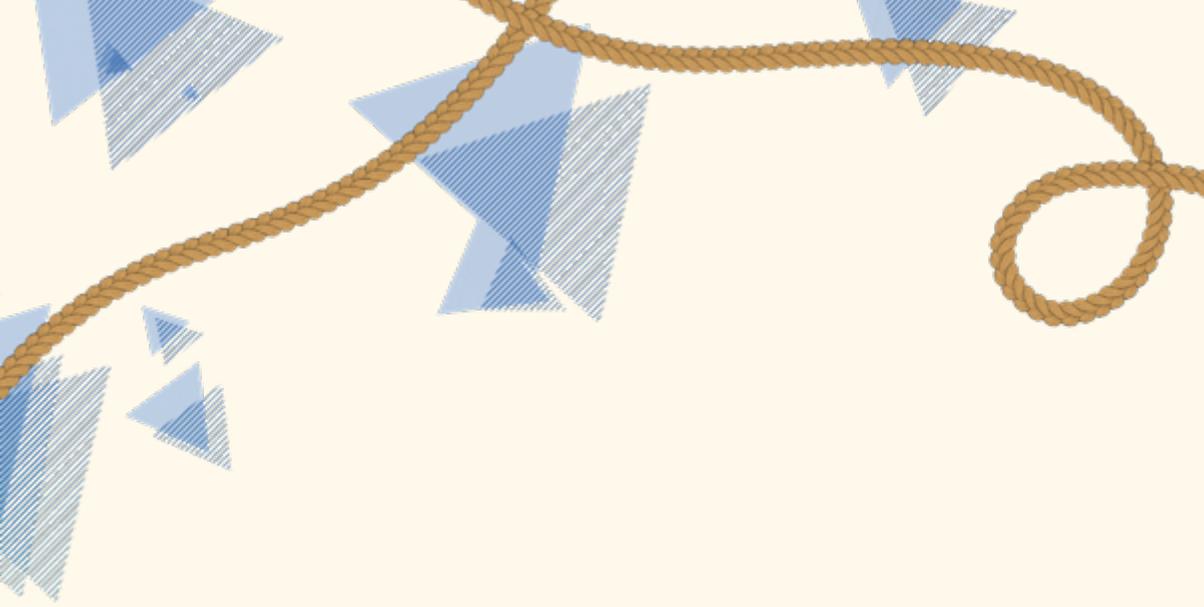
As vivências em ambientes de sistematização do ensino nos conduzem a universos inimagináveis, quer esta se dê na instituição escolar, quer se dê em âmbito universitário. Assim, após amplas discussões e buscas sobre como lidar com as situações geradoras que emergem desse cenário, nasce esta pesquisa, que possui como eixos centrais a Mediação Pedagógica, a Alfabetização Matemática e a Formação dos Professores que Ensinam Matemática nos anos iniciais do ensino fundamental. Dessa maneira, com o intuito de analisar a formação matemática dos professores e das professoras que ensinarão matemática nos anos iniciais do ensino fundamental e o que essas revelam sobre a Alfabetização Matemática e a Mediação Pedagógica, realizaremos um estudo de caso na Universidade Federal da Bahia, com estudantes do curso de Pedagogia, entre o 6º e o 8º semestre, onde, por meio de Círculos de Cultura freirianos, será desenvolvida a geração de dados a serem detalhados ao longo da pesquisa, com o intuito de contribuir com as discussões que objetivamos. Assim, pautadas no materialismo histórico-dialético, traçamos reflexões sobre a problemática, tendo como referencial teórico Paulo Freire (1996, 2000, 2003, 2011, 2020, 2020a, 2021, 2022, 2022a), Francisco Gutiérrez (1978, 1988, 1994) e Ubiratan D'Ambrósio (2012), que apresentam em suas obras grandes contribuições voltadas a esta pesquisa, que se caracteriza como qualitativa, de viés marxista, e se dá na metodologia de pesquisa-



ação. Por fim, esperamos que, com o desenvolvimento da catarse, cheguemos, concomitantemente, a novas síncrese que possibilitem aprofundar as discussões e contribuam para reflexões sobre as dores geradas em momentos anteriores.

**Palavras-chave:** formação de professores; formação de professores que ensinam matemática; mediação pedagógica; educação matemática libertadora; alfabetização matemática.

**E-mail para contato:** [larataise@hotmail.com](mailto:larataise@hotmail.com)



# **CAPÍTULO IV**

SEÇÃO DE CARTAS PEDAGÓGICAS



## SEÇÃO DE CARTAS PEDAGÓGICAS

---

Rosylane Doris de Vasconcelos

---

O presente capítulo desta obra tem como objetivo divulgar uma modalidade de escrita acadêmica inspirada na dialogicidade presente na obra de Paulo Freire, convidando a comunidade freireana a se engajar em novos manifestos.

Movida por uma escrita criativa que busca um destinatário único ou coletivo, a carta pedagógica possui um forte potencial teórico-metodológico, proporcionando a comunicação e a divulgação de ideias. Ela levanta reflexões, questionamentos, denúncias e anúncios, utilizando-se, na maioria das vezes, de uma poética que, ao expor a problemática do tema em questão, provoca a conversa ou o questionamento crítico.

Essa ampla possibilidade comunicativa, em forma de diálogo, convida aqueles que adotam essa manifestação a triangular, em reflexão, o pensamento freireano com a própria realidade em que atuam, expressando as perspectivas de transformação da prática à luz das contribuições de Freire e de outros pensadores e pensadoras de matriz emancipatória.

O convite da Cátedra, feito à comunidade interna e externa da Universidade de Brasília em 2024, foi surpreendentemente aceito, resultando na alegria de acolher cerca de 30 cartas pedagógicas de pesquisadores, professores da educação básica, estudantes de pós-graduação, profissionais da área da educação, militantes da educação, artistas, escritores e estudantes de licenciatura que se inspiram no legado freireano para conduzir sua práxis e dialogar com o mundo.



Algumas das cartas pedagógicas aqui apresentadas estão endereçadas ao próprio Paulo Freire. Ao mesmo tempo em que o homenageiam, buscam dialogar com seu pensamento, considerando sua base ontológica. Elas relatam ao ilustre destinatário experiências formativas ou questões da atualidade, refletindo a conjuntura brasileira, uma vez que sua base teórica continua atual e necessária. Isso mostra que o patrono da educação brasileira permanece vivo nas mentes e corações de educadores e educadoras, marcando sua presença no mundo há 103 anos, por meio de livros, escritos e vivências relatadas por ele mesmo ou por seus intérpretes, tanto no Brasil quanto no exterior, mantendo vivo o “Esperançar”, verbo que concretiza seu legado.

Aqui compartilhamos as cartas escritas a partir da cidade e do campo, vindas do movimento popular de educação, da universidade e de várias cidades brasileiras, além de outras escritas fora do país por aqueles que têm o coração brasileiro e freireano. Todas foram escritas à luz de uma imensa amorosidade, inspirando um franco diálogo reflexivo, cada uma, a seu modo, reinventando a carta pedagógica freireana.

Brasília, primavera de 2024



# CARTA PEDAGÓGICA À CÁTEDRA PAULO FREIRE NO DISTRITO FEDERAL

---

Cleiva Aguiar de Lima - Instituto Federal do Rio Grande do Sul  
Ana Lúcia Souza de Freitas - Universidade Federal do Pampa e  
Association Collectif Lectrices de Paulo Freire en France  
Maria Elisabete Machado - Rede Municipal de Ensino de Viamão - RS

---

Rio Grande, Paris, Porto Alegre, maio-setembro 2024.

Queridas professoras e queridos professores da Cátedra Paulo Freire,  
Esperamos encontrá-las e encontrá-los com saúde. Por aqui, estamos  
bem, curtindo os dias ensolarados, cujas temperaturas são mais amenas.  
Escrevemos do Sul do Brasil e da França, em meio aos preparativos para o XXV  
Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire, cujo Pré-Fórum ocorreu na cidade  
de Pelotas, no dia 24 de abril.

Estamos bastante gratas, pois, em meio às andarilhagens em comum,  
nos conectamos primeiro de modo virtual e agora presencialmente com a  
Cátedra “Vivenciar Paulo Freire e demais práxis emancipatórias” da Faculdade  
de Educação da UnB Planaltina.



A nossa estadia em Brasília foi tão curta quanto intensa! Foram apenas 30 horas! Teve sol, chuva e várias atividades marcantes: atividades formativas que encheram nossa bagagem com afetos, livros, aprendizagens e emoções vividas na amorosidade freireana.

O motivo principal de nossa ida de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, a Brasília, no Distrito Federal, foi prestar homenagem a uma importante intelectual brasileira, a professora Ana Maria Araújo Freire. Conhecida carinhosamente como Nita, foi a pessoa que esteve mais próxima de Paulo Freire nos seus últimos anos de vida. Por 10 anos, Nita e Paulo Freire viveram tempos de muita amorosidade enquanto casal e também como parceiros de produção intelectual.

Com uma carta intitulada “Carta Pedagógica à Nita Freire no Distrito Federal: um tributo à boniteza”, destacamos alguns dos conceitos que revelam a significativa participação de Nita na produção do legado de Paulo Freire (Freitas, 2024). Essa homenagem ocorreu no lançamento da exposição virtual “Paulo Freire em Brasília - tessituras de uma educação emancipadora”, no dia 10 de abril de 2024, no Distrito Federal. Na ocasião, houve o lançamento da obra: “Meus dizeres e fazeres em torno de Paulo Freire: uma vida de dedicação” (Freire; Nita, 2024), comemorativa aos seus 90 anos de idade, completados em novembro de 2023.

No dia seguinte, seguiram-se as emoções que reverberaram da noite anterior. O café da manhã com Nita e seu filho Ricardo, um pedido de autógrafa e uma conversa descontraída deram início a um dia também repleto de atividades formativas. Nesse encontro, pudemos ver o quanto Nita estava agradecida pela oportunidade de estar ali e o quanto se sentia reconhecida e feliz com todas as homenagens que recebeu. Ficamos gratas pela oportunidade de estarmos juntas nas tessituras da educação emancipadora no Planalto Central.

Logo após o café, a atividade seguinte foi visitar o deputado federal Alexandre Lindenmeyer, representante do Rio Grande do Sul pelo Partido dos Trabalhadores – PT. Entre um cafezinho e um chimarrão (bebida típica gaúcha), conversamos sobre nossas atividades na capital federal, além de divulgar e enaltecer o trabalho da UnB e da Cátedra Paulo Freire.

À tarde, rumamos a Planaltina, onde estava programada a atividade: “Diálogos Brincantes: Ateliê de Escrita de Cartas Pedagógicas no Planalto Central.” Conhecemos o campus da UnB Planaltina, situado no Parque Sucupira, um ambiente arborizado e com um dos prédios intitulado Paulo Freire. A arquitetura do prédio, com amplas janelas e uma rampa de acesso ao segundo



piso, é bem interessante. Há imagens e frases pintadas na parede alusivas ao Patrono da Educação Brasileira. A começar pelo próprio ambiente, a acolhida foi especial, ainda que uma chuva mansa escondesse o brilho do sol.

Os professores João Batista Pereira de Queiroz e Jair Reck e as professoras Regina Coelly Fernandes Saraiva e Rosylane Doris de Vasconcelos nos acompanharam na atividade. Dentre os/as estudantes dos cursos de Educação no Campo e de Ciências Naturais, um dos ingressantes na universidade por meio do Vestibular 60+ se destacou. Ele circulava com uma linda obra de arte: uma releitura da Monalisa, na qual a modelo era uma jovem tipicamente brasileira e o fundo ornado, em alto relevo, com vegetação do cerrado. Foi uma tarde incrível, na qual pudemos instigar estudantes universitários à escrita de cartas pedagógicas (Freire, 2000; Vieira, 2018), partindo da reflexão sobre a experiência de enviar e receber cartas pessoais.

A visualização e leitura de algumas Cartas Pedagógicas, produzidas em outros contextos acadêmicos, contribuíram para despertar a curiosidade a respeito das experiências de reinvenção do legado de Paulo Freire na universidade. Argumentamos que as Cartas Pedagógicas são modos de escrever, refletir e comunicar que recentemente têm sido incorporadas como modalidade de escrita em alguns eventos acadêmicos. Sobretudo, no Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire, que ocorre de modo itinerante entre instituições de ensino superior no Rio Grande do Sul (RS), há 25 anos (Freitas, 2024).

Na atividade, compartilhamos a orientação dos cinco apontamentos para esboçar a escrita de uma Carta Pedagógica: experiência; destinatário/a; título; motivação e problemática; provocação (Freitas, 2020, 2021). Os/as estudantes, em duplas ou grupos, elaboraram suas primeiras escritas, cuja partilha inspirou a pensar em possibilidades de reinvenção no contexto da Cátedra da UnB Planaltina. Em síntese, o desafio à continuidade foi formulado da seguinte forma: quais as possibilidades de avançarmos no diálogo interinstitucional?

Ao retornarmos para o RS, a experiência do Ateliê de escrita de Cartas Pedagógicas no Planalto Central proporcionou adensar o diálogo sobre o potencial (trans)formador das Cartas Pedagógicas e suas contribuições para a produção escrita autoral de estudantes e professoras/es. A experiência compartilhada se inspira e elucida as peculiaridades da escrita de Paulo Freire, destacadas por Nita na obra lançada em Brasília, conforme referimos, ao considerar que: “Seus textos têm muita força porque conseguem, com beleza e veracidade, transpor para o papel as suas reflexões e opções geradas na prática cotidiana, com sua sensibilidade, paixão, generosidade e amorosidade” (Freire; Nita, 2024, p. 108). Por meio da escrita, ultrapassamos fronteiras, fortalecendo afetos e atualizando



questionamentos que revelam a boniteza (Freire; Nita, 2021) das conexões com o Planalto Central. Exercer o direito e o dever de dizer a sua palavra, também por escrito, é o que nos anima a seguir compartilhando andarilhagens de reinvenção das cartas pedagógicas.

Forte abraço das professoras leitoras de Paulo Freire do Sul do Brasil, em conexão com a França, na expectativa da continuidade do diálogo, também por escrito. Até breve!

**Palavras-chave:** Carta Pedagógica; boniteza; Nita Freire; ateliê de escrita; 5 apontamentos.

---

## REFERÊNCIAS

FREIRE, A. M. A. **A palavra boniteza na leitura de mundo de Paulo Freire.** São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, A. M. A. **Meus dizeres e fazeres em torno de Paulo Freire:** uma vida de dedicação. São Paulo: Paz e Terra, 2024.

FREIRE, P. **Pedagogia da Indignação:** cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

FREITAS, A. L. S. **Leituras de Paulo Freire:** uma Trilogia de Referência. 2. ed. ampl. New York: Editora BeM, 2020.

FREITAS, A. L. S. Carta sobre cartas pedagógicas: homenagem a Paulo Freire no ano do centenário de seu nascimento. **Cadernos de Educação**, Pelotas, n. 65, p. 1-14, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/22096>. Acesso em: 10 ago. 2024.

FREITAS, A. L. S. **Andarilhagens de uma educadora pesquisadora:** cartas pedagógicas e outros registros de participação no Fórum de Estudos Leituras de Paulo Freire. 3. ed. Ouro Preto: Caravana, 2024.

VIEIRA, A. H. Cartas pedagógicas. In: STRECK, D.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (org.). **Dicionário Paulo Freire.** 4. ed. rev. e aum. Belo Horizonte: Autêntica, 2018, p. 75-76.



## ELZA FREIRE EM ANGICOS – RN. COMO FOI MESMO ISSO?

---

Rossana Kess Brito de Souza Pinheiro - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Walter Pinheiro Barbosa Junior - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

---

Natal, 11 de setembro de 2024

Caríssima Madalena Freire,

Eu e Rossana somos professores na área de Fundamentos da Educação e trabalhamos na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Estamos lhe escrevendo porque nos importa muito saber um pouco mais sobre como foi a participação de sua mãe, a educadora Elza Maia Costa Freire, no processo da experiência de alfabetização em Angicos no início da década de 1960.

Nossa universidade localiza-se no Rio Grande do Norte, onde se situa a cidade de Angicos, distante 172 km de Natal. Visitamos Angicos em 2012 e procuramos saber de ex-alunas como Maria Gildenora, Maria Eneide e Valdice Ivonete tudo o que lembravam da experiência de alfabetização que elas vivenciaram na década de 1960. Escutar essas mulheres começou a despertar nosso interesse em querer saber um pouco mais sobre o legado educacional de Elza Freire, a partir da experiência de alfabetização de adultos em Angicos entre os anos de 1962 e 1963. Isso porque escutá-las nos despertou para aquela que estava ao lado do mentor intelectual desta experiência histórica.



Nosso interesse em te aperiari para saber mais sobre o lugar que Elza Freire ocupou na Experiência de Angicos foi despertado de vez pela leitura do livro “Memórias das Mulheres do Exílio”, publicado pela editora Paz e Terra no ano de 1980, e pela palestra ministrada pelo professor Marcos José de Castro Guerra, o presidente da União Estadual dos Estudantes do Rio Grande do Norte (UEE) no período em que os Freire estavam trabalhando na experiência de Angicos.

No livro “Memórias das Mulheres do Exílio”, nos foi possível saber, pelo texto escrito por sua mãe em setembro de 1977, publicado em 1980, que ela não era apenas a esposa de Paulo Freire, como é sempre reconhecida, mas era professora de formação e carreira. Conforme ela escreveu: “Escolhi ser professora por mim mesma, desde cedo, talvez como afinidade com a minha professora primária. Realmente, eu gostava como ela cuidava dos alunos” (Freire, 1980, p. 202). Elza era professora com larga experiência, conforme ela mesma nos escreve:

Tinha vinte e um anos de magistério e dez como diretora de escola. Já havia tido todo um tempo, toda uma carreira; já havia feito algo. Fiz o que queria, o que pensei, porque realmente fiz bem. Talvez isso tenha me dado uma capacidade de amadurecimento, uma certa tranquilidade na vida, uma espécie de desprendimento do que ficou realizado. Penso assim porque, gostosamente, me realizei (Freire, 1980, p. 194).

Querida Madalena, conforme este escrito de sua mãe foram vinte e um anos de magistério; faltavam apenas cinco anos para que Elza Freire se aposentasse no ano de 1969. Esse tempo de trabalho evidencia uma profissional dedicada a educação, com vida muito ativa, de tal forma que ela assume ter sido o exílio um momento em que ela se realizou:

[...] com uma coisa que nunca tinha tido: a vivência como dona de casa, mas como dona de casa realizando o trabalho. Eu tinha vivência de Dona de casa, mas administrativamente, sabia fazer e mandava que fizessem, mas não fazia, porque tinha o problema da escola, as seis horas de trabalho (Freire, 1980, p. 195).

Esse registro escrito por Elza nos revelou indícios muito importantes sobre aspectos pouco tratados nos livros e depoimentos sobre o projeto de educação para alfabetizar adultos em Angicos. Nos referimos aqui a um certo silêncio em torno da participação efetiva de Elza Freire na experiência das 40 horas de Angicos. Fomos surpreendidos quando sua mãe escreveu que, de fato, “realmente me especializei em alfabetização” (Freire, 1980, p. 203). Foi como



uma porta se abrindo para conhecermos um pouco essa dimensão de Elza como teórica dos processos de alfabetização.

Na continuidade da leitura, nos assombramos quando ela afirmou e nos revelou que: “Fizemos juntos, Paulo e eu, o trabalho de alfabetização no Nordeste. Fiquei com a parte metodológica, com a elaboração da coisa” (Freire, 1980, p. 203, grifo nosso).

Talvez a metodologia tenha sido o que existiu de mais importante na experiência em que, pela primeira vez, se alfabetizava adultos com um programa originalíssimo. Só não é tão original porque, em janeiro de 1963, na cidade de Natal-RN, o próprio Paulo Freire, no curso de formação para os coordenadores de Angicos, evidenciou:

[...] há um trabalho, hoje já comprovado, realizado por educadores franceses na África, que está sendo feito também em Pernambuco, que é alfabetizar-se através da experiência profissional do grupo analfabeto. No trabalho que estamos realizando, eu ampliei um pouco, logo depois que tomei conhecimento dessa experiência francesa. No nosso caso, estamos aproveitando, tanto quanto possível, uma faixa grande da experiência existencial do grupo que vai ser alfabetizado (Fernandes, 1994, p. 5).

Assim, ficamos sabendo que a originalidade do pensamento de Elza Freire e Paulo Freire residia no fato de que os dois ampliavam a dimensão da experiência dos adultos, que seria considerada como base para o processo de alfabetização. Com o casal de educadores pernambucanos, essa experiência profissional, considerada pelos franceses como: “alfabetizar-se através da experiência profissional do grupo analfabeto”, ganhava novos contornos. Agora, Elza e Freire levariam em conta uma “faixa grande da experiência existencial” (Fernandes, 1994, p. 5).

Madalena, o que gostaríamos de saber mesmo é sobre como sua mãe efetivamente participou da grande experiência de educação, alfabetizando adultos em Angicos. Elza nos deixou poucos escritos, mas o pouco que nos deixou nos permitiu vislumbrar a profissional que ainda não tem a visibilidade e o reconhecimento social que merece como uma educadora, pesquisadora e intelectual que inovou aspectos da educação brasileira.

Para termos uma ideia dessa perspectiva que anunciamos, veja o que ela nos escreve e como a professora Elza descreve o processo de construção da metodologia de educação alfabetizadora experimentada em Angicos.



A paróquia em que morávamos nos cedeu uma sala, reunimos cinco operários que moravam perto e à proporção que íamos elaborando, íamos testando. [...]. Vimos que certas coisas eles não entendiam. Eliminamos algumas palavras mais difíceis e percebemos que haveria vantagem em utilizar palavras que tivessem três sílabas e não só duas, pois davam oportunidade de gerar outras palavras (Freire, 1980, p. 203).

Aqui, o casal, especialmente Elza, vai nos revelando o nível de participação, empenho e formulação que ela e Paulo Freire vinham sistematizando a partir de uma experiência de bairro que envolvia poucas pessoas, mas que permitia visualizar algo que resguardava as bases do que mais tarde seria desenvolvido por Paulo Freire, conhecido atualmente como sua Gnosiologia; ou seja, uma teoria do conhecimento seminal da educação cujas raízes encontram a participação efetiva de Elza Freire.

Essa nossa forma de pensar, Madalena Freire, deve-se ao fato de que sua mãe era uma professora de formação com dez anos como alfabetizadora. Ela mesma nos diz:

Realmente me especializei em alfabetização e durante praticamente dez anos eu alfabetizei. Nessa fase estava alfabetizando por palavração. Eram vinte e oito palavras geradoras do mundo da criança e estavam dando um resultado fabuloso. Então, nós pensamos: e se transferíssemos para o mundo do adulto? Fui verificando que dava certo, porque o adulto se interessava pelas palavras geradoras do seu mundo como a criança se interessava por bola, pelas palavras do mundo dos jogos dela (Freire, 1980, p. 203).

Aqui, percebemos a imensa importância que Elza tinha no processo de construção de uma metodologia de alfabetização que partisse do universo vocabular e das experiências de vida das pessoas com as quais se estava trabalhando a alfabetização. A experiência no salão da paróquia do bairro em Recife utilizava um cartaz com o desenho e a palavra. Nesse momento, a metodologia ainda não tinha a fase do debate, mas, conforme Elza escreve, [...] a gente conversava e de acordo com as palavras que eles iam soltando e repetindo, a gente fazia a palavra geradora da noite. Depois é que fomos vendo que podíamos fazer o debate, debate esse que dava a consciência da coisa (Freire, 1980, p. 204).

Esse processo, do ponto de vista da experiência, problematização e criação de uma metodologia, foi para Elza Freire o que antecedeu a experiência



vivenciada na cidade do sertão potiguar: Angicos, no ano de 1963. Caríssima Madalena, foi sua mãe mesmo quem nos disse:

Passamos a estender a campanha, foi a fase de Angicos, no Rio Grande do Norte. Eu só participava da elaboração, porque não podia fazer a viagem por causa da escola. Ia e voltava rápido quando tinha férias, porque uma coisa que eu fazia muita questão era não pedir licença. Esperava que isso me facilitasse a aposentadoria. Meu único tempo de licença foi o de maternidade (Freire, 1980, p. 204.)

Madalena, em nossas andarihagens buscando saber um pouco mais e melhor sobre a participação de Elza na construção da metodologia de alfabetização em Angicos, que ficou conhecida como “40 horas de Angicos”, encontramos pouco material. No entanto, tivemos uma excelente oportunidade de saber um pouco mais participando de uma mesa de diálogos, cuja temática foi: “As quarenta horas de Angicos”.

Essa mesa foi organizada pelo Grupo de Trabalho e Estudos Freireanos da UFRN e aconteceu no dia 16 de abril de 2024. Contou com a participação do Prof. Dr. Marcos Guerra, que, como dissemos antes, estava como presidente da União Estadual dos Estudantes (UEE). Ele era estudante do curso de Direito e precisou renunciar à presidência da UEE porque, conforme o próprio Marcos: “A União Nacional dos Estudantes (UNE), entidade à qual a UEE do Rio Grande do Norte era vinculada, tinha Paulo Freire como um vendido ao imperialismo” (Marcos Guerra, 2024, informação oral). Essa perspectiva de análise da UNE deve-se ao fato de a experiência de Angicos ter sido financiada pelo dinheiro da Aliança para o Progresso; essa relação, para você, Madalena, dispensa maiores comentários.

Mas, voltando ao que mais nos interessa, Madalena, que é saber sobre o modo de participação da sua mãe na experiência de educação que alfabetizou adultos em Angicos, consegui perguntar ao professor Marcos Guerra: “Marcos, como a Professora Elza Freire participou da experiência de Angicos?” Ao que ele me respondeu:

Naquela época, Elza vinha a Natal e completava as ideias de Freire, lembro bem que ela usava o dedinho para explicar e complementar falas de Freire. Penso que, entre 40 a 60% do conteúdo metodológico era elaborado por ela. Elza veio a quase todos os momentos de preparação da experiência. Mas, o que nos marcou muito foi sentir que Elza trouxe metodologia e amorosidade (Marcos Guerra, 2024, informação oral).



Madalena, você nem pode imaginar como foi bom para nós dois escutarmos uma pessoa que participou diretamente da experiência referir-se à sua mãe, afirmando que ela deixou como legado uma dimensão enorme da metodologia elaborada por ela, assim como a perspectiva educacional de amorosidade como referências do processo de educação e alfabetização de adultos.

Mas creio que você, como filha, mulher e educadora, poderia nos dizer muito mais sobre sua mãe, sobre a importância que ela teve no processo de formulação da metodologia de trabalho experimentado em Angicos e como ela continuou construindo com Freire uma concepção original de educação, especialmente sobre a teoria do conhecimento, tão bem expressa no livro “Extensão ou Comunicação”, que foi escrito em 1969 no Chile, quando os dois se encontravam exilados. Uma coisa intuímos: Elza nos deixou um legado teórico que mudou a perspectiva de se pensar e fazer alfabetização de crianças e adultos no Brasil.

Aguardamos paciente e amorosamente sua resposta às nossas inquietações sobre como sua mãe partilhou do trabalho de pensar e fazer educação escolar, da casa e dos caminhos percorridos na parceria intelectual com Freire e toda a família. Junto aos nossos nomes, encaminhamos nossos endereços eletrônicos, de modo a continuarmos essa missiva. Ficamos no aguardo das suas palavras, que irão nutrir nossa busca por entender Elza como mulher, mãe, esposa e professora.

Sem mais, agradecemos sua atenção.

**Palavras-chave:** Gnosiologia; Angicos 40 horas; alfabetização de adultos.



---

## REFERÊNCIAS:

TERRA, A.; FERNANDES, C. **40 horas de esperança**: o método Paulo Freire, política e pedagogia na experiência de Angicos. São Paulo: Editora Ática S.A, 1994.

COSTA, A. O.; MORAES, M. T. P.; MARZOLA, N.; LIMA, V. R. **Memórias das mulheres do exílio**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** São Paulo: Paz e Terra, 1975.



# O JOGO NO PROCESSO DE APROPRIAÇÃO SOCIOCULTURAL: A INTERDISCIPLINARIDADE COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA PROGRESSISTA

---

Leonardo Martins de Souza - Secretaria de Educação do Distrito Federal

---

Planaltina, 25 de agosto de 2024

Aos estimados educadores e educadoras que se movem pela esperança, transformação e emancipação social, compartilho o relato de como um jogo, imaginado e criado no chão da escola do campo do Distrito Federal, fomentou importantes transformações no processo de apropriação socio-histórica e cultural de estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental.

Ao final do primeiro Conselho de Classe do segundo semestre letivo de 2023, uma colega professora, recém-ingressada na equipe pedagógica escolar devido a uma licença concedida à professora titular, compartilhou comigo seus desafios como alfabetizadora em turmas de primeiro ano do ensino fundamental. Além de sua formação inicial, que era carente de fundamentos para essa nobre missão, alfabetizar, era também seu primeiro ano nesse ciclo da educação básica. Como professor de Educação Física, convidei-a para que, juntos, compartilhássemos conhecimentos e experiências pedagógicas sobre



infância, alfabetização, jogos e brincadeiras, para que pudéssemos contribuir na transformação de nossos estudantes.

Assim, propusemos um diálogo entre nós, educadores, e os estudantes, mediado por perguntas que nos permitissem encontrar aproximações culturais e afetivas para reformular o processo transformativo da turma. Buscamos, assim, analisar os conhecimentos e experiências dos estudantes, aquilo que seu cotidiano campesino lhes proporcionara como bases sócio-históricas e culturais. Conversamos sobre suas frutas prediletas, suas brincadeiras, hábitos individuais e coletivos, e também sobre seus animais de maior estima e curiosidade. Percebemos um rico vocábulo conceitual, com várias frutas mencionadas, sucos, alimentos diversos e jogos e brincadeiras. No entanto, uma dessas categorias nos chamou maior atenção: os animais relatados no diálogo não se aproximavam da fauna do cerrado, típica da região onde se encontrava a escola, sua comunidade campesina e sua rica história e cultura. Enquanto ouvíamos menções a frutas como a manga, a acerola, o mamão, a cagaita e o umbu, também encontramos falas entusiasmadas sobre animais como o elefante, o tigre-de-bengala, a baleia, o tubarão e até dinossauros. Mesmo os cavalos, gatos e cachorros, culturalmente bem estimados em todo o nosso país, foram vagamente lembrados.

Este diálogo nos permitiu realizar uma análise categorial bastante importante, como um dos primeiros passos em nossa ação interdisciplinar. A partir do entusiasmo percebido nos relatos sobre animais e da pouca aproximação conceitual com a fauna do cerrado, planejamos atividades de apropriação cultural deste precioso patrimônio regional. Trouxemos algumas imagens de animais do cerrado, como o tatu-canastra, o catitu, a queixada, a jiboia e o saruê. A euforia foi enorme, pois os nomes e as imagens apresentadas eram imediatamente reconhecidos pelos estudantes. Frases como: “Eu já vi um desses”, “Meu pai já levou um pra casa” e “Na roça do meu avô tem um” se multiplicavam, enquanto os nomes de cada espécie eram socialmente compartilhados. Encontramos, assim, um tema gerador de grande valor cultural e afetivo. A professora também trouxe figuras de animais do cerrado para que os alunos colorissem, dando sequência ao processo de apropriação cultural. As aulas de Educação Física, mediadas por jogos e brincadeiras, poderiam encontrar nesse conhecimento de experiência uma forma de contribuir para o processo de apropriação sociocultural da fauna do cerrado.

A comunidade escolar também foi envolvida nesse inventariamento cultural. Fizemos um chamamento por meio de um grupo em rede social,



convidando as famílias a compartilharem com seus filhos algumas experiências vividas com animais do cerrado. Essa iniciativa enriqueceu consideravelmente o vocabulário conceitual dos estudantes sobre o tema gerador e ampliou a participação comunitária nos processos de mediação sociocultural escolar. Nomes como coruja, tamanduá-bandeira, capivara, quero-quero e João-de-Barro também passaram a fazer parte dos nossos espaços de mediação.

Foi então planejada uma atividade lúdica com os estudantes, que se tornou uma marca registrada dessa ação interdisciplinar: o “pique animais do cerrado.” A atividade consistia no tradicional jogo de pique-pega, onde os estudantes, na função de “caçadores,” deveriam capturar os demais dentro de um determinado espaço físico, como o pátio da escola ou a quadra poliesportiva. Caso um estudante fosse capturado, ele deveria sentar-se no chão, aguardando que um colega viesse salvá-lo. O ato de salvamento consistia em agachar-se em frente ao colega capturado e, olhando em seus olhos, dizer o nome de um animal do cerrado. O capturado, por sua vez, deveria responder com o nome de outra espécie, sem repetir o primeiro mencionado, permitindo-lhe voltar a fugir dos caçadores e continuar o jogo. O professor de Educação Física dinamizava as movimentações do jogo, informando sobre o número de capturas, a necessidade de salvamento e como os estudantes interagiam durante a atividade.

Conciliando uma brincadeira de cultura global com o tema gerador “animais do cerrado,” criamos um jogo que permitiu mediar a apropriação sócio-histórica e cultural da fauna do cerrado, envolvendo toda a turma e acolhendo cada um de seus sujeitos, histórias e experiências. Cada estudante compartilhava com seus colegas e professores os conceitos mediados pela família e pela escola. Os professores também participaram do jogo, ensinando, aprendendo e, assim, educando-se mutuamente, pois surgiram novos nomes tanto para uns como para os outros participantes. Diversas possibilidades foram experienciadas, como acompanhar os estudantes com atraso na fala, dificuldades na apropriação das regras de convivência social ou experiências cotidianas limitadas sobre o tema gerador. Paralelamente, em sala de aula, o envolvimento com as construções fonológicas e silábicas dos estudantes encontrou um importante apoio na linguagem conceitual apropriada durante as aulas com o “pique.” Por meio do jogo, os professores puderam analisar cada esquema de apropriação da linguagem adotado pelos estudantes, fazendo com que cada uma de suas “manhas” fosse acolhida e considerada uma orientação em seu processo de apropriação cultural.



A ação interdisciplinar foi amplamente apreciada por toda a equipe escolar. Professores e Coordenadores Pedagógicos dos demais anos do ensino fundamental também fomentaram temas geradores a partir dos conhecimentos e experiências locais, utilizando outros jogos e brincadeiras como mediadores da apropriação sócio-histórica e cultural dos estudantes. Brincando, a ingênua curiosidade das crianças transformou-se em curiosidade científica, sinalizando uma importante apropriação no processo de desenvolvimento do sujeito social na leitura das letras, sílabas, palavras e no entendimento do mundo, suas relações e contradições.

Despeço-me deste singelo relato lembrando que, como nosso patrono carinhosamente compartilhou, “somos seres programados para aprender” e que nossa aprendizagem está diretamente vinculada à nossa cultura. Por que não apreciarmos, de forma curiosa e científica, a beleza cultural de nossa casa, de nosso quintal, de nossa rua, de nossa comunidade, incluindo a fauna, a flora, os jogos, as brincadeiras, os costumes e nossas histórias? Nessa luta de resistência contra a invasão colonizadora dos filmes, jogos eletrônicos e fábulas que nos educam alheios à nossa cultura, cabe também à escola, com seus sujeitos e processos educacionais progressistas, preservar quem fomos, somos e seremos nas páginas de nossa própria história.

**Palavras-chave:** apropriação; autonomia; cultura; jogo; linguagem.

---

## REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, P. **Política e educação:** ensaios. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2003.



# **SOBRE A LIBERTAÇÃO QUE SE DÁ EM COMUNHÃO**

---

Rafaella Eloy de Novaes - Universidade de Brasília

---

Tenho refletido sobre as relações entre educação, Paulo Freire e as Rodas de Terapia Comunitária Integrativa (TCI). Para o educador pernambucano, a educação é um terreno propício para a prática da liberdade, que consiste em aprender a dizer a própria palavra; ou seja, expressar-se ativamente, tomar decisões, problematizar e criar e recriar o mundo com a alteridade a partir do diálogo revolucunário (Freire, 1967, 2019).

A crítica que Freire (1967, 2019) faz à concepção bancária de educação é fundamental para compreender a educação como prática da liberdade. No modelo bancário, o(a) educador(a), desconhecendo a própria ignorância, acredita ser o(a) único(a) detentor(a) do saber e que pode conduzir os(as) educandos(as), considerados(as) carentes de conhecimento, ao aprendizado. Nesse contexto, a comunicação e o diálogo são substituídos por comunicados e prescrições unilaterais. Essa abordagem transforma os(as) educandos(as) em recipientes vazios, destinados a serem preenchidos pelo(a) educador(a), restando-lhes apenas a tarefa de guardar e arquivar os depósitos de saber.

Os verdadeiros espaços para a prática da liberdade mencionados por Paulo Freire podem ser encontrados nas Rodas de Terapia Comunitária Integrativa (TCI), uma metodologia rica em cuidado consigo mesmo e com o outro, em um contexto comunitário. Criada pelo psiquiatra e antropólogo brasileiro Adalberto Barreto nos anos 1980, sob a sombra de um cajueiro na periferia do Ceará, a



TCI tem se espalhado por diversos locais, incluindo escolas, unidades de saúde, igrejas, comunidades e universidades.

No *campus* da Universidade de Brasília (UnB), localizado em Planaltina, as primeiras Rodas de TCI aconteceram também à sombra de uma árvore – um pequizeiro – em 2019. Essas rodas foram motivadas pela Diretoria de Atenção à Saúde da Comunidade Universitária (DASU), do Decanato de Assuntos Comunitários (DAC) da UnB. Atualmente, a Faculdade UnB Planaltina (FUP) conta com duas Rodas de TCI ativas: uma remota, que ocorre quinzenalmente como parte de um projeto de extensão do campus, e uma presencial, realizada semanalmente, às sextas-feiras, em formato de disciplina, aberta a todos os cursos de graduação da universidade. Tenho tido a grata oportunidade de participar de ambas as experiências na condição de terapeuta comunitária.

Apaixonado pela natureza, Paulo Freire encontrou, à sombra de uma mangueira, um espaço propício para reflexão, aprendizado e reconexão com suas origens. No livro “À Sombra Desta Mangueira” (1995/2015), o autor recorda os diálogos que, ainda na infância, mantinha com seu irmão sob a copa da mangueira. A árvore proporcionava conforto e frescor, enquanto a natureza ao redor estimulava sua conexão consigo mesmo, com o outro e com o mundo. Numa ótica freireana, pode-se afirmar que estar à sombra de uma árvore é, portanto, uma visita à criança que habita em nós.

Estar em uma Roda de TCI é como estar à sombra de uma árvore. Essas Rodas oferecem aos participantes a oportunidade de construir redes sociais solidárias que promovem a vida, mobilizando recursos e competências tanto pessoais quanto comunitárias. Elas representam uma ruptura com o modelo biomédico ocidental, ao mesmo tempo em que abrem espaço para um modelo sistêmico. Enquanto o primeiro enfatiza a carência do outro, gerando dependência e concentrando a informação nas mãos do técnico, o segundo promove a autonomia, a horizontalidade e a valorização dos diversos saberes e fazeres.

Certa vez, quando o professor Adalberto Barreto esteve na UnB, na Faculdade da Ceilândia, por ocasião da celebração de um ano do Observatório de Práticas Integrativas da unidade, conduzia uma Roda de TCI. Um dos participantes que compartilhava sua inquietação com o grupo levantou-se para falar, sendo imediatamente convidado pelo terapeuta comunitário a sentar-se enquanto dizia sua própria palavra, de modo que sua atitude não impactasse a circularidade e a horizontalidade que ali se tentava estabelecer no campo



relacional. Já na formação para terapeuta comunitário(a), somos chamados(as) a retirar os calçados e deixá-los na entrada do local. Esse gesto nos permite sentir a frieza ou a fervura do chão, conectar-nos com nossa ancestralidade, ao mesmo tempo em que nos intima a estar com os outros em condição de igualdade, na horizontalidade e circularidade da Roda.

Se a ação antidialógica de que nos fala Freire (1968/2019) implica um sujeito que, ao conquistar o outro, desumaniza-o, a ação dialógica, por sua vez, suscita sujeitos que se encontram para a transformação do mundo em colaboração. Em outras palavras, pode-se afirmar que, enquanto a ação antidialógica é opressora, o modelo dialógico freireano, presente nas Rodas de TCI, é revolucionário, na medida em que “já não se pode afirmar que alguém liberta alguém, ou que alguém se liberta sozinho, mas os homens se libertam em comunhão” (Freire, 1968/2019, p. 179).

Para Freire (1968/2019), se o compromisso do(a) educador(a), enquanto liderança revolucionária, é com a superação da contradição opressor(a)/oprimido(a), distinguir-se de uma liderança antidialógica é indispensável. Assim, a sua práxis não pode ocorrer sem a participação ativa e a reflexão dos outros, tampouco fora de uma relação horizontal. A ação dialógica que, para o autor, é revolução “não pode ser feita para o povo pela liderança, nem por ele, para ela, mas por ambos, numa solidariedade que não pode ser quebrada” (Freire, 1968/2019, p. 174).

O ponto de partida da solidariedade de que trata Freire (1992), presente nas Rodas de TCI, está, portanto, em construir soluções conjuntas pelo diálogo. Nesse sentido, a solidariedade freireana opõe-se à prática assistencialista, pois, enquanto esta transforma o indivíduo em objeto passivo, sem possibilidade de participar do processo de sua própria (re)construção, aquela reconhece a agencialidade humana e aposta na coconstrução da realidade.

Nas rodas de TCI, o(a) terapeuta comunitário(a) está com a Roda e não para a Roda. Ele(a) aprende e cresce com e na Roda, se cura e toma consciência de seu lugar no mundo ao contribuir para a construção de um espaço democrático, inclusivo e amoroso, onde todos têm vez e voz. Diz-se que o(a) terapeuta comunitário(a) é apenas um despertador(a) de lembranças, que auxilia o outro a lembrar de suas potências, de seus recursos e de seus valores, promovendo interações respeitosas, estimulando e fortalecendo vínculos.

“Deixa eu ver se eu te entendi. Se eu não consegui, por favor, me ajude?” Assim diz o(a) terapeuta comunitário(a) ao participante que compartilha



uma inquietação na Roda. Como sempre diz o professor Adalberto Barreto em suas palestras: “cada um(a) é doutor(a) de si mesmo”; “o que é remédio para um, pode ser veneno para o outro”. E, nessa dinâmica bonita de estimular cada um(a) a dizer a própria palavra, o(a) terapeuta comunitário(a) faz seu próprio caminho de libertação.

A Roda é, pois, um espaço para o exercício da pedagogia do oprimido, enquanto pedagogia humanista e libertadora. A ideia de humanização, na acepção freireana, pode ser interpretada como sinônimo de “tornar-se sujeito”, algo a ser construído; isto é, não se nasce humano, mas se torna humano cotidianamente pela prática dialógica, reflexiva e ativa. Sujeito, nessa perspectiva, é alguém que atua ativamente e não é um mero coadjuvante ou receptor de conhecimentos. A Roda de TCI é um espaço para colocar em prática nossa condição de sujeito, romper com a cultura do silenciamento que oprime e adocece, conquistar a liberdade de enunciar a própria palavra e anunciar esperanças.

**Palavras-chave:** educação; Paulo Freire; Terapia Comunitária Integrativa.

---

## REFERÊNCIAS

Freire, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967/2019.

Freire, P. **Pedagogia do oprimido**. 70. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1968/2019.

Freire, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Freire, P. *À sombra desta mangueira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995/2015.



# INTERLOCUÇÕES ENTRE O PENSAMENTO FREIREANO E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

---

Antonia Adriana Mota Arrais - Secretária de Educação do Distrito Federal

---

Estimado(a) leitor e leitora,

Hoje, escrevo estas singelas linhas buscando elucidar a importância e a relevância do pensamento freireano frente à necessidade do fortalecimento de uma Educação Ambiental Crítica, Emancipatória e Transformadora, principalmente diante das mudanças climáticas. Nesse período de início da (re)construção das políticas públicas voltadas para o meio ambiente a nível nacional, é crucial refletir sobre as possibilidades de atuação política, participativa e dialógica, além da mobilização mediante as diferentes formas de ser e estar no mundo, bem como de experimentar o eu, o eu e o outro e o eu no mundo.

Esta Carta Pedagógica é direcionada a todas as pessoas que expressam preocupação com as questões socioambientais que assolam o mundo, uma pauta que deveria ser acolhida por todos e todas, uma vez que compartilhamos a mesma casa: o planeta Terra. Apesar de não se declarar um ambientalista, mas sim um educador, e de não postular escritos específicos sobre Educação Ambiental, ao longo de seu legado, Paulo Freire traz uma série de contribuições acerca da educação dos humanos no mundo. Além do mais, ele enfatizava que “gostaria de ser lembrado como um sujeito que amou profundamente o mundo e as pessoas, os bichos, as árvores, as águas, a vida” (Freire, 2017a). E sim, ele é



lembrado por sua amorosidade, pela educação humanizadora, pelo esperar, mas, principalmente, pela crítica a todas as formas de opressão e desigualdade.

Freire não se curvava ao cenário de opressão, injustiça e aos interesses do capital; sua postura era sempre crítica e problematizadora, valorizando os saberes de experiência dos sujeitos envolvidos no processo educativo. Em coletividade e em comunhão, por meio do diálogo, ele trazia reflexões que fomentavam nos sujeitos o desvelamento da realidade, como: “por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos, os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das pessoas? Por que não há lixões no coração dos bairros ricos e mesmo puramente remediados dos centros urbanos?” (Freire, 2017b, p. 31). Ele não apresentava sua visão de mundo ao outro, pois isso seria uma imposição, taxada como uma fórmula prescritiva; ao invés disso, levantava, coletivamente, situações como a citada para que os indivíduos se apropriassem de um conhecimento crítico e, com isso, pudessem realizar uma nova leitura da realidade, resgatando o agir coletivo como processo de criação de novos conhecimentos, olhares e ações.

Por isso, os elementos e os pressupostos teórico-metodológicos de seu pensamento podem contribuir para a edificação de uma Educação Ambiental com viés crítico, transformador e emancipatório. O diálogo, a democracia, a participação, a consciência crítica, os temas geradores, a educação transformadora, popular e libertadora, e a ação-reflexão-ação denotam possibilidades para que o tratamento das temáticas socioambientais extrapole o viés conteudista, acrítico e bancário, assumindo uma postura que visa a um conhecimento aprofundado dos conflitos e interesses em suas diferentes facetas: social, política, histórica e econômica.

Inclusive, querido(a) leitor e leitora, considerando que a educação é um ato político, e que “o diálogo não é privilégio de alguns eleitos, mas direito dos homens [...] e mulheres” (Freire, 2013, p. 112), em um período de (re)construção da agenda ambiental, diante do processo de retrocesso e silenciamento ambiental vivenciado nos anos anteriores, torna-se essencial que a luta e o processo de denúncia se fortaleçam diante dos acontecimentos ambientais mais recentes, como as ondas de calor, as enchentes no Rio Grande do Sul e as queimadas em diversas regiões do país.

É urgente se posicionar, politicamente, no sentido de compreender e cobrar das lideranças responsáveis, em todas as esferas, quais têm sido as ações e



as medidas tomadas diante dos problemas socioambientais que a sociedade vem enfrentando. Embora na esfera federal haja sinalizações e tomadas de decisões que indiquem caminhos que vão ao encontro da edificação de uma sociedade mais justa e sustentável, a mobilização e a luta não podem cessar. Além disso, os impactos gerados afetam a população como um todo, mas atingem com maior intensidade os indivíduos que se encontram em situação de vulnerabilidade.

Ademais, esta Carta Pedagógica também é um convite à realização de uma (re)leitura das denúncias que foram emitidas em uma tese de doutorado intitulada “Escolas Sustentáveis: Uma Análise de Experiências a Partir do Pensamento Freireano” (Arrais, 2021), no que tange ao desmonte das políticas públicas voltadas para a Educação Ambiental e para o meio ambiente. Essa (re)leitura poderá trazer à tona os retrocessos e os silenciamentos anteriores e, a partir disso, na tentativa de estabelecer uma leitura e uma reflexão da realidade atual, avaliar se ocorreram avanços e quais direções e trajetórias têm sido tecidas na busca pela construção de uma sociedade mais sustentável e democrática. O exercício de (re)leitura é importante para o desvelamento da realidade, no sentido de compreender que esta não é imutável ou estanque, como sempre aponta Freire, mas pode ser transformada. A ideia é incitar provocações que possibilitem reflexões para a construção de novas formas de pensar e fazer a Educação Ambiental.

Por fim, é na perspectiva do mundo que temos e do que queremos, no esperar, que irei findar as reflexões e indagações presentes nesta Carta Pedagógica. Na esperança de que não há espaço para imobilidade e nem, muito menos, para o conformismo diante das situações-limite que vivenciamos. E como diz Freire (2017b, p. 71), “a esperança é um condimento indispensável à experiência histórica. Sem ela, não haveria história, mas puro determinismo”. Espero que você, caro leitor e leitora, tenha compreendido que esta Carta Pedagógica reforça a importância do pensamento freireano para o campo da Educação Ambiental, na concepção de que é possível um outro mundo, desde que seja construído coletivamente, pelas experiências de luta, busca contínua e resistência. Que não sejamos apenas sujeitos ecológicos, mas que sejamos, principalmente, sujeitos ecológicos.

**Palavras-chave:** pensamento freireano; educação transformadora; desvelamento da realidade; ecológica; esperar.



---

## REFERÊNCIAS

ARRAIS, A. A. M. **Escolas sustentáveis**: uma análise de experiências a partir do pensamento freireano. 2021. Tese (Doutorado em Educação em Ciências) – Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

FREIRE, A. M. A. **Paulo Freire**: uma história de vida. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017a.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 55. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017b.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.



# APRENDENDO A SER DOCENTE ATRAVÉS DA ESCUTA

---

Ana Luiza Fontoura Pinheiro - Universidade do estado de Minas Gerais

---

Belo Horizonte, 7 de setembro de 2024

Querida Karlina,

Aqui estou, a cada dia que vivo e a cada momento em que respiro, tentando inventariar os meus motivos. Talvez, em nossos motivos, estejam os nossos maiores bens: os motivos de vida, de movimento, de estudo, de pesquisa. Quem sabe, ao escrevê-los, possamos fazer morada em outros corações e, assim, jamais venhamos a falecer. Escrever sobre os meus motivos de estar hoje como professora principiante numa escola pública é uma oportunidade de análise, de encontrar, desencontrar, reencontrar e inventariar os meus porquês.

Ando refletindo sobre um dos motivos que permeiam a minha atuação profissional. Ao escrever o meu projeto de pesquisa para o mestrado, estive imersa em uma problemática premente à prática docente: a indisciplina dos alunos. Desde então, passei a buscar os sentidos dos meus incômodos em sala de aula, bem como as possíveis causas e falhas. Sabemos da complexidade com a qual a escola e os seus processos de ensino e aprendizagem são tecidos; existem aspectos inalcançáveis por mim enquanto professora. Contudo, outros aspectos me dizem respeito, como é o caso do meu relacionamento com as crianças.

Lembro-me das palavras de Freire (2017, p. 71): “ninguém liberta ninguém. Ninguém se liberta sozinho: os homens libertam-se em comunhão.”



Diante disso, como ignorar a necessidade do diálogo e da escuta na prática docente? Tenho percebido que, nos últimos tempos, temos escutado pouco. Na sala de aula, o ritmo tem sido acelerado e extenuante, e as crianças não têm tido a oportunidade de falar e ser ouvidas. Como é possível a emancipação em um contexto em que não há escuta?

Bruna Ribeiro escreve que nossas formas de organização educacional estão impedindo as crianças de viver plenamente suas infâncias. Portanto, as escolas deveriam assumir o desafio de manter a arte do diálogo. Manter a arte do diálogo significa que é preciso escutar. Pois “a escuta é, por excelência, a capacidade de entrarmos em conexão com o outro, nos abrímos para o outro, para outros modos de pensar, ver, se relacionar e compreender o mundo” (Ribeiro, 2022, p. 46).

Já fui uma criança ignorada pelos adultos. Quantos de nós não fomos? Lembro-me de correr pela casa e me esconder entre as folhas enormes de uma planta do quintal por não querer tomar um antibiótico que me fazia muito mal. Os adultos não acreditaram. “Mas o médico receitou”, então não tive muita opção. Mas, alguns dias depois, descobrimos que eu tinha alergia ao clavulin, antibiótico composto pela junção entre a amoxicilina e o clavulanato. As crianças, enquanto crianças, possuem um conhecimento potente sobre o próprio corpo. Ouvir a mim mesma, pela regressão à minha infância, é um exercício que se faz necessário para a presentificação da minha atuação como professora. Minha e de todas e todos nós que nos propomos a educar.

Ao escutar as crianças e a mim mesma neste constante exercício de busca por um pouco mais de compreensão, percebi que a raiz dos meus incômodos não era a indisciplina, mas a falta de uma escuta verdadeira das crianças com as quais trabalho. Também falta escuta delas consigo mesmas, bem como de umas com as outras dentro do grupo.

O incômodo com a aparente indisciplina talvez estivesse resguardado por um desejo despótico de colonizar as crianças, suas falas e seus movimentos. É claro que é necessária a autoridade, na medida proposta por Paulo Freire, opondo-nos ao autoritarismo e à licenciosidade, mas é preciso tomar cuidado com nossos vazios, nossos fantasmas, nossos recalques e desejos pelo domínio do outro. Podemos falar do fenômeno do autoritarismo, bem como dos comportamentos dos estudantes tidos como “indisciplinados”, como sintomas.

Alguns poderiam até afirmar que a escola não é lugar de ouvir as crianças, pois não é uma clínica. Mas nós afirmamos que é!



Por esses dias, as crianças e eu começamos um exercício. Percebi que a turma estava bastante envolvida com o lançamento do filme “Divertida Mente 2”, então propus que assistíssemos juntos ao filme “Divertida Mente 1”, lançado em 2015, e que, a partir dele, refletíssemos sobre as nossas emoções. Como é uma turma de 1º ano do ensino fundamental, nossas atividades foram vinculadas a práticas de alfabetização e letramento. Em cada dia da semana, pensamos sobre uma emoção, realizando a interpretação de um texto, bem como análises e escritas de palavras. Em um segundo momento, as crianças registraram, por meio de um desenho, uma situação que as fizesse se sentir de acordo com a emoção trabalhada no dia. Por fim, praticamos a escuta: cada criança, sentindo-se confortável, compartilhava verbalmente com o grupo sobre a situação registrada por meio do desenho.

Foi uma experiência transformadora! É incrível perceber que as crianças estão começando a demonstrar mais preocupação umas com as outras. Quando refletimos sobre a tristeza, por exemplo, várias crianças expuseram suas chateações com os colegas da turma. Por meio desse exercício, percebemos como é importante ouvir o que o outro tem a nos dizer.

No livro “Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa”, Freire (2015) se atenta para a exigência de saber escutar no ato de ensinar. Nas suas palavras:

Se, na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a *escutar*, mas é *escutando* que aprendemos a *falar com eles* (Freire, 2015, p. 111).

É nesse anseio democrático que também faço a você um convite ao diálogo para refletir sobre este ato libertário – escutar – na sua vivência como docente no ensino superior.

Educar é uma troca, nunca se faz só. Daí, me lembro das palavras de Madalena Freire, filha de nosso querido Paulo Freire: “dependemos sempre do outro que nos completa, nos amplia, nos esclarece, nos limita, nos retrata no que somos, no que nos falta, porque somos incompletude e unicidade” (Freire, 2021, p. 25).

Espero continuar trabalhando para equilibrar minha fala com as falas das crianças. É um trabalho de formiguinha, sabe? Esperar que o outro fale e ouvi-lo é uma aprendizagem fundamental para as crianças dos anos iniciais: aprender que todos têm o direito a falar e ser ouvidos, e que esse direito não pode



ser desrespeitado. Pode ser que os cronogramas e currículos a serem cumpridos tentem nos sufocar na maioria das vezes, mas sempre há possibilidades de rompimento e fuga dessa estrutura.

Espero te ler em breve!  
Com ternura, Ana Maria

**Palavras-chave:** crianças; dialogicidade; aprendizagem da docência.

---

## REFERÊNCIAS

FREIRE, M. **Educador:** educa a dor. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 52. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** 64. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

FREIRE, P. **Professora sim; tia, não:** cartas a quem ousa ensinar. 36. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

RIBEIRO, B. **Pedagogia das miudezas:** saberes necessário a uma pedagogia que escuta. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.



# A ESCUTA, O DIÁLOGO E A RELAÇÃO COM OS ESTUDANTES NA DOCÊNCIA

---

Karla Cunha Pádua - Universidade do Estado de Minas Gerais

---

Belo Horizonte, 8 de setembro de 2024

Querida Ana Maria,

É lindo acompanhar esse seu movimento interno, em busca de ajustar o seu problema de pesquisa e se encontrar com a profissão docente! O seu tema da escuta me remeteu a Contreras, em sua entrevista para Di Franco (2009), quando ele nos alerta para a necessidade de converter os saberes docentes em vida, insistindo que há outras maneiras de enraizar o saber pedagógico na vida que não seja apenas pela transmissão do saber constituído e formalizado. O autor nos desafia a buscar outras formas de saber, não necessariamente racionais e cognitivas, colocando-nos na posição de pensar com a experiência daquilo que nos passa e nos move. Compartilhar esses saberes e experiências, nossos e das crianças, traz à luz nossos interesses, paixões, curiosidades, saberes e expressões.

Fazer isso em nossas aulas e permitir que nossos alunos e alunas o façam constitui uma forma de levar em conta suas interrogações e pontos de vista, criando um ambiente de presença pessoal e de intercâmbio vivo, possibilitando que algo nos aconteça, como relata Contreras (Di Franco, 2009), certamente



inspirado em Larrosa (2002). Para tornar a aula esse espaço de experiência, é preciso que o professor proponha aos estudantes tarefas para explorar e escrever sobre suas experiências e partilhar em sala. Assim, a aula se transforma em um lugar de pensar e de se expressar. Para isso, é preciso estar à escuta, estar receptivo, e retirar-se, quando necessário, do nosso lugar de professor.

Para Contreras (Di Franco, 2009), existem outras formas de ensinar, mais preocupadas em compartilhar, conversar, fazer, experimentar, relacionar e expressar o próprio mundo. Foi após a leitura dessa entrevista que me despertei para experimentar outras maneiras de ensinar os estudantes de Pedagogia. No semestre passado, a cada conteúdo abordado em sala de aula, eu sempre pedia uma escrita: um relato de experiência, um comentário, uma carta, que eram socializados nas aulas de Sociologia da Educação. As aulas foram ficando cada vez mais interessantes, e o retorno dos alunos na autoavaliação final da disciplina foi muito gratificante, como pode ver neste trecho escrito por uma das alunas:

As aulas de Sociologia do semestre foram extremamente agradáveis. Conseguimos concluir todos o plano de ensino proposto pela professora. Todos os textos e temas abordados foram debatidos de maneira rica em sala de aula, o que facilitou a compreensão. A leveza que a professora conduzia as aulas e as discussões tornaram tudo muito mais claro, o que me permitiu me envolver mais nos temas e debater as ideias apresentadas com confiança [...].

Esse retorno, assim como muitos outros nessa direção, me fez acreditar que esse caminho pode ser o melhor para a formação de pedagogos, especialmente em um contexto de pouco interesse dos alunos pelas aulas e diante de tanta distopia acontecendo no mundo ao nosso redor. Neste novo semestre letivo da UEMG, continuarei experimentando essas novas formas de escrever e partilhar experiências nas aulas de Sociologia.

Imagino, Ana, que também seja possível fazer isso com as crianças, mas isso exigirá abrir mão do disciplinamento, do controle, do esforço excessivo, de nossas exigências e da ideia de ensino apenas como transmissão, além das pressões sobre os estudantes, como nos alertou Contreras (Di Franco, 2009). Assim, é possível que algo nos aconteça durante as aulas, e que a experiência, tanto de ensinar quanto de aprender, se torne rica e prazerosa. Do jeito que as coisas estão, não está bom nem para os alunos, nem para os docentes! Mas, para



que isso aconteça, é preciso haver uma predisposição ao diálogo, como você mencionou na sua carta e como me ensinou Paulo Freire em “Pedagogia do Oprimido”, o primeiro livro que comprei na vida, aos 15 anos.

Nesse livro, há um rico capítulo sobre a dialogicidade, que Freire (1975) chamava de “essência da educação como prática da liberdade”. É preciso questionar essa ideia de “essência”, hoje em desuso, especialmente após os questionamentos trazidos à luz pelos pós-estruturalistas, mas Freire nos alertava sobre a centralidade do diálogo em toda educação que se pretende diferenciada e transformadora. Para Freire, o diálogo começa no processo de planejamento dos conteúdos a serem abordados, no levantamento dos temas geradores e na metodologia própria para a investigação desses temas. Na minha época de adolescência e juventude, eu utilizava as ideias de Freire sobre “a antidialogicidade e a dialogicidade” como uma arma poderosa nos conflitos familiares com minhas irmãs mais velhas, pois acreditava que o diálogo era fundamental em todos os tipos de relações sociais, inclusive entre irmãs.

Antes de me despedir, queria comentar também aquela sua afirmação sobre o “aspecto fundante da docência”, que me lembrou de um texto da minha saudosa Inês Teixeira, para quem a relação professor-aluno seria o “coração da docência” (Teixeira, 2007). Para essa autora, que foi minha querida orientadora no doutorado, a docência se instaura na relação social entre docentes e discentes, sendo a relação com o outro a matéria-prima desse ofício. Por isso, também, a docência é esse lugar de encontros, desencontros, entendimentos, conflitos, tensões e incompletudes, na medida em que coloca em relação sujeitos socioculturais imersos em distintos universos de historicidade e cultura, tanto individuais quanto coletivos.

Mas, pelo fato de a docência ser também esse lugar de forte compromisso e envolvimento com os destinos e enredos humanos, individuais e coletivos, e de afeição pelas questões dos homens e mulheres de cada tempo e lugar (Teixeira, 2007), é preciso novamente pensar no que nos diz Contreras (Di Franco, 2009): é necessário centrar-se no processo de crescimento e amadurecimento dos estudantes. Nosso trabalho não pode perder de vista a importância de proporcionar condições para que os alunos possam crescer e evoluir com equilíbrio, em um ambiente propício às suas necessidades.

Enfim, querida Ana Maria, espero poder continuar essa nossa correspondência por carta, que tem se mostrado uma narrativa potente para



nos conhecermos melhor como pessoas e para o nosso desenvolvimento profissional como docentes.

Até breve!  
Beijinhos da Karlina

**Palavras-chave:** diálogo; docência; saber pedagógico.

---

## REFERÊNCIAS

DI FRANCO, M. G. Estar a la escucha: entrevista a José Contreras Domingo. **Praxis educativa** (Arg.), v. 13, n. 13, marzo, 2009. p. 126 a 132.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

LARROSA, J. B. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, jan./fev./mar./abr. 2002. Disponível em: [http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19\\_04\\_JORGE\\_LARROSA\\_BONDIA.pdf](http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19_04_JORGE_LARROSA_BONDIA.pdf). Acesso em: 5 set. 2024.

TEIXEIRA, I. A. C. Da condição docente: primeiras aproximações teóricas. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 99, p. 426-43, maio/ago. 2007. Disponível em: [www.scielo.br/pdf/es/v28n99/a07v2899.pdf](http://www.scielo.br/pdf/es/v28n99/a07v2899.pdf). Acesso em: 7 set. 2024.



# CARTA AOS(AS) EDUCADORES(AS) DO CAMPO EM FORMAÇÃO

---

João Batista Pereira de Queiroz - Universidade de Brasília

---

Goiânia, 14 de setembro de 2024

Caros(as) educadores(as) do campo!

Estou me dirigindo aos estudantes da Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) da Universidade de Brasília (UnB) com o objetivo de retomar as contribuições de Paulo Freire para a nossa formação como educadores(as) do campo em alternância, trazer alguns desafios que vivenciamos na conjuntura atual e, como vocês irão iniciar o Estágio Curricular Supervisionado nas Escolas do Campo no Tempo Comunidade, sugerir uma atividade no Tempo Comunidade a partir do que conversamos, estudamos e aprendemos nesse Componente Curricular e, especificamente, na roda de conversa sobre Cartas Pedagógicas.

Na tarde do dia onze de abril, tivemos a oportunidade de participar de uma Roda de Conversa sobre a escrita de Cartas Pedagógicas, coordenada pela Cátedra Paulo Freire aqui da nossa Faculdade UnB Planaltina (FUP). Foi um momento de escuta, de diálogo, de escrita e de aprendizado.

Essa atividade é parte dos nossos estudos nos Componentes Curriculares Prática Pedagógica 4 (PP 4) e Teoria Pedagógica 4 (TP 4), no Tempo Universidade, na Faculdade UnB Planaltina (FUP), no primeiro semestre letivo de 2024, com as turmas dezoito e dezenove do nosso curso de Licenciatura em Educação do Campo.



Lembro a vocês, estudantes, e aos demais leitores que no campus da Universidade de Brasília (UnB) em Planaltina se encontra o nosso Curso de Licenciatura em Educação do Campo, iniciado em 2007 e organizado em Alternância. Os (as) estudantes, todos (as) do campo, permanecem anualmente dois períodos no Campus de Planaltina, períodos estes denominados de Etapas de Tempo Universidade (TU) e períodos no Tempo Comunidade (TC), nos quais prosseguem os estudos em suas comunidades de origem.

Trago estas informações do nosso curso para mostrar que a atividade realizada junto à Cátedra Paulo Freire aconteceu no Tempo Universidade, na quarta etapa de formação dos educadores do campo. Mas, no primeiro semestre de 2023, já havíamos estudado alguns trabalhos de Paulo Freire, inclusive a Pedagogia do Oprimido, com estas duas turmas, dezoito e dezenove.

Entre as muitas contribuições de Freire sobre a educação, vale ressaltar alguns momentos da obra “Pedagogia do Oprimido”, enfatizando as duas concepções e práticas de educação: “bancária” e problematizadora, que nos ajudam e nos desafiam a pensar e aprofundar a problemática educativa e, mais particularmente, a estudar e compreender a Escola que temos e a Escola do Campo que queremos. Apesar de constatar que vivemos numa realidade histórica de uma sociedade dividida em classes, onde existem opressores e oprimidos, Freire compreende que esta não é a “vocação dos homens”, mas uma distorção historicamente construída dessa “vocação negada na injustiça, na exploração, na opressão, na violência dos opressores”.

Essa realidade de opressão é mantida por meio de muitos instrumentos, um dos quais é a educação. Utiliza-se e pratica-se uma educação que reforça e alimenta a opressão. Isso acontece porque o(a) educador(a) trabalha no sentido de “depositar”, “encher” os(as) educandos(as) de conhecimento ou de informações. A partir daí, Freire criou o conceito de “educação bancária” para se referir a essa concepção e prática educativa que legitima e reforça essa realidade de opressão. Nessa concepção, o centro é o(a) educador(a), que é o(a) detentor(a) do conhecimento, das informações, do saber. Sua tarefa, portanto, é transmitir e repassar para os(as) educandos(as). Essa lógica se materializa na narração, por parte do(a) educador(a), e na memorização, por parte dos(as) educandos(as), que deverão “arquivar” o que receberam. Para Freire, nessa concepção e prática bancária, não existe “criatividade, não há transformação, não há saber”, pois “só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquietada, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros”. Na educação bancária, o(a) educador(a), em sua atuação, tem a autoridade do saber, deposita, disciplina, educa, escolhe os conteúdos, opta e prescreve, sendo



o sujeito do processo. Os(as) educandos(as) são passivos, adaptam-se, recebem, guardam, são disciplinados, escutam, são educados, acomodam-se aos conteúdos, seguem a prescrição, não sabem e são objetos.

Assim, na lógica da educação bancária, não há preocupação em transformar a realidade e a situação de opressão; o interesse é preservar a sociedade tal qual se encontra, transformando apenas a mentalidade dos(as) educandos(as) para uma adequação à sociedade. Para Freire, portanto, a educação bancária não se orienta “no sentido da conscientização dos(as) educandos(as)”. Conscientização aqui está no sentido de desvelar a realidade opressora em que vivem, inserindo-se criticamente e comprometendo-se com a transformação. É o que Freire denomina o primeiro momento da “pedagogia do oprimido”, como pedagogia humanista e libertadora.

Mas, para os(as) oprimidos(as), este tipo de educação não lhes serve nem convém, pois não lhes interessam a integração, a incorporação e a acomodação à situação opressora em que vivem. É necessária a transformação, a “libertação autêntica, que é a humanização em processo”, ou seja, “é práxis que implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo”. Para essa transformação, faz-se necessário um outro tipo de educação, ou seja, a educação problematizadora que serve à libertação. Para Freire, a educação libertadora, problematizadora, não será o ato de depositar, ou de narrar, ou de transferir, ou de transmitir “conhecimentos” e valores aos(as) educandos(as), meros pacientes, à maneira da educação “bancária”, mas um ato cognoscente... A educação problematizadora coloca a exigência da superação da contradição educador(a)-educandos(as). Como a educação problematizadora não se guiará pelo depositar, narrar, transferir ou transmitir o saber, exigirá um outro tipo de educador(a), diferente do(a) educador(a) bancário(a). Exige “um(a) educador(a) humanista, revolucionário(a), companheiro(a)”, que irá identificar sua ação com a dos(as) educandos(as), na construção humana e autêntica, por meio da práxis, ou seja, de uma ação e reflexão que transforme.

Podemos dizer com Freire que, enquanto a prática bancária “implica uma espécie de anestesia, inibindo o poder criador dos(as) educandos(as)”, a educação problematizadora proporciona a reflexão autêntica e “implica um constante ato de desvelamento da realidade”. A prática bancária “pretende manter a imersão”, ao passo que a educação problematizadora, pelo contrário, “busca a emersão das consciências, de que resulte sua inserção crítica na realidade”.

Ao retomar as contribuições de Freire, precisamos aprofundar e entender os tempos históricos que vivenciamos hoje, tanto no campo quanto na cidade. São tempos desafiantes no Brasil e no mundo. Vivemos um período



na história brasileira de diversos retrocessos em todos os níveis da sociedade, inclusive na educação. Hoje, apesar de diversas mudanças e possibilidades de transformação, existem inúmeras tentativas de recrudescimento deste processo, com concepções e iniciativas autoritárias, conservadoras, ditatoriais, racistas e excludentes. Sabemos que as marcas da colonização e da escravidão estão fortemente presentes nas concepções e práticas bancárias, impedindo a luta pela transformação da sociedade na direção da justiça social.

Assim, as contribuições de Freire nos desafiam a assumir e vivenciar uma educação que rompa com a educação bancária e construa uma educação problematizadora e emancipadora. Para isso, precisamos fortalecer o trabalho coletivo com a participação de educadores/as, movimentos sociais, instituições governamentais e não governamentais que, de fato, assumem e optam por uma educação transformadora, seja no campo ou na cidade. É uma luta permanente de diversos sujeitos no campo e na cidade, na construção de uma educação libertadora e de uma sociedade justa, rompendo com a concentração da renda, da riqueza, da terra, da propriedade, do poder e do saber.

Ao retomar as contribuições de Freire, como educadores(as) do campo, precisamos entender o nosso tempo histórico em que as novas tecnologias contribuem com as pesquisas e com o acesso à informação, mas também favorecem e potencializam a mentira, a enganação e a manipulação, entre outros. Desta forma, somos desafiados(as) a ler, estudar, debater, analisar e nos juntarmos cada vez mais, atuando criticamente na construção da educação libertadora.

Finalizando, gostaria de sugerir que, no Tempo Comunidade, vocês, estudantes da LEdoC, planejem a realização de uma Roda de Conversa sobre Cartas Pedagógicas, como parte das diversas atividades pedagógicas a serem planejadas e realizadas nas Escolas do Território, seja no Estágio Curricular Supervisionado, seja nos Encontros de Formação dos(as) educadores(as), bem como nos Encontros com os outros sujeitos do processo educativo escolar.

No próximo Tempo Universidade, poderemos retomar as atividades realizadas no TC e socializá-las, no sentido de reafirmar a nossa caminhada na direção de Paulo Freire, ou seja, na construção de uma educação libertadora.

Um abraço.

**Palavras-chave:** educação libertadora; pedagogia do oprimido; educação bancária.



# CARTA ABERTA DE DIÁLOGO E REFLEXÃO PEDAGÓGICA

---

Kaonny Rodrigues da Silva - Universidade do Estado da Bahia  
Lormina Barreto Neta - Universidade do Estado da Bahia

---

Caro Paulo Freire,

Recentemente, tive a oportunidade de realizar o estágio nos anos iniciais, sendo esse o meu terceiro e último estágio do curso de Pedagogia. A turma foi do 4º ano da pré-adolescência, e gostaria de compartilhar minhas reflexões e experiências com você.

Antes de tudo, devo expressar minha profunda gratidão por sua abordagem revolucionária da educação, que tem sido uma fonte constante de inspiração para mim. Durante meu estágio, pude experimentar em primeira mão a importância de uma educação libertadora e centrada no aluno. Suas ideias sobre a pedagogia do oprimido e a conscientização foram fundamentais para orientar minha abordagem como estagiário.

Nos anos iniciais, percebi a importância de criar um ambiente acolhedor e estimulante, mesmo quando me senti insegura ao me ver como a professora de 32 alunos, responsável por mediá-los. Um misto de sentimentos e sensações passou a habitar meus pensamentos. Medos e inseguranças surgiram quando me deparei com situações novas e inesperadas, enquanto também experimentei orgulho e gratidão por saber que os alunos se sentiram seguros para explorar e expressar suas ideias, além do apoio e carinho que recebi em cada momento.



Assim como você, acredito que o processo educacional não deve ser uma mera transmissão de conhecimento, mas sim um diálogo autêntico e crítico entre professor e aluno. Ao valorizar as experiências prévias das crianças e incentivá-las a refletir sobre seu próprio mundo, posso ajudá-las a desenvolver uma consciência crítica e a se tornarem agentes de transformação.

Durante meu estágio, também me deparei com os desafios enfrentados pelos professores nos anos iniciais. A falta de recursos adequados, a grande quantidade de alunos por turma e as demandas burocráticas podem parecer obstáculos intransponíveis. Não sou contrária à participação dos alunos nas oficinas; penso, porém, que isso prejudicou a forma de ensino-aprendizagem que implementei nos planejamentos.

No entanto, suas palavras ressoaram em minha mente quando me senti desencorajada: “a educação não transforma o mundo. A educação muda as pessoas. As pessoas transformam o mundo” (Freire, 1979, p. 84). Com essa citação como guia, busquei encontrar soluções criativas e adaptar as estratégias pedagógicas para atender às necessidades dos alunos.

Uma das lições mais valiosas que aprendi durante meu estágio foi a importância do diálogo genuíno com os alunos. Ao ouvir suas vozes e perspectivas, pude me conectar verdadeiramente com eles e compreender suas necessidades individuais. Descobri que, ao construir um relacionamento de confiança com os alunos, consegui promover um ambiente de aprendizagem significativo e inclusivo.

Além disso, percebi que a colaboração com os colegas de trabalho é fundamental para o sucesso na educação. Compartilhar experiências, estratégias e recursos com outros professores me permitiu expandir meu conhecimento e enriquecer minhas práticas pedagógicas. O trabalho em equipe e a troca de ideias são elementos essenciais para a construção de uma educação transformadora. Foi uma troca de experiências simultâneas entre o regente, os colegas de turma que também estavam na mesma escola, professoras da faculdade, funcionários em geral e, principalmente, com eles, nossos alunos, nossa futura geração.

Como você nos adverte, “na teoria dialógica da ação, os sujeitos se encontram para a transformação do mundo em co-labor-ação” (Freire, 2017, p. 226-227). A problematização da prática pedagógica em discussão coletiva alimenta a formação e fortalece o sentimento de pertencimento a uma categoria: a de graduandos que produzem conhecimento enquanto sujeitos de cultura.



Comprometendo-se com a transformação da realidade social, desenvolveu a Educação Problematicadora como princípio formativo. Esse princípio favorece a formação do educando e do educador, posto que as situações-limite se apresentam como possibilidades para pensar a ação efetiva frente aos problemas revelados pela realidade contextualizada.

Paulo Freire, sua visão revolucionária da educação continua a inspirar e orientar educadores em todo o mundo, e eu sou uma dessas pessoas que vê a educação por outra ótica, com a esperança de que estamos caminhando para um futuro melhor. Seu compromisso com a justiça social, a igualdade e a emancipação dos oprimidos é um farol de esperança em um mundo que muitas vezes parece desigual e desumano. Segundo Lirola (2019):

Apostar numa posição humanista na educação significa que a formação parte integrante da pessoa ocupa um lugar central. Assim, propomos uma educação que vai além da mera aquisição de conhecimento e, portanto, incentiva a aquisição de competências. Para conhecer diferentes realidades sociais é necessário basear o ensino em habilidades sociais, entre as quais comunicação, cooperação, liderança, influência e resolução de conflitos (Lirola, 2019, p. 2).

Sua crença na capacidade humana de transformar a si mesma e ao mundo é um lembrete poderoso de que, como educadores, temos um papel fundamental na construção de um futuro, um futuro próximo, o nosso amanhã. Arrisco dizer que esperar é papel do pedagogo. Notamos cotidianamente a alegria e a criatividade no olhar dessas crianças e a certeza de que o amanhã poderá trazer grandes avanços. As crianças e adolescentes sabem e querem aprender, e nós, como pedagogos, devemos instigá-los a ir cada dia mais longe.

Espero que esta carta o encontre bem por aí e que esteja apreciando a continuação de seu legado como educador e pensador progressista.

**Palavras-chave:** diálogo; problematização; colaboração.

---

## REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2017.



LIROLA, M. M. Como promover a justiça social e a pedagogia de Paulo Freire no ensino universitário: exemplos de ensino universitário de inglês. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 14, n. 1, p. 34-48, jan./abr. 2019. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/praxeduc/v14n1/1809-4309-praxeduc-14-01-0034.pdf> Acesso em: 30 ago. 2023.



# SER PROFESSOR É EXERCER A HUMANIDADE

---

Géssica de Souza Canaverde - Universidade do Estado da Bahia  
Lormina Barreto Neta - Universidade do Estado da Bahia

---

Uibaí- Ba, 30 de junho de 2023

Estimado Paulo Freire,

Às vezes, me pego pensando se estou sendo uma boa profissional da educação básica e se as minhas práticas educativas estão conseguindo contemplar de forma significativa e prazerosa a educação dos meus educandos. Hoje, estou na posição de educadora, ou mais precisamente, futura educadora; e, por meio das experiências que já tive, tanto na educação informal quanto na educação formal, percebi quão desafiadora e, ao mesmo tempo, prazerosa é esta profissão. Nesse sentido, o objetivo desta carta é dialogar sobre a importância de pensarmos a educação como um processo de contínua mudança e adaptação, sempre refletindo sobre o atual processo educacional. Para isso, buscaremos responder à seguinte questão: como devemos ser para ensinar?

Como você mesmo cita: “[...] ninguém nasce feito. Vamos nos fazendo aos poucos, na prática social de que tornamos parte” (Freire, 2001, p. 40). Para mim, essa sua fala significa que estamos sempre aprendendo, seja com nossos alunos em sala de aula, seja com pessoas no nosso cotidiano. Como somos seres inacabados, inconclusos e incompletos, estamos sempre assimilando e passando por novas experiências que também interferem na forma como vemos o mundo.



Devemos ter em mente que ser professor vai muito além de apenas transmitir conhecimentos e conteúdos; deve-se, inicialmente, SER HUMANO, tendo empatia com cada aluno e considerando e respeitando que cada um tem uma história de vida, sua cultura, sua própria realidade e sua forma de aprender. Nesse sentido, ser professor é entender que aprendemos ao longo da vida de forma permanente. Nessa lógica, no livro “Educação e Mudança”, você fala sobre o comprometimento que o educador precisa ter com a educação, e que um educador comprometido é aquele que atua e reflete sobre a realidade para transformá-la (Freire, 2003).

Atualmente, ainda se tem a ideia de que o professor é o único que tem algo a ensinar e que não pode ser questionado; ele apenas transmite o que sabe. Infelizmente, há muitos casos em que professores adotam essa postura, proporcionando uma educação que forma pessoas alienadas, que não questionam ou criticam o mundo ao seu redor. Ao me enxergar como futura professora, sigo a linha do pensamento freireano, que defende que a educação muda e transforma pessoas, não se resumindo a transmitir conteúdos, mas a construir saberes coletivamente. Essa educação não apenas ensina, mas também aprende com cada aluno ou pessoa, preocupando-se em formar seres com sonhos, que possam ser o que quiserem, capazes de pensar e criticar sua sociedade e seu mundo, contribuindo para uma vida melhor para todos. Você me ensinou que “o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos assim se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos” (Freire, 1981, p. 78).

Outrossim, devemos criar em sala de aula situações em que o aluno possa fazer indagações, envolvendo-os como protagonistas e reconhecendo sua participação, além de respeitar o tempo de aprendizado de cada um. Assim, é possível construir e reconstruir o conhecimento a partir do que fazem, pois o aluno só aprenderá quando sentir prazer no que está aprendendo. Como educadores, precisamos ser críticos, abertos a sugestões e valorizar também o ponto de vista dos nossos educandos, e não apenas o nosso, preocupando-nos, assim, com a qualidade do nosso ensino.

Como exemplo para desenvolvermos essa prática dentro da sala, podemos trabalhar com o lúdico, pois, por meio dele, a criança aprende brincando, ou seja, estabelecendo relações entre os conteúdos programáticos e os jogos e brincadeiras. Essa abordagem permite deixar para trás o método tradicional de ensino, proporcionando uma forma mais agradável e divertida de



aprender os conteúdos das disciplinas. Dessa maneira, viabiliza-se a construção do conhecimento de forma interessante e prazerosa, garantindo às crianças a motivação intrínseca necessária para uma boa aprendizagem. É por meio da brincadeira que a criança vive e reconhece a sua realidade.

Piaget (1976) afirma que a atividade lúdica é o berço essencial das atividades intelectuais da criança. Essas atividades não são apenas uma forma de desestresse ou entretenimento para gastar energia; elas são meios que contribuem para o desenvolvimento intelectual e facilitam a aprendizagem, despertando o interesse e a curiosidade. A criança é curiosa e imaginativa, está sempre experimentando o mundo e precisa explorar todas as suas possibilidades, uma vez que adquire experiência por meio da brincadeira.

Para tanto, há a necessidade de uma formação continuada do professor, na qual “o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (Freire, 1996, p. 21). É indispensável, na perspectiva freireana, que o educador mantenha uma ação e reflexão constantes sobre o ato pedagógico, além de buscar continuamente a qualificação profissional, com o objetivo de aprimorar tanto a prática docente quanto a trajetória profissional do professor.

O educador, ao ajudar o aluno a reconhecer seu papel na sociedade e a refletir sobre sua realidade, contribui para a formação de cidadãos conscientes, tornando-os aptos a intervir na realidade e a mudá-la, na perspectiva de uma educação libertadora. Essa abordagem é capaz de promover que o educando se torne sujeito de seu próprio desenvolvimento. Segundo Mizukami (1986):

O homem chegará a ser sujeito através da reflexão sobre seu ambiente concreto: quanto mais ele reflete sobre a realidade, sobre a sua própria situação concreta, mais se torna progressiva e gradualmente consciente, comprometido a intervir na realidade para mudá-la (Mizukami, 1986, p. 86).

Assim, a educação é um importante instrumento transformador. Ela nos impulsiona a buscar mudanças e melhorias para o nosso futuro.

A formação de professores não é algo simples ou uma tarefa fácil. É preciso ter gosto pelo que se faz; caso contrário, torna-se um castigo pessoal fazê-la. Ser professor é um desafio contínuo e uma conquista que se faz dia a dia, em cada atividade, na sala de aula, na escola, com os alunos, com os colegas professores e até com os pais dos alunos. Se ensinar fosse algo fácil e mecânico, haveria um manual de instruções. Contudo, aprendemos na prática, no cotidiano,



no terreno da sala de aula, colocando a mão na massa. É a prática, embasada pela teoria, que nos impulsiona à frente; é nela que o professor desenvolve sua formação e aprimora o fazer pedagógico. São os alunos que nos formam como professores, com suas particularidades, saberes e encantamentos. Mas, acima de tudo, é um olhar atento e investigativo que nos mostra o caminho a seguir.

Como diria Heráclito, não entramos duas vezes na mesma água. A docência funciona da mesma forma: não entramos duas vezes na mesma classe. O ser humano se transforma a cada dia e em cada sala de aula pela qual passa.

Apesar de todos os desafios enfrentados na vida e na carreira do professor, sabemos da importância que ele desempenha na vida e na aprendizagem dos alunos. Sua tarefa é árdua e difícil, mas também bela e significativa. Como você nos diz, Paulo, educar é um ato de amor e coragem. Precisamos, em sala de aula, ter empatia e contemplar a diversidade.

Por fim, agradeço a oportunidade de dialogar prazerosamente com alguém que tanto me ensina sobre a docência, a vida e a educação. Encerro citando: “Ninguém começa a ser professor numa certa terça-feira às 4 horas da tarde... Ninguém nasce professor ou marcado para ser professor. A gente se forma como educador permanentemente na prática e na reflexão sobre a prática” (Freire, 1991, p. 58). E mesmo diante de todos os desafios, precisamos seguir com o seu legado de esperança, da capacidade de sonhar com um mundo melhor, e que possamos ser os profissionais de educação que idealizamos.

Géssica de Souza Canaverde, 24 anos. Nasci no dia 8 de maio de 1999 em Uibaí, BA. Atualmente, moro na minha cidade natal e estou cursando Pedagogia na UNEB, Campus XVI em Irecê, BA. Tenho experiência em sala de aula como professora regente da Educação Infantil, cargo que ocupei durante dois anos. Além disso, já estagiei tanto na Educação Informal quanto na Educação Formal.

**Palavras-chave:** humana. docência. ensino; aprendizagem.

---

## REFERÊNCIAS

MIZUKAMI, M. G. N. **Ensino:** as abordagens do processo. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

FREIRE, P. **A Educação na cidade.** São Paulo: Cortez, 1991.



FREIRE, P. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

PIAGET, J. **Psicologia e pedagogia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976.



# RESSONÂNCIAS DA MEMÓRIA: UM CAMINHO FREIREANO PARA A TRANSFORMAÇÃO EDUCACIONAL

---

Rafael Barcelos Santos - Universidade de Brasília  
Eliene Novaes Rocha - Universidade de Brasília

---

Aos Leitores do Livro da Cátedra,  
Saudações cordiais,

É com grande entusiasmo e um espírito de profunda reflexão que escrevemos esta carta pedagógica, inserida na proposta de construção do segundo livro da Cátedra Paulo Freire. O objetivo desta carta é compartilhar a experiência enriquecedora e transformadora vivida na Faculdade UnB Planaltina (FUP), no âmbito do projeto inicialmente denominado “Memória e História da Educação de Jovens, Adultos e Idosos Trabalhadores – Pegadas de Paulo Freire” (1ª edição). Na sua segunda edição, o projeto passou a se chamar “Trajetórias – Movimentos Sociais e Populares pela Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas Trabalhadoras em Perspectiva Freireana”. Essa mudança de designação reflete a evolução e a ampliação de nossa abordagem, preservando a essência do legado de Paulo Freire, ao mesmo tempo em que expandimos o foco e as ações do projeto.

Nosso projeto, desenvolvido pela Universidade de Brasília (UnB) e vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural (PPG-Mader) da Faculdade UnB Planaltina (FUP), tem como missão primordial preservar e valorizar a rica história e a luta dos coletivos e movimentos



sociais que desempenharam papéis fundamentais na formação da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e da Educação Popular no Distrito Federal. Contamos com o apoio do Programa Institucional de Bolsas de Extensão (PIBEX) e com bolsas para pesquisadores vinculados à Fundação de Empreendimentos Científicos e Tecnológicos (FINATEC), com recursos provenientes de emenda parlamentar da bancada federal do DF. Essas parcerias são essenciais para a execução de nossas atividades e para a concretização de nossas metas.

Com base no pensamento e na pedagogia de Paulo Freire, nosso objetivo é construir e disponibilizar um acervo que não apenas resgate e celebre a memória desses movimentos educacionais e sociais, mas que também sirva como uma fonte de inspiração, orientação e um ponto de partida para novas gerações. Esse acervo aborda as lutas coletivas por direitos travadas por movimentos populares, e queremos que ele inspire e engaje futuros educadores, ativistas e cidadãos a continuar a jornada pela emancipação e transformação social por meio da educação, mantendo vivo o legado de Freire em nossa prática educativa.

No âmbito do projeto, temos quatro metas principais que orientam nosso trabalho. A primeira é a ampliação da organização e do acesso aos acervos de memória e história da educação das pessoas trabalhadoras, sempre com um enfoque na defesa da emancipação pela educação. A segunda meta consiste na reestruturação do Portal dos Fóruns de EJA, que será atualizado para incluir uma biblioteca digital, uma base de dados e um espaço para divulgação e mobilização das lutas pela educação como um direito fundamental. A terceira meta é a formação permanente de redes de pessoas e coletivos envolvidos em movimentos sociais, promovendo práticas emancipatórias de conhecimento e intercâmbio de experiências. A quarta meta envolve a elaboração do projeto arquitetônico para um centro físico dedicado ao memorial de Paulo Freire, que servirá como um espaço de formação e inspiração para futuras gerações.

Uma das conquistas mais significativas da nossa luta é a criação do Centro de Memória e Documentação em Educação Popular, EJA e Movimentos Sociais do Distrito Federal (CMV-DF). Esse centro representa o culminar de uma colaboração iniciada em 2009 e que envolveu diversos parceiros, incluindo os Fóruns de Educação de Jovens e Adultos (EJA) e o Ministério da Educação (MEC). O CMV-DF não se limita a ser um simples arquivo ou biblioteca; ele transcende essas noções tradicionais para se estabelecer como um espaço de reflexão contínua e profunda sobre a nossa história educacional e social. Em linha com a perspectiva de Rodrigues e Machado (2016, p. 114), que afirmam que “os centros de referência ultrapassam a noção de arquivo e biblioteca, avançando para o processo de reflexão da nossa história para pensar o nosso futuro”, o



CMV-DF busca não apenas preservar documentos, mas também fomentar um diálogo constante sobre as lições do passado e suas implicações para o futuro da educação. Dessa forma, esse espaço se configura como um verdadeiro ponto de encontro para a reflexão e a inovação em nossa prática educativa e social.

Na primeira fase do projeto, enfrentamos desafios significativos relacionados à organização e à catalogação dos documentos. A análise dos acervos nos polos de Paranoá, Ceilândia e Planaltina revelou a imensidão e a diversidade dos esforços voltados para a educação popular e a transformação social, evidenciando a riqueza das experiências documentadas. Em consonância com a definição de Barros (2019), que vê as fontes históricas como elementos fundamentais para a compreensão do passado, pois são produtos das ações humanas e carregam vestígios valiosos, dedicamo-nos a examinar cada item com cuidado. Notamos que muitos desses acervos estavam armazenados em caixas que nem sempre eram as mais adequadas para garantir a preservação dos documentos, refletindo a complexidade abordada por Marques e Stampa (2012), que destacam que a dispersão dos arquivos pode dificultar imensamente a organização e a preservação, comprometendo a recuperação da memória dos trabalhadores. Esses desafios, embora existentes, reforçam a importância de uma abordagem metódica e inovadora para garantir que a memória dos movimentos sociais e educacionais seja adequadamente resgatada e valorizada.

Inspirados pelos princípios transformadores de Paulo Freire, que ressaltam a importância da conscientização e da liberdade, nossa abordagem metodológica, denominada Memória Viva, busca integrar as dimensões sociais e políticas no processo de preservação e análise dos acervos. Seguindo a orientação da pedagogia freireana, nossa metodologia não se limita a conservar o material, mas também se empenha em contextualizá-lo e compreendê-lo à luz dos princípios de Freire. Como ele sabiamente afirmou: “só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. O homem, como um ser histórico, inserido num permanente movimento de procura, faz e refaz o seu saber” (Freire, 2015, p. 66). Essa perspectiva nos permite não apenas preservar a memória dos documentos, mas também promover um diálogo contínuo e reflexivo sobre a educação e as práticas sociais, alinhando-nos à visão de Freire de educação como um processo constante de construção e reconstrução do saber.

Os resultados do projeto têm sido verdadeiramente positivos e enriquecedores. Com a catalogação bem-sucedida de 4.050 documentos, o esforço coletivo está gerando frutos significativos, refletindo o impacto positivo das nossas ações. A diversidade das formações das extensionistas envolvidas



tem sido um dos pontos fortes do projeto, contribuindo para a criação de um ambiente harmonioso e produtivo. A catalogação pormenorizada não apenas assegura a preservação da memória histórica, mas também fomenta um aprendizado profundo e uma reflexão crítica entre os participantes. Os documentos preservados vão além de registros estáticos; eles servem como fontes dinâmicas de aprendizado e reflexão, oferecendo lições valiosas que enriquecem o desenvolvimento das sociedades e fortalecem as práticas educacionais. Cada documento catalogado é um testemunho da luta e do progresso, e sua preservação e análise contínua proporcionam as bases essenciais para a construção de um futuro mais consciente e transformador.

Outrossim, nosso projeto reafirma a importância de preservar a memória dos movimentos sociais e educacionais, sublinhando o papel crucial da educação como um instrumento de emancipação e transformação social. Por meio de nosso trabalho, não apenas mantemos viva a memória histórica, mas também buscamos promover um ambiente educacional mais consciente e engajado. Agradecemos sinceramente a todos que têm contribuído para o sucesso desta iniciativa. Convidamos os leitores a refletirem sobre a relevância de preservar e valorizar a memória dos movimentos educacionais e sociais, reconhecendo sua importância tanto para o presente quanto para as futuras gerações.

Que este trabalho inspire novas práticas e continue a promover a transformação social pela educação!

Com consideração e gratidão,

**Palavras-chave:** Centro de Memória e Documentação; pedagogia freireana; Educação de Jovens e Adultos; memória viva.

---

## REFERÊNCIAS

BARROS, J. D'. **Fontes históricas:** introdução aos seus usos historiográficos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** 59. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

MARQUES, A. J.; STAMPA, I. T. **Arquivo do mundo dos trabalhadores:** coletânea do 2º Seminário Internacional o Mundo dos Trabalhadores e seus



Arquivos: memória e resistência. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional; São Paulo: Central Única dos Trabalhadores, 2012.

RODRIGUES, M. E. C.; MACHADO, M. M. A experiência da construção de centros de referência em EJA no Brasil – um passo e um descompasso. *In*: BRZEZINSKI, I. **Pós-Graduação e pesquisa em educação**: contradições e desafios para a transformação social. Goiânia: PUC Goiás, 2016. v. 2, p. 111-122.



# POR UMA COMUNIDADE ESCOLAR INTEGRADA E PARTICIPATIVA

---

Jefferson Amauri Leite de Oliveira - Secretaria de Educação do Distrito Federal

---

Planaltina, 10 de setembro de 2024

Destinatário: Comunidade Escolar de Planaltina/DF.

Prezado(a) integrante da Comunidade Escolar de Planaltina/DF,

É com muita esperança que me dirijo a você para falar de algo que nos é tão caro e especial: a gestão democrática do ensino público, mais especificamente na nossa cidade centenária, Planaltina, Distrito Federal (DF), berço da Pedra Fundamental, símbolo da construção da Capital Federal, Brasília. Porém, não farei isso de maneira isolada; contarei com a ajuda do nosso Patrono da Educação Brasileira, Paulo Freire.

Como é do conhecimento de alguns, mas não de todos, a gestão democrática é um direito adquirido, conquistado com muita luta para que os rumos das nossas escolas sejam definidos a partir da participação de todas e todos que fazem parte da comunidade escolar. Desde a gestão da escola (diretor e vice-diretor) até o professor que atua em sala de aula, passando pelo secretário escolar, supervisor, orientador, coordenador, pedagogo, monitor, mães, pais e demais responsáveis, bem como os(as) estudantes, todos têm o direito de participar ativamente do planejamento das ações pedagógicas, administrativas e financeiras da escola.



Para esclarecer e ressaltar a relevância desse direito, a Gestão Democrática do Ensino Público é um princípio constitucional, ou seja, está garantido na nossa Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1988). Além disso, também figura como princípio do ensino na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Brasil, 1996). No caso do Distrito Federal, esse direito está assegurado pela Lei nº 4.751, de 7 de fevereiro de 2012 (Distrito Federal, 2012), que define o que é a Comunidade Escolar, estabelece a autonomia da escola pública nas dimensões pedagógica, administrativa e financeira, e explicita os mecanismos de participação da comunidade escolar.

Nesse momento, você deve estar se perguntando o motivo de tanta ênfase na gestão democrática, já que mencionei duas leis federais e uma específica para o ensino público do DF. E com razão! É essencial situar historicamente o contexto em que a democracia foi retomada em nosso país, mais precisamente após o período da ditadura militar, que se iniciou com o golpe de 1º de abril de 1964 e durou até 15 de março de 1985, tendo como marco histórico a promulgação da Constituição Federal de 1988. Em outras palavras, se hoje temos o direito de exercer nossa cidadania, seja votando em nossos representantes no legislativo e no executivo, ou participando das tomadas de decisão nas escolas públicas, é porque houve luta e resistência de muitos(as) brasileiros(as) que nos precederam. Esses movimentos garantiram o retorno ao Estado Democrático de Direito e o fortalecimento de direitos que nos permitem atuar como cidadãos ativos na construção de uma sociedade mais justa.

Até aqui, espero ter conseguido alcançar você, no sentido de fazê-lo compreender a importância da gestão democrática do ensino público, assegurando que as necessidades da comunidade escolar sejam ouvidas e atendidas, garantindo voz e vez a todos, e fortalecendo o senso de responsabilidade que envolve o exercício da democracia.

E é aqui que chamo a atenção para a necessidade da integração da comunidade escolar, seja individualmente, cada um e cada uma, ou como comunidade. É fundamental a integração entre comunidade e escola. Sendo assim, busquei o auxílio de Paulo Freire por meio de sua bibliografia, pensamento e ação conjugados na práxis emancipadora. Para Freire (2023):

A integração ao seu contexto, resultante de estar não apenas nele, mas com ele, e não a simples adaptação, acomodação ou ajustamento, comportamento próprio da esfera dos contatos, ou sintoma de sua desumanização, implica em que, tanto a visão de si mesmo como a do mundo não podem absolutizar-se, fazendo-o sentir-se um ser



desgarrado e suspenso ou levando-o a julgar o seu mundo algo sobre que apenas se acha. A sua integração o enraíza (Freire, 2023, p. 58-59).

A raiz de quem se encontra integrado(a) é fundamental para se situar no contexto histórico, social, político e cultural da comunidade escolar, permitindo identificar problemas, propor soluções e atuar ativamente, desde o planejamento até a avaliação das propostas. O sujeito que está integrado é aquele que vive sua realidade por inteiro e, por isso, possui a capacidade de enxergar além dos efeitos, identificando as causas e, assim, o que pode ser feito para evitá-las ou, no mínimo, minimizar seus efeitos quando inevitáveis.

Dessa maneira, precisamos refletir sobre o quanto estamos integrados à nossa comunidade escolar e, conseqüentemente, à escola onde atuamos como profissionais da educação, mães, pais ou demais responsáveis, estudantes, ou até mesmo como moradores ou comerciantes da localidade onde a escola está inserida. Quais são os problemas que encontramos em nossa escola? Como podemos agir para resolvê-los? Como posso melhorar em relação aos meus conhecimentos e minha relação com os(as) demais integrantes da comunidade escolar para contribuir ainda mais com a escola e, conseqüentemente, tornar a educação das crianças, jovens, adultos e idosos mais qualitativa em termos de preparação para o mundo do trabalho, para o exercício da cidadania e para o desenvolvimento humano com um olhar crítico e emancipado, de modo a melhorar a sociedade como um todo?

Com isso, é preciso afirmar que a integração sem ação é impossível, não apenas pelo próprio significado do termo, mas especialmente quando buscamos agir no sentido de resolver problemas, melhorar nossa realidade e trabalhar para atingir objetivos. Sendo assim, precisamos falar da participação enquanto movimento e ação, pois apenas pela prática da participação exercemos a democracia. Ou seja, quando participamos, estamos “aprendendo democracia pela prática da participação” (Freire, 1994, p. 117).

A participação não pode ficar circunscrita ao cumprimento de critérios administrativos/legais ou meramente formais, no sentido de cumprir um rito de maneira vazia e sem envolvimento ou responsabilidade. Por isso, citei anteriormente a questão da integração e das raízes. Portanto, é fundamental que nossa participação ocorra de maneira livre e responsável, como sujeitos autônomos, emancipados e coerentes com nossos valores, ideologias e visão de mundo, mas cientes de que existem valores, ideologias e visões diferentes na comunidade escolar que devem ser respeitados. Afinal, é o exercício da democracia.



Além do mais, a escola, enquanto organização do Estado, possui uma equipe gestora (diretor e vice-diretor) responsável por conduzir a gestão democrática, a fim de fazer valer o exercício da democracia pela comunidade escolar. Logo, essa liderança deve exercer a autoridade democrática, que não se esquivava de suas responsabilidades, mas que não as exerce de maneira autoritária e centralizadora. Uma gestão escolar que tenha o diálogo como um dos seus pilares, bem como a liberdade sem licenciosidade, de maneira a refletir a democracia em suas ações.

Por último, mas não menos importante, quando falamos em gestão democrática do ensino público, falamos em política, não no sentido de política partidária, mas de política como comportamento humano em sociedade. Para Freire (1997, p. 23): “do ponto de vista crítico, é tão impossível negar a natureza política do processo educativo quanto negar o caráter educativo do ato político”.

Portanto, um dos documentos mais importantes da escola é, sem dúvida, o seu Projeto Político-Pedagógico (PPP), onde a missão da escola, metas, objetivos, projetos e a forma de avaliação são definidos, bem como os recursos pedagógicos, humanos, materiais e financeiros que serão utilizados. Por isso, é fundamental que você e eu, integrantes da comunidade escolar, estejamos integrados e sejamos participativos, pois o PPP deve ser um documento vivo, em constante avaliação, refletindo as ações realizadas na e pela escola. Lembrando que o PPP inicia na análise da realidade, segue para a definição de metas e objetivos, estabelece prazos, define o como, o quando, quem, quais, onde e como as ações serão realizadas, a avaliação de todo o processo e a revisão do mesmo a partir dos resultados alcançados; ou seja, exige a participação ativa de toda a comunidade escolar em todas as etapas do mesmo. Integrados e participativos, somos mais fortes e fazemos da escola um ambiente verdadeiramente democrático.

Um abraço fraterno e até breve!

**Palavras-chave:** comunidade escolar; integração; participação.

---

## REFERÊNCIAS

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Senado Federal, 1988.



BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: Lei 9.394, de 1996. 20. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2021.

DISTRITO FEDERAL. Lei nº 4.751, de 7 de fevereiro de 2012. Dispõe sobre o sistema de ensino e a gestão democrática da educação básica na rede pública de ensino do Distrito Federal e dá outras providências. (Alterado(a) pelo(a) Lei 7211 de 29/12/2022). **Diário Oficial do Distrito Federal**: seção 1, Brasília, DF, 8 fev. 2012. Disponível em: [https://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/70523/Lei\\_4751\\_07\\_02\\_2012.html](https://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/70523/Lei_4751_07_02_2012.html). Acesso em: 5 out. 2024.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, P. **Cartas a Cristina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 56. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.



# O E-BOOK DAS MEMÓRIAS DA EDUCAÇÃO

---

Eva Waisros Pereira - Universidade de Brasília

Maria Paula Vasconcelos Taunay - Secretaria de Educação do Distrito Federal

---

Brasília-DF, primavera de 2024

Caros professores,

Saudamos a sua valiosa contribuição ao Museu da Educação do Distrito Federal pela concessão das entrevistas que integram o corpus documental da memória da educação da nossa capital. Os depoimentos coletados, em diferentes momentos históricos ao longo de mais de trinta anos, por meio da metodologia da história oral, compõem as coleções do acervo constituído para o conhecimento do passado educativo desta cidade.

A relevância de que se reveste o acervo de história oral do Museu da Educação tem em vista a preservação da memória dos saberes e fazeres pedagógicos, de ontem e de hoje, para profissionais da educação, estudantes e comunidade, permitindo-lhes o livre acesso às informações em fontes legitimadas pela pesquisa em história da educação. Experiências valiosas e significativas, em relatos emocionados dos entrevistados, aportam conteúdos por eles vividos, como protagonistas da educação brasileira, e se tornam objetos de pesquisa em ciências humanas, nos campos da política, sociologia, filosofia, pedagogia e áreas afins.



Nessa perspectiva, o Museu da Educação iniciou uma gradual produção de instrumentos de pesquisa para a preservação e publicização dessas fontes históricas, de modo a promover o fluxo renovador de conhecimentos necessários à ação educativa, trazer contribuições à experiência de formação humana e construir, de forma participativa, novos sentidos e significados à prática docente.

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino [...] Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (Freire, 1997).

O acervo de história oral distribuiu-se em séries tratadas e coletadas durante a execução dos seguintes projetos: Secretaria de Cultura do Distrito Federal (SCDF, 1989), Projeto Memória da Educação do Distrito Federal (entre 1989 e 2013), Projeto Museu da Educação do Distrito Federal (até 2020 a 2024), Coleção Paulo Freire (2022/2023) e Coleção Centro Integrado de Ensino Médio (CIEM, 2021). Em todas as entrevistas, foram propostos questionamentos aos entrevistados, como apresentação, descrição da chegada a Brasília, revelação da experiência como estudante, professor ou gestor, e considerações sobre o modelo de educação vivenciado na nova capital e sua influência na formação pessoal e profissional dos brasilienses.

Outras séries documentais foram realizadas para fins específicos, como a Coleção *Lives*, resultante da continuidade das ações promovidas pelo Museu da Educação durante a pandemia de covid-19, entre os anos de 2019 e 2021. A Coleção CIEM foi estruturada para pesquisar a educação inovadora praticada no Centro Integrado de Ensino Médio na década de 1960. Do mesmo modo, a Coleção Paulo Freire foi desenvolvida para subsidiar a pesquisa “Paulo Freire em Brasília: tessituras de uma educação emancipadora” e reuniu depoimentos de estudantes, professores e participantes do processo de criação dos Círculos de Cultura no Distrito Federal em 1963.

Para a sistematização e organização dessas entrevistas, foram propostos e desenvolvidos projetos específicos, inicialmente direcionados à transcrição, revisão e disponibilização desse conteúdo ao público interessado. A compreensão sobre a importância da difusão deste acervo indicou a necessidade de aprimoramento do processo de organização das entrevistas. Com esse intuito, em 2023, elaborou-se o projeto “História Oral – Relatos de Protagonistas da



Educação do Distrito Federal – Sistematização e difusão”, apreciado e aprovado pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAP/DF), dando início ao novo tratamento do acervo, com vistas a disponibilizar as entrevistas gravadas em áudio e vídeo por meio de um *e-book* para o público virtual. Desse modo, assegura-se a permanência e a preservação desse precioso conteúdo para as próximas gerações.

A realização desse trabalho reúne, atualmente, os esforços da equipe do Museu da Educação no sentido de cumprir várias etapas, a saber: selecionar entrevistas, propor formas de análise e tematização dos conteúdos e preparar instrumentos para a sua ampla divulgação em formato eletrônico, culminando na publicação do *e-book* com as primeiras 200 (duzentas) entrevistas indexadas, tratadas e organizadas em tópicos.

O desenvolvimento do projeto conta com a participação de estudantes de História, Letras e Pedagogia da Universidade de Brasília, bolsistas devidamente qualificados e orientados, bem como funcionários de apoio e técnicos de informática para executar, quantificar, qualificar, datar e distribuir as séries de entrevistas constituintes do acervo de história oral do Museu da Educação.

Com o apoio dessa equipe, realizou-se um cuidadoso trabalho de escuta dos depoimentos, sua minutagem, levantamento dos principais temas e palavras-chave e a produção das biografias dos depoentes. Esses dados forneceram a matéria-prima para a produção do Guia de Fontes, instrumento de uso interno dos visitantes do Museu da Educação, e fundamentaram o levantamento temático inserido no *e-book*. Ressalte-se ainda que, por meio dessa escuta, foram extraídos dados para a composição das biografias dos atores da história da educação do Distrito Federal, acrescidas por informações obtidas em pesquisas digitais e bibliográficas.

As entrevistas concedidas por professores, estudantes, funcionários e gestores trazem uma tessitura ampliada e não homogênea da história da educação de Brasília, na qual todos estão incluídos, com direito à voz e à escuta. Em sua fala, cada depoente revela uma visão própria do mundo, destacada a partir do ambiente escolar, o que corrobora o pensamento de Paulo Freire, de que a leitura do mundo precede a leitura da palavra (Freire, 1988). As demonstrações de memórias afetivas dos entrevistados, sejam estas individuais ou coletivas, apresentam-se impregnadas de manifestações de valores, dos mais abstratos aos mais concretos, em cruzamentos de dados presentes em uma relação discursiva, capaz de ressaltar diferenças e semelhanças culturais e sociais.



O Museu da Educação fará, neste ano de 2024, a entrega dos instrumentos de pesquisa construídos para favorecer a dinâmica de observação das narrativas sensíveis dos professores, gestores e estudantes da rede pública de ensino e possibilitar a promoção de análises linguísticas, sociológicas ou psicológicas em diferentes contextos. Os vestígios revelados sobre o passado recente ensejam a apresentação, no *e-book*, de um mosaico multiautoral, em formato hipertextual, que permita ao cidadão brasileiro historicizar, sem a necessidade de recorrer a narrativas mestras dos vários períodos sobre a educação de Brasília.

A pretensão é, doravante, dar continuidade ao tratamento das demais entrevistas que compõem ou vierem a integrar o acervo de história oral, bem como publicar novos volumes de *e-book*, na expectativa de que os brasileiros se apropriem dessas fontes rigorosas de conhecimento e, assim, forjem sua consciência histórico-crítica sobre o processo educacional emancipatório.

Em nome do Museu da Educação do Distrito Federal, recebam nossos abraços fraternais!

**Palavras-chave:** Museu da Educação do Distrito Federal; história oral; *e-book*; guia de fontes; educação emancipatória.

---

## REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados, Cortez Editora, 1989.



# O PRÊMIO PAULO FREIRE COMO INSTRUMENTO DE MOBILIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO DEMOCRÁTICA

---

Gabriel Magno - Câmara Legislativa do Distrito Federal

---

Brasília, setembro de 2024

Caro amigo Professor,

Pensei em endereçar esta carta ao Mestre Paulo Freire, pois acredito que esse é o sonho de todo educador: a oportunidade de contato direto com alguém que simplesmente revolucionou a pedagogia mundial. Infelizmente, isso não é possível. No entanto, acredito que o Patrono segue vivo no corpo e na mente de todo educador que compreendeu o esperar conforme a acepção freireana. Assim, segundo esse silogismo, falar com Freire é falar consigo mesmo e com todos. Concordamos que o mundo precisa, cada vez mais, de Freire.

Entrei na Secretaria de Educação do Distrito Federal em 2009 e uma de minhas primeiras experiências no magistério foi com Educação de Jovens e Adultos. Consultei o conteúdo programático para ver qual seria a matéria do primeiro ano do Ensino Médio: funções. Preparei a aula com aquele esmero que só os iniciantes praticam. Fui à escola no período noturno, com aquele frio na barriga que todo começo de jornada oferece, mas convicto de que realizaria um bom trabalho.



Infelizmente, não havia me preparado para a dura realidade. Era uma turma cheia de estudantes com a cansada feição de quem estava começando a terceira jornada do dia. Uma turma que não teve acesso às melhores oportunidades e precisou ultrapassar diversas jornadas exaustivas e incompletas, na perene crença no esperar atribuído à Educação como motor para o pulsar da vida. Não teria condições de apresentar conteúdo de Ensino Médio a quem mal teve a oportunidade de aprender os alicerces da matéria.

Logo vi que meu plano de aula estava inutilizado, talvez até o plano do semestre. Não teria condições de rever uma década de conteúdo em cinco minutos. Mas, antes do desespero bater, lembrei do Mestre Freire e de suas palavras geradoras. Pedi para que os alunos compartilhassem suas profissões, e um jovem, no fundo da sala, disse trabalhar como pedreiro.

Em vez de desenhar um paralelepípedo, desenhei uma planta baixa. Em vez de usar a variável  $X$ , pedi para calcularmos o número de azulejos necessários para cobrir essa planta. Acabei descobrindo que as palavras geradoras também podem se aplicar aos números. Assim, pude ensinar conceitos de trigonometria com esse aluno da construção civil, porcentagem com a aluna caixa de mercado e função com o aluno estoquista. E, inevitavelmente, acabou-se discutindo o porquê de as casas da maioria deles não serem revestidas por azulejos como as dos patrões.

Com o passar dos anos, tive a oportunidade de exercer cargos em representações de trabalhadores da educação e pude perceber que a obra de Paulo Freire vai muito além do ambiente escolar. No esforço pelo interesse dos trabalhadores e de toda a comunidade escolar, apreendemos o quanto a libertação do indivíduo é necessária na construção de uma sociedade mais humana e igualitária.

Logo, na ocasião em que me tornei Deputado Distrital, um dos meus primeiros pensamentos foi viabilizar um prêmio aos profissionais da Educação, com o intuito de reconhecer e valorizar todos aqueles que lutam e atuam por uma educação pública e de qualidade, convicto da importância que essa tem para a vida em sociedade. Batizar o prêmio em homenagem a Paulo Freire e promover a celebração no dia de seu aniversário foram essas coisas que me pareceram tão naturais quanto a gravidade ou a noite após um dia. E, ao considerarmos que a Educação é uma pauta sempre prioritária nas campanhas eleitorais, acreditei que o processo necessário para a criação do prêmio seria mera formalidade.



Ledo engano. A mesma opressão que perseguiu Paulo Freire em vida persiste no ideário de um conservadorismo que acreditávamos estar superado. Um projeto que visava homenagear educadores foi duramente atacado em razão da figura escolhida para batizá-lo. Sob as mesmas acusações falaciosas que fizeram do Patrono um dos primeiros exilados do golpe militar de 1964, o projeto acabou aprovado por uma margem inquietante.

Mas não foi a primeira vez que Freire foi vítima de um reacionarismo que compreende muito bem o “perigo” que suas ideias representam. E isso não impediu que seu legado influenciasse a pedagogia mundial. Logo, a viabilização do Prêmio Paulo Freire de Educação da Câmara Legislativa do Distrito Federal foi uma grande conquista para a comunidade escolar do Distrito Federal e somou-se ao rol de honrarias homônimas em tantas outras Assembleias e Câmaras por todo o Brasil.

E fiquei muito feliz com a repercussão, pois, logo na primeira edição, o Prêmio recebeu mais de cem projetos inscritos. Em uma noite festiva, a comunidade escolar ocupou o Plenário da Câmara Legislativa e pôde conhecer projetos educacionais voltados para as áreas da diversidade, direitos humanos, sustentabilidade, educação no campo, tecnologia e inovações. Ao longo do ano, recebemos retorno positivo de muitos participantes, que ressaltavam a importância da homenagem para as comunidades, bem como a replicação e o sucesso dessas iniciativas em outras escolas.

A mobilização significativa de toda a comunidade escolar em torno do Prêmio Paulo Freire de Educação é um motivo de grande satisfação para meu mandato, por uma simples razão: a participação é voluntária. Optamos por não divulgar a hierarquização de resultados, pois acreditamos que não existe melhor ou pior no que diz respeito a iniciativas educacionais fora de uma lógica bancária. Também não oferecemos qualquer tipo de vantagem pessoal como premiação, pela crença de que não é o fator material que mobiliza a criação e execução dessas iniciativas. Acreditamos piamente que é o espírito de Paulo Freire que incita esse pensar e agir pela educação.

No momento em que redijo esta missiva, a equipe responsável pela verificação dos projetos me informa que a 2ª edição do Prêmio teve 279 projetos inscritos. Adaptamos e ampliamos o escopo das categorias para que mais projetos pudessem ser agraciados. Avaliamos esse aumento considerável nas inscrições com muita felicidade e nos sentimos imensamente gratos por podermos fazer a



nossa parte pelo reconhecimento e valorização de todas e todos que se esforçam diuturnamente pela educação de nossa cidade.

Na condição de educador acima de tudo, gosto de pensar que o Prêmio Paulo Freire não deixa de ser uma espécie de Cátedra. Colocar o rosto do Patrono na Casa de Leis deste Estado é uma forma de reconhecer seu legado e estimular suas práticas em prol de toda a sociedade. Despeço-me desejando que esta carta o encontre bem e convido-o à próxima edição do Prêmio. Estou certo de que ele já se tornou parte do calendário brasiliense.

**Palavras-chave:** Paulo Freire; educação libertadora; prêmio Paulo Freire.



# PAULO FREIRE: INSPIRAÇÃO PARA TRANSFORMAR VIDAS E A EDUCAÇÃO

---

Haiane Soares Pereira - Universidade do Estado da Bahia  
Daniela Lopes Oliveira Dourado - Universidade do Estado da Bahia

---

Irecê-BA, 14 de setembro de 2024

Prezado Paulo Freire,

É com imensa gratidão que escrevo esta carta para expressar o quão significativo é poder me dirigir a você. Como licenciada do curso de Pedagogia do Campus XVI Irecê, tive a sorte de conhecer suas obras desde o primeiro semestre. Seus livros têm dado sentido e transformado minhas vivências, tanto como licencianda quanto como ser humano. Eles refletem desde a nossa alfabetização até a maneira como enxergamos e projetamos o mundo, indo além do simples planejamento.

Você representa afetividade e nos faz refletir sobre todas as formas de relações no mundo, inclusive sobre a opressão e sobre os oprimidos. Você mostrou a mim e aos meus colegas que o pensamento vai além do nosso ego e individualidade. Como estudantes do curso de Pedagogia, passamos por diferentes estágios curriculares, como a educação não formal, a educação infantil e os anos iniciais do ensino fundamental. Nesse último estágio, gostaria de ressaltar sua presença constante, desde a escolha da modalidade até o encerramento de todo o processo.



Poderia ter escolhido a experiência com crianças, mas percebi que, como pesquisadora em Educação de Jovens e Adultos, seria fundamental passar pela sala de aula e sentir na prática essa modalidade. E, de fato, pode-se interpretar essa sugestão quando diz:

Pensar certo, do ponto de vista do professor, tanto implica o respeito ao senso comum no processo de sua necessária superação quanto o respeito e o estímulo à capacidade criadora do educando. Implica o compromisso da educadora com a consciência crítica do educando cuja ‘promoção’ da ingenuidade não se faz automaticamente (Freire, 1996, p. 16).

Desde a observação até a finalização do estágio, nossa relação foi de muito afeto, e esse vínculo talvez tenha surgido desde a apresentação da minha realidade. Venho de uma comunidade quilombola com menos de 500 habitantes e tenho muito interesse pela EJA, pois é a única alternativa para a formação escolar dos meus pais e de outros membros dessa comunidade. Isso me fez refletir sobre como essa modalidade deve ser bem representada e assumida por profissionais capacitados na área. Devemos buscar mais inspirações, pois como entender o aluno se não possuímos uma perspectiva pessoal? Essa reflexão se inspira em suas palavras:

Somente um ser que é capaz de sair de seu contexto, de ‘distanciar-se’ dele para ficar com ele; capaz de admirá-lo para, objetivando-o, transformá-lo e, transformando-o, saber-se transformado pela sua própria criação; um ser que é e está sendo no tempo que é o seu, um ser histórico, somente este é capaz, por tudo isto, de comprometer-se (Freire, 1979, p. 8).

Esse contexto foi fundamental para o meu compromisso com a formação, com meu lugar de origem e com toda a comunidade. Ele influenciou a tomada de decisão sobre a metodologia que escolhi utilizar em sala de aula. O diálogo foi o norteador do nosso processo; construímos uma abertura que permitiu que dialogássemos frequentemente, extraindo dessas conversas conteúdos relevantes para aplicação em sala de aula. Por exemplo, discutimos os motivos que levaram os estudantes a retomar seus estudos e os tipos de trabalho que conheciam e nos quais já haviam participado.

Esse contato com a EJA também nos abriu os olhos para a necessidade de criarmos planos de aula que não exigissem que os alunos escrevessem imediatamente no caderno. Essa prática reflete uma mudança de comportamento;



por exemplo, o simples ato de escrever o cabeçalho mobiliza a necessidade de copiar o que está no quadro, um processo que vai além da compreensão do que está escrito. Isso pode ser um reflexo da educação bancária, na qual muitas vezes eram aplicadas punições aos alunos que não copiavam o que o professor havia escrito na lousa, tornando a cópia uma atividade rotineira em sala de aula.

Assim, mantive vigilância em minhas ações para não reproduzir a educação bancária, utilizando seus diálogos e reflexões a partir de suas obras. Levei em consideração a afirmativa sobre respeito e responsabilidade em minha relação com o mundo e com as pessoas. Por isso, estive atenta à construção do estágio na EJA e às minhas práticas pedagógicas, sempre ressoando suas palavras e meu compromisso.

Em primeiro lugar, qualquer que seja a prática de que participemos, a de médico, a de engenheiro, a de torneiro, a de professor, não importa de quê, a de alfaiate, a de eletricista, exige de nós que a exerçamos com responsabilidade. Ser responsável no desenvolvimento de uma prática qualquer implica, de um lado, o cumprimento de deveres, de outro, o exercício de direitos (Freire, 2015, p. 105).

Por tudo isso, o exercício de direitos exige conscientização, uma conscientização docente. É importante entender que a humanização é essencial para a Educação de Jovens e Adultos, assim como a compreensão de que nossos direitos são válidos e que precisamos lutar por justiça social e por amor à vida. Uma de suas obras, “A Pedagogia do Oprimido”, contribuiu para que entendêssemos isso (Freire, 1974). Essa ideia fez sentido também ao observarmos os esforços dos alunos que trabalham e têm uma rotina exaustiva durante o dia, mas que buscam oportunidades de libertação no período noturno. Em mais um de seus livros, “Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido”, reflete exatamente a importância dessa esperança e de manter o otimismo (Freire, 1992). Eles acreditam na educação e, por meio dela, veem seu potencial para melhorar sua qualidade de vida e pensamento crítico.

E, falando em pensamento crítico, você nos orientou sobre a importância de desenvolver essa habilidade, assim como de conscientizar e explorar as diversas perspectivas do mundo. Na obra “Educação como prática de liberdade”, foi-nos mostrado que a junção de educação e liberdade pode ser uma alternativa para tornar uma aula sobre um determinado assunto em uma aula sob a perspectiva dialógica (Freire, 1967). Isso se transformou em uma base agregadora para mim no processo de ensino-aprendizagem, pois passou a ser mais contextualizado dialogar com os alunos sobre suas vivências, de modo que o ensino pudesse



ter resultados efetivos. É muito mais natural abordar os contextos individuais, não de forma redundante, mas oferecendo diversas alternativas sobre como um determinado assunto pode ser abordado ou interpretado de uma nova ótica.

Além de tudo isso, temos os resultados! A educação transforma vidas, e nós, educadores, precisamos inspirar. Não podemos apenas esperar que algo aconteça, mas sim tomar ações concretas. Os alunos se transformaram, eu me transformei, e essa transformação vai além dos objetivos acadêmicos, especialmente para mim.

Paulo Freire, a Educação de Jovens e Adultos que você tanto defende, tem sido o foco das minhas metas desde o início deste curso, mesmo estando agora no penúltimo semestre. Como filha de agricultores que não tiveram a oportunidade de concluir o ensino básico, sinto-me motivada e direcionada a compreender os obstáculos enfrentados por muitos e a buscar alternativas humanas que acolham aqueles que buscam na escola e no ambiente formativo as oportunidades para viverem uma vida com liberdade.

Agradeço novamente por todo o conhecimento que você compartilhou e por ser uma inspiração constante em minha jornada acadêmica e pessoal.

Com admiração,

**Palavras-chave:** conscientização; educação de jovens e adultos; educação libertadora; formação docente.

---

## REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

FREIRE, P. **Política e educação**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.



# ESCOLA, TRABALHO E LUTA: A EXPERIÊNCIA DE UMA ESCOLA POPULAR FREIRIANA DO E PARA OS OPERÁRIOS

---

Ana Paula Santana de Souza - Universidade do Estado de Minas Gerais  
Kenya Cristina Sant'Ana de Souza - Centro Universitário Uni-BH

---

Belo Horizonte, 10 de setembro de 2024

Ao Srº Antônio Marciano

Querido Antônio, esperamos que esta carta te encontre bem. Você aprendeu a ler e pode receber uma carta. Quanta felicidade pensar nisso!

Abrimos a caixa onde guardamos as fotos da Escola Popular. Emoções vieram à tona: satisfação, saudade, pesar pelo seu fim. Sempre temos situações em que lembramos dos educandos. Caso encontre alguém daquela época, conte desta carta. Estamos direcionando esta mensagem a você, Antônio, porém nossa intenção é falar com todos os educandos, educadores e apoiadores daquele grande projeto de alfabetização e formação política para operários e trabalhadores nas indústrias da construção civil. Será que essa experiência ficou marcada em vocês como ficou em nós? Em nossas conversas, sempre surge uma história; às vezes dura, diante das dificuldades enfrentadas pelas pessoas que não tiveram o direito de aprender a ler, e outras, gratificantes, quando a leitura do mundo precede a leitura da palavra.



Diga a eles que construir uma escola com trabalhadores foi uma experiência ímpar. Começamos com um ideal e logo a reflexão se transformou em ação. Nos primeiros encontros, o projeto era desenhado de forma animada, com grandes planos e objetivos. Os desafios foram enfrentados porque o motor era (e é) a convicção política de que a classe trabalhadora é a única que pode mudar a sociedade de exploração e opressão. A educação é um dos pontos fundamentais da mudança; porém, como aponta Paulo Freire, sozinha não transforma a sociedade. Por essa razão, a formação política foi um dos pilares desta construção.

A exploração da classe trabalhadora faz com que aqueles que tudo constroem não tenham o direito de subsistência. Os operários da construção civil, por exemplo, construíam as mais lindas obras, mas não podiam adentrar nelas depois de prontas. Para esses mesmos operários, que, na prática, sabiam ler e interpretar projetos e calculavam o peso das vigas em lajes, e tantas outras habilidades, foi negado o legítimo direito à escolarização formal.

Você mesmo, Antônio, um pedreiro de primeira que queria aprender a ler o contracheque para não ser passado para trás. Aquele seu colega, que sentava na carteira ao lado, pedreiro de acabamento, tinha como objetivo ler os letreiros dos ônibus. A história mais desafiadora foi a do colega que precisava aprender a lidar com o relógio para não dormir de rádio ligado, pois contava a hora pelo anúncio dos radialistas. Tínhamos um desafio e, junto dele, uma equipe de educadores voluntários, comprometidos com a luta dos trabalhadores, dispostos a estudar e aprender com eles. Sabíamos que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

Os educadores ensinavam língua portuguesa, matemática e história. A metodologia utilizada privilegiava a formação política, desde os materiais utilizados para leitura até o estudo de história. Nessas aulas, o primeiro módulo contava a história das lutas do povo brasileiro, a resistência à dominação portuguesa e as lutas de hoje; oficinas práticas de direito trabalhista faziam parte do currículo.

Em datas celebrativas, sempre acontecia um grande encontro; as famílias eram convidadas, e os diretores do sindicato vinham. A casa ficava cheia. Lembra da exposição dos trinta anos da greve dos operários da construção civil de 1979? Como foi bom prepará-la! Àqueles que vivenciaram a greve contavam como foram os confrontos e as assembleias. O momento em que Orocílio Martins foi baleado trouxe mais revolta. O salão foi preenchido com grandes imagens,



do mesmo jeito que acontece em exposições de museus. Ferramentas foram expostas, cartazes traziam a cronologia da greve e os lugares onde aconteciam as manifestações foram lembrados. Como esse dia foi vivo!

Esses grandes momentos eram concluídos com uma reunião de balanço, e, nelas, novos desafios surgiam. Uma marcante empreitada foi a tomada de decisão para reformar a escola. Muitos diziam que não era possível fazer nada naquele prédio velho. Enganaram-se! A força do coletivo move montanhas. Os operários educandos seriam os pedreiros, ajudantes, marceneiros etc. O sindicato assumiu a busca por apoio material, enquanto os educadores colocaram a mão na massa e aprenderam a assentar tijolos. Foram quatro meses contínuos de trabalho, com mutirão nos finais de semana. Ao fim, veio a ideia de construir uma horta coletiva no terraço. Quem passava pela rua nos chamava de loucos. Como, entre prédios, surgiria uma horta? Ela surgiu, com couve, alface, tomate, ervas para tempero e medicinais; tinha de tudo.

Nosso lema era: “escola, trabalho e luta”! O esforço por aplicar esse lema fazia com que a nossa rotina não fosse uma rotina. As lutas da classe trabalhadora estavam presentes no espaço da escola. O salão era cedido para assembleias de movimentos sociais e, em algumas ocasiões, as aulas eram substituídas por alguma participação em um ato ou palestra. A formação política era viva.

Talvez vocês não saibam, porque nosso tempo juntos diariamente era pequeno, somente duas horas após o fim do expediente nas obras; mas, chegávamos logo cedo. Muitas vezes, antes de começarmos os trabalhos didáticos, visitávamos as obras para falar da concepção de ensino que norteava o trabalho pedagógico e político. Durante o dia, três pessoas estudavam e construía os conteúdos. Uma explicação de Paulo Freire em sua carta para os professores diz que “aprendemos ao ensinar”; contudo, “ensinar ensina o ensinante a ensinar um certo conteúdo e isso não deve significar, de modo algum, que o ensinante se aventure a ensinar sem competência para fazê-lo”. O ato de ensinar ensina. Porém, é necessário ser estudioso, procurar o que a prática em si não ensina. Como gostávamos disso!

Os anos se passaram. A crise nas indústrias da construção civil, em 2014/2015, após as grandes obras da Copa e do PAC, abalou o país. A escola deixou de funcionar. Não preciso contar desse período para vocês; falar disso nos causa sofrimento pessoal e coletivo. Mais uma crise econômica assolava o país, e em momentos assim é a classe trabalhadora que paga a conta. Veio o desemprego, arrocho salarial e rebaixamento das condições de vida. O projeto teve que adormecer porque os operários não conseguiam mais se deslocar até a escola.



A vontade de fazer tudo de novo é grande. Esperamos que essa lembrança se torne um alimento para a continuidade das lutas. Mande um abraço apertado a todos que encontrar.

**Palavras-chave:** escola popular; alfabetização de adultos; formação política.

---

## REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação.** São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. Carta de Paulo Freire aos professores. **Estudos Avançados**, São Paulo, Brasil, v. 15, n. 42, p. 259-268, 2001. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9805>. Acesso em: 8 set. 2024.



# ACOLHIMENTO E RESPEITO AOS SABERES DOS ESTUDANTES TRABALHADORES NA EJA: CONSTRUINDO UM DIÁLOGO TRANSFORMADOR

---

Dorisdei Valente Rodrigues - Grupo de Trabalho Pró-Alfabetização do  
Distrito Federal/FÓRUMEJA-DF

---

Prezados Professores da Educação de Jovens e Adultos (EJA),

Esta carta tem como objetivo destacar a importância fundamental de acolher e respeitar os saberes dos estudantes trabalhadores que compõem a Educação de Jovens e Adultos (EJA). É preciso valorizar as diversas vivências que esses alunos carregam consigo. Suas experiências profissionais, familiares e sociais formam uma bagagem rica de saberes práticos e conhecimentos informais que não apenas complementam, mas enriquecem significativamente o processo de ensino-aprendizagem.

É essencial, como educadores, termos em mente que nossos alunos não chegam à sala de aula como “recipientes vazios” (Freire, 2001), mas sim como indivíduos cujas trajetórias de vida moldaram seu modo de ver e compreender o mundo. Essas vivências práticas, muitas vezes adquiridas ao longo de anos de trabalho e interação social, oferecem uma base sólida que pode ser integrada



ao currículo escolar, tornando o aprendizado mais significativo e conectado à realidade de cada estudante.

Muitos estudantes da EJA chegam à sala de aula após anos de silenciamento e invisibilidade. Suas vivências profissionais, muitas vezes iniciadas precocemente e carregadas de desafios, podem gerar a percepção de que seus conhecimentos não são válidos no ambiente acadêmico. A EJA precisa romper com esse silêncio e criar um espaço onde esses saberes sejam reconhecidos e valorizados. Como educadores, devemos acolher esses alunos e promover um espaço de escuta e troca, onde eles se sintam seguros para compartilhar suas vivências e saberes.

Frequentemente, o conhecimento popular é relegado a um segundo plano dentro do contexto acadêmico, sendo considerado inferior ao saber científico. No entanto, é justamente na intersecção entre o conhecimento popular e o acadêmico que surge a oportunidade para a construção de um aprendizado mais profundo e significativo. O professor da EJA, portanto, deve assumir o papel de mediador, reconhecendo a importância desses saberes e integrando-os ao processo educacional.

A integração entre os saberes dos estudantes e o currículo escolar é um dos pilares para a construção de um aprendizado significativo. Entretanto, essa integração não pode ser feita de forma superficial, mencionando, de maneira pontual, a realidade dos alunos. Deve-se promover um diálogo profundo e horizontal entre os conhecimentos que esses estudantes trazem e os conteúdos acadêmicos, respeitando suas vivências e dando-lhes espaço para que se expressem.

A professora democrática, coerente e competente, que testemunha seu gosto de vida, sua esperança em um mundo melhor, que atesta sua capacidade de luta e seu respeito às diferenças, sabe cada vez mais o valor que tem para a modificação da realidade, a maneira consistente com que vive sua presença no mundo, e que sua experiência na escola é apenas um momento – mas um momento importante que precisa ser autenticamente vivido (Freire, 1996, p. 112-113).

Para que isso aconteça, é fundamental que o currículo da EJA seja flexível e capaz de dialogar com a realidade dos estudantes. Um currículo rígido, que não leva em consideração a diversidade de saberes e experiências dos alunos, corre o risco de se tornar alienante e desconectado da realidade. Precisamos de um currículo que promova uma educação crítica, conforme preconizam as teorias críticas e pós-críticas, que questionam as estruturas de poder presentes



na educação e defendem a inclusão de saberes populares, culturais e locais como elementos centrais no processo de ensino-aprendizagem.

A Oficina Transiarte é um exemplo prático dessa integração entre os saberes dos estudantes e o currículo. Essa oficina utiliza a arte e a tecnologia como ferramentas pedagógicas. Na oficina, os estudantes têm a oportunidade de produzir vídeos, animações e outras peças artísticas, utilizando essas produções como forma de expressão e comunicação. Essa prática não só valoriza os saberes dos alunos, como também os incentiva a desenvolver um senso crítico em relação à sua realidade e à sociedade em que vivem.

A arte, nesse contexto, torna-se um canal de comunicação poderoso, permitindo que os alunos expressem suas vivências, anseios e visões de mundo. Além disso, o trabalho coletivo estimulado pela oficina desenvolve importantes habilidades sociais, como a cooperação e o respeito mútuo, que são fundamentais tanto para o ambiente escolar quanto para o mundo do trabalho.

Ao utilizar a arte e a tecnologia como ferramentas pedagógicas, a Transiarte promove um aprendizado que vai além da mera memorização de conteúdos, incentivando os alunos a desenvolver suas capacidades críticas e criativas e a se posicionarem de forma ativa frente às questões sociais que os cercam.

O papel do professor na EJA vai muito além da simples transmissão de conteúdos. O professor é, antes de tudo, um mediador entre os saberes populares e os saberes acadêmicos, alguém que constrói pontes entre a teoria e a prática, incentivando os alunos a serem protagonistas de seu processo de aprendizagem. O educador deve se reconhecer como um aprendiz, assim como Paulo Freire defendia em sua obra “Pedagogia da Autonomia”. A relação entre professor e estudante na EJA é, antes de tudo, uma troca, um processo contínuo de construção conjunta do conhecimento.

Reconhecer-se como aprendiz significa estar aberto a aprender com as experiências e saberes dos estudantes, valorizando o que eles trazem e incorporando esses conhecimentos ao processo de ensino. Na EJA, o professor não pode se colocar como detentor único do saber, mas como alguém que facilita o diálogo entre diferentes formas de conhecimento.

Incorporar os saberes dos estudantes trabalhadores no contexto da EJA apresenta diversos desafios, sendo um dos principais a diferença entre a linguagem acadêmica e a linguagem cotidiana desses alunos. Muitos estudantes podem se sentir intimidados diante de termos e conceitos que lhes são estranhos, o que pode dificultar sua participação ativa no processo educacional.



No entanto, esses desafios podem ser superados com criatividade e sensibilidade por parte dos educadores. Utilizar exemplos práticos, analogias e situações do dia a dia, conforme sugerem abordagens pedagógicas inclusivas, pode facilitar o diálogo e a comunicação em sala de aula. É essencial que o professor da EJA parta das experiências dos alunos, utilizando-as como ponto de partida para introduzir novos conhecimentos e conceitos acadêmicos.

Além disso, é importante incentivar a leitura crítica do mundo, conforme defendido por Paulo Freire. Os conteúdos acadêmicos devem ser apresentados de forma contextualizada, partindo das experiências dos alunos e ampliando-as para que eles possam compreender, de forma crítica, a realidade que os cerca.

Acreditamos que a valorização dos saberes dos estudantes trabalhadores é um dos pilares fundamentais para a construção de uma Educação de Jovens e Adultos verdadeiramente transformadora. Ao reconhecer e integrar os conhecimentos que esses alunos trazem consigo, a EJA não só enriquece o processo de ensino-aprendizagem, como também contribui para a emancipação social e profissional dos estudantes, empoderando-os a construir um futuro mais justo e igualitário.

Que possamos, como educadores, seguir nesse caminho de acolhimento, respeito e diálogo, construindo juntos uma educação que transforma vidas e promove a cidadania plena para todos os nossos estudantes.

**Palavras-chave:** Educação de Jovens e Adultos (EJA); saberes populares; currículo flexível.

---

## REFERÊNCIAS

FREIRE, P. Carta de Paulo Freire aos professores. **Estudos Avançados**, São Paulo, Brasil, v. 15, n. 42, p. 259-268, 2001. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9805>. Acesso em: 16 set. 2024.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.



# CONVERSAS COM UMA HISTÓRIA RECONTADA

---

Geraldo Ramiere Oliveira Silva - Secretaria de Educação do Distrito  
Federal /Academia Planaltinense de Letras, Artes e Ciências

---

Planaltina, próximo à Primavera de 2024

Para: História (Aquele Que Caminha Comigo).

Há quanto tempo, cara amiga!

Nem me lembro da última vez que paramos para conversar, mas certamente você não se esqueceu dos outros tantos diálogos que já tivemos. Por isso, posso afirmar que esta é apenas a continuidade dessas nossas antigas e longas conversas, não sendo este o início, nem muito menos a conclusão delas. Será a primeira vez que nos comunicamos por carta, carta esta que poderia ter sido escrita em papiro, pergaminho ou em papel pardo, com bico de pena, caneta tinteiro ou máquina de escrever. Contudo, optei por redigi-la por meio da tecnologia desta atual modernidade, utilizando as teclas e a tela de um *notebook*.

Eu poderia chamá-la de Clio, como a antiga musa dos gregos, ou de Cleo, cuja referência egípcia me agrada mais; porém, nunca conseguiria vê-la com um nome que não fosse este: História. Mas não é aquela História oficial, antiquada, letárgica e, muitas vezes, retrógrada, que não raramente vemos por aí. Aliás, nós sabemos: existem infinitas Histórias, com incontáveis possibilidades



de versões, surgindo a partir dos aprendizados e saberes de cada pessoa. Não podemos negar que, enquanto ciência, uma História para ser assim chamada necessita ter o mínimo de investigação, coerência de fatos e consistência teórica. Entretanto, penso eu, e sei que nisto concordará comigo, para alguém ter sua História – esta que trazemos conosco individualmente e que podemos compartilhar em suas falas coletivamente, na construção e reconstrução do seu conhecimento – precisamos ter o direito a uma liberdade que transcende certas gaiolas metodológicas. Falando especificamente de você, a História que eu conheço, História que não chamarei de minha porque não me pertence, e sim que caminha comigo, mas não necessariamente a todo momento, foi se constituindo em meu consciente desde o início da adolescência até depois de eu ter me diplomado na faculdade. Quantas vezes você já me questionou e quantas outras eu já te questionei também? Recordo da primeira vez que vi seu rosto: foi uns dias antes da minha primeira aula enquanto educador, há um pouco mais de vinte anos.

Sobre a sala de aula, foram tantas nossas histórias, não é? De lá pra cá, envelhecemos juntos em nosso caminhar e também rejuvenescemos em vários sentidos, aprendendo com tantos e tantas que ensinamos. Desde o início, nunca tive a pretensão de impor você a ninguém, principalmente aos nossos educandos e educandas. Sempre lhe apresentei como um exemplo, referencial e ponto de partida de onde cada individualidade poderia iniciar sua jornada para a composição da própria História que levariam consigo. Reunindo-se com outras Histórias que já conheciam ou iriam conhecer, aprendendo e ensinando juntos, não somente na escola, mas também em muitos outros lugares e nas práticas de suas vidas. Aliás, tanto eu quanto você não somos os mesmos de duas décadas atrás, felizmente. Estas Histórias que conhecemos, tanto com quem estivemos juntos em sala de aula quanto com os demais educadores das muitas escolas públicas nas quais convivemos, além das outras pessoas com quem compartilhamos tantos momentos em incontáveis lugares, foram nos transformando a cada ano e continuam a nos transformar, ou melhor, a nos recontar, como você bem gosta de dizer. Inclusive, foi você que um dia me disse que, para uma História existir, é preciso que seja continuamente recontada, feito a lenda literária de Sherazade, que a cada noite narrava uma história diferente para sobreviver à execução outrora inevitável que a aguardava no amanhecer seguinte, sobrevivendo assim por mais



de mil e uma noites. Acredito que este aprendizado se aplica à existência das pessoas também.

Lembra de quando começamos a lecionar juntos? Nas escolas, ainda se usava mimeógrafo, mal tínhamos giz e apagador em um quadro negro, além de livros didáticos unilaterais. Hoje, temos pincéis coloridos, impressões, recursos audiovisuais e cibernéticos, alguns livros mais diversos, com algumas outras conquistas que ainda são pequenos passos diante de tantos desafios. Falando em desafios, tudo indica que os covardes ataques contra nós não irão cessar tão cedo. Ataques daqueles que nos chamam de doutrinadores, mas que, em suas hostilidades, escondem o medo por sermos justamente o contrário. Não querem que as pessoas criem suas próprias Histórias e que sejam seres conscientes da sua importância na criação histórica coletiva. A desvalorização da educação e dos educadores é um plano político dos mais perversos. Por isso, e por outros tantos motivos, é que não podemos desistir. Lamentavelmente, mesmo estando na Era da Informação, muitos estudantes desta geração aparentam estar simplesmente desinteressados, mesmo quando falamos sobre filmes e séries atuais, livros, HQs e jogos que eles gostam, evidenciando que nisso há muita História para contar e recontar, como em tudo que existe. Mas sei que você, igual a mim, apesar de alguns dias em que o desânimo inevitavelmente nos atinge, não desistirá de modo algum, pois sabemos das quantas Histórias e pessoas que conseguimos contribuir em suas formações, e o quanto essas contribuíram para que hoje fôssemos quem nós somos.

Anteontem, eu voltei a reler Paulo Freire. Eu não o lia desde o ano passado. Sei que ele sempre foi um dos seus escritores favoritos, assim como para mim. Afinal, começamos a lê-lo juntos. Certa vez, no término de uma aula bem difícil, num instante em que você parecia estar mais triste do que eu, Paulo Freire brevemente nos visitou na forma de seu pensamento que se mantém intensamente vivo, sussurrando-nos palavras de apoio e esperança. História, seguramente isto permanece bem nítido em sua memória, tanto quanto na minha. E, justamente nesta semana, descobri que ele escrevia cartas também. Irei terminar de lê-las em breve. Se quiser, posso ler algumas para você depois. Fiquei imaginando como seria uma carta dele para mim. Talvez eu nem soubesse como respondê-la. E como você acha que seria uma carta dele para você? Como, provavelmente, você responderia? Tenho certeza de que você seria alguém com quem ele adoraria conversar. Acredito que eu também. Tenho certeza de que a História dele está bem viva por aí. Será que ele já escreveu para alguém? Tudo é possível. Quero que



saiba que escrever esta carta despertou em mim uma grande vontade de narrar você em um livro e sobre nosso caminhar. Como você bem sabe, apesar de eu ter alma de historiador, o que escrevi até hoje foi literatura, mesmo que minha poesia e prosa tenham muito de historiografia nelas. Um dia, escreverei este livro. Fique certa de que você será a primeira a ler.

História, encaminho-me aqui para o fim desta correspondência com o coração fortalecido por termos retomado nossas conversas. Espero que não demore a me responder. Ainda não me decidi como enviar esta carta. Talvez seja por pombo-correio, criptografada em uma mensagem secreta ou dentro de uma garrafa lançada ao mar. Ou pode ser que eu simplesmente a envie por selo postal. Ainda irei me decidir, mas fique certa de que ela não tardará a chegar até você. E a sua carta para mim? De que forma pretende escrevê-la? Como irá enviá-la? Espero que eu não demore a descobrir.

Com toda estima deste seu amigo que não vê a hora de conversar contigo outra vez.

**Palavras-chave:** pedagogia da autonomia; educação libertadora; história crítica; carta freireana.

---

## REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

RAMIERE, G. Numa sala de aula com Paulo Freire. *In:* APPARERE, Projeto (org.). **Coletânea Educação no Brasil:** centenário de Paulo Freire. São Paulo: Perse, 2021.



# ESCREVIVÊNCIAS DE CONCEIÇÃO EVARISTO EM INTERLOCUÇÃO COM O INÉDITO VIÁVEL DE PAULO FREIRE: UMA CARTA ÀS PROFESSORAS

---

Regina Lúcia Portela - Universidade Federal da Bahia

Cledineia Carvalho Santos - Universidade do Estado da Bahia

Daniela Lopes Oliveira Dourado - Universidade do Estado da Bahia

---

Salvador-BA, 15 de setembro de 2024

Estimadas Professoras,

Hoje, nos reunimos para um café de reminiscências, como meio de nos situarmos no corolário das memórias. Sob a inspiração da “Escrevivência” de Evaristo (2020), transformamos as vivências pessoais e coletivas nessas linhas traçadas de uma carta, que carrega a força e a história de cada uma de nós, mulheres professoras que observam o “inédito viável” na vida de nossas educandas, ao perceber como elas vão construindo o futuro a partir do presente, em seus movimentos de ação-reflexão-ação. Temos muitas lembranças que se atualizam a cada nova sala de EJA e a cada encontro com comunidades de mulheres, como reflexo das nossas itinerâncias.

Ao falar em “inédito viável”, Freire aposta na realização de sonhos possíveis e na concretização de utopias, desde que os agentes históricos assim o



desejem, resistindo às “situações-limites”, que podem ser superadas por meio de ações emancipadoras.

O ‘inédito-viável’ é na realidade, pois, uma coisa que era inédita, ainda não claramente conhecida e vivida, mas quando se torna um ‘percebido destacado’ pelos que pensam utopicamente, o problema não é mais um sonho, ele pode se tornar realidade (Freire, 2014, p. 225).

Ou seja, trata-se da capacidade de imaginar e construir novas realidades a partir da análise da situação presente, possibilitando um processo de reflexão crítica e transformação da realidade. Esse processo se dá por meio da codificação e decodificação, do movimento do abstrato ao concreto e do reconhecimento mútuo entre sujeito e objeto. Dessa forma, é possível conceber e implementar novas possibilidades de ação e mudança.

Para que o “inédito viável” se concretize, é imperativo superar as situações que nos impedem de avançar, considerando a condição concreta em que estamos inseridos, independentemente de nossa consciência sobre ela. Freire (2015) destaca que não basta apenas pensar ou desejar a mudança; é necessária a práxis: agir de maneira consciente e intencional, integrando tanto a ação quanto a reflexão sobre essa ação.

Ao atuarem historicamente a partir de seus contextos, os indivíduos são capazes de produzir novas percepções de mundo e conhecimentos, promovendo transformações e intervenções significativas. No universo da EJA, as mulheres materializam o “inédito viável” como uma oportunidade para reescrever suas histórias e superar as barreiras impostas por questões de gênero e raça. Ao adentrarem nas salas de aula, essas mulheres conseguem visualizar um futuro diferente. Ao refletirem criticamente sobre as situações-limite que enfrentam em seu dia a dia, como a discriminação e a exclusão social, elas criam espaços de possibilidade de expressão que desafiam as estruturas tradicionais de poder e conhecimento.

A escola, como um espaço de diversidade e complexidade, enfrenta problemáticas de várias dimensões, especialmente relacionadas à raça, gênero e religião, que são amplificadas no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Apesar dessa realidade, o debate sobre esses temas permanece estagnado no currículo, muitas vezes por medo ou restrições linguísticas. Entre os temas mencionados, o gênero é o mais retaliado, englobando não apenas questões de sexualidade, mas também os direitos das mulheres sobre seus corpos e cotidianos. Conversas informais e desabafos entre alunas e professoras frequentemente



revelam casos de violência doméstica vivenciados por mulheres da EJA, afetando-as de diversas maneiras e contribuindo para a desistência escolar. Esse problema, embora percebido, precisa ser enfrentado e superado.

Para isso, é imprescindível incluir a questão da violência doméstica no currículo escolar como uma “situação-limite” a ser superada. Em uma escola estadual em Jaguaquara, Bahia, utilizamos uma roda de conversa como estratégia, apresentando relatos de mulheres que sobreviveram à violência doméstica e explicando o “ciclo da violência”. Ao final da atividade, muitos jovens e adultos nos procuraram para compartilhar suas experiências ou as de conhecidos. Embora esses relatos fossem dolorosos, trouxeram alívio ao percebermos que a atividade empoderou essas mulheres a denunciar ou se afastar de seus companheiros abusadores.

A experiência em rodas de aprendizagem com mulheres na comunidade do campo em Morros de Higino, na cidade de Jussara, Bahia, revelou que o conhecimento é libertador. Infelizmente, a cultura que permeia a formação de mulheres orienta que a prática do cuidar está intrinsecamente vinculada à submissão, promovendo vulnerabilidade e uma conduta de aceitação diante da exposição a situações de violência. Nesse contexto, o empoderamento feminino por meio da educação torna-se fundamental para o combate à violência doméstica.

Entretanto, as práticas educativas com mulheres jovens e adultas, no contexto da educação não formal, promoveram aprendizagens sobre direitos humanos, direitos das mulheres, empoderamento feminino e empreendedorismo. Por meio dessas ações, foi possível constituir uma relação de amizade e solidariedade, formando uma rede de apoio e compartilhamento de saberes.

A experiência reforçou a importância da educação, especialmente a Educação de Jovens e Adultos (EJA), e apontou para a necessidade de um investimento em uma estrutura curricular que, segundo Freire (1987), acolha os processos de vida e libertação em relação à realidade das pessoas envolvidas. Isso deve ocorrer em processos de ação coletiva de conscientização, oferecendo caminhos para a transformação pessoal e social.

Durante uma oficina na comunidade de Passé-Candeias, na Bahia, estudantes locais e marisqueiras se reuniram para refletir sobre os conhecimentos tradicionais da região. A construção coletiva de uma mandala, utilizando materiais do cotidiano dessas mulheres, estabeleceu uma conexão entre elas e os estudantes, promovendo criatividade e colaboração. Essa atividade permitiu que as marisqueiras se reconhecessem como detentoras de saberes únicos, um



reconhecimento crucial para valorizar suas práticas e tradições, fortalecendo a identidade coletiva e criando um ambiente de apoio mútuo. Novas possibilidades emergiram com a criação de um livro escrito pelas marisqueiras, evidenciando o fortalecimento da identidade e da autoestima, e transformando a percepção que têm de si mesmas e de seu papel na comunidade (Portela, 2014).

Esse movimento “inédito e viável” na vida e no cotidiano das professoras se manifesta no surgimento de cada atividade e de cada aula, onde o pertencimento, através das histórias de vida, das memórias, das migrações de mulheres e das coleções de vivências, se torna um pilar fundamental para a transformação do mundo por meio da educação. O atravessamento interseccional nesses pilares torna essa prática ainda mais transgressora. Embora essa compreensão não seja comum, pois vivemos em um universo machista, misógino e patriarcal, as escrevivências e as estratégias de enfrentamento oriundas das trajetórias de vida possibilitam a realização de sonhos e utopias que se concretizam nas “professoralidades” vividas. Assim, tão importante quanto escrever essas reflexões, as autoras compreendem esta carta pedagógica como um ecoar das “Vozes Mulheres” da EJA, que se faz necessário para uma coletividade que transgride as diversas formas de opressão contra os corpos das mulheres, contribuindo para que a esperança feminina se torne parte de um futuro transformador e mais equânime para a vida de todas nós mulheres.

Com carinho,

**Palavras-chave:** escrevivência; empoderamento feminino; Educação de Jovens e Adultos (EJA).

---

## REFERÊNCIAS

EVARISTO, C. Escrevivência. *In*: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. (org.). **Escrevivência**: a escrita de nós – reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FREIRE, A. M. A. Notas explicativas. *In*: FREIRE, P. (org.). **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014. p. 273-333.



FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 26.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

PORTELA, R. L. **Lições de mariscar e itinerâncias de aprender**: a extensão universitária construindo a formação. 2014. Trabalho Conclusão do Curso (Licenciatura em Pedagogia) –Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/35190/1/TCC%20REGINA%20PORTELA.pdf>. Acesso em: 15 set 2024.



# CURSOS POPULARES: A EXPERIÊNCIA DE JUIZ DE FORA/MG

---

Flávia Rabelo Beghini - Prefeitura Municipal de Juiz de Fora - MG  
Simone Dias Esteves - Prefeitura municipal de Juiz de Fora - MG

---

*“A educação não transforma o mundo.  
Educação muda as pessoas.  
Pessoas transformam o mundo”.*  
Paulo Freire

Juiz de Fora, 15 de setembro de 2024

Caro leitor, (Caros jovens) ou Aos Jovens do Brasil,

Vimos, por meio desta, compartilhar um pouco de nossa experiência com um curso popular que tem como objetivo oferecer a adolescentes, jovens e adultos o acesso a conhecimentos voltados à promoção e garantia dos direitos fundamentais, especialmente no contexto de sociedades desiguais, como a brasileira. O Curso Popular para Concursos (CPC) é uma iniciativa do poder público municipal de Juiz de Fora - MG, que iniciou suas atividades em 2002.



A partir de 2022, o CPC passou a fazer parte da recém-criada Secretaria Especial de Direitos Humanos (SEDH), direcionando seus esforços principalmente para atender jovens e adultos em situação de vulnerabilidade social.

Uma das competências da SEDH é propor políticas e diretrizes voltadas à promoção, proteção e defesa dos direitos humanos, seja por meio da criação ou do apoio a projetos, programas e ações. Nesse contexto, no âmbito educativo, a secretaria conta com o Departamento de Formação e Educação Permanente em Direitos Humanos (DFEPDH), responsável por direcionar as ações do CPC.

O Curso Popular para Concursos (CPC) vai ao encontro das necessidades apresentadas por pessoas, famílias e comunidades que se encontram submetidas a um encadeamento de fatores que impactam significativamente seu grau de bem-estar, resultando em uma maior exposição a riscos. Considerando que pensar em educação nos tempos atuais apresenta grandes desafios, parte deles está relacionada a pouca qualificação dos estudantes desse segmento, visto que questões sociais impactam significativamente o rendimento escolar, tema amplamente estudado.

Esse panorama nos reporta reiteradamente a Paulo Freire, que, em sua extensa obra, destaca fatores que nos trouxeram e trazem reflexões importantes para o desenvolvimento de nossa proposta pedagógica, relacionada a diversos temas, tais como: a importância da inclusão e da igualdade, da consciência crítica, do diálogo e da participação; o entendimento da educação como prática da liberdade e, por fim, culmina com o destaque da educação como prática de liberdade, empoderamento e transformação do indivíduo. Nesse sentido, a prática é pensada para que:

Daí então, que a nossa presença no mundo, implicando escolha e decisão, não seja uma presença neutra. A capacidade de observar, de comparar, de avaliar para, decidindo, escolher, com o que, intervindo na vida da cidade, exercemos nossa cidadania, se erige então como uma competência fundamental (Freire, 2000).

Com base nessas considerações, o CPC se propõe a ofertar a esse público formação de qualidade, para que possam concorrer a uma vaga na universidade, em concursos públicos ou na certificação do ENCCEJA, com um número maior de ferramentas, podendo alcançar sucesso em sua vida acadêmica e pessoal. Nesse sentido, Paulo Freire é considerado um expoente na didática e nos planos pedagógicos do CPC. No caso dos alunos que pretendem ingressar em um curso



superior, nos dedicamos à inserção em massa de estudantes oriundos da classe trabalhadora, ou seja, não realizamos seleção através de provas.

O acesso aos cursos oferecidos pelo nosso curso popular é realizado por meio de um processo seletivo realizado uma vez ao ano. Esse processo busca incluir aqueles que foram historicamente excluídos do sistema, promovendo a igualdade de oportunidades. No decorrer do ano, atendemos, quando possível, cadastro reserva e demanda espontânea.

São utilizados critérios para pessoas prioritariamente inscritas no CadÚnico. Em caso de grande demanda, utilizam-se também critérios que priorizam pessoas com a renda relacionada ao per capita familiar de R\$ 218,01 até meio salário-mínimo mensal e pessoas beneficiárias do Benefício de Prestação Continuada (BPC).

Esses critérios visam incluir uma diversidade de pessoas, seja de gênero, cor, etnias, orientação sexual e pessoas com deficiências. O CPC funciona em uma área central do município e em polos estrategicamente distribuídos em regiões com demanda para os cursos, utilizando salas cedidas em escolas municipais e estaduais, em uma política voltada para os territórios. Outra ação que buscou ampliar o acesso ao curso foi a oferta de aulas on-line, visto que muitos candidatos apresentaram dificuldade financeira de locomoção.

Contamos com a parceria da Secretaria Municipal de Educação para a cessão de coordenadores pedagógicos e professores. A inserção de trabalhadores da educação pública em nosso curso permite que, ao ministrarem os conteúdos, estes sejam apresentados de modo a favorecer um processo pelo qual os indivíduos percebem as contradições sociais e se engajem na luta por justiça, assim como na ampliação e/ou desenvolvimento da consciência crítica, incentivando o questionamento constante do status quo e a se envolverem ativamente na busca por mudanças sociais. Essa atuação se destaca nas aulas junto aos estudantes jovens, adultos e idosos que almejam alcançar qualificação no ensino fundamental e médio, por meio do processo seletivo do ENCCEJA I e II, e também no preparatório para concursos, que são aulas mais objetivas, porém não perdem o teor crítico e reflexivo sobre os temas da atualidade.

Junto aos adolescentes e jovens, atuamos em três eixos: preparatório para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), preparatório para o Programa de Ingresso Misto (PISM), um programa da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) que oferta 50% das vagas da graduação. O candidato faz uma prova preparada pela Universidade no fim de cada ano do ensino médio.



Com isso, vai acumulando pontos e experiência, sendo avaliado pelo conteúdo de cada módulo e no preparatório para ingresso nos cursos técnicos e no ensino médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia.

Considerando a importância de adotar metodologias participativas, nas quais o conhecimento é construído coletivamente, respeitando as experiências e saberes dos participantes, buscamos estruturar nosso horário de forma que fosse possível, dentro das características de um curso livre, oportunizar momentos de troca, por meio da oferta de plantões e oficinas em horários alternativos.

A vivência em um espaço educativo é muito dinâmica e apresenta desafios constantes, demandando novas organizações e planejamentos. Nosso perfil de alunos é diverso e heterogêneo, e cada grupo e turno possui suas especificidades de acordo com o curso escolhido e o turno em que estão matriculados.

No turno da manhã, oferecemos cursos para o Instituto Federal, que atendem jovens do 9º ano do Ensino Fundamental II, além de preparatórios para o ENEM, concursos e o ENCCEJA fundamental. Dessa forma, a grande maioria dos alunos é composta por jovens, adultos e idosos, com poucos adolescentes.

No turno da tarde, há uma maior concentração de adolescentes, visto que oferecemos, além do Curso Preparatório para Concursos e do curso preparatório para o ENEM, que são, em sua maioria, destinados a adolescentes e jovens, também atendemos ao curso preparatório para o Instituto Federal, com alunos do 9º ano do ensino fundamental II, e ao curso preparatório para o PISM, atendendo alunos desde o primeiro ano até o terceiro ano do ensino médio.

No turno da noite, oferecemos curso preparatório para concursos, curso preparatório para o ENEM e curso preparatório para o ENCCEJA fundamental e médio, sendo, em sua grande maioria, jovens adultos e idosos, assim como nos polos, que funcionam também no período da noite.

Cada turno apresenta uma especificidade; porém, nos deparamos com alguns desafios que, apesar de possuírem características próprias de um curso livre, também se aplicam aos demais espaços educativos no que se refere à evasão, formação e preparo da equipe de professores e coordenadores pedagógicos, à disponibilidade de recursos financeiros e materiais, à necessidade de ajustar a metodologia de trabalho com a evolução constante da tecnologia, entre outros.

Enfim, ao apresentarmos nossa experiência com o CPC, ressaltamos que nossa ação tem como premissa ser uma ferramenta poderosa na promoção e garantia dos direitos fundamentais, democratizando o acesso à educação. Busca promover a igualdade de oportunidades, empoderar os indivíduos, promover



a inclusão social e contribuir para o desenvolvimento econômico e cultural na comunidade em que vivem.

Em uma sociedade marcada por profundas desigualdades, os cursos populares representam uma esperança de transformação e justiça social, alinhando-se aos princípios e valores consagrados na Declaração Universal dos Direitos Humanos e na Constituição Federal de 1988. Acreditamos que vocês, alunos, ao passarem por essa experiência formativa e crítica, se tornem pessoas prontas para mudar o mundo.

Um abraço,

**Palavras-chave:** direitos humanos; educação popular; inclusão social; transformação social.

---

## REFERÊNCIA

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

MINAS GERAIS. Prefeitura de Juiz de Fora. Decreto nº 14.531, de 7 de maio de 2021. Dispõe sobre os Cursos Populares para Concursos – CPC e dá outras providências. **Diário Oficial Eletrônico do Município de Juiz de Fora**: seção



1, Minas Gerais, 8 maio 2021. Disponível em: [https://www.pjf.mg.gov.br/e\\_atos/e\\_atos\\_vis.php?id=84153](https://www.pjf.mg.gov.br/e_atos/e_atos_vis.php?id=84153). Acesso em: 10 set. 2024.

MINAS GERAIS. Prefeitura de Juiz de Fora. Decreto nº 16.333, de 12 de janeiro de 2024. Dispõe sobre a alteração do Decreto nº 14.531, de 7 de maio de 2021, que dispõe sobre os Cursos Populares Para Concursos – CPC e dá outras providências. **Diário Oficial Eletrônico do Município de Juiz de Fora:** seção 1, Minas Gerais, 13 jan. 2024. Disponível em: [https://www.pjf.mg.gov.br/e\\_atos/e\\_atos\\_vis.php?id=114202](https://www.pjf.mg.gov.br/e_atos/e_atos_vis.php?id=114202). Acesso em: 10 set. 2024.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos.** Paris, 1948. Disponível em: <https://www.un.org/en/about-us/universal-declaration-of-human-rights>. Acesso em: 9 set. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA. **Minha UFJF:** PISM. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/minhaufjf/pism/>. Acesso em: 4 set. 2024.



# EJA: UM DIÁLOGO COM FREIRE SOBRE EDUCAÇÃO, RESISTÊNCIA E RECOMEÇOS

---

Lucas Mendonça da Silva - Universidade Federal da Bahia  
Gerlane Lima da Silva Dourado - Universidade Federal da Bahia  
Edimária Vitória Carneiro Silva Macedo - Universidade Federal da Bahia

---

Jacobina-BA, 15 de setembro de 2024

Caro Paulo Freire,

Escrevo-lhe hoje com o intuito de dialogar, refletir e compartilhar inquietações acerca da Educação de Jovens e Adultos (EJA), um campo em que suas ideias ressoam profundamente. Sua visão pedagógica revolucionou a maneira como entendemos o ato de educar, especialmente para aqueles que, historicamente, foram privados do direito à educação formal. Pensar na EJA sem recorrer ao seu pensamento seria, no mínimo, uma omissão imperdoável. Este espaço de aprendizado é um dos mais potentes lugares de transformação social e subjetiva, onde a educação se torna prática da liberdade, um conceito central em sua obra (Freire, 1967).

Hoje, no Brasil, cerca de 9 milhões de jovens e adultos não concluíram a educação básica. Esse dado revela uma realidade profundamente desigual e excludente, onde a pobreza, o racismo, as condições precárias de trabalho e a violência permeiam a vida de muitas pessoas que não puderam acessar ou



permanecer na escola. A EJA, por sua vez, apresenta-se como uma resposta a essa dívida histórica. No entanto, os desafios que envolvem esse retorno à escola são inúmeros, e é aqui que gostaria de aprofundar nossa reflexão.

O que torna o seu pensamento tão necessário é, justamente, sua visão de que o educando é um sujeito ativo no processo educativo (Freire, 1987). Na EJA, essa perspectiva é ainda mais evidente, pois os estudantes que voltam à escola já possuem uma bagagem de vida extensa, marcada por experiências duras e muitas vezes traumáticas. Eles chegam à sala de aula trazendo consigo suas lutas, suas histórias, suas identidades, moldadas em contextos de exclusão. Retornar à escola, para esses sujeitos, não é apenas uma busca por certificação; é um movimento de resistência, um ato de reafirmação de sua dignidade e de seu lugar na sociedade.

Entretanto, a experiência de retornar à escola após anos de afastamento não é simples. Para muitos, o ambiente escolar é associado a lembranças de fracasso, abandono e inadequação. Muitos desses alunos foram, em algum momento de suas vidas, excluídos pela própria escola, seja por dificuldades de aprendizado, seja por pressões econômicas ou familiares. O retorno, portanto, exige deles uma grande coragem. Superar não apenas os obstáculos materiais, mas também os estigmas que acompanham o rótulo de “fracasso” é um dos maiores desafios.

A educação, como você bem nos ensinou, não é uma prática neutra ou técnica; ela é sempre um ato político, um espaço de construção de sujeitos (Freire, 2015). Na EJA, isso se revela de maneira muito clara. Os alunos estão, ao mesmo tempo, se educando e se reeducando, revisitando suas trajetórias e reavaliando seu lugar no mundo. Trata-se de um processo de reinvenção em que, ao mesmo tempo em que aprendem conteúdos formais, também reconstruem suas subjetividades, como dialogam Deleuze e Guattari (1995), questionam suas realidades e, em muitos casos, transformam suas percepções sobre si mesmos e sobre o mundo ao redor.

Você nos ensinou que uma das maiores potências da EJA é a possibilidade de transformação (Freire, 2011). Esses estudantes, que já foram marcados pela exclusão, encontram na educação um caminho para reconstruir suas narrativas. Entretanto, sabemos que esse caminho não é linear. Muitos enfrentam diariamente desafios que vão além da sala de aula: longas jornadas de trabalho, famílias para sustentar, violência estrutural e falta de apoio. Essas dificuldades muitas vezes geram sentimentos de inadequação ou



incapacidade, levando ao abandono escolar. Em um cenário como esse, a educação precisa se configurar como um espaço de acolhimento e construção da autonomia, onde o erro não seja visto como fracasso, mas como parte do processo de aprendizado (Freire, 1996).

Uma educação que acolha esses sujeitos precisa, portanto, valorizar suas experiências de vida. Não podemos continuar reproduzindo um modelo de educação que ignora as vivências dos estudantes, tratando-os como recipientes vazios a serem preenchidos; ela precisa ser uma prática da liberdade. Na EJA, mais do que em qualquer outro espaço educativo, a experiência de vida dos alunos precisa ser reconhecida e valorizada. Eles trazem consigo saberes que foram construídos em meio à luta pela sobrevivência, em contextos de exclusão, e esses saberes são tão válidos quanto qualquer conhecimento formal que possamos oferecer. A sala de aula, nesse sentido, deve ser um espaço de diálogo, onde o saber é construído coletivamente, em um processo contínuo de troca e de aprendizagem mútua (Freire, 1996).

Em “Pedagogia da Autonomia”, Freire (1996) nos lembra que educar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua construção. A EJA, nesse sentido, é um terreno fértil para essa construção, pois seus alunos, ao retornarem à escola, vivem processos de subjetivação e de transformação pessoal. Eles trazem consigo uma vontade de aprender, de superar as marcas de exclusão e de construir uma nova relação com o saber e com o mundo. Esse desejo de aprender é o que move a EJA e é também o que torna esse espaço educativo tão rico em potencialidades.

No entanto, não podemos ignorar os desafios estruturais que a EJA enfrenta. Sabemos que, em muitas regiões, a falta de infraestrutura, de professores preparados e de apoio pedagógico adequado torna difícil para os alunos permanecerem na escola. Sem políticas públicas que garantam não apenas o acesso, mas também a permanência dos alunos, a EJA corre o risco de se tornar mais um espaço de exclusão. É necessário que o Estado assuma sua responsabilidade nesse processo, garantindo condições reais para que os alunos possam concluir seus estudos e se tornarem cidadãos plenos.

Ao mesmo tempo, é fundamental que a EJA continue a ser um espaço de resistência. Ela não pode se limitar a uma simples reprodução dos modelos tradicionais de ensino, que tantas vezes falham em atender às necessidades desses estudantes. A EJA precisa ser um espaço de inovação pedagógica, onde a educação seja, de fato, uma prática da liberdade. Para isso, é preciso que os educadores se



comprometam com uma pedagogia do diálogo, do respeito à diversidade e do reconhecimento das múltiplas formas de saber.

Você nos ensinou que a educação é, acima de tudo, um ato de esperança (Freire, 1992). Na EJA, essa esperança se manifesta na reinvenção de cada aluno, que, ao retornar à escola, decide resistir à exclusão e lutar por um futuro diferente. É uma esperança que não ignora as dificuldades, mas que se alimenta da possibilidade de transformação. Essa é, talvez, a maior lição que podemos tirar do seu legado: a educação não é apenas um direito, mas uma ferramenta poderosa para a construção de uma sociedade mais justa, mais igualitária e mais humana.

Com profunda gratidão e respeito,

**Palavras-chave:** EJA; pensamento freireano; resistência.

---

## REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Política e educação**. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.



# A LIBERDADE HÁ QUE SER CONSTRUÍDA!

---

José Heleno Ferreira - Rede Brasileira de Educação em Direitos  
Humanos - Seção Minas Gerais

---

Divinópolis, 15 de setembro de 2024

Queridos e queridas adolescentes em privação de liberdade!

Nossas oportunidades de diálogo nem sempre são fáceis; muitas vezes, temos que lidar com interrupções impostas pela dinâmica institucional e, quase sempre, é difícil conseguir a tranquilidade e a privacidade necessárias para que cada um e cada uma possam expressar livremente seus sonhos e suas dores. Mas, ainda assim, nossos encontros têm sido momentos de alegria, de troca de afetos e de aprendizagens.

Quando vocês falam de suas infâncias, costumam narrar momentos marcados pela violência e pelo desrespeito aos direitos humanos fundamentais. Quantos e quantas de vocês não tiveram o direito de brincar porque precisaram começar a trabalhar muito cedo? Quantos e quantas enfrentaram dificuldades relacionadas à alimentação, à moradia e às relações familiares?

Temos sempre conversado sobre a importância de não aceitar como natural aquilo que é social, que é histórico e que é construído pelos seres humanos. Esta situação de violência na qual vocês estão inseridos e inseridas não pode ser naturalizada. É preciso construir uma outra sociedade, baseada em



outras relações: relações pautadas na amorosidade, no respeito às diferenças e na defesa da igualdade de direitos. E é preciso acreditar que isso é possível.

Muitas vezes ouvi de vocês que “este lugar é pra gente pobre e preta...” E essa observação, tão forte e dolorosa, me leva, sempre, às palavras de Paulo Freire que, em uma de suas cartas pedagógicas, escreveu: “não é possível refazer este país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor” (Freire, 2000, p. 67-69). Ele fazia referência a um fato ocorrido no dia 19 de abril de 1997. Naquele dia, os jornais e as emissoras de televisão noticiavam que um grupo de adolescentes de classe média alta, em Brasília-DF, ateou fogo em Galdino Jesus dos Santos, indígena da etnia Pataxó, em um ponto de ônibus da capital federal. À polícia, os adolescentes alegaram que estavam brincando. Galdino não resistiu aos ferimentos, à dor, à intolerância, à negação do outro como ser humano. Muitas e muitos de nós ficamos perplexos diante da notícia. O cruel assassinato de Galdino não pesa apenas sobre aqueles que o queimaram, mas sobre todas e todos nós, pois nos cobra a responsabilidade pela educação de nossas crianças e adolescentes, bem como nos cobra a necessidade de um posicionamento constante contra a injustiça e a violência.

A carta em que Paulo Freire comenta o assassinato de Galdino Jesus dos Santos compõe seu último livro – “Pedagogia da Indignação”. Não é possível lê-lo sem se emocionar. Sua indignação diante do fato, a ira contra o domínio do capital sobre os seres humanos, e contra a violência que norteia os processos de formação de tantas crianças e adolescentes se fazem presentes nesse texto como um alerta quanto à necessidade de educarmos e nos educarmos para o respeito à diferença e para a afirmação da igualdade.

Vocês me diriam, e com razão, que a realidade dos jovens que causaram a morte de Galdino é muito diferente da de vocês. Eles não vivenciaram as mesmas privações e não foram punidos como vocês... E sabemos bem quais são essas diferenças... Mais do que saber sobre essas diferenças, vocês vivenciam na pele o racismo estrutural, a aporofobia e a criminalização de adolescentes pobres, pretos e pretas.

Não foram poucas as vezes que ouvi de vocês relatos que mencionavam a discriminação sofrida em todos os espaços institucionais, inclusive no espaço escolar.



“Ninguém me via na escola mesmo...” Essa foi uma das explicações que ouvi para justificar o abandono, ou mesmo a indisciplina e os conflitos com as regras escolares. Quando ouço as críticas que vocês fazem à instituição escolar, lembro-me sempre do poema de Eduardo Galeano sobre os ninguéns que:

Não são, embora sejam. Que não falam idiomas, falam dialetos. Que não praticam religiões, praticam superstições. Que não fazem arte, fazem artesanato. Que não são seres humanos, são recursos humanos. Que não têm cultura, têm folclore. Que não têm cara, têm braços. Que não têm nome, têm número. Os ninguéns, que custam menos que a bala que os matam (Galeno, 2008, p. 71).

Num momento em que enfrentamos grandes desafios em relação à educação, em que as forças ligadas ao capital querem impor o desmantelamento da educação pública, uma educação tecnicista e pretensamente neutra, na qual a integralidade do ser humano não encontre espaço, a última carta de Paulo Freire nos instiga a seguir lutando por processos educativos que não contribuam para a desgentificação – termo utilizado por ele neste último texto – do ser humano.

Obviamente, a educação a que se refere Freire não se restringe à escolarização, embora também a abarque. Trata-se de pensar os processos educativos vivenciados em todos os espaços humanos: nas relações familiares, na mídia, nas igrejas, nos sindicatos, nos partidos políticos e nas escolas. Trata-se de compreender o ser humano como um ser em constante processo de formação e as relações humanas sempre como relações nas quais educamos e somos educadas e educados. Por isso, o autor também afirma a importância de orientar nossas práticas pela luta em favor da vida, da equidade, da justiça e da convivência amorosa com o outro, com o diferente.

Não se trata, também, de negar os princípios da liberdade e da responsabilidade que regem os atos de todo e qualquer indivíduo. Não se trata de afirmar uma relação mecânica entre as atitudes do educador e da educadora e de seus educandos e suas educandas (que, nunca é demais repetir, também educam enquanto são educados e educadas). Trata-se de afirmar que a educação pode contribuir para a formação de seres humanos éticos, autônomos, livres e capazes de conviver com o diferente, respeitando os princípios da igualdade e da dignidade humana.

Outra importante questão salientada por Freire nesta que seria sua última carta diz respeito à importância da coerência entre discurso e prática. Ele nos diz, mais uma vez, da necessidade de diminuir a diferença entre o que



dizemos e o que fazemos. O princípio da coerência entre a prática e o discurso perpassa não somente sua obra, mas toda a vida de Paulo Freire, e esse é seu maior legado aos brasileiros e brasileiras e a toda a humanidade.

Com vocês, tenho aprendido sempre! Aprendi que podemos, a partir do diálogo, fazer a passagem de um estado de consciência ingênua para um estado de consciência crítica. Podemos aprender a ler o mundo e não aceitar fatalismos, acreditando que podemos interferir na realidade. Afinal, “se não se faz este processo educativo, só se intensifica o desenvolvimento industrial ou tecnológico e a consciência sofrerá um abalo, tornando-se uma consciência fanática. Este fanatismo é próprio do homem massificado” (Freire, 1983, p. 39).

Sim, um outro mundo é possível! E havemos de construí-lo juntos e juntas!!!

**Palavras-chave:** educação; amorosidade; liberdade.

---

## REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Educação e mudança**. 13 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GALEANO, E. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: LP&M, 2008, p. 71.



## **PREZADO E AMADO AMIGO PAULO: QUÃO NECESSITADOS ESTAMOS DE VOCÊ!**

---

Renato Hilário dos Reis - Grupo de Ensino-Pesquisa-Extensão em  
Educação Popular e Estudos Filosóficos e Histórico Culturais - UnB  
Julieta Borges Lemes Sobral - Grupo de Ensino-Pesquisa-Extensão em  
Educação Popular e Estudos Filosóficos e Histórico Culturais - UnB

---

Querido e amado amigo Paulo,

Aí no céu, onde você vive na glória do Cristo Ressuscitado, junto ao Deus-AMOR – a referência maior de sua vida – você nos inspira e nos guia com seu Projeto de Educação e Sociedade. Um projeto que sonha com uma vida em que os valores do trabalho superem os valores do capital.

Nosso abraço demorado em você, Carlos Brandão, Vera e José Carlos Barreto, e em nossa querida e sempre amada Ângela Dumont, que se encantou em 4 de novembro de 2023. Agora, ela está no plano da intercessão, cantando, dançando e colocando todos na roda lúdica da existência.

Nesta carta, discutimos como estão as coisas no Brasil e no mundo. Em seguida, tentamos fazer uma súmula do que seria seu Projeto-Proposta de Educação/Sociedade/Vida, retomando pontos e questões já abordados por Ângela e Renato, que estão contemplados no texto-capítulo “A Constituição do Ser Humano em Paulo Freire: Transformando Vidas e Libertando Realidades”,



nas páginas 39 a 49 do livro “Leituras Freirianas: Diálogos que Permanecem”, publicado pela Pedro e João Editores, em São Carlos-SP, no ano de 2020.

Começando pelo Brasil, o país enfrenta uma grave crise ambiental. As chuvas consomem vastas áreas, enquanto rios e afluentes apresentam níveis de água cada vez mais baixos, revelando bancos de areia assustadores. A umidade relativa do ar alcança índices alarmantes, assemelhando-se aos climas de desertos. Essa situação crítica afeta a Amazônia, o Pantanal Mato-grossense, bem como as regiões Centro-Oeste, Sudeste e até mesmo o Sul, que ainda se recupera do excesso de água causado pelas chuvas que inundaram o Rio Grande do Sul no início de 2024.

As autoridades municipais, estaduais e federais, assim como o esforço exemplar que demonstraram durante as enchentes no sul do país, estão agora mobilizando esforços semelhantes para salvar pessoas, flora e fauna dos incêndios que, aos poucos, estão sendo controlados pelos heroicos bombeiros, brigadistas e voluntários.

Na política, teremos eleições para vereadoras, vereadores, prefeitas e prefeitos em todo o Brasil no dia 6 de outubro de 2024, com exceção de Brasília.

Em nível mundial, persistem as mortes de jovens, adultos e, sobretudo, crianças nas guerras entre israelenses e palestinos, na Rússia e na Ucrânia, além dos conflitos civis no Haiti e no Sudão.

No campo específico da Educação, pouco ou quase nada temos a acrescentar à situação de quando você se encantou em 2 de maio de 1997: a manutenção e intensificação do império global da educação bancária e capitalista no Brasil e no mundo.

Agradecemos por você ser o Patrono da Educação Nacional, que nos inspira nas iniciativas para a derrubada da Educação Bancária e a exercitação de seu contraponto: a Educação Amorosa-Transformante/Libertadora.

Para nós (Ângela, Julieta e Renato), você continua a ser o “Estadista da Esperança Amorosa”, a referência de um “Projeto/Proposta de Educação/Sociedade/Vida”, que tem por base uma ontologia revolucionária de superação da sociedade capitalista, que anuncia a emergência possível de uma sociedade igual, fraterna, solidária, amorosa e anticapitalista. Apresentamos e submetemos a você alguns enunciados práticos para que comente e nos diga como podemos melhorar e avançar. Aí vão eles:



- **Amor/Raiva/Indignação.** Você afirma que, se não estivermos indignados e com raiva da injustiça que nos rodeia, e se não formos possuídos, não pelo ódio, mas por um profundo Amor, não teremos as condições subjetivas e objetivas necessárias para denunciar e anunciar uma nova educação, sociedade e vida, tanto em nível micro quanto macro, individual e planetário.
- **Saber Só de Experiência Feito.** Sem uma indução histórica e valorização prática dos saberes acumulados pela humanidade, que estão presentes no inconsciente e no consciente de cada pessoa, o indivíduo não se torna protagonista de sua própria emancipação, nem da emancipação daqueles com quem convive. Portanto, é indispensável um levantamento permanente desses saberes para a construção de conhecimentos autônomos da classe trabalhadora.
- **Consciência de Classe: Trabalho e Capital.** No capitalismo, ontologicamente, existem duas classes: a do Capital e a do Trabalho. Essas duas classes estão histórica e socialmente internalizadas em cada trabalhador(a). Portanto, há uma batalha entre os valores do capital e os valores do trabalho na subjetividade de cada trabalhador(a). O nosso desejo é que os valores libertadores do trabalho superem os valores escravizantes do capital, tornando as pessoas Seres Livres e Emancipados dos Valores do Opressor.
- **Dialogia Dialética Individual e Coletiva.** Desenvolve uma dialogia dialética plural e de confronto amoroso entre os valores libertadores do trabalho e os valores escravizadores do capital. Esse processo envolve um aprendizado contínuo de escuta, elaboração do que foi escutado e socialização desse conhecimento. Assim, constituímos-nos como Seres Humanos Práticos, tanto individual quanto coletivamente. Segundo Vygotsky e Bakhtin, é por meio desse processo que nos tornamos humanas e humanos, evoluindo da espécie animal para a espécie humana.
- **Trabalho Coletivo de Ser Mais.** Em contraponto ao Trabalho Coletivo de Ter Mais do capitalismo, busca-se desenvolver o Trabalho Coletivo-Individual de Ser Mais, dentro de uma Nova Natureza de Educação, Sociedade e Vida.
- **Subjetividade, Arte, Sabedoria e Espiritualidade.** Tornamo-nos seres em que a subjetividade, a arte, a sabedoria dos ancestrais e as



espiritualidades são reconhecidas como ciência, e não apenas como aquilo que é exclusivamente quantificável, contável, demonstrável e observável pela ciência clássica. Apresenta-se, assim, um paradigma de ciência amoroso, ecológico, econômico e sustentável. A natureza da pesquisa também se alinha à “Pesquisa-Ação-Histórico-Cultural-Marxista”, segundo a práxis do Genpex/UnB/Cedep-DF.

- **Arquitetura Circular na e das Escolas.** Superar a arquitetura quadrada e retangular dominante em favor de uma arquitetura circular na educação, que possibilite a criação de “Círculos de Cultura”. Nesse ambiente, educadoras/es e educandas/os utilizam carteiras e cadeiras dispostas em salas de aula circulares, promovendo uma dialogia verbal e não verbal, tanto individual quanto coletiva, onde todos se veem “olho no olho”.
- **Círculos de Cultura.** Inserção do Círculo de Cultura Dialógico e Dialético Práxico como base e fundamento da organização e funcionamento da educação brasileira e mundial, abrangendo todos os níveis educacionais: creche, pré-escola, ensino fundamental, ensino médio, graduação, mestrado, doutorado e pós-doutorado.
- **Educação Amorosa-Afetiva-Política-Epistemológica-Emancipante-Transformadora.** Quebrar a hegemonia da educação bancária – caracterizada por valores individualistas, cognitivistas e de competição do capitalismo – e instaurar a hegemonia da educação amorosa, afetiva, política, epistemológica e emancipante/libertadora. Essa abordagem deve promover uma práxis de transformação amorosa da educação, da sociedade e da vida, valorizando múltiplas vozes e sentidos.
- **Currículos Práticos:** Planos de curso, de disciplinas e de aula também devem ser práticos, baseando-se no círculo de cultura e nos enunciados práticos aqui apresentados. Devemos buscar a constituição de um sujeito que viva com AMOR, de AMOR e em AMOR, como eixo norteador da formação de um Sujeito Político (em exercício do poder), de um Sujeito Epistemológico (em produção de saber) e de um Sujeito Ecológico (em relação recíproca com a natureza).



Paulo, ainda temos muito a caminhar com sua Proposta/Projeto/Sonho de Educação/Sociedade/Vida. Continuaremos de mãos dadas com você, Carlos Brandão, Ângela Dumont, Vera e José Carlos Barreto, além de tantas outras companheiras e companheiros que nos precedem aí no céu, na missão de tornar a Educação/Sociedade/Vida mais humanas.

**Palavras-chave:** práxis amorosa; práxis política; práxis epistemológica; práxis emancipante-libertante; gênero/classe.

---

## REFERÊNCIAS

REIS, R. H.; VIEIRA, M. C.; RIOS, G. V. (org.) **As significações do texto coletivo no processo alfabetizador de jovens e adultos do Paranoá**. Brasília: Editora da UnB, 2020.

SOBRAL, J. B. L.; REIS, R. H. Costurações do processo de constituição da pesquisa-ação histórico-cultural marxista no contexto da Educação de Jovens, Adultos e Idosos Trabalhadores. **EJAIT RIEJA**, v. 3, p. 116-134, 2020.

TEIXEIRA, A. D.; REIS, R. H. A constituição do ser humano em Paulo Freire: transformando vidas e libertando realidades. *In*: VILAR, J. C.; ALMEIDA, S. G.; PEDERIVA, P. M. L. (org.). **Leituras freirianas: diálogos que permanecem**. São Carlos: Pedro e Joao Editores, 2020. p. 39-49.



# COMO DESCOBRI PAULO FREIRE OU “A LIBERDADE EMBRULHADA EM PAPEL DE PÃO”

---

Luiz Carlos Castello Branco Rena - Rede Brasileira de Educação em  
Direitos Humanos - SEÇÃO - MG

---

Betim, 1 de dezembro de 2003

Queridos Alunos, Queridas Alunas

Como prometi em algum momento do semestre que está terminando, estou respondendo à demanda de vocês por meio dessa carta.

Cursei o ensino médio na primeira turma de curso noturno do Colégio Pio XII entre os anos de 1975 e 1977. A ditadura militar, com tudo que ela significava, ainda se fazia fortemente presente no nosso cotidiano. Naquela época, o trabalho de formação religiosa no colégio era conduzido pela Irmã M<sup>a</sup> das Graça Souza, que hoje é missionária em Angola. Território por onde Paulo Freire também transitou semeando a esperança. Em plena adolescência, fui descobrindo a vida das comunidades e dos grupos de jovens, e aprofundando, com o apoio da Ir. Graça, um projeto de vida que colocava no horizonte a possibilidade de me tornar educador.

Numa noite de 1976, após as aulas, encontro Ir. Graça me aguardando na portaria do colégio, portando um pequeno embrulho feito com papel de pão. Trocamos rapidamente algumas palavras sobre as atividades pastorais em



andamento, e ela me entregou o embrulho, dizendo: “Ponha isso no meio de suas coisas e só abra quando chegar em casa. Depois conversamos”. Segui sua orientação e, chegando em casa, desfiz o pacote. No lugar do pão, encontrei “Conscientização: teoria e prática da libertação”. Comecei a ler o livro enquanto jantava. Entrei madrugada adentro, lutando contra o sono e alimentando meu espírito e minha consciência com a experiência e as ideias daquele que, mais tarde, se tornaria referência fundamental na minha trajetória como militante e como profissional.

Descobri Paulo Freire embrulhado em papel de pão, num ato de rebeldia e transgressão da ordem instituída. A mesma ordem que havia encarcerado por 70 dias e exilado por 16 anos um homem da estatura de Paulo Freire. Subversivamente, experimentei o gosto da liberdade, dos direitos à informação e à liberdade de pensamento num tempo da nossa história recente, marcado pela tirania e pela opressão. Outros embrulhos em papel de pão continuaram a chegar: Gota D’água, de Chico Buarque; documentos da Anistia Internacional; Cartas Pastorais de Pedro Casaldáliga; Cartas de Tito, Beto e Ivo, frades dominicanos presos nos porões da ditadura.

Quando trago Paulo Freire para os nossos encontros na sala de aula, a primeira palavra a ser dita é “Liberdade”. Toda a sua obra, disponível em dezenas de livros publicados e já traduzida para vários idiomas, se constitui em uma resposta pedagógica às necessidades de transformação das estruturas geradoras da opressão, da dependência e da espoliação dos mais fracos.

Paulo Freire me convenceu de que não há ação pedagógica neutra, politicamente descomprometida. O ato pedagógico, sendo mais do que a mera transmissão de conteúdo, é um gesto de participação política, de militância na reinvenção da cultura, do homem e de suas relações, no esforço de superação de uma cultura de opressão. É preciso expurgar a verdade do opressor que reside na consciência do oprimido.

Ao sistematizar a denúncia da educação “bancária”, que fossiliza o saber e o homem, Freire nos oferece uma concepção de educação compreendida como um processo dinâmico e abrangente, inerente ao desenvolvimento da pessoa enquanto constituição do sujeito. Ou seja, “a educação reproduz, assim, em seu plano próprio, a estrutura dinâmica e o movimento dialético do processo histórico de produção do homem. Para o homem, produzir-se é conquistar-se, conquistar sua forma humana. A pedagogia é antropologia” (Freire, 1987, p. 13). Vivemos todos e todas um inevitável processo de socialização, no qual o



indivíduo toma consciência de si e dos outros, viabilizando seu desenvolvimento pessoal e sua inserção em determinada sociedade, que se concretiza por meio de práticas educativas diversificadas. Portanto, trata-se de uma consciência situada historicamente e enraizada no mundo, como afirma Paulo Freire: “as consciências não se encontram no vazio de si mesmas, pois a consciência é sempre, radicalmente, consciência do mundo” (Freire, 1987, p. 15).

Na luta contra a alienação de si próprio e no esforço de constituir-se como consciência, entra em cena a “palavra” como ferramenta, como instrumento de individuação e de cumplicidade. A palavra é ponto de partida no método criado por Paulo Freire, com o qual se alfabetizaram 300 pessoas em 45 dias. Na experiência dos Círculos de Cultura, a palavra “enxada”, pronunciada pelo lavrador, é assumida como elemento de seu universo simbólico e reproduzida em imagens, além de ser graficamente representada. Esse distanciamento é que lhe permite admirar e contemplar sua existência. Em certa ocasião, uma mulher participante de um dos Círculos de Cultura assim se expressou: “Gosto de discutir sobre isso porque vivo assim. Enquanto vivo, porém, não vejo. Agora sim, observo como vivo.” Permitir ao sujeito dizer sua palavra e deixar-se envolver por ela e por seu contexto: “alfabetizar-se é aprender a ler sua palavra escrita, em que a cultura se diz e, dizendo-se criticamente, deixa de ser repetição intemporal do que passou...”.

Na introdução de “Pedagogia do Oprimido”, principal obra de Paulo Freire, o Prof. Ernani Fiori comenta: “a palavra, porque lugar do encontro e do reconhecimento das consciências, também o é do reencontro e do reconhecimento de si”. Nessa perspectiva, a palavra não é uma convenção arbitrária que cumpre a tarefa de designar as coisas e os fatos, mas algo vivo que se confunde com a própria existência de quem a diz ou escreve.

Essa sintonia e coerência entre a palavra e aquele que a diz foi o que encontrei numa manhã do inverno de 1981, nos jardins da Reitoria da UFMG. Como estudante de pedagogia da Faculdade de Educação, estava lá, no meio de algumas dezenas de alunos de diversos cursos, para uma aula diferente com um professor que acabava de retornar do exílio. Passamos algumas horas assentados ao chão, sem despregar os olhos daquele que ousou ser parceiro dos excluídos e que, mesmo no exílio, não se omitiu de processos políticos importantes desencadeados no Chile, no Peru e na Nicarágua, em Angola e Moçambique, no Guiné-Bissau e na Tanzânia. Estávamos vivendo um outro tempo, e Paulo Freire já podia compartilhar sua sabedoria e nos dizer sua palavra desembrulhada,



clara, lúcida, engajada e comprometida com a reconstrução da frágil democracia brasileira. Vinte e oito anos depois, refaço, sem constrangimento, o compromisso que fiz naquela manhã: quando crescer, quero ser como esse “educador que já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa” (Freire, 1987, p. 68).

Abraço carinhosamente cada um e cada uma de vocês, desejando a todos um bom final de ano.

**Palavras-chave:** liberdade; consciência crítica; educação transformadora.

---

## REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Conscientização; teoria e prática da libertação**: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez e Moraes, 1980.

**PEDAGOGIA RADICAL**: o legado de Paulo Freire. Pátio Revista Pedagógica, Ano I, nº 2, ago./out. 1997.



# DESAFIOS VIVENCIADOS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DO CURSO NORMAL DURANTE A PANDEMIA NO ANO DE 2020

---

Katia Cilene da Costa - Universidade Federal do Triângulo Mineiro  
Thiago Henrique Barnabé Corrêa - Universidade Federal do Triângulo Mineiro

---

*“[...] É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperançar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo...”.*

*Paulo Freire*

Uberaba, 4 de setembro de 2024

Prezada Mestra Lúcia,

Desejo que você esteja bem! Durante nossas conversas, você quis saber como foi minha experiência como professora durante a pandemia. Decidi escrever esta carta para refletir, expressar e compartilhar um momento – um esforço para resgatar esse período histórico.



O contexto pandêmico de 2020, marcado pela declaração da OMS e pela necessidade de isolamento social, trouxe à tona desafios para a educação, especialmente para a modalidade profissionalizante. Em Minas Gerais, as medidas adotadas, como a publicação da Resolução nº 4310/2020 e a adaptação das atividades pedagógicas para o ambiente digital, evidenciam a busca por soluções para garantir a continuidade do ensino.

Como docente, diante dos desafios da pandemia, foi necessário buscar meios para estar mais próxima das discentes. Tive que rever minhas crenças sobre o uso de plataformas em cursos presenciais e lidar com minha falta de preparo em mídias digitais. A sala de aula tradicional fechou suas portas, impossibilitando encontros entre docentes, discentes e comunidades.

Em resposta aos desafios impostos pela pandemia, tornou-se essencial explorar métodos alternativos de ensino e aprendizagem, sendo as plataformas digitais os principais recursos disponíveis naquele momento. Amparada em Paulo Freire (2016), vê-se que “a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria-Prática sem a qual a teoria pode ir virando bláblá e a prática, ativismo”. Assim, é fundamental refletir criticamente sobre nossa prática educativa, buscando sempre aprimorar nossos conhecimentos e habilidades para melhor atender às necessidades de nossas discentes.

É nesse contexto que o ensino remoto se torna uma ferramenta, permitindo a continuidade do processo de ensino-aprendizagem, mesmo em tempos de distanciamento social. Com essa preocupação latente, coube a nós, docentes, no exercício da nossa autonomia pedagógica, à luz do momento histórico vivido, pesquisar e aprender, como bem salienta Freire (2016):

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (Freire, 2016, p. 32).

A novidade foi pesquisar sites especializados em formação de professores, lendo, refletindo, e buscando criar e recriar instrumentos pedagógicos que pudessem dar conta dos desafios nas aulas, que aconteciam por meio do *Google Meet*. As discentes podiam acessar as aulas pelos e-mails, nos horários da escola.



Para ajudar nas aulas on-line, fiz vídeos curtos e declamei poesias. Sempre postava poesias no grupo de *WhatsApp* da turma, de segunda a sexta. Também utilizei aplicativos, buscando a participação e interação com as discentes. A experiência vivenciada com essa turma do Curso Normal, durante a pandemia de covid-19, possibilitou, sobretudo, um acolhimento coletivo, no qual o afeto e a esperança eram marcas de resistência.

Ao final do ano letivo de 2020, que se encerrou em janeiro de 2021, com o intuito de avaliar o trabalho desenvolvido, elaboramos uma pesquisa intitulada “Desafios Vivenciados na Sua Formação como Estudante do Curso Normal na Pandemia”. A pesquisa foi composta por três questões de múltipla escolha, que puderam indicar se nossas práticas contribuíram ou não para minimizar os impactos vivenciados durante a pandemia de covid-19 no ano de 2020. A primeira questão visava conhecer o nível de insegurança das estudantes com as aulas remotas, e as participantes indicaram: muita insegurança (32%), pouca insegurança (64%) e nenhuma insegurança (4%). A segunda questão buscava compreender a opinião das discentes em relação aos recursos utilizados, focando em entender quais deles foram importantes para o desempenho. Dentre as participantes, 56% apontaram as interações via *WhatsApp* como o recurso mais importante, 35% destacaram as aulas via plataformas, e 9% as orientações do material de estudo. A terceira questão tratava dos fatores que marcaram positivamente ou não a experiência de ser estudante em tempos de pandemia. Para essa questão, 64% das estudantes responderam que o apoio das docentes foi um ponto positivo, 30% consideraram o apoio dos colegas e 6% o apoio de outras pessoas.

Diante das respostas recebidas, foi possível perceber a importância das interações interpessoais como relações imprescindíveis para o aprendizado significativo. As discentes, ao manifestarem a vontade de superar os desafios impostos pela pandemia, reconheceram o valor do apoio mútuo e o papel das docentes, que tiravam dúvidas via *WhatsApp*, demonstravam afeto durante as aulas síncronas e promoviam a valorização do conhecimento construído coletivamente.

Nesse sentido, Freire (1987) defende uma esperança que, ao mesmo tempo, seja de resistência e movimento, enfatizando que só é possível seguir adiante com o outro, desde que os outros se sintam chamados a fazer parte da caminhada.

Assim sendo, o ano letivo de 2020 apresentou para nós, no âmbito da educação escolar, situações até então desconhecidas e desafiadoras, em alguns momentos angustiantes e incertas. Para além das dificuldades, no que se refere



ao acesso aos aparelhos digitais e à conectividade, foi possível, conforme relatado, observar o engajamento coletivo. Nesse sentido, este engajamento assume a centralidade do trabalho pedagógico, pois foi a partir do esforço conjunto de docentes e discentes que se criaram pontes de convivência, nas quais o diálogo e o acolhimento deram o tom das ações humanas em tempos de ensino remoto.

Nessa ótica, Freire (2016) aponta que:

A atividade docente de que a discente não se separa é uma experiência alegre por natureza. E falso também tomar como inconciliáveis seriedades docente e alegria, como se a alegria fosse inimiga da rigidez. Pelo contrário, quanto mais metodicamente rigoroso me torno na minha busca e na minha docência, tanto mais alegre me sinto e esperançoso também. A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria (Freire, 2016, p. 72).

Freire (2016) também retrata o educador da esperança, do agir e do compromisso com o educando. Assim, no contexto apontado aqui, os discentes foram atuantes, exigindo da docente um novo olhar sobre o mundo. O contato entre os sujeitos do processo de ensino-aprendizagem foi mediado por tecnologias digitais, exigindo um acolhimento pautado na fé, na alegria e na esperança. A potência dessa relação revelou como os saberes docentes e discentes foram ressignificados, em um contexto no qual as pessoas produziram saberes.

Um forte abraço, com saudade e na certeza de um breve reencontro. Estamos em sintonia. Cuide-se.

**Palavras-chave:** esperança; Paulo Freire; docente; discente.

---

## REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança:** um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.



# CARTA DE AMOR AOS MEUS MESTRES JÁ MORTOS

---

Antonio Marcos Moreira da Silva - Centro de Estudos Avançados  
Multidisciplinares - Universidade de Brasília

---

Brasília, 19 de setembro de 2024

Aos meus queridos amigos professores e mestres já mortos,

Escrevo a vocês agora, na ausência física que deixa saudade, principalmente nesses dias, para compartilhar uma inquietação que cresce em mim: uma reflexão sobre o ódio que parece dominar nosso tempo e, sobretudo, sobre o ódio direcionado àqueles que, como vocês, ousaram amar o saber e me ensinaram a amá-lo. Hoje é aniversário de Paulo Freire, e é por causa disso que escrevo, mas também por causa de vocês. Por causa dele, tive a chance de lembrar de vocês. É uma forma, do jeito que posso, de fazer o luto por vocês, pelo que me prometeram e pelo fracasso na parte que me cabia nessa promessa. Lembrome das suas lutas e almas generosas – de aulas que terminavam em aplausos e de caminhos que foram abertos. Ele, como vocês, compreendia a centralidade da amorosidade, que se torna um compromisso com os outros, com os oprimidos. Num momento de *fake news* e de ódio ao saber, esse olhar para trás não é sinal de derrota, pois esse legado está vivo. Queria conversar com vocês, mesmo que não respondam, sobre como é triste ver o ódio vencendo de novo, como se quisesse retornar para completar seus cem anos, quase do mesmo modo, quase sem ninguém ver. Por isso, preciso de vocês para falar sobre um trecho que li



nesta semana, que me lembrou meus colegas de sala com o envelhecido livro “Pedagogia do Oprimido” debaixo dos braços em reuniões e aulas que sonham em melhorar o mundo:

Na centralidade dessa amorosidade, a dialogicidade é um conceito fundante da teoria pedagógica freiriana que se faz antropológica, porque teoria gerada na luta pela libertação dos seres humanos oprimidos em uma sustentação ética que transpõe os limites das subjetividades e se transforma na ética construída nas intersubjetividades do cotidiano vivido e por viver. Ética que se funda na concretude das lutas com esperança sem raiva, sem odiosidade, mas eivada de indignação (AMOROSIDADE..., 2018).

## 1 ÓDIO AO SABER

Como sabemos, muitos daqueles que amamos ler e ouvir em tempos perigosos se tornam inimigos da ordem. Um deles, que já teve livros queimados cem anos atrás, foi Freud, e hoje voltou a ficar ameaçado. Elizabeth Roudinesco desnaturaliza um terrível comportamento das sociedades atuais: esse comportamento do ódio, no livro “Freud – Mas por que tanto ódio?”. A educação pelo ódio, o debate pelo ódio e a reflexão pelo ódio que nos rodeia são denunciados por meio desse livro. Ela lista vários intelectuais; vocês ficariam chocados ao saber que refletem esse ódio aberto ao criador da psicanálise. Não se trata de uma simples discordância, nem de críticas, muito menos do ódio de uma sociedade conservadora atingida em seus alicerces – muitos deles, hoje, já perdidos – mas do ódio que alimenta o fascismo das massas.

Esse ódio ao saber é a antítese do modo como o conhecimento foi, bem ou mal, construído enquanto amor. Filosofia é, em grego, um amor ao logos, ao saber. E se fazemos crítica ao logos, não creio que tenhamos em mente a substituição do amor ao saber pelo ódio ao saber. Mas o ódio está presente: no debate da “lacrração”, na impossibilidade de discussão acadêmica e nas ameaças às instituições tradicionais de saber.

Freud, em busca do conhecimento do homem, abordou elementos desconfortáveis para determinados grupos sociais, como a sexualidade, as relações familiares, e nossa relação com a morte e com os nossos mortos, como faço agora (estranho pensar em vocês enquanto mortos). Sentimentos, pensamentos e dinâmicas que deveriam ficar reprimidos para que as normas sociais pudessem existir soberanas. Os defensores das normas como universais e eternas – aqueles



que se beneficiam delas de algum modo – não queriam ver o reprimido sair de seu lugar de repressão. Não querem que meus mortos, como vocês ou Paulo Freire, voltem a nos ensinar.

## 2 O RETORNO DO OPRIMIDO

Quando Darcy Ribeiro disse que “a crise da educação no Brasil não é uma crise; é um projeto”, entendo que é desse projeto de repressão de pensamentos, sentimentos e desejos a que determinada camada da sociedade não deveria ter direito. Não se trata de um voo à Disneylândia, mas a todo e qualquer voo do espírito. É um projeto de educação para a repressão, para a opressão, para o pensamento grudado no chão, sem sonhos, sem esperanças.

Se a esperança se aproxima do real, o opressor troca suas promessas de futuro melhor por pedidos de tanques nas ruas. No fundo, eles sabem que o projeto de educação no Brasil, um projeto que hoje se globaliza, é o projeto do opressor. A cada momento da história em que essa educação pseudotolerante se confronta com o discurso de inclusão e transformação social, ou seja, da possível perda de seus privilégios, a tolerância mostra o que ela dissimula: o ódio de classe. Mas, já que dissimula também a luta de classe, precisa de deslocamentos e condensações para essa aversão. Nos últimos anos, um dos nomes foi Paulo Freire, o mesmo daqueles livros velhos dos colegas.

## 3 PAULO FREIRE: MAS POR QUE TANTO ÓDIO? – UM ÓDIO À LIBERDADE E AO AMOR

Assim como o pensamento de Sigmund Freud, o de Paulo Freire desarticula uma estrutura de ódio reprimido. Eles não são perseguidos pelo que fizeram, mas por aquilo que retiraram da sombra: o lado menos televisivo de uma sociedade que se construiu na repressão e na opressão. No artigo “Por que a extrema direita elegeu Paulo Freire seu inimigo”, o autor atribui o perigo do seu pensamento ao seu aspecto libertador, como um projeto de educação libertadora.

Se, de um lado, ele foi homenageado pelo ex-reitor da Universidade de Brasília, Cristovam Buarque, que, do seu modo, também busca soluções libertadoras na educação, aos olhos da extrema direita que chegara ao poder, ele era demonizado. Paulo Freire passou a ser um dos nomes daquilo que deve ser reprimido na sociedade brasileira, um fantasma perigoso, daquilo



que já foi reprimido – não é sem razão que os mesmos que o condenaram exaltaram a ditadura dos anos 60. Vocês sabem de quem estamos falando. Mas, assim como o retorno do reprimido em Freud, Paulo Freire retorna mais fantasmagórico e ameaçador com o seu projeto de educação do oprimido. É assim que, num processo de inversões, o pensamento da libertação se torna “doutrinação” e o da doutrinação se diz democrático. É o nome que o fantasma ganha da boca do opressor.

#### 4 A AMEAÇA DO AMOR E DO AFETO

Segundo Agostinho Mario Dalla Vecchia (Dicionário Paulo Freire), o projeto de educação de Paulo Freire é um projeto de afetividade. A esperança, a autonomia ou a pergunta só será esperança e autonomia, só será emancipatória se passar pelo afeto. Esperançar é afetar o outro. No mesmo livro, Cleoni Fernandes aprofunda a importância da amorosidade nesse processo educacional. É o amor, enquanto compromisso ético com o oprimido, que pode levar a uma educação libertadora. Ele pode vencer o ódio.

A amorosidade na educação – os amores ao saber, em todas as suas formas – pode reverter a desumanização que a educação opressora produziu. Como Fanon e Césaire, Freire entende que a opressão desumaniza tanto o oprimido quanto o opressor. Esse amor não é submissão, mas ruptura com a estrutura do ódio, da desumanização, da conta bancária acima do valor da vida. Mas, enquanto professor de Sociedade da Informação, o que vejo é o incessante trabalho de sedução da estrutura pela via do narcisismo, da imagem do sábio professor que busca as pontuações num Lattes que se parece mais uma conta bancária do que um reflexo do amor ao saber. Porque sei o quanto entendiam que o narcisismo do professor é um desvio perigoso do amor que poderia ser libertador, que escrevo a vocês. Pois vivemos um tempo não somente do perigo do ódio, mas do desvio da função do amor.

No aguardo de conselho de vocês,  
Saudades amorosas daquelas aulas,

**Palavras-chave:** amorosidade; luto; afeto; educação; sociedade da informação.



---

## REFERÊNCIAS

AMOROSIDADE. *In*: FERNANDES, C. **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

ROUDINESCO, E. **Freud – mas por que tanto ódio?** Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. rev. e ampl, Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

WELLE, D. **Por que a extrema direita elegeu Paulo Freire seu inimigo**. Poder360, 19 set. 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/por-que-a-extrema-direita-elegeu-paulo-freire-seu-inimigo-dw/>. Acesso em: 21 set. 2024.



# REDE HUMANIZAR: EDUCAÇÃO PARA A SAÚDE MENTAL COLETIVA E LIBERTADORA

---

Helena Augusta Lisboa de Oliveira - Universidade de Brasília  
Bruno Goulart de Oliveira - Organização em Rede Social - DF

---

Brasília, 19 de setembro de 2024

Queridos colegas da Cátedra Paulo Freire,

Temos observado e vivido a luta contra o sofrimento psíquico e o suicídio no Brasil, especialmente no ambiente educacional. Esse fato, por si só, já é triste. Adicionalmente, há instituições que tratam desse tema culpabilizando unicamente o indivíduo por seu sofrimento. Essa culpabilização, por vezes, é difundida de forma indireta, como, por exemplo, ao oferecer apenas uma bolsa-psicólogo ou tratamento psiquiátrico, sem repensar as ações e relações institucionais e sociais, que são parte determinante no adoecimento de estudantes (e professores). A maioria das abordagens, então, não foca em uma mudança sistêmica. E esse erro é equivalente a tentar combater o racismo apenas com sessões de terapia para negros, sem alterar a estrutura e a cultura racistas, entende?

Para nós, o sofrimento psíquico revela o fracasso do nosso sistema social, que se mostra incapaz de garantir os direitos humanos fundamentais. Essa crise social, marcada pela violência contra a dignidade humana, se manifesta em



sofrimentos físicos e psíquicos, evidenciando como nosso convívio, consumo, trabalho e, principalmente, nossa educação ainda são insustentáveis.

Entre as gerações mais jovens, observamos um aumento crescente dos casos de depressão. É como se essa geração estivesse perdendo a capacidade de esperar diante desse modelo de vida. Os jovens ficam sem propósito, sem encontrar sentido na existência, porque esse sistema social também é vazio de sentido.

A globalização e o fácil acesso à informação permitem que os jovens conheçam, desde cedo, diferentes realidades e percebam, ainda na infância, a imensa desigualdade em que vivemos. Pandemias, descaso com a natureza, mudanças climáticas, catástrofes, a perda de vidas humanas e animais, discriminação, abusos de autoridade e outras formas de violência geram uma profunda sensação de impotência. Além disso, muitos jovens também enfrentam violência doméstica, abusos sexuais no ambiente familiar e diversos preconceitos. É extremamente triste.

Quando esses jovens tentam se desconectar da realidade, são frequentemente vistos como desajustados. Mas, quem está realmente desajustado? Os jovens ou o sistema em que vivemos? Quando a depressão se instala, alguns se automutilam e tentam o suicídio. Outros chegam a levar armas de fogo para a escola e promovem massacres. É claro que somos a favor da vida e repudiamos toda forma de violência! No entanto, acreditamos que todo ato de violência externalizada tem origem em um conflito internalizado. E conflitos se resolvem com conexão humana, escuta, diálogo, empatia, compreensão... educação!

Embora o desenvolvimento pleno das pessoas e o convívio sustentável sejam os objetivos da educação, escolas e universidades ainda não promovem a esperança ou a busca por uma sociedade que faça sentido. Elas formam profissionais que apenas servem a esse modelo de sociedade.

É importante salientar que o suicídio não se restringe apenas aos grupos minoritários. É claro que, nesses grupos, a desigualdade é mais crítica. No entanto, o adoecimento psíquico está relacionado ao desequilíbrio social. O adoecimento do estudante agrava o adoecimento do professor, assim como o do pobre agrava o do rico. E, nessa disputa capitalista e materialista, o suicídio está presente tanto entre as “autoridades” e os “subalternos” quanto entre os “poderosos” e os “impotentes”. Trata-se, portanto, de um problema global, cultural, estrutural, interpessoal e (jamais exclusivamente) intrapessoal.



Ainda assim, temos esperança na universidade, que pode ser promotora de humanização, oferecendo um espaço a essa juventude, onde ela possa desenvolver seus potenciais, fortalecer suas raízes e se unir em prol de uma mudança social. Nesse contexto, percebemos a necessidade de resgatar Paulo Freire para oferecer uma solução que aperfeiçoe o modo de “fazer a educação”.

É impossível enfrentarmos o sofrimento psíquico sem desenvolver uma visão crítica de sociedade e sem dialogar com a realidade de cada indivíduo. Por isso, a educação precisa partir da escuta, da construção de diálogos que incluam as experiências individuais, a visão de mundo e os problemas sociais. O papel do educador precisa ser o de empoderar o educando para a ação transformadora, crítica e autônoma. Porém, a autonomia só é possível de ser alcançada quando as bases da responsabilidade mútua, da empatia e do apoio emocional estão firmes.

Com essa inspiração, construímos, em 2021, a proposta da Rede Humanizar, que oferece uma estrutura de apoio aos estudantes por meio da formação de três núcleos interdependentes. Nesta proposta, a restauração interior é tão importante quanto a exterior, pois ambas são complementares. Apresentamos a vocês um resumo:

**Núcleo 1: Acolher e Empoderar.** Foco no apoio individual para fortalecer suas raízes, valorizar sua trajetória e refletir sobre o mundo em que deseja viver. Algumas atividades deste núcleo são: tutoria individual com escuta ativa, práticas de autoconhecimento e projeto de vida. A tutoria pode ser realizada por um psicólogo ou psiquiatra, se for do interesse do estudante, ou por um professor de sua preferência. Apesar de esse núcleo focar no indivíduo, é importante que a abordagem seja de responsabilidade compartilhada. Assim, durante o atendimento, o estudante terá a possibilidade de avaliar como a universidade está contribuindo para seu estado psíquico.

**Núcleo 2: Diversidade e Pertencimento.** Foco no desenvolvimento da consciência de classe, gênero, raça, etnia e demais marcadores sociais, com o objetivo de promover empatia e respeito às experiências dos diferentes grupos, desenvolvendo valores humanos e reconhecendo o papel social que cada indivíduo desempenha. Algumas atividades desse núcleo são: círculos de construção de paz e restaurativos, mediação de conflitos, terapias comunitárias integrativas e atividades de integração de grupos diversos (dança, música, esportes, religião), entendendo a importância da interação multicultural como meio de combater o preconceito e a discriminação. O trabalho nesse núcleo e no anterior é essencial



para que o sujeito tenha, nessa transição do fazer educacional, condições de atuar com autonomia e empoderamento nas atividades do Núcleo 3.

**Núcleo 3: Transformação Social.** Foco nas ações coletivas em prol da construção de uma sociedade mais justa socialmente, economicamente justa e ambientalmente sustentável. Aqui, a universidade se transforma em uma verdadeira comunidade de aprendizagem, onde cada um poderá, com liberdade e autonomia, se engajar em diferentes causas sociais. O foco será no apoio à realização de projetos e estudos que tenham significado para o estudante e sua comunidade, idealizados e organizados por eles (com tutoria). Algumas atividades são: formação de redes interdisciplinares, mutirões para resolução de problemas socioambientais, atividades de extensão e seminários organizados pelos estudantes para divulgar conhecimento e resultados de projetos.

Desse modo, buscamos desenvolver a saúde mental com uma abordagem sistêmica que está plenamente alinhada a uma educação libertadora. Porque liberdade sem integração social é isolamento e alienação. Não há liberdade real sem oportunidade de crescimento coletivo. Só reduziremos o sofrimento psíquico aumentando o bem-estar comum. Não basta apenas que cada pessoa medite, se exercite, tenha sono regular e uma alimentação equilibrada se não buscarmos uma sociedade mais justa e próspera. A segurança emocional, a autoestima e a valorização da vida, que são essenciais à saúde mental, não podem ser construídas apenas com paz interior. Precisamos de ações concretas para melhorar o meio em que vivemos. Precisamos de uma educação que problematize as violências sociais e desenvolva cidadãos conscientes.

A referida proposta foi apresentada, em forma de projeto, à Câmara de Direitos Humanos da Universidade de Brasília, mas não chegou a ser implementada. Estimamos que um dia possamos ver a universidade atuando como uma grande rede humanizada e humanizadora.

Àqueles que leram esta carta, esperamos que ela possa ter fomentado seu senso de justiça e sua vontade de construir uma sociedade mais humana. Recebam nosso carinho e gratidão por acolher nossas palavras esperanças.

Com carinho,

**Palavras-chave:** educação humanizadora; sofrimento psíquico; rede humanizar.



---

## REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1967. Disponível em: [http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/livros/educacao\\_pratica\\_liberdade.pdf](http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/livros/educacao_pratica_liberdade.pdf). Acesso em: 19 set. 2024.



# PARA TODA A HUMANIDADE SEDENTA DE DIAS MELHORES, PARA A PERIFERIA

---

Ravena Carmo - Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social,  
Família e Combate à Fome

---

Planaltina, 25 de outubro de 2024

Salve!

Saúdo cada uma de vocês com admiração e respeito pelo caminho que têm trilhado, de resistência e criação, por meio da arte e do ativismo nas periferias do Distrito Federal. Sempre que penso nas ações do Poesia nas Quebradas, sou tomada pelas palavras e pela filosofia de Paulo Freire, que enxerga a educação como um processo libertador e humanizador, no qual o sujeito constrói seu saber de forma crítica e transformadora.

Quando esse projeto nasceu em 2015, a partir de uma provocação feita por mim, por não me sentir pertencente aos projetos de extensão existentes na FUP, a professora Juliana Caixeta me fez experimentar na prática o poder da autonomia: CRIE UM!

O que era apenas um projeto transformou-se em um coletivo e, hoje, nove anos depois, somos um Instituto e estamos prestes a inaugurar a Casa de Hip Hop de Planaltina-DF. É a resposta de que, quando a universidade rompe seus muros, não há fronteiras.



O Poesia nas Quebradas se configura como um espaço onde a comunidade periférica é protagonista de sua própria história, rompendo com as narrativas de subalternidade impostas por uma sociedade excludente. Assim como Freire nos ensinou, não apenas oferecemos conhecimento, mas possibilitamos a construção coletiva de saberes e identidades, ressignificando a arte, a cultura e a literatura como ferramentas de luta. A cultura Hip Hop e as literaturas de rua que promovemos são práticas que permitem a criação de um diálogo profundo entre a comunidade e os artistas, de forma que as vozes silenciadas ganhem eco, reafirmando o poder do povo na transformação de sua realidade.

A valorização da dignidade humana, que permeia o nosso trabalho, está em perfeita sintonia com o que Paulo Freire defendeu ao longo de sua vida. O compromisso com as populações em situação de vulnerabilidade e com a acessibilidade reflete o que Freire chamou de “inédito viável”: a capacidade de sonhar com um mundo diferente e de lutar para torná-lo possível. Não apenas sonhamos, mas agimos de maneira concreta, por exemplo, ao transformar o sistema socioeducativo em um lugar de reconstrução e esperança para jovens que, muitas vezes, são vistos pela sociedade apenas como números ou casos perdidos.

Ao trazer a perspectiva das mulheres, da comunidade LGBTQIAPN+, das pessoas com deficiência e dos jovens do sistema socioeducativo para o centro do debate artístico e cultural, o Poesia nas Quebradas está criando o que Freire chamava de “consciência crítica”. Nós fazemos com que aqueles que historicamente são marginalizados se percebam como sujeitos de sua própria história, capazes de mudar a si mesmos e o mundo ao seu redor. O protagonismo que oferecemos, por meio da arte, é uma expressão do empoderamento que Freire defendia, onde os oprimidos deixam de ser objetos de opressão e se tornam sujeitos de sua libertação.

Que este trabalho continue inspirando outras iniciativas e contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa, onde a cultura, a educação e a arte caminhem lado a lado na luta por liberdade e inclusão, como Paulo Freire sonhou. É tempo de esperar!

Em 2019, um *graffiti* inspirado em Paulo Freire foi pintado nos muros da Faculdade UnB de Planaltina pela comunidade acadêmica e artística, em um ato de resistência e homenagem ao legado do educador. Essa obra de arte pública não apenas celebra Freire como um ícone da pedagogia crítica, mas também transforma o espaço universitário em um lugar de diálogo visual, reforçando o princípio freireano de que a educação deve ser acessível, crítica e inclusiva.



O mural, criado por artistas periféricos, carrega em si o espírito de luta pela transformação social, conectando diretamente a comunidade universitária com as ideias de liberdade e conscientização que Paulo Freire defendeu ao longo de sua vida. Esse gesto artístico e educativo reflete a importância de trazer as pedagogias de Freire para o espaço público, promovendo a reflexão sobre a relevância da educação libertadora nas periferias e no sistema educacional como um todo.

Em 2021, com o apoio do professor Paulo Gabriel Franco e da professora Amparo, fundamos o Núcleo de Estudos de Organização e Difusão do Conhecimento em Literatura Marginal (NEOLIM), registrado como projeto de extensão, que é uma manifestação viva das ideias de Paulo Freire, pois transforma a universidade em um espaço de diálogo entre os saberes acadêmicos e os conhecimentos das periferias. Assim como Freire defendia uma educação libertadora que respeita e valoriza a cultura popular.

Freire acreditava que “ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho; os homens se educam entre si”, e o NEOLIM materializa esse princípio ao proporcionar uma troca de saberes entre a academia e a comunidade, rompendo com as fronteiras excludentes do saber formal e promovendo uma educação que emancipa e traz pertencimento.

Ao longo de 9 anos de atuação, o Poesia nas Quebradas publicou mais de 200 autores de periferia em 5 livros de poesia marginal periférica e pesquisa, consolidando-se como um importante espaço de expressão e visibilidade para vozes marginalizadas. Esses livros refletem a diversidade cultural e artística das periferias, promovendo a literatura como uma ferramenta de transformação social e inclusão. Por meio dessas publicações, o coletivo fortalece a memória, o protagonismo e a criticidade das comunidades periféricas, conectando suas histórias e vivências com o público e valorizando as produções locais.

Sigamos, como diria Paulo Freire, na luta por um mundo em que seja “menos difícil amar”. Que a arte e a cultura continuem a ser as trilhas que pavimentam a libertação de nossos povos. É tempo de esperar!

Com afeto e rebeldia,

**Palavras-chave:** autonomia; protagonismo; educação libertadora; transformação social.



# CARTA DOS ESTUDANTES À COMUNIDADE ESCOLAR

---

Amanda Araújo da Mata - Universidade de Brasília  
Ana Karine Soares Jordão - Universidade de Brasília  
Isabella Coelho Araújo - Universidade de Brasília  
Luana de Menezes Bonfim - Universidade de Brasília  
Natália Lorena Barbosa Lima - Universidade de Brasília

---

Planaltina, 30 de junho de 2022

Prezada comunidade escolar!

Somos um grupo de estudantes do curso de Licenciatura em Educação do Campo da Faculdade UnB Planaltina (FUP). Escrevemos esta carta com o intuito de compartilhar algumas aprendizagens que tivemos neste semestre cursando a disciplina Teoria Pedagógica 2. Nessa disciplina, nós fizemos uma leitura do livro “Pedagogia do Oprimido” de Paulo Freire e nos dedicamos à compreensão de alguns conceitos principais apresentados por ele.

Gostaríamos de começar apresentando o autor da obra. Paulo Freire foi um educador muito importante para a educação brasileira, impactando muitas pessoas não alfabetizadas com o método de alfabetização que ele desenvolveu. Dessa forma, o método foi utilizado no Brasil e fora do Brasil, pois é um método que alfabetiza em pouco tempo, por meio de círculos de cultura, discutindo situações-problema de suas realidades e construindo senso crítico.



É uma forma de alfabetizar que ensina a ler as letras, os números e sua própria realidade, de forma a mobilizar as pessoas para que sejam ativas em suas comunidades, na conquista e garantia de direitos e na construção da realidade que querem viver. Esses são os principais motivos que marcaram a trajetória de Paulo Freire e que trouxeram tantos aliados quanto inimigos.

Estamos falando de um homem que nasceu em 1921, em Recife, capital de Pernambuco, que estudou direito, se descobriu como educador e andou pelo Brasil e pelo mundo. Viveu num período de repressão, o período da ditadura civil-militar, caracterizado por retrocessos e aumento das desigualdades sociais. Toda a sua experiência o fez pensar a educação popular como mais uma forma de libertação para as pessoas oprimidas. Sua trajetória de luta por justiça o levou a ficar exilado por algum tempo durante a ditadura, e, fora do país, ele desenvolveu e escreveu seus métodos.

No período em que esteve fora, ensinou muito em outros países, tornando-se um ícone e referência mundial na América Latina, África e Europa. No Brasil, ele ainda não tem o reconhecimento que merece e, devido ao cenário político de avanço da extrema direita e ameaça à democracia – atos que começam em 2013, avançam em 2016 e culminam no resultado das eleições de 2018 – nos traz um momento de grandes retrocessos nas políticas sociais e na educação. O método de Paulo Freire passa a ser perseguido por grupos políticos da extrema direita e pessoas conservadoras. Ainda assim, seu método e sua ética como educador seguem sendo resgatados por parte da sociedade que acredita que a educação é uma ferramenta importante para a libertação.

A obra “Pedagogia do Oprimido” foi escrita em 1968 e dedicada “aos esfarrapados do mundo e aos que com eles lutam”, deixando nítido que se trata de uma obra que se posiciona na luta social. É sobre não haver mais oprimidos nem opressores; é sobre a prática da libertação. Vamos fazer alguns comentários sobre os capítulos do livro como forma de incentivo a essa leitura.

No primeiro capítulo – Justificativa da Pedagogia do Oprimido –, Freire apresenta a sociedade/realidade de opressão e faz uma análise sobre a mentalidade do opressor, do oprimido e a relação entre ambos. Trata de um mundo opressor em que a educação está no meio, servindo a pequenos grupos. Ainda no início, vemos que o ser humano é chamado a humanizar-se, pois esta é a sua vocação. Tal vocação é negada pela injustiça, pela alienação, pela exploração e pela manipulação. O oprimido, então, se torna o ser menos e é desumanizado.



O opressor, que violenta e explora, também se desumaniza no processo. Embora o opressor, com sua falsa generosidade, tente “mascarar” essa contradição, o único que pode libertar-se – e ao opressor – é o próprio oprimido.

A libertação acontece quando o oprimido se torna consciente de sua realidade e, por meio do conhecimento, luta contra a opressão e pela afirmação dos seres humanos como pessoas, ansiando pela liberdade e justiça. Mas, para que a verdadeira libertação aconteça, o oprimido não deve, nunca, se tornar o opressor do opressor. Ele pode se tornar opressor quando não tem um ideal claro da libertação ou quando é influenciado a pensar dentro do modelo da classe dominante.

Assim, entendemos que ser livre é um direito de todos os seres humanos e que eles precisam ter senso crítico para não aceitarem a opressão. Se o conhecimento é essencial para que a libertação aconteça, fica claro, então, que a educação precisa ser transformada para que seja problematizadora e humanista, construída (e não repassada) com e para o oprimido.

No segundo capítulo – A Concepção Bancária da Educação como Instrumento da Opressão –, ele aborda a educação bancária, que é amplamente utilizada nas escolas que adotam métodos de ensino tradicionais. O objetivo dela é depositar, transferir e transmitir valores e conhecimentos, sem se preocupar se realmente os alunos estão aprendendo.

Desse modo, na visão de Freire, precisamos mudar esse padrão de pensamento que só foca em acumular informações desconexas, em vez de ensinar os alunos a pensarem e a terem uma consciência crítica. Não adianta nada ter muito conhecimento e não saber usá-lo de forma adequada; precisamos ensinar os alunos a serem cidadãos que transformem a realidade.

No terceiro capítulo – A Dialogicidade: Essência da Educação como Prática da Liberdade –, Freire mostra que o projeto pedagógico crítico é dialógico. Ele afirma que o diálogo é uma exigência da existência. Não pode haver existência sem diálogo, porque é no diálogo que homens e mulheres significam a sua existência; não é no silêncio que se fazem humanos, mas na palavra. Não na “palaveria”, como é dito nos capítulos anteriores, aquela palavra oca, sem sentido. Não, o diálogo se faz na palavração, que é a palavra que é dita, que é falada para transformar o mundo.

Por meio do diálogo, podemos olhar o mundo e a existência como um processo, como uma realidade inacabada em constante transformação. Ele implica uma práxis, um compromisso com o que falamos e fazemos. Diálogo



é palavrão. A existência, por ser humana, não pode ser muda ou silenciosa. Tampouco pode ser nutrida por falsas palavras, mas por palavras verdadeiras, com as quais os homens transformam o mundo. Existir humanamente é pronunciar o mundo e modificá-lo.

Assim, Paulo Freire define o diálogo como uma exigência da existência, um encontro em que agir e refletir são endereçados ao mundo a fim de transformá-lo. Mas, para que o diálogo realmente exista, ele não pode se reduzir ao ato de depositar ideias na cabeça do outro, nem pode ser uma simples troca de ideias, sem reflexão sobre elas, para serem apenas consumidas. Também não pode ser uma discussão polêmica entre pessoas, em que a ideia seja impor sua verdade ao outro. O diálogo deve ser um instrumento de criação, criação de mundos. No entanto, para que o diálogo possibilite a criação de mundos, existem algumas condições a serem cumpridas. Em primeiro lugar, não há diálogo se não existe um amor profundo pelo mundo e pelas pessoas. Sendo o fundamento do diálogo, o amor também é diálogo. E não pode haver diálogo em uma relação, por exemplo, de dominação, onde não existe amor, mas sim a instauração do medo; o medo não produz diálogo. Amar é um ato de coragem, nunca de medo.

Também não pode haver diálogo sem humildade; o diálogo não pode ocorrer em uma relação de arrogância. Quando um dos lados perde a humanidade, a relação deixa de ser dialógica. Em relação à humanidade, Freire se perguntou: “Como posso dialogar se considero que a pronúncia do mundo é tarefa de pessoas eleitas para tal, e que a presença de pessoas fora dessa seletividade é um sinal de deterioração a ser evitado? Como posso dialogar se tenho medo de ser superado?”

A arrogância é incompatível com o diálogo; se alguém não é capaz de sentir-se igual ao outro, ainda tem muito o que caminhar até chegar a esse encontro. Nesse lugar de encontro, não há sábios absolutos nem tolos absolutos, mas homens e mulheres buscando saber mais e ser mais. Também não há diálogo sem a fé crítica entre homens e mulheres: fé em seu poder de criação e de inovação, fé em sua vocação de ser mais, que não é um privilégio de alguns, mas um direito de todos. O diálogo só pode acontecer em uma relação horizontal, de confiança.

Então, amor e fé frágeis não constroem confiança; e sem ela não pode haver diálogo. Também não há diálogo se não há pensamento crítico, sem perceber a realidade como um processo, como algo em desenvolvimento e não como algo estático. O pensamento crítico se encharca da temporalidade. Como diz Freire, ele não se agarra facilmente a um tempo ou realidade que esteja garantido. *A priori*, um pensamento crítico entende que espaço e temporalidade



são criados na história. Não existe diálogo sem esperança, e a esperança não se faz individualmente, mas no coletivo, nessa busca de homens e mulheres pelo ser mais. Porém, não é a esperança de cruzar os braços e esperar, mas a esperança de esperar, verbo que Paulo Freire também criou. É na sua própria palavra: “movo-me na esperança enquanto luto e, se luto com esperança, espero”.

No quarto capítulo – A Teoria da Ação Antidialógica – Freire mostra que o processo de transformação só é possível se houver o processo de reflexão. Caso não haja reflexão, os indivíduos são considerados seres “oprimidos”. O opressor é aquele que mata a vida, reduzindo os homens à pura coisa, alienando-os, mistificando-os e violentando-os. Existem as classes que oprimem e as classes oprimidas no mundo.

A práxis, ou seja, a reflexão e, conseqüentemente, a revolução, não poderá ser feita pela liderança sem a presença da “massa”; nem “para elas”, e sim “com elas”. Se isso acontecer, estará existindo a chamada elite dominadora.

Dessa forma, gostaríamos de finalizar esta carta afirmando que Paulo Freire tem uma grande contribuição para a Educação do Campo, que possui em seus valores o compromisso com a libertação da classe trabalhadora, que tudo produz e nada lhe pertence, nem mesmo o pagamento justo, nem a terra, nem a garantia dos direitos.

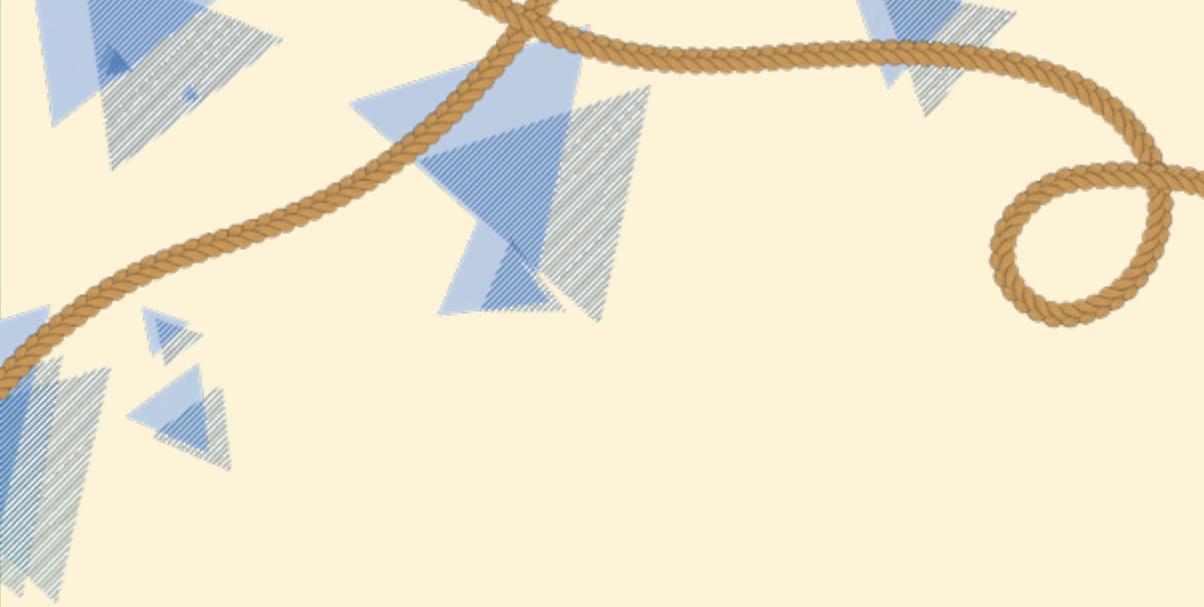
**Palavras-chave:** libertação; educação; diálogo.

---

## REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.





# CAPÍTULO V

SEÇÃO DE RELATOS DE EXPERIÊNCIA



O presente capítulo do livro traz dois relatos que estabelecem uma conversação com vivências baseadas nos pressupostos freireanos. Os trabalhos foram submetidos à Cátedra na mesma ocasião em que foram acolhidas as Cartas Pedagógicas e incluídos como relatos de experiência, por conta de sua característica mais ampliada de diálogo, mantendo proximidade com a modalidade de relato de experiência.

No primeiro, é possível conhecer a experiência dos ciclos freireanos na extensão da Universidade de Brasília, no contexto das celebrações do centenário do patrono da educação brasileira.

O relato seguinte reflete o encontro de uma educadora com a experiência humanizadora de entrar em contato com o legado freireano e, a partir disso, constituir uma nova práxis emancipatória.

Sabendo que os relatos de experiência constituem uma forma dialógica de socializar saberes, são aqui compartilhados por seus autores e autoras, com o intuito de fomentar novos diálogos.



# O PENSAMENTO DE PAULO FREIRE NO CENTENÁRIO DO PATRONO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA - A EXPERIÊNCIA DOS CICLOS FREIRIANOS NA EXTENSÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

---

Erlando da Silva Rêses - Universidade de Brasília  
Marleide Barbosa de Sousa Rios - Universidade de Brasília

---

A Extensão Universitária é fundamental para a formação acadêmica, pois articula o ensino e a pesquisa na promoção de ações concretas da comunidade acadêmica e na interação entre as instituições de ensino superior e a sociedade. Neste capítulo, o objetivo é compartilhar a experiência dos Ciclos Freireanos – Centenário, Legado e Práxis do Patrono da Educação Brasileira – uma atividade de extensão da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB), aprovada em todas as instâncias e cadastrada no Decanato de Extensão (DEX/UnB).

Esta atividade de extensão também se articulou à 21ª Semana Universitária da Universidade de Brasília – 100 anos de Paulo Freire – e às celebrações do centenário de Paulo Freire. Ela está vinculada às ações do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Materialismo Histórico-Dialético e Educação (CONSCIÊNCIA) da Faculdade de Educação (FE) da UnB.



## PAULO FREIRE: PENSAMENTO E ATUALIDADE

O centenário de nascimento de Paulo Freire, no ano de 2021, mobilizou e ampliou o debate sobre a importância de seus ensinamentos, a atualidade de sua obra e seu legado, tão essenciais para a reflexão crítica da realidade. A crise econômica, política, social, comportamental, sanitária e ambiental explicitou as desigualdades sociais. A pandemia revelou consequências dramáticas que fragilizaram e afetaram pessoas em todo o mundo. No Brasil, os ataques estruturados à educação, à ciência e à tecnologia permanecem e fazem parte de um ideário conservador que elimina o senso crítico e o pensamento diverso, que subordina a ciência ao fundamentalismo religioso, que investe no desmonte da escola pública, democrática e plural, na política da morte e na banalização da vida.

Essa realidade continua exigindo mudanças profundas, enfrentamentos e resistência. É preciso construir e reconstruir novos caminhos possíveis para viver. Nessa caminhada desafiadora, a que projeto de sociedade daremos lugar? Paulo Freire diz que é preciso seguir adiante com a vida, encontrar a esperança que está relacionada à nossa capacidade de decidir, romper e escolher. Torna-se fundamental problematizar o que vemos, ouvimos e percebemos. Como superar essa realidade e contrapor-se à ofensiva ideológica contra o pensamento crítico, aos ataques à educação, a Paulo Freire, Patrono da Educação Brasileira, e ao seu legado para a educação e outras áreas do conhecimento?

Nosso convite é compartilhar essa experiência numa “relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança” (Freire, 1996, p. 72). A proposta do curso de extensão se deu nesse contexto, e o desafio foi, por meio da sensibilização, mobilização e construção coletiva do conhecimento, no formato virtual, mergulhar no universo freireano, cuja obra é uma fonte de pesquisa inesgotável. Dessa forma, o Curso de Extensão teve como objetivo compreender os fundamentos da pedagogia de Paulo Freire e a importância da defesa de seu legado, estimulando a circularidade do conhecimento em diálogo com diversos saberes e vivências.

Nesse sentido, entende-se ser necessário, inicialmente, abordarmos aspectos do pensamento de Freire, centrais para a formulação e prática do curso. Compreender quem é Paulo Freire, seus fundamentos e a importância de seu legado, considerando o contexto histórico e a atualidade, é essencial em tempos



de desconstruções para superar os desafios e assumir compromissos de forma consciente, crítica e reflexiva diante da realidade<sup>1</sup>.

Paulo Freire coloca no centro de sua reflexão a postura epistemológica de uma pedagogia crítica e humanizadora. Explicita a importância da coerência entre teoria e prática, da leitura do mundo e da realidade social, política e cultural vivida, conceito-chave de seu pensamento para uma educação libertadora. A leitura de mundo possibilita que os sujeitos enxerguem a realidade e percebam como sua ação pode ser transformadora.

Freire revolucionou o pensamento político-educacional do Brasil com a educação de adultos e a promoção da cultura popular por meio da conscientização como forma de mobilização política das massas populares. Consolidou um pensamento pedagógico expresso no movimento de educação popular e, em especial, na sua obra “Pedagogia do Oprimido”. Para Freire (2018), uma pedagogia do oprimido é aquela que deve ser forjada com e não para o sujeito e se utiliza do diálogo de saberes como prática pedagógica necessária na luta por liberdade, “que é uma conquista, e não uma doação, exige uma permanente busca, que só existe no ato responsável de quem a faz” (Freire, 2018, p. 46).

Para Brandão (2019), a “Pedagogia do Oprimido” revela a construção de uma teoria de educação e de uma proposta de prática pedagógica de vocação popular e emancipatória, fundada em um encontro de diversidades. Na pedagogia freireana, é essencial a leitura de mundo, a reflexão autônoma e crítica, e a dialógica da realidade com o protagonismo dos sujeitos, históricos e inacabados, sempre prontos para aprender.

A essência freireana se encontra na construção de uma pedagogia dialógica, humanista e democrática, cuja tessitura se dá em comunhão entre as pessoas, no fazer coletivo. Freire também evidencia, em sua obra, fundamentos epistemológicos e metodológicos, além da prática da interdisciplinaridade durante o trânsito em diversas áreas do conhecimento. Andreola (2004) esclarece que a interdisciplinaridade é estabelecida por Freire como requisito para uma visão da realidade nas perspectivas da unidade e da totalidade do real.

Há que se ressaltar duas categorias centrais em Freire, que são a conscientização e o diálogo, de modo que a tomada de consciência de si e do

---

<sup>1</sup> O curso foi realizado em 2021 durante a vigência do governo de Jair Messias Bolsonaro (2019-2022), que operou ataques ao conhecimento e legado de Paulo Freire (Rêses; Pereira; Rios, 2021).



mundo, quando da análise crítica das situações-limite, pode constituir-se em transformação de realidades. É a relação consciência-mundo que “constitui-se na relação com o mundo [...]. Precisamente essa consciência do mundo, tocado e transformado, é que gera a consciência do eu” (Freire, 1994, p. 32).

Nessa articulação entre diálogo e conscientização, Freire considera a centralidade do sujeito e sua realidade. Para Freire (2018), diálogo é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir dos sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado. O diálogo impulsiona o pensar crítico e problematizador, revelando a palavra, e “não há palavra verdadeira que não seja a práxis. Daí que dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo” (Freire, 2018, p. 107).

A pedagogia freiriana destaca a importância da relação entre contexto e educação. É a educação como prática da liberdade que Freire chama de politicidade da educação, e a dialogicidade é a essência da educação como prática da liberdade.

É o mesmo que educação como prática da liberdade; uma ação dinâmica conciliadora e dialógica, quando o pensamento são atos essencialmente políticos. A politicidade da educação é uma relação permanente da reflexão sobre o que devo fazer, para que devo fazer, quando fazer e para quem se destina o que se faz (Vasconcelos; Brito, 2014, p. 156).

Outro conceito central no pensamento freiriano é a libertação, que está intrinsicamente ligada à liberdade e à conscientização de pessoas engajadas numa práxis social, na qual há reflexão e ação sobre o mundo para transformá-lo. A libertação autêntica, segundo Freire (2018), é a que humaniza em processo e não é uma palavra a mais, oca ou mitigante.

Situada na obra de Paulo Freire, outra categoria que destacamos é o “ser mais”, que se articula com o inacabamento e o inédito viável, expressando-se na busca de humanização. O inacabamento do ser, ou sua inconclusão, é próprio da experiência vital. Essa “busca do ser mais” “não pode realizar-se no isolamento, no individualismo, mas na comunhão, na solidariedade dos existires. Daí que seja impossível dar-se nas relações antagônicas entre opressores e oprimidos” (Freire, 2018, p. 105). A nossa existência é marcada pela incompletude e, quando conscientes, transformamos realidades e buscamos os sonhos possíveis, os inéditos viáveis, que só se alcançam pela práxis libertadora.



Na construção do pensamento político-pedagógico de Freire (2017), destaca-se a inseparabilidade entre educação e política ao afirmar que é impossível pensar a educação de forma neutra e que não pode existir prática educativa neutra, descomprometida e apolítica. Freire (2017) acrescenta que educadores e educadoras devem assumir a politicidade de sua prática; não basta dizer que a educação é um ato político e que o ato político é educativo. É preciso assumir, de fato, a politicidade da educação.

A educação, como um processo permanente de construção, contribui para a transformação dos sujeitos, e Freire defende uma educação crítica e humanizadora, tendo o diálogo como princípio fundamental da educação enquanto prática da liberdade.

## **PAULO FREIRE E A EXTENSÃO/COMUNICAÇÃO**

O conceito de extensão é refletido por Freire em sua obra “Extensão ou Comunicação?”, ao propor que a extensão não seja assistencialista nem reduzida à ação de “estender”, mas que seja uma comunicação de saberes e uma prática comunicativa entre as pessoas. Para Freire (1983), no “campo associativo”, o termo extensão se encontra em relação significativa com transmissão, entrega, doação, messianismo, mecanicismo, invasão cultural, manipulação etc. Todos esses termos envolvem ações que, transformando o homem em quase “coisa”, o negam como ser capaz de transformar o mundo, além de negarem a formação e a constituição de conhecimentos autênticos, bem como a ação e a reflexão verdadeiras.

A ação de “estender”, para Freire (2018), está associada à teoria antidialógica, aproximada à invasão cultural, que “indiscutivelmente alienante, realizada maciamente ou não, é sempre uma violência ao ser cultura invadida, que perde sua originalidade ou se vê ameaçado de perdê-la” (Freire, 2018, p. 205). Em contraponto, Freire (2018) entende a extensão como uma ação dialógica, na qual os sujeitos se encontram para transformar o mundo em colaboração e defende a extensão como uma prática educativa conscientizadora.



## **CAMPANHA LATINO-AMERICANA CARIBENHA EM DEFESA DO LEGADO DE PAULO FREIRE**

As celebrações do centenário de Paulo Freire foram marcadas por diversas ações coletivas em todo o mundo. Em julho de 2019, com o objetivo de defender e celebrar seu legado e sua obra, o Conselho de Educação Popular da América Latina e Caribe (CEAA) se uniu a movimentos sociais, sindicais e populares, coletivos e instituições, universidades espalhadas por todo o continente. Freire é um dos fundadores do CEAAL. “No início dos anos oitenta, o CEAAL começou a ser criado. Paulo foi convidado a ser o seu presidente de honra, e me lembro de haver composto uma primeira equipe de trabalhos de fundação” (Brandão, 2022, p. 5).

O CEAAL atua em mais de 20 países da América Latina e do Caribe e possui mais de 190 organizações associadas, incluindo movimentos sociais e populares, cátedras Paulo Freire e núcleos de universidades. O Coletivo CEAAL Brasil conta com 30 organizações associadas nas cinco regiões. A campanha lançada em 2019 se contrapõe à ofensiva ideológica contra o pensamento crítico de Paulo Freire, na defesa de seu legado. Em setembro de 2021, ocorreu uma diversidade de ações em comemoração ao centenário, e o Curso de Extensão dos Ciclos Freirianos da Universidade de Brasília foi uma ação importante para celebrar a memória e a presença de Paulo Freire no Brasil.

## **CICLOS FREIRIANOS CENTENÁRIO, LEGADO E PRÁXIS DO PATRONO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

*“Ensinar e aprender não pode dar-se  
fora da procura,  
fora da boniteza e da alegria”*

*Paulo Freire*

Os Ciclos Freirianos, realizados no período de 2 de agosto a 25 de outubro de 2021, foram distribuídos em 10 encontros com atividades síncronas (virtuais) todas as segundas-feiras, no turno vespertino (tarde), intercalados com atividades assíncronas, totalizando uma carga horária de 60



horas e certificação. Sua estratégia metodológica contemplou aprofundamento temático e desenvolvimento metodológico, e sua construção envolveu saberes e fazeres coletivos dos educandos e educandas. Contamos com participantes de universidades, movimentos sociais, sindicais e populares, secretarias de educação, institutos federais, organizações, gestores/as, docentes, servidores/as, estudantes de graduação e pós-graduação, além de educadores/as populares do Brasil, Colômbia e México.

O processo pedagógico-metodológico considerou vivências, aprendizados, construção coletiva do conhecimento e compromisso coletivo e individual. Educandas e educandos contribuíram com a realização do curso de extensão, destacadamente nas interações durante os momentos virtuais e nas atividades de acolhimento e integração (músicas, poesias, cordéis, poemas); expressões artísticas e culturais, valorizando a cultura popular em sua essência; memória (breve resgate do encontro anterior), introdução e problematização do tema e das leituras recomendadas. Foi composta uma equipe que participou, organizou e deu suporte durante os dez encontros, tornando esses momentos em processos de autoformação e aprendizagens coletivas.

Tratamos do contexto histórico, da conjuntura e da atualidade, dialogamos sobre as principais categorias em Paulo Freire e articulamos as temáticas de interesse, inclusive identificando como outras áreas do conhecimento lidam com a perspectiva freiriana. O curso foi estruturado em eixos aglutinadores que possibilitaram a interação entre as perguntas geradoras e os conteúdos. Estes foram indispensáveis ao processo, ao estímulo da reflexão crítica e da curiosidade epistemológica, que “quanto mais criticamente se exerce a capacidade de aprender, tanto mais se constrói e desenvolve” (Freire, 1996, p. 27).

As perguntas geradoras e os conteúdos foram organizados da seguinte forma: Quem é Paulo Freire? Fundamentos e legado – contexto histórico e atualidade; Quais são as principais categorias em Paulo Freire? Ciclo do conhecimento (epistemológico), círculos de cultura, ação cultural, problematização, diálogo/dialogicidade, educação problematizadora/libertadora, educação bancária e educação com autonomia. Como outras áreas do conhecimento se articulam com a perspectiva freiriana? Articulação com outras áreas do conhecimento e a pedagogia freiriana, Educação Popular e Extensão Universitária; Quais são os desafios da docência-discência no ensinar-aprender? Educação e infância, Paulo Freire na educação de crianças;



Podemos construir um mundo humanizado sem opressão? Gênero em Paulo Freire, questão étnico-racial, relação com a África; Como as experiências com perspectivas em Paulo Freire contribuem para a leitura de mundo? Experiências articuladas ao pensamento freiriano; Qual é o seu compromisso ao conhecer, estudar e praticar Paulo Freire? Reflexão coletiva sobre o aprendizado, a partir da experiência dos Ciclos Freirianos.

Ao longo dos 10 encontros, as perguntas geradoras articuladas aos conteúdos possibilitaram problematizar as abordagens, considerando os fundamentos e as categorias de Paulo Freire e como outras áreas de conhecimento se articulam com a perspectiva freiriana.

De forma mais específica, os principais temas abordados foram: Quem é Paulo Freire? Fundamentos e legado; contexto histórico e atualidade; Círculo de cultura: formação, desenvolvimento e experiência; presença histórica e atual em torno da obra e do pensamento pedagógico freiriano; Bases teóricas e epistemológicas do pensamento de Paulo Freire; Educação popular e extensão universitária; Educação infantil em Paulo Freire; Paulo Freire e a atualidade da Pedagogia do Oprimido; Gênero e pedagogia feminista na educação como prática da liberdade; A práxis da educação popular na extensão universitária; e Paulo Freire e as relações étnico-raciais.

Ao final de cada encontro, apresentava-se o tema gerador do encontro seguinte, com recomendações de leituras e a disponibilização de materiais das exposições. Os encontros estimularam a leitura de mundo, a escuta sensível, o diálogo, a troca de saberes e fazeres, e as partilhas a partir das vivências e experiências ao conhecer e estudar Paulo Freire. A cada encontro, no formato virtual, foram divulgados *cards*, destacando o tema gerador e as pessoas que aceitaram compartilhar seus conhecimentos, estudos, pesquisas e experiências.

Destaca-se também a participação das educandas e dos educandos do Curso de Extensão na 21ª Semana Universitária – 100 anos de Paulo Freire da Universidade de Brasília – na atividade “Centenário de Paulo Freire: Educação Libertadora e Círculo de Cultura(s)”.

Iniciamos o curso com a abordagem sobre quem é Paulo Freire e a importância de seus fundamentos e legado no contexto histórico e na atualidade. Com o eixo aglutinador sobre as principais categorias em Freire, as discussões sobre o Círculo de Cultura e o Método Paulo Freire, com ênfase na formação, desenvolvimento e experiências, contaram com a presença do Centro de Educação



Paulo Freire – CEPAFRE, de Ceilândia-DF, e a participação da professora Maria Madalena Torres, que possui experiência em Educação, com ênfase na formação de Educadores Populares e Educadores de Jovens, Adultos e Idosos da EJA.

Com a contribuição do professor Carlos Rodrigues Brandão, que possui experiência na área de cultura popular, etnia e educação, com foco na educação popular, foi possível aprender sobre a trajetória de vida, as obras, os estudos, os trabalhos e as práticas de Paulo Freire. Sua presença, tanto histórica quanto atual, em torno da obra e do pensamento pedagógico freiriano, inspirou e instigou a reflexão coletiva.

Sobre as bases teóricas e epistemológicas do pensamento de Paulo Freire, contamos com a participação e o conhecimento profundo do professor Afonso Celso Scocuglia, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). O professor Scocuglia atua em pesquisa nas áreas de História e Educação, com foco na Educação de Jovens e Adultos e na História das Ideias de Paulo Freire.

Com o Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá e Itapuá (CEDEP), o diálogo concentrou-se na Educação Popular e na Extensão Universitária. Participaram desse momento, articulando a experiência do CEDEP com o tema, o professor Renato Hilário, pesquisador do Grupo de Ensino, Pesquisa, Extensão em Educação Popular e Estudos Filosóficos e Histórico-Culturais (Genpex) da Faculdade de Educação da UnB; Maria Creuza Evangelista de Aquino, membro do Genpex e do GTPA-Fórum EJA/DF; Eva Lopes, alfabetizadora do CEDEP/Paranoá; e Vilma Oliveira.

Contemplando a discussão sobre como outras áreas do conhecimento se articulam com a perspectiva freiriana, abordamos a educação infantil em Paulo Freire, contando com a participação da professora Marta Regina Paulo da Silva, da Universidade Municipal de São Caetano do Sul, líder do Grupo de Pesquisa Infâncias, Diversidade e Educação (GEPIDE) e do Grupo de Estudos e Pesquisa Paulo Freire (GEPFF). Também participou o professor Jason Ferreira Mafra, da Universidade Nove de Julho e do Instituto Paulo Freire, autor do livro “Paulo Freire e a Educação das Crianças” (Ed. BT Acadêmica, 2020).

O professor Miguel Arroyo, da UFMG, discutiu Paulo Freire e a atualidade da “Pedagogia do Oprimido” em consonância com o centenário do educador. Sua abordagem centrou-se nos 50 anos da publicação da obra de Freire, problematizando as interrogações que hoje emergem dos oprimidos para



o pensamento pedagógico. Ele se referiu ao seu artigo intitulado “Paulo Freire: outro paradigma pedagógico?”.

Na discussão sobre gênero e pedagogia feminista, contamos com a participação de Paula Viello, do Instituto Federal da Bahia (IFBA) – Campus Barreiras/BA, que aborda temas como pedagogia feminista, educação e relações de gênero, além de feminismos. Também esteve presente Caroline Lima, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), que atua em grupos de pesquisa voltados para representações sociais, mulheres, feminismo e sindicalismo. Ambas trouxeram reflexões sobre como a pedagogia freiriana nutre e se articula com a pedagogia feminista.

Durante o curso, foi possível conhecer os projetos de extensão que inspiram e mantêm o legado de Paulo Freire, abordando a Práxis da Educação Popular na Extensão Universitária. As experiências discutidas incluíram Leitura e Ação Lúdico-Pedagógica para Crianças (LeiA), Formação Integrada e Emancipadora de Acesso à Educação Superior (Formancipa) e Democratização do Acesso à Universidade Pública pelo Chão da Pesquisa (Pós-Populares). As apresentações contaram com as participações de Rafael Eugênio, Diego Santos de Sousa, Silvana Ferreira, Jéssica Wanzeller, Lenilda Damasceno e Luzeni Ferraz. A seguir, destacamos alguns objetivos dos projetos de extensão mencionados.<sup>2</sup>

O projeto Leitura e Ação Lúdico-Pedagógica para Crianças (LeiA) tem como um dos objetivos proporcionar a democratização do acesso ao livro e à informação, com atividades que apoiem práticas de incentivo à leitura e que contribuam para a construção de indivíduos conscientes, tornando-se uma importante ferramenta de inclusão social para a comunidade.

O programa Formação Integrada e Emancipadora de Acesso à Educação Superior (Formancipa) tem como objetivos facilitar a aquisição e produção de conhecimentos de diferentes áreas para garantir o acesso à Educação Superior, visando elevar a qualidade de vida da população da região periférica de Brasília, além de promover experiência profissional por meio da prática de atividades que contemplem a proposta da tríade da universidade (Ensino, Pesquisa e Extensão).

O programa Pós-Populares: Democratização do Acesso a Universidade Pública pelo Chão da Pesquisa tem por objetivos: discutir coletivamente a construção de pré-projetos de pesquisa; apresentar a perspectiva de intervenção

---

<sup>2</sup> Estes projetos de extensão são coordenados pelo professor Erlando da Silva Rêses da Faculdade de Educação (FE) da UnB.



local e o conhecimento da realidade social na pesquisa; e promover discussão acerca de epistemologias, paradigmas, método, metodologia, lógica, ciência, conceitos e ideologias para apoiar a produção do conhecimento.

Finalizando nossa caminhada, chegamos à discussão sobre Paulo Freire e as relações étnico-raciais, com a participação da professora Celiana Maria dos Santos, pedagoga do Instituto Federal da Bahia (IFBA), Campus de Salvador-BA, e professora da rede estadual de educação da Bahia (SEC/BA). Orienta-se pelas pedagogias freirianas, histórico-crítica e socialista, realiza estudos em torno da educação das relações étnico-raciais, das relações simbólicas e dos imaginários, dos movimentos sociais e é autora do livro “A Rainha do Mar – Quem é Yemanjá no imaginário dos pescadores do Rio Vermelho” (Sagga Editora, 2020).

O curso de extensão também foi lugar para divulgar diversas publicações. Ao todo foram lançados 16 livros com a presença virtual dos autores e autoras durante os 9º e 10º encontros dos Ciclos Freirianos. Este momento reafirmou a importância do ato de ler, em que Freire apresenta as ideias centrais sobre a leitura da palavra. Nesses tempos é fundamental a preservação de acervo, da memória e os livros são fontes para desenvolver a leitura, o senso crítico e a imaginação.<sup>3</sup>

A cultura popular também compôs o fazer formativo do curso, com a presença de musicalidades, danças, poesias, cordéis e cantorias, entoando ritmos e sons que animaram e motivaram a reflexão crítica e a importância de manter viva nossa cultura em suas diferentes linguagens. Vivenciamos a cultura “como aquisição sistemática da experiência humana” (Freire, 2021, p. 143).

Ao final, como forma de estimular a reflexão sobre o compromisso e a aprendizagem, foi apresentada aos educandos e educandas a seguinte problematização: como os encontros dos Ciclos Freirianos desafiaram e contribuíram para a compreensão dos fundamentos da pedagogia de Paulo Freire e para atravessar o contexto atual?

O processo pedagógico-metodológico, ao longo do curso, contemplou escutas, diálogos, debates, reflexões, fazer coletivo, produção coletiva do conhecimento e troca de saberes e fazeres em uma organização onde tema, artes e expressões culturais, abordagens e perguntas geradoras andaram lado a

---

<sup>3</sup> É possível ver o curso no canal do YouTube do Grupo Consciência - Estudos e Pesquisas em Materialismo Histórico-dialético e Educação (FE/UnB), no link disponível em: <https://www.youtube.com/@grupoconsciencia-feunb1904>.



lado. A vivência coletiva, mesmo na virtualidade, fortaleceu o compromisso, o engajamento e a conscientização. Como nos diz Freire (1996), foi presença que se pensa a si mesma, que se sabe presença, que transforma, fala, sonha e decide. Foi uma boniteza só!

## CONSIDERAÇÕES FINAIS NADA FINALISTAS

As contribuições de Paulo Freire continuam atuais ao incentivar o pensamento crítico e reflexivo. A experiência de extensão apresentada, dos Ciclos Freirianos na Universidade de Brasília, no centenário do Patrono da Educação, evidenciou os saberes e fazeres entre educandas e educandos. No percurso virtual, apresentou-se como um campo fecundo de aprendizagens, conscientização, autorreflexão e compreensão de práticas da realidade vivida.

Um processo de construção que fez germinar a circularidade do conhecimento, abrindo possibilidades para o exercício da criticidade e da leitura de mundo a partir das especificidades de cada tema, articulados às bases teóricas e epistemológicas da pedagogia freiriana. A práxis (reflexão-ação) permitiu aos participantes vivenciar o diálogo, a escuta e a problematização, compreendendo a extensão como um espaço formativo e de interlocução da universidade com a sociedade e do seu papel relevante para o ensino, pesquisa e extensão.

Vivenciamos uma experiência de círculo de cultura em um movimento coletivo de partilha, pensamento, vivência, sentimento, de ensinar e aprender em diálogo, de tomada de consciência em um espaço de troca de conhecimentos. Cultivamos possibilidades para que outro processo desses aconteça, envolva outras pessoas e estudos sobre temas da obra de Freire, sobretudo como uma atividade de extensão. São iniciativas como essa que fortalecem o ensino, a pesquisa e a extensão e proporcionam o encontro do saber acadêmico com o saber popular.

Na atualidade, a defesa do legado e da obra de Paulo Freire e de uma educação crítica e emancipadora são fundamentais em detrimento daquelas e daqueles que defendem formas opressoras e autoritárias e se opõem veementemente ao pensamento freiriano. Reafirmamos a relevância da contribuição de Paulo Freire para a educação brasileira, bem como a vitalidade e vigência da sua epistemologia e do seu pensar esperançoso. Novos cenários virão, e a inegável influência do pensamento freiriano será uma inspiração na luta por outros mundos possíveis. Paulo Freire vive!



---

## REFERÊNCIAS

ANDREOLA, B. A. Interdisciplinaridade na obra de Paulo Freire: uma pedagogia da simbiogênese e da solidariedade. *In*: STRECK, D. R. *et al.* **Paulo Freire: ética, utopia e educação**. 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004. p. 67-94.

BRANDÃO, C. R. A educação popular e o CEAAL na linha do tempo – memórias e reflexões de um educador dos anos sessenta. 2022. Disponível em: [www.sitiodarosadosventos.com.br](http://www.sitiodarosadosventos.com.br) Acesso em: 18 jul. 2022.

BRANDÃO, C. R. *In*: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p. 44-45, 2019.

FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. 49. ed. São Paulo: Paz e Terra. 2021.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 65. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, P. **Política e educação**. 3. ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

FREIRE, P.; MACEDO, D. **Alfabetização: leitura do mundo leitura da palavra**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

GADOTTI, M. **Extensão universitária: Para quê?** Instituto Paulo Freire, 2017. Disponível em: [https://www.paulofreire.org/images/pdfs/Extens%C3%A3o\\_Universit%C3%A1ria\\_-\\_Moacir\\_Gadotti\\_fevereiro\\_2017.pdf](https://www.paulofreire.org/images/pdfs/Extens%C3%A3o_Universit%C3%A1ria_-_Moacir_Gadotti_fevereiro_2017.pdf) Acesso em: 17 jul. 2019.

RÊSES, E. S.; PEREIRA, F. C. M.; RIOS, M. B. S. Atualidade de Paulo Freire e Pedagogia do Oprimido para a reflexão crítica da realidade. *In*: RÊSES, E. S.; CUNHA, M. C.; PEREIRA, M. L. P. (org.). **Trabalho, educação de jovens e**



**adultos e tecnologias emancipatórias.** Brasília: Hildebrando Editor & Autores Associados, 2021. p. 64-85. Disponível em: [http://forumeja.org.br/sites/forumeja.org.br/files/livro\\_eja.pdf](http://forumeja.org.br/sites/forumeja.org.br/files/livro_eja.pdf). Acesso em: 11 set. 2024.

VASCONCELOS, M. L.; BRITO, R. H. P. **Conceitos de educação em Paulo Freire:** glossário. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo, SP: Fundo Mackenzie de Pesquisa, 2014.



# MEU ENCONTRO COM PAULO FREIRE

---

Débora Ireno Dias - Universidade do Estado de Minas Gerais

---

Sou Débora, docente na rede municipal de ensino em uma cidade interiorana de Minas Gerais há duas décadas, transitando entre as quadras e a sala de aula de escolas públicas onde atuei e atuo. Ao longo destes anos, tive pouco conhecimento e poucos encontros com o nosso patrono da Educação, Paulo Freire. O que era apenas um nome em murais ou redes sociais durante um bom tempo da minha vida profissional passou a ser um professor admirado por mim, cuja prática me fez compreender o que é uma educação crítica e emancipatória, e o quanto ela já fazia parte de mim sem que eu soubesse.

Sou formada em Educação Física pela Universidade Federal de Viçosa há 26 anos, tanto em licenciatura quanto em bacharelado. Eram os anos de 1994 a 1998, e a UFV era considerada uma das potências do ensino superior no Brasil. Ao cursar a licenciatura, não se falou em Paulo Freire ao longo das disciplinas; tal educador não fez parte da minha formação acadêmica inicial.

Comecei a lecionar em 2000, no Colégio Tiradentes da PMMG, com o componente curricular Educação Física para o nível hoje denominado Ensino Fundamental I e II. Posteriormente, inseri-me, via concurso público, na rede municipal de ensino de Barbacena – MG, lecionando Educação Física no Ensino Fundamental II, onde ainda me encontro. Desde o início do magistério, percebi que aquele não era meu lugar porque, ao me formar na faculdade, meu foco era a área fitness – aulas em academia. Era uma veste que não me servia,



um espaço onde eu não me reconhecia nem me identificava como profissional – tanto na sala de aula quanto na quadra da escola. Talvez por um comodismo – o fato de ser professora efetiva, com estabilidade financeira – ou talvez por medo de buscar algo novo que me representasse, fui ficando na sala de aula, me enquadrando em um quadrado no qual me sentia presa, não porque me prendiam, mas porque eu mesma me limitava com meus medos e comodismos. Hoje, percebo que eu tinha a síndrome do impostor<sup>4</sup>, na qual a pessoa não se sente capaz de ocupar – alcançar – mudar – viver novas oportunidades na vida. Os dias bons eram aqueles em que havia festas ou algum projeto diferenciado – alguns sob minha coordenação.

Ao longo dos anos de docência, lecionei em escolas de localidades distintas. Ora, estava na zona rural, em uma localidade distante do centro da cidade, com estradas intransitáveis em tempo de chuva; ora, na periferia. Ora, estava em uma escola pequena, com apenas uma turma para cada “ano” escolar; ora, em uma escola com três turmas para cada “ano”. Diferenças sociais e econômicas, de pensamentos e comportamentos, tanto entre os alunos quanto entre os professores. Aos poucos, fui me entregando àquelas realidades, observando o jeito de ser de cada lugar, cada situação e cada aluno. Não me agradava estar como professora de Educação Física escolar e com tudo o que isso representa na minha profissão: desde a prática esportiva até tratar de temas relativos à saúde e à qualidade de vida. Estes últimos temas eram os que me colocavam em um lugar menos desconfortável, pois abriam espaços para discussões, pesquisas, trabalhos em equipe e exposições.

De 2002 a 2015, fui me equilibrando entre essas duas vertentes da Educação Física Escolar – enfrentando a quadra esportiva e me empenhando nos momentos de festa, projeto e aula teórica. De alguma forma, busquei me aproximar dos alunos, escutá-los, entendê-los e mostrar um horizonte mais amplo além daquele que conseguiam enxergar. Paulo Freire não fazia parte do meu agir docente; não tínhamos sido apresentados ainda. Se a quadra esportiva não me atraía, a sala dos professores era o lugar da catarse coletiva, do papo informal sobre a vida e a profissão; lugar das reivindicações, do desabafo, do nascimento de projetos e da troca de informações sobre a prática docente e receitas culinárias.

---

4 “As características encontradas em pessoas que experienciam esta síndrome incluem: ansiedade, medo de avaliação, medo do fracasso, sentimento de culpa, quando bem sucedido, dificuldade de internalização positiva de feedback, tendência a superestimar habilidades de outrem juntamente com subestimar suas próprias, crenças distorcidas sobre inteligência e antecedentes familiares, incluída aqui a falta de apoio” (Clance; O’toole, 1987 *apud* Boligon; Madureira; Lise, 2023, p. 159).



Ao longo desse processo, a cada momento recebíamos ordens para executar tal programa, tal projeto; preencher tantos formulários, participar de reuniões, conselhos de classe, organizar tal evento, além, claro, de lecionar, seguindo as normas da LDB<sup>5</sup> (Brasil, 1996), PCN<sup>6</sup> (Brasil, 1998) e, depois, BNCC<sup>7</sup> (Brasil, 2017). Foram momentos que trouxeram algumas mudanças no discurso sobre a valorização docente, sobre a escola pública e o trabalho do profissional da educação e sua real importância na sociedade. Mudanças essas que, talvez, pudessem impactar a vida escolar, reiterando que o profissional da educação precisava ser valorizado como tal.

Em meio à busca pela valorização da educação pública brasileira, o governo federal, tendo à frente a então presidente Dilma Rousseff, sancionou a Lei nº 12.612, em 13 de abril de 2012, reconhecendo o educador e filósofo Paulo Freire (1921-1997) como “patrono da educação brasileira”, por ter dedicado parte da sua vida à educação e alfabetização da população menos favorecida economicamente (Brasil, 2012). Ele ficou reconhecido nacional e internacionalmente também pelo processo de alfabetização de adultos que coordenou em Angicos (Rio Grande do Norte) na década de 60. Em 2012, eu continuava tentando me equilibrar na docência entre quadra e sala de aula e sem ouvir falar de Paulo Freire.

O espaço escolar pode nos causar dois sentimentos antagônicos. Dentre tantos, estes talvez se destaquem: amor e ódio, encanto e frustração, medo e ousadia, silenciamento e luta, entre outros que posso descrever. O espaço escolar ora nos parece um lugar fechado, acrílico e triste; ora é um espaço aberto às lutas, conquistas e festas diárias, quando se vê um aluno apreendendo o significado de um conceito e um profissional feliz “de verdade” pela sua prática. É um espaço de construção do saber, de festejar a vida!

Para mim, o que menos havia era construção do saber e festejar a vida! Tem uma frase que diz: “ou se prende pelo amor ou pela dor”. Ailton Krenak, indígena, ambientalista e escritor, diz que “não quero sofrer nada se for para aprender” (Hypeness, 2021), mostrando que o dito popular acima precisa ser quebrado; ou seja, podemos e devemos aprender através da amorosidade, da

---

5 LDB 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, sancionada em 20 de dezembro de 1996, válida ainda hoje, com atualizações periódicas de acordo com as demandas governamentais e/ou educacionais.

6 PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais, divulgados à comunidade escolar em 1998, a fim de unificar e, ao mesmo tempo, contextualizar a Educação Básica Nacional. (Brasil, 1998)

7 BNCC – Base Nacional Curricular Comum é “um documento normativo que define o conjunto de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica” (MEC, s.d.). Este documento foi homologado em sua versão final em 20 de dezembro de 2017.



convivência com os demais seres. Após um momento de sofrimento pessoal que culminou na síndrome do pânico, misturado ao sentimento de “não querer estar na escola”, tudo o que já não estava bom em mim se extrapolou. O adoecimento mental, o mal-estar pessoal, o afastar-se profissionalmente para cuidar de mim emocional e fisicamente me levaram a um aprendizado. Este aprendizado não começou pela dor, mas pelo amor que fui recebendo dos meus pares (além da ajuda especializada e da família). E, com eles, fui aprendendo a abraçar, a olhar o outro docente adoecido e, principalmente, a me olhar, a ver minha dor, permitir sentir as minhas angústias e acolher meus sentimentos de raiva e frustração. Na escola onde lecionei após o adoecimento, encontrei um acolhimento diferenciado e profissionais que se acolhiam entre si, além de acolher pedagogicamente o aluno. O aprendizado necessariamente passa pelo afeto, pelo acolhimento, pelo carinho e pelo olhar compassivo e empático. Foi com esses sentimentos que levei minha prática docente para outro lugar: o de olhar a escola como um ambiente que precisa aprender a acolher tanto o discente quanto o docente.

Paulo Freire ainda era um desconhecido para mim! Às vezes, uma frase de efeito nos murais da escola ou nas redes sociais. Isso mudou quando ingressei no Mestrado em Educação e Formação Humana pela Faculdade de Educação da UEMG.

Ingressei no citado curso após passar pela especialização em Qualidade de Vida nas Organizações, pelo IF-Sudeste de Minas, onde comecei a estudar sobre o professor durante o tempo da pandemia causada pela covid-19. Desejando continuar o estudo sobre o professor ao longo e após o trabalho remoto, busquei o mestrado. Ao iniciar o curso, inscrevi-me na disciplina optativa “Seminários de Temas Contemporâneos – Paulo Freire e Formação Humana”, pois era a que mais se aproximava do meu tema de pesquisa. Logo na primeira aula, apresentei-me e mencionei que, diferente dos demais mestrandos, não conhecia Paulo Freire além do que via nas redes sociais e nos murais das escolas, mas que esta seria uma oportunidade para entrar no mundo freireano e entender a importância deste educador.

A primeira obra a ser estudada é “Extensão ou Comunicação?”, escrita em sua 1ª edição no ano de 1968, quando Paulo Freire vivia o exílio no Chile devido à ditadura militar instaurada no Brasil. Nessa obra, Paulo Freire faz uma crítica ao conceito de “extensão” e fala da importância da “comunicação”, ao analisar o trabalho dos extensionistas universitários agrônomos junto aos camponeses chilenos: aqueles levavam suas ideias prontas, ciência baseada em



estudos, mas não dialogavam com aqueles que conheciam a terra e traziam seus saberes de vida, além de também terem conhecimentos a oferecer. Já no Capítulo 1, Freire pontua que a “ação extensionista envolve a necessidade que sentem aqueles que a fazem de ir até a outra parte do mundo que é considerada inferior para normalizá-la” (Freire, 2013, p. 14). Ou seja, o agir do agrônomo analisado na obra não tem o direito de entregar suas técnicas e fazer dos camponeses “objetos”, como páginas em branco, para que assimilem o que lhes é transmitido e sirvam de propaganda para tal ação extensionista. A extensão, segue o educador, deve ser uma conscientização sobre os conceitos que se deseja trabalhar junto àquela população, a fim de que possa haver uma apropriação crítica de tais conceitos e o homem seja um sujeito de transformação no mundo. A extensão que comunica algo e que se transforma por meio de uma relação dialógica.

À medida que eu lia a obra e a discutia em sala, fui percebendo que a fala de Paulo Freire ressoava fortemente no meu entendimento: o quanto, ao longo da minha docência, eu vivi esses dois lados. Um lado era eu extensionando meu saber ao aluno. Muitas vezes, eu levava algo pronto, com a intenção de ajudar os alunos, porque eles não teriam acesso à informação. Por que eu não usava a informação que eles tinham acerca de determinado assunto para, juntos, construirmos algo? Esse é o questionamento que me faço agora. O outro lado era a questão das decisões políticas voltadas para a educação que, muitas vezes, aconteciam – e ainda acontecem – sem escutar a comunidade escolar ou negando a ela informações concisas para auxiliar nas tomadas de decisões. Fazendo um paralelo entre o agrônomo – educador e o camponês – educando, Paulo Freire vai pontuando em sua obra sobre a importância da comunicação se tornar inteligível, a fim de se ter um real aprendizado: o educador busca tornar o conhecimento acessível à compreensão do aluno, enquanto este poderá ver o significado do que lhe é comunicado, possibilitando uma apreensão que poderá levar ao aprendizado.

Paulo Freire fala sobre a educação como prática da liberdade, e essa somente o será se for um agir reflexivo, que vem a ser a educação gnosiológica e que difere da invasão cultural. No capítulo 2 da obra, o autor faz uma análise dos termos “extensão e invasão cultural”, pontuando ser essa uma das características da teoria antidialógica. Ao longo do meu magistério, foi fácil perceber essa invasão acontecendo. Mesmo eu olhando para o aluno, muitas vezes impunha-lhe um modo de ser e de estar na escola, sem estabelecer novos olhares e conexões com esse mesmo aluno, o que só aconteceu após meu adocimento.



O movimento contrário à invasão cultural, segundo Paulo Freire, é a educação dialógica, onde se estabelecem novos olhares sobre o docente e sobre o aluno, tanto na “sala de aula” quanto na “sala dos professores”. Tal olhar poderá levar à verdadeira transformação por meio de uma prática reflexiva e libertadora, com uma real construção do conhecimento por parte de todos os envolvidos e não mais por uma parte que se sente “superior” e que deve impor algo.

Ao analisar minha prática, percebo que este agir freireano já fazia parte do meu magistério. A partir do momento em que me deixei tocar pelo olhar do outro na escola – tanto de professores quanto de alunos – senti a necessidade de escutá-los e de ver qual seria nosso ponto de partida para um fazer educacional. Juntos! Muito deste agir me foi possibilitado a partir do momento em que comecei a lecionar Ensino Religioso, um componente curricular que me foi oferecido e, por tal motivo, comecei a transitar da quadra para a sala de aula. Isso me permitiu avançar para um mundo pedagógico que eu não me permitia explorar e que começava a fazer com certa leveza.

Comecei a coordenar projetos e a ter oportunidades de estar realmente dentro da sala de aula, aplicando conhecimentos sobre as diferentes tradições religiosas e temas relativos à adolescência, família e amizades. E, principalmente, a escutar os alunos! Aqui reside um diferencial que marcou a mudança de chave no meu modo de lecionar: escutar e entender de onde vinham seus conhecimentos.

A segunda obra a ser lida foi “Medo e Ousadia: o cotidiano do professor”. Escrita em 1985, resulta de um diálogo entre Freire e Ira Shor, professor norte-americano de Gramática. Este livro aborda a prática cotidiana do professor, explorando o que significa ser libertador e transformar a realidade a partir de uma educação libertadora. Logo no prefácio, Shor discute a ineficiência das pesquisas em educação na prática agitada da sala de aula e a necessidade de que a teoria, tanto para docentes quanto para discentes, abarque a realidade e o cotidiano escolar, bem como seus atores. Neste contexto, identifiquei um dos pilares do meu projeto de pesquisa no mestrado: captar os dramas da vida real, trazer à tona os fatos vivenciados e compreender como esses fatores impactam o agir docente.

Freire e Shor (2013) discutem a hierarquia política do conhecimento nas pesquisas, onde certos tipos de conhecimento são mais valorizados que outros, impactando até mesmo a forma como produzimos pesquisas na academia: método qualitativo versus quantitativo, pesquisa narrativa versus revisão sistemática, entre outros. Uma forma de romper essa hierarquia política



do conhecimento é por meio da prática da escrita e da escuta ativa que o professor estabelece com o aluno. É fundamental entrar na realidade desse aluno e evitar seu silenciamento, buscando uma prática educacional libertadora. Aqui, resalto os dois lados: tanto o docente quanto o discente precisam ter seus espaços de fala e escuta respeitados e ampliados. A prática de uma educação libertadora só será real e efetiva se o professor se libertar de suas amarras, silenciamentos e pré-conceitos. Novamente, percebo a transformação que ocorreu na minha prática educativa: ela era bancária – onde eu transmitia o conhecimento e o aluno consumia – tradicionalista, enraizada em sentimentos de frustração, mesmo que houvesse momentos de menor desconforto. Ao começar a me permitir olhar ao redor e a ser olhada, minha prática educativa começou a se transformar. Passei a levar o conteúdo a ser trabalhado e a buscar as respostas junto com os alunos, construindo pontes e diálogos nos diversos ambientes da escola. Paulo Freire estava presente em minha prática, mesmo sem que eu o soubesse!

Ao longo deste processo de descobrir-me como professora, algo que me incomoda é ouvir o aluno dizer: “eu não sei, eu não consigo”, sem ao menos tentar! Olhar para esse aluno e, com ele, buscar o caminho para escrever algo, compreender sua realidade e transportar sua fala para o papel – fazer com que ele realize a leitura do seu mundo e do que o rodeia – é desafiador! Paulo Freire destaca a importância dessa leitura. Interpretar e reinterpretar o que se lê e trazer isso para o dia a dia é um desafio tanto para o docente em sua prática quanto para o discente. Como auxiliá-lo nessa interpretação crítica, nessa leitura e releitura diante dos imediatismos a que está habituado devido ao *TikTok* e plataformas semelhantes? Não tenho todas as respostas, mas sei que podemos construí-las juntos, seja na “sala dos professores”, seja na sala de aula, com ciência e embasamento, por meio de pesquisas que se voltem a escutar e narrar o que realmente acontece nos espaços escolares e com seus atores.

Uma prática que tenho é colocar o conteúdo da aula no quadro. Ao ler Paulo Freire e refletir sobre a educação bancária, comecei a temer que pudesse me tornar aquela professora do tipo “cuspe e giz”, expressão usada para descrever o processo de ensino-aprendizagem em que o professor fala e o aluno copia e memoriza. Essa reflexão me tocou, pois me fez questionar a pretensa prática libertadora que estava adotando. No entanto, percebi que eu não apenas escrevia no quadro, mas também conversava com os alunos sobre o conteúdo, traçava mapas mentais com eles, questionava sobre seu dia a dia e buscava estabelecer paralelos com o que líamos. Paulo Freire me acalmou ao afirmar que a questão se



relaciona ao conteúdo e dinamismo da aula, à forma como docente e discente se entrelaçam no que lhes é proposto pelo conteúdo trabalhado.

Nessa linha, o agir docente e o agir político andam juntos. Não me refiro ao agir político partidário, mas ao agir que busca oportunizar algo a alguém a partir do acesso à educação escolar. Paulo Freire ressalta a importância da conciliação entre a prática de ensino e a opção política: agir de forma que não se caia em contradição com aquilo que se prega e acredita ser a forma ideal de sociedade. Ou seja, o fazer educacional deve ser libertador e não liberalista, democrático e não autoritário, responsável e diretivo, com o professor atuando junto aos alunos. Paulo Freire e Ira Shor, em dado momento, enfatizam a importância de os professores compreenderem o sistema econômico e as classes sociais que influenciam a transformação social que se deseja realizar.

Novamente, vejo pontos da minha prática docente ao buscar, com meus pares, a defesa dos poucos direitos que temos como professores e pela ascensão e permanência tanto dos docentes no trabalho quanto dos discentes na escola, assegurando uma educação pública de qualidade. Sobre o ativismo, Freire e Shor afirmam que “o militante, o ativista crítico, no ensino ou em qualquer outro lugar, examina até mesmo sua própria prática, não se aceitando como pronto e acabado, reinventando-se à medida que reinventa a sociedade” (Freire; Shor, 2013, p. 86). Estar em militância, mais uma vez, não significa levantar bandeira partidária, mas sim colocar-se em ação para transformar a si mesmo e aos outros, em conjunto com eles. A leitura dessa ideia traz alento, mas também me chama à responsabilidade: meu jeito de lecionar, de atuar na sala de aula e na sala dos professores, e na vida acadêmica ao realizar uma pesquisa junto aos meus pares. Que militância faço, como faço e para quem, por quem e por quê? Ao discutir “Medo e Ousadia”, Freire e Shor (2013) enfatizam a importância de ousar educar, apesar do medo. Um comportamento que pode surgir é o medo paralisante, que é sinônimo de falta de coragem e pode resultar em um agir antidialógico e autoritário. O medo que eu escondia por falta de coragem para enfrentar novas situações profissionais resultou, em algumas ocasiões, em um afastamento de mim mesma e dos meus alunos, devido ao meu agir antidialógico e autoritário.

A partir do momento em que me permiti enfrentar os medos que me rondavam – algo que também está relacionado à maturidade e à tomada de decisões – comecei a estar verdadeiramente presente como professora. Aceitei meu lugar na sala de aula e me apropriei deste espaço por meio de estudos, formação continuada, leituras e trocas de informações com meus colegas.



Apreendi também a realizar um movimento que chamo de “olhar por cima do muro” para enxergar o aluno: subir em um banco e observar quem é aquele aluno que está escondido atrás do muro da violência e da “indisciplina” que ele demonstra. Busquei entender quem ele realmente é, investigando os motivos de suas ações e reações, que muitas vezes são formas de autodefesa. Ao fazer esse movimento, e agora, ao ler e estudar Paulo Freire, percebo o quanto eu já buscava agir dentro de uma educação libertadora, uma prática que se direciona em uma via de mão dupla, onde educador e educando se educam mutuamente. Medo e ousadia (Freire; Shor, 2013) caminham juntos. O medo paralisante me levou a ser autoritária, mas o temor de que não haja mais matas e florestas, de não haver espaço para que os alunos estudem, de não haver condições dignas de vida para as pessoas em situação de vulnerabilidade social me encoraja a estar na sala de aula e, dentro do que é proposto como “conteúdo”, a dialogar com os alunos sobre nossas realidades e nosso compromisso em transformá-las.

Paulo Freire se fez e faz presente na minha vida porque eu quis e quero mudar, transformar. Falamos muito sobre sonhos que transformam realidades. O medo está ligado ao sonho político e ao engajamento com a realidade. Esse medo se faz presente, mas não se trata de uma educação do/pelo medo, como eu costumava praticar no início da minha docência. Trata-se de educar apesar do medo. Não se furtar à ação educativa – e aqui não me refiro ao docente herói que supera tudo para cumprir seu dever profissional; não há heroísmo na docência. Somos profissionais que atuam no setor educacional, mesmo diante de todas as mazelas e demandas amplamente conhecidas e, muitas vezes, não resolvidas por quem deveria solucioná-las.

A terceira obra estudada, “Aprendendo com a própria história”, foi escrita em forma de diálogo entre Paulo Freire e Sérgio Guimarães (Freire; Guimarães, 2013) na década de 1980 e traz uma releitura que o educador faz de sua trajetória desde o período pré-golpe militar de 1964 até seu retorno ao Brasil após o exílio. Ao lê-la, pude conhecer um pouco mais sobre Paulo Freire, seu agir político e educacional, suas ideias e concepções, além de perceber que ele não se fez sozinho. Pelo contrário, seu legado foi construído a várias mãos e vozes, começando pela atuação de sua própria família. Em um paralelo que venho traçando ao longo deste artigo, consegui me soltar das amarras existenciais e hoje estou em sala de aula lecionando com certa leveza e autoridade, fruto de uma série de mãos e vozes que me auxiliaram nesse processo. “Aprender com a própria história” (Freire; Guimarães, 2013), em conjunto com as demais



obras aqui relacionadas, levou-me a perceber que este educador sempre foi uma constante em meu caminho profissional, mesmo quando eu não o sabia. Desde a observação do agir libertador de alguns colegas, passando pelas frases nos murais das escolas e nas redes sociais, até chegar ao verdadeiro encontro com Paulo Freire, são duas décadas de experiências na sala de aula e na sala dos professores, com nuances e tons ora mais felizes, ora mais frustrantes, ora mais de luta, ora de passividade.

Voltando à obra “Medo e Ousadia”, Paulo Freire, após discorrer sobre *empowerment*, autolibertação, educação diretiva e não diretiva, termina com a frase: “a libertação é um ato social” (Freire; Shor, 2013, p. 180). Se eu buscava um agir libertador ao longo destas duas décadas e, agora, ainda mais após estudar Paulo Freire e debater suas ideias e concepções acerca do ato de educar, é necessário saber que esse agir terá mais sentido, significado e real valor se realizado junto aos meus pares.

Paulo Freire pode não ser a resposta para todas as questões educacionais e todas as demandas. No entanto, ter me encontrado e sentado à mesa com esse educador fez-me iniciar um entendimento acerca de sua obra, seu valor e seu legado. É fundamental compreender como direcionar minha prática para que haja também um legado de transformação social. Entender que não sou/somos menos revolucionários por não levantarmos bandeiras e cartazes, mas perceber o que faço/fazemos e como fazemos é algo complexo. É preciso enxergar a transformação social a partir da educação como um processo e atentar para os pequenos avanços do cotidiano, tanto na vida quanto na sala de aula. Talvez, aqui, esteja a verdadeira revolução!

---

## REFERÊNCIA

BOLIGON, L.; MADUREIRA, E. M. P.; LISE, A. M. R. Síndrome do impostor e transtornos mentais comuns em acadêmicos de medicina no Brasil. **Revista Thêma et Scientia**, v. 13, n. 1, p. 157-173, 2023. Disponível em: <https://ojsrevistas.fag.edu.br/index.php/RTES/article/view/1437>. Acesso em: 20 jul. 2024.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm). Acesso em: 25 jul. 2024.



BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Curricular Comum (BNCC)**. 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/historico>. Acesso em: 17 jul. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Paulo Freire é declarado patrono da educação brasileira**. 2012. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/222-537011943/17681-paulo-freire-e-declarado-o-patrono-da-educacao-brasileira>. Acesso em: 21 jul. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Ensino fundamental de nove anos: passo a passo do processo de implantação**. 2. ed. Brasília: MEC, 2009. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/passo\\_a\\_passo\\_versao\\_atual\\_16\\_setembro.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/passo_a_passo_versao_atual_16_setembro.pdf). Acesso em: 21 jul. 2023.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC: SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2023.

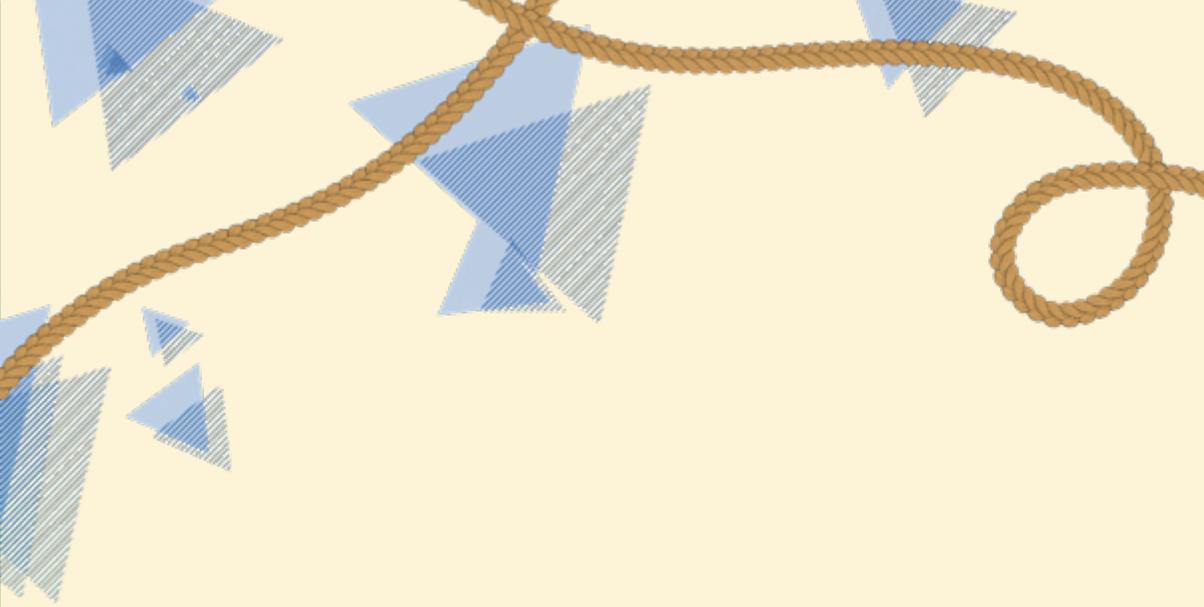
FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. **Aprendendo com a própria história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, P.; SHOR, I. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

HYPENESS. **Ailton Krenak diz que não há nada a aprender com a pandemia**: “mentalidade branca de que o sofrimento ensina”. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2021/12/ailton-krenak-diz-que-nao-ha-nada-a-aprender-com-pandemia-mentalidade-branca-de-que-o-sofrimento-ensina/>. Acesso em: 16 jul. 2023.





# CAPÍTULO VI

MANDALA FREIREANA:  
DEMAIS PROJETOS, AÇÕES, ATIVIDADES E  
DIÁLOGOS PROTAGONIZADOS PELA CÂTEDRA



## **MANDALA FREIREANA: DEMAIS PROJETOS, AÇÕES, ATIVIDADES E DIÁLOGOS PROTAGONIZADOS PELA CÁTEDRA**

Entre diálogos, projetos, espaços formativos e aproximações entre a Universidade e o movimento popular, a Cátedra, nascida na Faculdade UnB Planaltina, promove atividades e projetos que, em seu conjunto, buscam divulgar o legado freireano. Convidando ao debate educadores, educadoras e demais pessoas interessadas em refletir, à luz do pensamento de Paulo Freire e de outros pensadores de matriz emancipatória, a Cátedra incentiva a reflexão crítica da realidade com o objetivo de transformá-la.

Para iniciar a prosa, uma palavra sobre a curiosidade – a força que move o aprender, o dizer, o fazer. Move a pesquisa, a extensão e também o Esperançar.



# CURIOSIDADE – UM SABER NECESSÁRIO À PRÁTICA EDUCATIVA

---

Aia Hipácia - Universidade de Brasília

---

Para o início da conversa, gostaria de trazer Tom Zé e sua música “Salva a Humanidade”. A letra dessa canção é muito instigante, pois nos provoca a refletir sobre os princípios, os começos, sobre quando as coisas se iniciam. Vejamos o que diz a letra:

Mas o que salva a humanidade  
É que não há quem cure a curiosidade  
Mas o que salva a humanidade  
É que não há quem cure a curiosidade  
A curi, a curi...  
A curiosidade  
Que inventou, inventou  
A humanidade  
O bura, bura... buraco da fechadura  
É o bura, bura  
Buraco da curió  
Zidade, a curi, a curi, a curiosidade  
Que inventou, inventou  
A humanidade  
E o bura, bura...

Buraco da fechadura  
É o bura, bura...  
Buraco da curió  
O homem fez o fogo (Fu, fu, fu)  
Fu furiosidade  
O vento assopra a vela (Fu, fu, fu)  
Fu furiosidade  
A fada fez a fábula  
A bruxa cai de bunda cá  
Eva comeu da maçã  
O furiosidade  
Tudo que nunca foi achado  
Ficará também conhecido  
se procurado  
Com curiosidade



Se no início as invenções surgem por conta da curiosidade, por que a invocamos tão pouco nos espaços de formação? Por que deixamos passar, sem perceber, o movimento da curiosidade que nos leva a questionar, imaginar e criar outras possibilidades, outros mundos? Ao falar de pesquisa como o topos, o lugar onde teoria e prática se encontram, quero sublinhar esse movimento do pensamento – o da curiosidade – que também revela o desejo de conhecer.

Movimento oposto ao do adestramento – e aqui me refiro ao meu conterrâneo, Nêgo Bispo, Antônio Bispo dos Santos – que escreveu no livro “A terra Dar a Terra Quer” (2023) sobre como começou a adestrar ainda criança, por volta dos seus 10 anos. Adestrando, ele percebeu que esse ato é semelhante ao de colonizar. Ambos, adestrar e colonizar, desterritorializam, tornando o corpo e o território disciplinados, adestrados. O adestramento pode ser feito tanto por meio de violência explícita quanto por meio de estímulos, como se fossem carícias, mas o objetivo é sempre o mesmo: aqueles que são disciplinados, adestrados ou colonizados o são para satisfazer os desejos do adestrador/colonizador.

Nesse processo de adestramento e colonização, tanto pessoas humanas quanto animais não humanos podem sofrer atrofiamentos físicos diversos, tendo sua locomoção reduzida. Suas mentes também podem ser atrofiadas, desenvolvendo pouca criticidade e tornando-se alienadas de decisões importantes, até que sua autonomia e autossuficiência sejam quase nulas. Nesse território de adestramento, a curiosidade não se cria, e, se se cria, não cresce. É um espaço autoritário, que só pode ser rompido com criatividade, amorosidade e curiosidade.

Então, a curiosidade é o movimento que tem o potencial de nos impulsionar a buscar e criar. No entanto, nossa curiosidade precisa ser despertada e cultivada para que possa crescer e permanecer como nossa companheira de jornada ao longo da vida. Caso contrário, nossa criatividade também será adestrada e atrofiada. Como podemos evitar esse atrofiamento e manter a curiosidade viva como uma chave para buscar alternativas diante das injustiças que só aumentam à medida que as curiosidades são silenciadas?

Nesse ponto, chamo Paulo Freire para nos ajudar. No livro “Pedagogia da Autonomia” (2018), ele apresenta argumentos persuasivos sobre os saberes necessários à prática educativa, e a curiosidade compõe essa lista de saberes. Em outras palavras, a prática do educador e da educadora é movida pela curiosidade. Penso que aqui renderia um bom diálogo entre Nêgo Bispo e Paulo Freire. Freire diria algo como: não falo da curiosidade domesticada, mas da reflexão e da crítica em relação à própria curiosidade, para que ela não seja



adestrada ou domesticada. O processo de ensino tem o potencial de promover a curiosidade, o que não exclui os momentos de explicação e exposição do professor ou da professora, diria o educador. No entanto, é fundamental que a prática dialógica esteja sempre presente.

A partir da premissa da dialogicidade e do movimento de curiosidade, pergunto: como envolver estudantes no processo de ensino-aprendizagem? Como desenvolver a curiosidade e a reflexão crítica na construção do conhecimento? Não há uma resposta acabada e definida para a prática que devo assumir para o desenvolvimento dessas competências e habilidades. Mas talvez possamos ter princípios a seguir: certamente, os princípios do respeito e do diálogo são fundamentais na construção de uma postura sem autoritarismo e intimidações, práticas que caracterizam uma construção de saber hierárquico.

Existe hoje uma urgência em romper com o paradigma no qual nós fomos educadas/os, que é aquele que pressupõe que um/a professor/a sabe de todas as coisas. Precisamos romper com a cultura do homem erudito e voltar-nos para a cultura da pessoa sábia. Isso talvez cause rachaduras na hegemonia de uma episteme que se pretende possuir o conhecimento único.

Esse é também um esforço ético que precisamos fazer para romper com a colonialidade do saber, com os modos de fazer ciência e pensar sobre os lugares que ocupamos como espaços pedagógicos, como lugares de aprendizado e também de desaprendizado. Precisamos nos deixar envolver pelas lutas coletivas de forma orgânica, com o corpo e a mente porosos, permeáveis de tal modo que possamos confluir uns com os outros, sabendo que somos plurais. Esse esforço é também um empenho que exige rigor no modo de lidar com o conhecimento, a partir do nosso envolvimento com a realidade em que o saber é praticado.

Percebam que aqui estou bastante envolvida com os pensamentos da filósofa bell hooks e dos filósofos Paulo Freire e Nêgo Bispo, que foram e são pesquisadores e pesquisadora. O envolvimento dessas educadoras e educadores com a pesquisa é atravessado por suas experiências de vida, por suas curiosidades e por seus desejos de construção de mundos possíveis nos quais caiba a diferença.

bell hooks, no ensaio “Teoria como Prática Libertadora”, que compõe o livro “Ensinando a Transgredir” (2017), compartilha um pouco de sua infância perturbadora dentro de uma família pobre, negra e segregada, que reforçava, em sua prática, as ordens patriarcais. Ela menciona no ensaio que sempre buscava fazer com que sua família realizasse coisas diferentes do comum e do rotineiro.



Ela se coloca como uma teórica de destaque, citando um trabalho de Terry Eagleton no livro “*The Significance of Theory*”. Ela menciona um trecho que apresento a seguir: “as crianças são as melhores teóricas, pois não receberam a educação que nos leva a aceitar nossas práticas sociais rotineiras como naturais” (Eagleton *apud* hooks, 2018, p. 83). Em seguida, relata que, como uma criança comum, chamava sua postura crítica e sua prática questionadora de uma teoria. No entanto, já adulta, percebe que a teoria foi o que a libertou, pois sua teoria tinha um sentido e se fundamentava na autocura e na libertação coletiva. Nesse sentido, ela afirma que não existe nenhuma brecha para dissociar teoria e prática. Ou seja, sua experiência confirmou que teoria e prática formam um elo onde uma se apoia na outra.

Esse é um modo de compreender a teoria: a teoria como prática libertadora. No entanto, existem outros usos, e a teoria pode estar comprometida por uma prática, por exemplo, que cria hierarquias e dominações. Essa prática sobre a teoria tem sido mais comum desde o período moderno. bell hooks rompe, então, com um modo de pensar a teoria que considera que apenas um grupo muito seleto de pessoas (homens, sobretudo) altamente eruditas, que se trancam em gabinetes e fazem muitas traduções, sabem muitas línguas modernas e antigas e se reúnem para falar em uma linguagem cheia de jargão.

Mas, como nos ensinaram Freire, bell hooks e Nêgo Bispo, a teoria possui diferentes práticas e usos em distintos contextos. É na pesquisa, esse momento de busca curiosa, que unimos teoria e prática. bell hooks, como boa aprendiz de Paulo Freire que foi, nos ensina que a busca com paixão pode trazer para a sala de aula uma dinâmica diferente, pois a paixão, a força de *eros*, é contagiante e pode ser também inspiradora, possibilitando o rompimento com a falsa dicotomia de que existe um mundo interno e externo à universidade. A universidade é parte do mundo plural e diverso.

O conhecimento deixa de ser visto como propriedade de um sujeito; assim, as perguntas que importam para os corpos antes excluídos serão fundamentais para construir outra práxis pedagógica. As campesinas, os campesinos, as indígenas, os indígenas, as quilombolas, as quilombolas, as pessoas das águas, das florestas, das periferias e tantos outros corpos que ganharam a marca da marginalização e da abjeção farão perguntas. No entanto, suas perguntas são, elas próprias, uma *poiesis*, uma criação/construção inseparável de suas experiências.



O método dialógico não disputa a querela do dualismo entre teoria e prática. Essas são indissociáveis; a construção, o reaparecer e a reorganização de antigos saberes constituem teoria e prática. É justamente esse movimento dialético-dinâmico que torna possível transformar relações sociais e romper com os muros entre o eu estudante, o eu profissional e o eu na comunidade, rompendo com esse mundo de individualidades e dicotomias. O movimento dialético-dinâmico permite que o processo gire em torno dos princípios dialógicos. No lugar da hierarquia entre sujeitos e das hierarquias do saber, coloca-se o comprometimento com a construção do conhecimento em favor do bem viver coletivo.

---

## REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 56. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

SANTOS, A. B. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora: Piseagrama, 2023.

ZÉ, T. Salva a humanidade. *In*: **Vira lata na Via Láctea**. Edição independente do artista, 2014.



## ATIVIDADES DA CÂTEDRA: CONVERSAS PEDAGÓGICAS

Em 2023 e 2024, a Cátedra manteve parceria com o projeto de extensão “Conversas Pedagógicas: por uma abordagem transdisciplinar”, da Área de Educação e Linguagens da Faculdade UnB Planaltina. Foram muitas rodas de conversas, abordando temáticas diversas e recebendo convidados e convidadas do movimento popular, da gestão de escolas públicas e docentes da Universidade de Brasília, além da participação de gestores de vários níveis governamentais e da comunidade interna e externa da Faculdade UnB Planaltina. Em um formato que favorece a conversação e o questionamento crítico, as Conversas Pedagógicas, fruto desta parceria, constituíram uma contribuição qualitativa no percurso formativo dos estudantes e educadores que delas participaram. As temáticas abordadas e as pessoas convidadas foram as seguintes:

**Figura 23:** Conversas pedagógicas: turismo pedagógico e passeios escolares como estratégia educativa: sustentabilidade, acessibilidade e interdisciplinaridade



Fonte: Acervo da Cátedra (2023)



**Figura 24:** Conversas pedagógicas: empoderamento e mulheres negras na ciência



Fonte: Acervo da Cátedra (2023)

**Figura 25:** Conversas pedagógicas: outras universidades! Como é a vida em Princeton?



Fonte: Acervo da Cátedra (2023)



**Figura 26:** Conversas pedagógicas: mulheres: desafios e resistências em carreiras científicas



Fonte: Acervo da Cátedra (2023)

**Figura 27:** Conversas pedagógicas: a experiência do Projeto de Pesquisa Memória e História da Educação de Jovens, Adultos e Idosos Trabalhadores: Pegadas de Paulo Freire e intercâmbio Brasil e Cuba



Fonte: Acervo da Cátedra (2023)



**Figura 28:** Conversas pedagógicas: por uma educação antirracista: enegrecendo a universidade



Fonte: Acervo da Cátedra (2023)

## CONVERSAS PEDAGÓGICAS REALIZADAS EM 2024

**Figura 29:** Conversas pedagógicas: questões em educação científica sob a perspectiva da unidade teórica colonialismo-capitalismo-racismo



Fonte: Acervo da Cátedra (2024)



**Figura 30:** Conversas pedagógicas: gestão democrática e participação: os desafios e conquistas de uma experiência escolar em Planaltina-DF

**CONVERSAS PEDAGÓGICAS**

**CONVIDADOS**

PROFESSORA ELLEN SILVA DE DEUS (DIRETORA)

JEFFERSON AMAURI LEITE DE OLIVEIRA (VICE DIRETOR)

Mediadora:  
Professora Rosy Vasconcelos

8 AGOSTO

ESCOLA CLASSE ALTAMIR

GESTÃO DEMOCRÁTICA E PARTICIPAÇÃO: OS DESAFIOS E CONQUISTAS DE UMA EXPERIÊNCIA ESCOLAR EM PLANALTINA-DF

Horário: 19 horas

Local: sala AT- 79/71 Edifício Ana Maria Primavera (UEP) - FUP

Apoio: UAB | FUP

Fonte: Acervo da Cátedra (2024)

**Figura 31:** Conversas pedagógicas: oficina de animação K – Otica

**CONVIDADOS:**

**CONVERSAS PEDAGÓGICAS**

RAPHAEL FARIAS

THIAGO MOYSES

22 AGOSTO

OFICINA DE ANIMAÇÃO K - OTICA  
(KINO - ORGANIC TECHNO IMAGE CHAOS ANIMATION)

DURANTE A OFICINA, ESTUDANTES DA FUP SERÃO SELECIONADOS PARA OPORTUNIDADE DE ESTÁGIO NA ÁREA DE ANIMAÇÃO NA PRODUÇÃO DO FILME.

Horário: 15 horas

Local: LAPEC 1 (UEP)

Apoio: UAB | FUP

Fonte: Acervo da Cátedra (2024)



**Figura 32:** Conversas pedagógicas: piquenique diálogos freireanos  
103 anos de Paulo Freire

**CONVERSAS PEDAGÓGICAS**

**19 SETEMBRO**

**PIQUENIQUE DIÁLOGOS FREIREANOS  
103 ANOS DE PAULO FREIRE**

*Horário*  
**14 horas**

*Local*  
*Edifício Paulo Freire,  
próximo à cantina.*

*Apoio*  
UnB | FUP

Fonte: Acervo da Cátedra (2024)



# **LEDOC ITINERANTE: CRESCENDO COM AGROECOLOGIA, INTEGRANDO CAMPO E CIDADE, NAS ESCOLAS E COMUNIDADES DE INSERÇÃO**

---

Professor coordenador: Jair Reck

Estudantes do projeto de extensão: Tamires Tamiriele Barbosa Santos,  
Giovani da Conceição Santos, Lara Muniz Bento

---

O referido projeto de extensão integra as ações da Cátedra Vivenciar Paulo Freire e demais práxis emancipatórias da Faculdade UnB de Planaltina (FUP).

Esse projeto está na base e no fundamento do curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) da mesma Faculdade, visando à integração da universidade às vivências coletivas emancipadoras e contribuindo para a formação crítica e proativa dos(as) educandos(as) participantes do projeto, em articulação com suas comunidades de inserção. O projeto tem como princípio a práxis dialógica, o que significa estar sempre em movimento dialético, dado à escuta atenta para aquilo que é dito e praticado pelas pessoas das comunidades.

Assim, para além de motivar a ação-reflexão diante dos problemas e contradições da realidade no âmbito universitário, o projeto envolve as comunidades onde os(as) estudantes realizam a inserção no Tempo Comunidade



(TC), protagonizando ações que buscam contribuir para a superação das contradições que oprimem e diminuem as perspectivas de vida em sociedade, com o olhar voltado para o engajamento em caminhos coerentes com uma construção social que contribua para a emancipação. Analisando e articulando os impactos dessa formação nas trajetórias de vida dos(as) estudantes, bem como nas comunidades, o projeto contribui para a construção de cidadãos conscientes, críticos e capazes de transformar suas realidades e lutar por direitos no campo e na sociedade em geral.

As atividades são realizadas por meio de rodas de diálogo e oficinas pedagógicas nas comunidades do Acampamento 8 de Março, situado na Região Administrativa de Planaltina, visando reflexões e ações que têm como base a obra de Paulo Freire e demais práxis emancipatórias, como a agroecologia, soberania e segurança alimentar, em direção à construção do ecossocialismo.

Nessa perspectiva, as famílias do acampamento contribuem com seus saberes e fazeres em termos de produção agroecológica de alimentos saudáveis. No projeto, o debate das práxis emancipatórias e de rompimento com o sistema econômico autoritário capitalista não deixa de lado as questões interseccionais de raça, etnia, gênero, classe, sexualidade, economia, ecopolítica, psicossocial, territorial e demais marcadores sociais. Isso porque os corpos que ocupam aquele espaço são implicados por todas essas e outras dimensões.

No Acampamento 8 de Março, as ações integram um grupo intitulado “Coletivo de Práticas Integrativas de Saúde Acampamento 8 de Março”. Por meio da tríade ensino-pesquisa-extensão, o grupo dialoga sobre o conhecimento popular e científico das plantas medicinais, em integração com o Centro de Referência em Práticas Alternativas em Saúde (CERPIS – Planaltina, órgão da Secretaria de Estado da Saúde – DF), com a finalidade de promover trocas de conhecimentos e fazeres fitoterápicos, resultando em maior segurança e eficácia no uso das práticas integrativas de saúde.

O Coletivo do Projeto Práticas Integrativas de Saúde Acampamento 8 de Março é composto pela comunidade, tendo uma estudante bolsista da LEdoC como a principal ponte entre a comunidade e a universidade. A estudante desenvolve seu trabalho final de curso por meio de uma pesquisa sobre os saberes daquela comunidade, com enfoque nos saberes e fazeres relacionados ao cuidado com a vida e ao manejo das ervas medicinais, contribuindo tanto para a valorização e ampliação desse saber quanto para a preservação da memória.



O projeto, então, une os pilares ensino, extensão e pesquisa para exercitar os princípios da autonomia e do bem viver em coletivo.

O projeto tem atuado em outro território camponês, o assentamento Pôr do Sol/Antônio Júlio, em Sobradinho-DF, onde conta com vários estudantes já formados e outros(as) em formação na Licenciatura em Educação do Campo.

Dentre as várias atividades de inserção, que envolvem trabalhos de sensibilização sobre temas relacionados à qualidade de vida e à saúde das pessoas, foram realizadas oficinas sobre plantas medicinais e formas de preparo, além do curso intitulado Biopoder Camponês, ministrado em parceria com o Movimento de Pequenos Agricultores (MPA). O curso contou com a participação do professor Dr. Sebastião Pinheiro, um dos maiores especialistas na área da agroecologia, que abordou, inicialmente, o histórico desde o surgimento da agricultura até os saberes ancestrais que mantiveram a vida.

Demonstrou também os desvios e as consequências da chamada Revolução Verde, que, embora tenha trazido aumentos na produtividade agrícola, tem gerado a deterioração dos solos e demais formas de vida na natureza. Criou-se um ambiente em que o conhecimento ancestral e as práticas sustentáveis dos pequenos(as) agricultores(as) são desvalorizados, negados e, por meio de legislações internacionais, tentam-se soterrar, impondo o chamado pacote tecnológico, que alia sementes transgênicas e grande quantidade de agrotóxicos.

Consequentemente, o uso de agrotóxicos tem sido associado a um variado cardápio de doenças, entre as quais, nas palavras do próprio Sebastião, pesquisas têm demonstrado um alarmante quadro de pessoas com câncer, Alzheimer, Parkinson e autismo. Ele discorre sobre como esses venenos afetam nosso cérebro e sistema nervoso central, ocasionando essas variadas formas de degeneração da vida. Esse, de fato, é o projeto do sistema capitalista: gerar lucro com a destruição do meio ambiente e da vida das pessoas, enquanto apenas um por cento se beneficia com o acúmulo de capital.

É fundamental conscientizar e revalorizar o conhecimento milenar dos saberes e fazeres camponeses, promovendo uma agricultura que respeite a biodiversidade e a saúde do solo. Além disso, contribui para a formação de um sistema alimentar mais justo e sustentável, gerando autonomia e soberania alimentar, não apenas para quem vive e produz, mas também servindo como horizonte para toda a sociedade, que passa a compreender e a beneficiar-se de uma melhor qualidade de vida. Nessa compreensão de interdependência, dá-se as mãos rumo à construção do Bem Viver coletivo.



## PARTICIPAÇÃO NO FESTIVAL FULERAGEM EM PLANALTINA-DF

Trata-se do apoio ao Fórum do Rock, um movimento que, em 2012, mobilizou mais de 50 jovens que se reuniram para criar um evento de rock. A iniciativa visava recuperar a identidade da cidade, que teve uma participação relevante na história do rock do Distrito Federal. Assim, nasceu um evento com mais de 20 bandas no centro da cidade. Batizado simbolicamente de FULERAGEM, o nome do evento protestava contra a falta de espaços culturais e, de forma gratuita, oferecia à comunidade acesso à cultura.

Em agosto de 2023, em Planaltina, as professoras Tállyta Abrantes do Nascimento e Luciana Gonçalves Dias participaram do Fuleragem com uma intervenção artística que abordava o tema do feminicídio no Distrito Federal e o papel das mulheres nos espaços de cultura, arte e rock planaltinense.

**Figura 33:** Festival Fuleragem em Planaltina-DF



Fonte: Acervo da Cátedra (2023)



**Figura 34:** Palco do festival Fuleragem



Fonte: Acervo da Cátedra (2023)

Poesia interpretada por Tállyta Abrantes do Nascimento e Luciana Gonçalves Dias:

Socorro!	Para!
Para!	Me deixa!
Eu não quero mais!	Eu quero terminar!
Me larga!	Para, eu quero terminar
Tá machucando!	com você!
Me solta!	Estuprada
Eu não quero!	Violentada
Eu não quero!	Machucada
Eu não quero mais!	Assassinada



No DF, até hoje são 23 feminicídios e mais duas tentativas hoje, hoje!

Os assassinos:	A motivação:
Homens de bem!	Sentimento de posse!
Maridos!	Não aceitaram a separação!
Namorados!	Não aceitam o Não!
Os pais de família...	58% das mulheres
O pai	Vítimas
O irmão	Tinham a medida protetiva
O tio	301 órfãos
O avô	Sem mãe
O padrasto	E o pai, vivo, é o assassino da mãe
O amigo da família	Estão soltos
O homem de bem	Por aí
	Aqui...

Temos mais casos de feminicídio esse ano, agosto de 2023

Do que em todo o ano passado!

Sabe como começa?

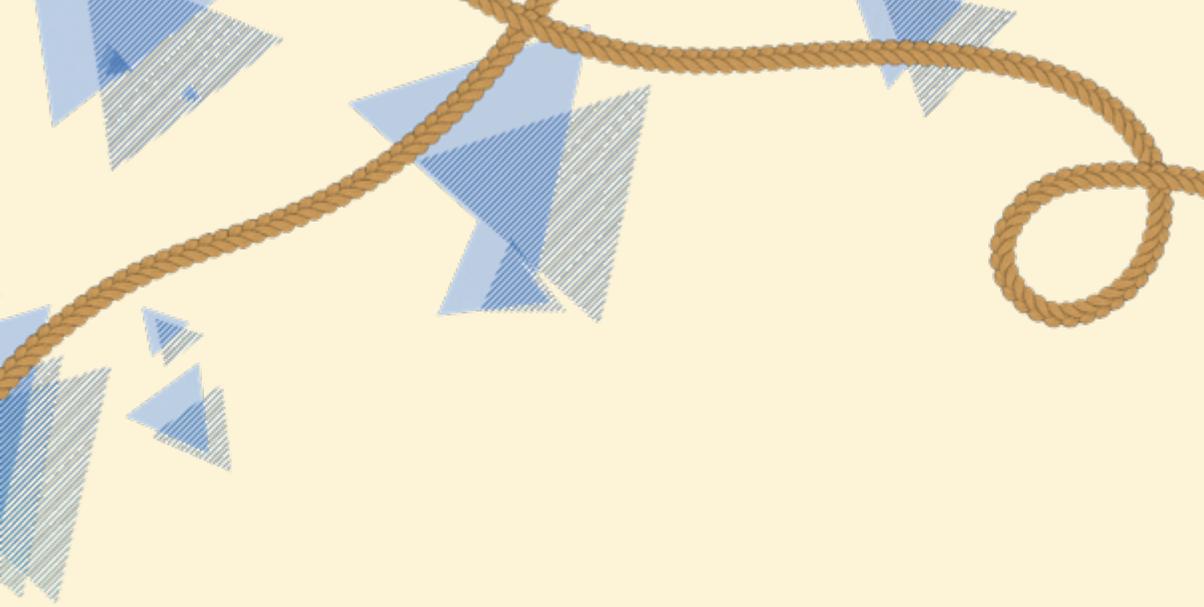
Com o homem se sentindo no direito de fazer qualquer coisa com a mulher

Com a menina	Estamos dando palco
Com a criança	E aplaudindo abusador!
Forçar um beijo	Não é sutil!
Tocar seu corpo sem sua permissão	Todos os dias sabemos de um caso diferente!
Os assassinos	Dói, machuca a alma da gente
Os abusadores	Meninas
Estão aqui	Mulheres
Estão em todo lugar!	Abusadas
Mas todo mundo finge que não vê!	Violentadas
Todo mundo se cala!	Dentro de casa
Olha lá, o cara levando a mina à força pro mato!	Dentro de casa
Ninguém fala nada!	Perto de casa
As minas desistem	Estrangulada
Não querem ficar!	Levou uma facada nas costas



A chave de fenda cravada no peito  
Na frente do filho  
Em frente à escola  
Crianças  
Órfãs  
Cheia de traumas  
Apalpada  
Forçada  
Amordaçada  
Quieta  
Calada  
Ameaçada  
Canivete  
Vidro  
Atropelada  
Você é minha!  
De mais ninguém!  
Se você não for minha  
Eu te mato!  
Eu te mato!  
Ninguém vai acreditar em você!  
Você é louca!  
Você é louca!  
Sua puta!  
Sua puta!  
Tira esse batom  
Vermelho  
Se olha no espelho  
Com essa roupa  
Tá querendo dar!  
Tá pedindo para ser estuprada!  
Essa hora na rua!  
A culpa é dela!  
Cala a boca  
Eu vou te matar!  
Não!  
Não!  
Não se cale!  
Não fique em silêncio

Conta tudo  
Conta tudo que está guardado aí  
dentro  
Conta tudo  
Você não está sozinha  
Estamos aqui  
Vivas  
E nós chamem do que quiser  
Loucas  
Putas  
Histéricas  
Bruxas  
Bruxas queimadas  
Na fogueira  
Bruxas  
Que voam  
Suas vozes ecoam  
Bruxas queimadas  
A cinzas caíram em nós  
E hoje  
Somos livres  
Temos voz  
Mulheres  
Livres  
E prontas para qualquer lugar  
Prontas para qualquer espaço  
Lunática  
Problemática  
Bruxas  
Somos livres  
Bruxas  
Unam suas vassouras  
Voem alto  
Ocupem os espaços  
Que vocês quiserem  
Não se cale...  
Porquê nem toda feiticeira  
É corcunda....



# CAPÍTULO VII

APOIO AOS ESTUDOS EM FREIRE



# APOIO AOS ESTUDOS EM FREIRE

## REFERÊNCIAS PARA CONSULTA

### **SOBRE VIDA E OBRA DE PAULO FREIRE**

Biografia de Paulo Freire, por Ana Maria Araújo Freire: <http://www.memorial.paulofreire.org/pdfs/A%20voz%20da%20esposa%20A%20trajetoria%20de%20Paulo%20Freire.pdf>

Pequena biografia de Paulo Freire, por Lutgardes Costa:

<http://www.acervo.paulofreire.org:8080/handle/7891/3228>

Memorial virtual Paulo Freire: <http://www.memorial.paulofreire.org/>

Espaço virtual Paulo Freire da FUP: <http://fup.unb.br/espaco-virtual-paulo-freire/>

Instituto Paulo Freire: <https://www.paulofreire.org/portfolio/>

[https://educacaointegral.org.br/reportagens/guia-definitivo-da-bibliografia-de-paulo-freire/?gad\\_source=1&gclid=CjwKCAjwyfe4BhAWEiwAkIL8sAgOxw6-XVygiGqjGSoXRXwXWN8wPWG0hrEXAGcxBGsPx6evLwaFTBoCzbQQA vD\\_BwE](https://educacaointegral.org.br/reportagens/guia-definitivo-da-bibliografia-de-paulo-freire/?gad_source=1&gclid=CjwKCAjwyfe4BhAWEiwAkIL8sAgOxw6-XVygiGqjGSoXRXwXWN8wPWG0hrEXAGcxBGsPx6evLwaFTBoCzbQQA vD_BwE)



## SOBRE A ESCRITA DE CARTAS PEDAGÓGICAS

FREITAS, A. L. S. **Andarilhagens de uma educadora pesquisadora**: cartas pedagógicas e outros registros de participação no Fórum de Estudos Leituras de Paulo Freire. 3. ed. Ouro Preto: Caravana, 2024.

FREITAS, A. L. S. Carta sobre cartas pedagógicas: homenagem a Paulo Freire no ano do centenário de seu nascimento. **Cadernos de Educação**, Pelotas, n. 65, p. 1-14, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/22096>. Acesso em: 10 ago. 2024.

FREITAS, A. L. S. **Leituras de Paulo Freire**: uma trilogia de referência. 2. ed. ampl. New York: Editora BeM, 2020.

VIEIRA, A. H. Cartas pedagógicas. *In*: STRECK, D.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. rev. e aum. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 75-76.



# FONTES E DOCUMENTOS SOBRE TRABALHO, EDUCAÇÃO POPULAR, EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) E PAULO FREIRE

---

Elaborada pelo Professor Dr Erlando da Silva Rêses  
Faculdade de Educação (FE)  
Universidade de Brasília (UnB)

---

**a) Revista Linhas Críticas nº 37 (Dossiê “Educando com Paulo Freire):**

<http://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/issue/view/218>

**b) RÊSES, E. S.; PEREIRA, M. L. P. Paulo Freire e a Pedagogia da Libertação:**

<http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=86&tipo=dossie>

**c) Vídeo: última entrevista de Paulo Freire (17/04/1997):**

<https://www.youtube.com/watch?v=UI90heSRYfE&t=6s> ou

<https://www.youtube.com/watch?v=fBXFV4Jx6Y8>

**d) Livro: O Trabalho na Capital. DAL ROSSO, S. (org.):** [http://forumeja.org.br/sites/forumeja.org.br/files/trabalho\\_na\\_apital.PDF](http://forumeja.org.br/sites/forumeja.org.br/files/trabalho_na_apital.PDF)



**e) Livro: DE VOCAÇÃO PARA PROFISSÃO: Sindicalismo da Educação Básica no Brasil:**

[https://drive.google.com/file/d/1IRWFjknL-GKH4JR3N0lu3MDvxo42FpP3/view?usp=drive\\_link](https://drive.google.com/file/d/1IRWFjknL-GKH4JR3N0lu3MDvxo42FpP3/view?usp=drive_link)

**f) Livro: PROEJA-TRANSIARTE: Construindo Novos Sentidos para a Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores:**

<http://pt.calameo.com/read/001401993aa8c80746b7f>

**g) Instituto Paulo Freire:**

<http://www.paulofreire.org>

**h) Direitos Humanos:**

<http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/paulofreire/dados.htm>

**i) Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores - Análise Crítica do Brasil Alfabetizado:**

[http://forumeja.org.br/sites/forumeja.org.br/files/LIVRO\\_EducacaoJovensadultos.pdf](http://forumeja.org.br/sites/forumeja.org.br/files/LIVRO_EducacaoJovensadultos.pdf)

**j) Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores - Políticas e Experiências da Integração à Educação Profissional:**

<https://www.mercado-de-letras.com.br/resumos/pdf-09-11-17-17-06-47.pdf>

**k) Livro: Universidade e Movimentos Sociais:**

<https://drive.google.com/drive/u/1/home>

**l) Livro: Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores – Produção de Conhecimentos em Rede:**

<https://drive.google.com/file/d/1FRj0lmIMAZtRCfnRv6r8iiTGgmVD6Ank/view>



**m) Livro: Trabalho, Educação de Jovens e Adultos e Tecnologias Emancipatórias:**

<https://drive.google.com/file/d/1I8EJq5vuHGJKo2Nn-fDN7vmKNHNJy6Xo/view?usp=drivesdk>

**n) Caderno “Alfabetizar é Libertar” (CEPAFRE):** [https://drive.google.com/file/d/1g\\_dH0fuH6dvgINrIgQG4Obvk3KsJ9xwb/view](https://drive.google.com/file/d/1g_dH0fuH6dvgINrIgQG4Obvk3KsJ9xwb/view)

**o) Revista Universidade e Sociedade do ANDES-SN (Dossiê Paulo Freire):**

[https://www.andes.org.br/imag/midias/0163d20dc7de4f9b2903348157121ab0\\_1596131342.pdf](https://www.andes.org.br/imag/midias/0163d20dc7de4f9b2903348157121ab0_1596131342.pdf)

**p) 99 anos de Paulo Freire - Internacional Comunista:**

[https://www.youtube.com/watch?v=1qpDH1e2m1c&ab\\_channel=GrupoConsci%C3%AAncia-FE%2FUnB](https://www.youtube.com/watch?v=1qpDH1e2m1c&ab_channel=GrupoConsci%C3%AAncia-FE%2FUnB)

**q) Livro: A Formação Continuada na Educação de Jovens e Adultos:**

[http://forumeja.org.br/df/sites/forumeja.org.br/df/files/formacao\\_continuada\\_eja.pdf](http://forumeja.org.br/df/sites/forumeja.org.br/df/files/formacao_continuada_eja.pdf)

**r) Livro Formação política e as tecnologias: um estudo sobre as possibilidades deste diálogo de Meire Cristina Cunha:**

[forumeja.org.br/sites/forumeja.org.br/files/formacao\\_politica\\_tecnologias.pdf](http://forumeja.org.br/sites/forumeja.org.br/files/formacao_politica_tecnologias.pdf)

**s) Exposição Virtual “Paulo Freire em Brasília” – Entrevista com CEPAFRE:**

<https://paulofreireembrasilia.com.br/salas-da-exposicao/sala-2/memoria-viva-na-acao-educativa/>

**t) Exposição Virtual “Paulo Freire em Brasília” – Entrevista com Prof. Erlando Rêses:**



<https://paulofreireembrasil.com.br/salas-da-exposicao/sala-2/memoria-viva-na-acao-educativa/>

**u) Curso de Extensão (10 Encontros): Ciclos Freirianos – Centenário, Legado e Práxis do Patrono da Educação Brasileira:**

<https://www.youtube.com/@grupoconsciencia-feunb1904/streams>

**v) Debate e descerramento de placa – 50 anos da invasão militar na UnB (2018):**

<https://www.youtube.com/watch?v=Bpx6LFU2uVw&t=1s>

**x) Evento: Golpe Militar de 1964 (60 Anos): Nuances e Consequências na UnB:**

[https://www.youtube.com/live/\\_D-Yujw6W8U?si=2sdOY8TaeBurzqA5](https://www.youtube.com/live/_D-Yujw6W8U?si=2sdOY8TaeBurzqA5)

**y) Livro: Pedagogia Socialista, Trabalho e Educação (Ed. UnB):**

[https://drive.google.com/drive/u/1/folders/1zewPOCGIIg7fyd\\_ucfu\\_hsoC0Uw\\_96ld](https://drive.google.com/drive/u/1/folders/1zewPOCGIIg7fyd_ucfu_hsoC0Uw_96ld)

**Z) Livro: Ciganidade e Educação Escolar: Saber Tradicional e Conflito Étnico**

<https://drive.google.com/drive/u/2/home>

**aa) Livro: Sociologia no Ensino Médio: Cidadania e Representações Sociais de Professores e Estudantes:**

[https://issuu.com/finotracoeitora/docs/a\\_sociologia\\_no\\_ensino\\_livro\\_erland\\_5b49c8eedc24b5](https://issuu.com/finotracoeitora/docs/a_sociologia_no_ensino_livro_erland_5b49c8eedc24b5)

**bb) Livro: O Método Dialético na Pesquisa em Educação:** <https://drive.google.com/drive/u/2/home>



cc) **Capítulo: Burguesia e o Medo de Marx na Escola:** <https://drive.google.com/drive/u/1/quota>

dd) **Evento: Atualidade do Pensamento de Paulo Freire: Formase Possibilidades de Rêistência nos Retrocessos (UNEB- Campus X – 100 anos de Paulo Freire):** <https://www.youtube.com/live/jRCen44X3TE?si=HaV8YEcZ6TaIhJSM>



## PALAVRAS FINAIS

A inspiração para produzir o segundo livro da Cátedra Vivenciar Paulo Freire e demais práxis emancipatórias veio da ideia de dar sequência ao diálogo iniciado com o primeiro livro da Cátedra, lançado em 2023, socializando a continuidade do percurso desde então até o presente.

Na ocasião em que se comemora o aniversário dos 103 anos de Paulo Freire, celebrando sua chegada a este mundo e a construção de uma trajetória que resultou em um legado para a humanidade, pautado por profundo respeito e amor pelo ser humano como ser de possibilidades e potencialidades, que, em seu inacabamento, se constrói em *Ser Mais*, com sua capacidade criadora e a busca pela autêntica libertação, a Cátedra se sente chamada e desafiada a contribuir com esse projeto em busca da emancipação humana, por meio dos quefazeres, nos quais ação e reflexão são inseparáveis e se tornam práxis.

Comemorar os 103 anos de Paulo Freire significa manter viva sua memória, honrar seu legado e a profunda crença que ele tinha no ser humano. Talvez daí sua insistência numa conduta ética e estética, em que “ninguém é, se proíbe que outros sejam” (Freire, 1974, p. 9). Por isso, a prática política, plena de sentido, é uma busca do ser mais, vocação ontológica do ser humano: “essa é uma exigência radical do homem [e da mulher], como um ser incompleto: não pode ser se os outros também não são” (Freire, 1974, p. 9). Portanto, sua vocação é para a humanização. Sendo assim, as práticas emancipatórias vêm ao encontro de uma estética das relações que se estabelecem no cotidiano.

Este ano, o aniversário de Paulo Freire foi celebrado com uma roda de conversa dialógica em formato de piquenique. Contamos com a presença de movimentos populares de educação, da comunidade da Universidade de Brasília e de vários segmentos sociais. O formato de piquenique dialógico foi eleito para a celebração dos 103 anos de Paulo Freire no mundo, considerando o seu potencial pedagógico de reinvenção do diálogo nesta modalidade.

Na ocasião em que a FUP acolheu participantes vindos da UnB e de movimentos populares de educação e professores das escolas públicas, vida e obra de Paulo Freire foram revisitadas por meio dos seus livros que foram valorizados pela dinâmica coordenada pelos educadores populares Maria do Carmo



Albuquerque e Gabriel Humberto Munóz Palafox, representantes da Diretoria de Educação Popular da Secretaria Nacional de Participação Social.

Durante esse trabalho pedagógico foi possível tomar contato fisicamente com os escritos freireanos. O momento comemorativo propiciou muitas conversas, trocas e conagração de pessoas que se inspiram nas mais diversas fontes de práxis emancipatórias concretizadas no cotidiano de coletivos, escolas e espaços de formação.

A linda tarde de 19 de setembro de 2024, dia em que se comemoram os 103 anos de Paulo Freire, foi encerrada com música (agradecemos imensamente ao querido educador Vicente, por presentear-nos com seu canto e violão) e uma emocionante confraternização, despertando o Esperançar, tão urgente e necessário.

Nosso coletivo agradece imensamente a todos e todas que contribuem constantemente para a construção da Cátedra na Universidade de Brasília, inspirando as ações, organizando e concretizando todos os momentos formativos, incluindo cada encontro anual e abrindo as janelas para essa prosa, que, além de acadêmica, é também militante e cheia de afetividades. Mantemos o Esperançar freireano como pressuposto básico dessa caminhada em busca de um mundo mais justo e feliz.

FREIRE, P. **Uma educação para a liberdade.** Porto, 1974.

Maria Osanette de Medeiros  
Rosylane Doris de Vasconcelos



Foto: Acervo da Cátedra- 2024

O segundo livro produzido pela Cátedra Vivenciar Paulo Freire e Demais Práxis Emancipatórias apresenta a continuidade de sua história desde a fundação na UnB, em 2021, ano das celebrações do centenário do educador Paulo Freire, no Brasil e no mundo.

Trata-se de uma obra que retrata a Cátedra desde suas origens, ligadas aos movimentos populares de educação, acolhendo projetos e coletivos de pesquisadores e estudiosos da vida e obra de Paulo Freire, cujo legado inspira uma práxis emancipatória nos mais diversos espaços educativos e de luta.

O presente livro também historiciza o II Encontro da Cátedra, realizado em setembro de 2023, registrando em suas páginas o conjunto de trabalhos aprovados para o evento, bem como uma sensível seção de Cartas Pedagógicas escritas por educadores brasileiros e de outras cidades do Brasil e do mundo.

Apresenta, ainda, contribuições reflexivas sobre temas diversos e um material informativo sobre a vida e obra do patrono da educação brasileira, especialmente voltado para quem está iniciando seus estudos em Freire.

O livro, em seu conjunto, relata parte da dinâmica da Cátedra, as vivências realizadas no último período e sua contribuição no contexto desse movimento educacional crítico-dialógico tão urgente e necessário na atualidade.

